



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
INSTITUTO DE LINGUAGENS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE  
LINGUAGEM**

**GRASIELA VELOSO DOS SANTOS**

**MANUSCRITOS MATO-GROSSENSES: DA FILOLOGIA À  
GRAMATICALIZAÇÃO**

**CUIABÁ - MT  
2014**

**GRASIELA VELOSO DOS SANTOS**

**MANUSCRITOS MATO-GROSSENSSES: DA FILOLOGIA À  
GRAMATICALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagem.

Área de Concentração: Estudos Linguísticos

Linha de Pesquisa: História e Descrição do Português Brasileiro.

Orientação: Professor Dr. Elias Alves de Andrade

Coorientação: Professora Dra. Lúcia Regiane Lopes-Damasio

**CUIABÁ - MT  
2014**

### **Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.**

S237m SANTOS, Grasiela Veloso dos.  
Manuscritos mato-grossenses: da Filologia à Gramaticalização /  
Grasiela Veloso dos SANTOS. – 2014  
363 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Elias Alves de Andrade.  
Co-orientadora: Lúcia Regiane Lopes-Damasio.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso,  
Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de  
Linguagens, Cuiabá 2014.  
Inclui bibliografia.

1. Filologia. 2. Edições. 3. Gramaticalização. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO-GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM  
Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 , - Boa Esperança - Cep: 78060900 -CUIABÁ/MT  
Tel : (65) 3615-8408 - Email : secretariameel@hotmail.com.br

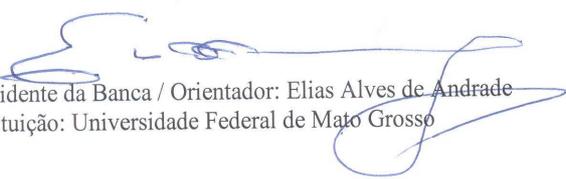
## FOLHA DE APROVAÇÃO

**TÍTULO: "Manuscrtos Mato-Grossenses: da Filologia à gramaticalização"**

AUTORA: Grasiela Veloso dos Santos

Dissertação defendida e aprovada em 25 de março de 2014.

---

  
Presidente da Banca / Orientador: Elias Alves de Andrade  
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

  
Examinadora Interna: Doutora Maria Inês Pagliarini Cox  
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

  
Examinador Externo: Doutor José Leonildo Lima  
Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso

CUIABÁ, 25 de março de 2014

---

*Dedico esta dissertação a todos que contribuíram com meu crescimento transmitindo energias positivas, encorajamento, alegria, determinação e paciência. A toda minha família, especialmente aos meus pais, Leonar Veloso e Maria Coreti, por todo o apoio e incentivo nas minhas decisões. Dedico também ao meu amado esposo e amigo de sempre Adilson Heidmann.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço de antemão a todos que contribuíram nesta minha jornada estudantil e ajudaram a me tornar o que sou hoje. Particularmente agradeço:

Ao Senhor Deus altíssimo pela graça da vida e por ter permitido chegar até aqui.

Aos meus genitores Maria Coreti Schuvaab e Leonar Veloso dos Santos que na simplicidade de vida puderam ver as filhas formadas, sonho de muitos pais que não tiveram as mesmas oportunidades.

À Universidade Federal de Mato Grosso, especificamente ao Programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagem – MeEL, pela oportunidade de fazer o Mestrado.

Ao meu orientador Professor Dr. Elias Alves de Andrade, sempre ativo e ávido por transformações, pela paciência e incentivo, por ter me apresentado a Filologia e principalmente por ter acreditado em mim.

À professora Dra. Lúcia Regiane Lopes-Damasio, por ter aceitado a coorientação deste trabalho, exemplo de dedicação e perspicácia com quem obtive grandes aprendizados. Por ter me mostrado que com disciplina conseguimos realizar muitas coisas.

Aos professores e coordenadores do Programa, com os quais adquiri novos conhecimentos.

Aos funcionários da Instituição que de uma forma ou outra ajudaram na concretização deste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/REUNI) pela concessão de bolsa.

Aos professores participantes da banca: Maria Inês Pagliarini Cox e José Leonildo Lima, criteriosos e cuidadosos nas observações que ajudaram a melhorar este trabalho.

Aos colegas e amigos adquiridos nestes dois anos pela companhia nos estudos, nas conversas de corredor, nos eventos, enfim, por todos os bons momentos vivenciados.

À minha querida amiga, batalhadora e exemplo de solicitude: Maria Antonia Correa, por abrir as portas de sua casa durante todo o percurso do Mestrado.

Também à sua família que me aceitou e com os quais vivenciei breves e bons momentos.

À Camila Lemos e George Gleyk pelos constantes favores, amizade e companheirismo.

À minha cunhada, Angelita Heidmann que teve grande influência na escolha pelos estudos filológicos, pelos livros, pelas ideias, pelo amparo e amizade de sempre.

Ao meu cunhado, Ostenildo Ribeiro Campos, pelo apoio e trabalho fotográfico de alguns manuscritos.

Aos meus sogros, Maria Madalena e Dionísio Heidmann, pelo auxílio constante.

À Terezinha Della Justina e Olandina Della Justina, pelo empréstimo de livros, amparo e assistência.

Aos professores da Universidade Estadual de Mato Grosso, alguns deles plantaram a primeira semente que germinou na ideia de fazer um mestrado.

Ao meu grande amor e companheiro de sempre, Adilson Heidmann, pela paciência nas horas em que estive ausente.

Ao Arquivo Público de Mato Grosso – APMT e seus funcionários que foram prestimosos durante o processo de pesquisa e coleta de dados.

Ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso – IHGMT, principalmente a figura da professora Elizabeth Madureira Siqueira, por apresentar riquíssimos materiais que resguardam a história de nosso Mato Grosso.

Ao Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional – NDIHR por possibilitar algumas pesquisas nesse espaço.

À Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro por permitir fotografar alguns manuscritos.

A todos o meu muito obrigada!

## RESUMO

SANTOS, Grasiela Veloso dos. **Manuscritos mato-grossenses: da Filologia à Gramaticalização**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Linguagens. Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem 2014.

Uma das motivações para o estudo filológico é a preocupação em manter viva a memória documental escrita de uma civilização. Além disso, estudar os textos antigos, editando-os e preparando-os para a análise por profissionais da linguística e de áreas afins corrobora este objetivo. Este trabalho pretende: (i) editar, através das edições fac-similar e semidiplomática, de forma justalinear, manuscritos pertencentes aos séculos XVIII e XIX, exemplares do gênero carta, produzidos em sua maioria na Capitania de Mato Grosso; (ii) descrever aspectos históricos a partir de fatos presentes nos documentos; e (iii) descrever e analisar o uso, nesse *corpus*, dos itens *ainda*, *assim* e *logo* a partir da perspectiva teórica da gramaticalização. A primeira parte consiste nas edições dos textos fac-similar e semidiplomática justapostas neste trabalho. Além do referencial teórico-metodológico dos estudos filológicos, adota-se também o da crítica textual, de acordo com Acioli (2003), Azevedo Filho (1987), Cambraia (2005) e Spina (1977). A abordagem da gramaticalização (GR) ampara-se em Neves (2011, 2006), Gonçalves *et al.*, (2007), Braga (2001), Chiarelli (2010), Longhin-Thomazi (2011, 2008, 2006, 2005, 2004a, 2004b) e Martelotta (2008), para a descrição e análise dos itens focalizados, dentre outros autores que se fizeram necessários à pesquisa. O estudo pretende divulgar e incentivar os estudos filológicos em Mato Grosso e trazer à tona aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos de usos linguísticos específicos realizados nessa variedade de português brasileiro, em perspectiva diacrônica. Este trabalho está vinculado aos Projetos de Pesquisa: “Estudo do Português em manuscritos produzidos em Mato Grosso a partir do século XVIII”—MeEL/IL/UFMT, e “Para a História do Português Brasileiro-MT”—PHPB-MT.

**Palavras-chave:** Filologia. Edições. Gramaticalização.

## ABSTRACT

SANTOS, Grasiela Veloso dos. **Manuscripts mato-grossenses: the Philology of Grammaticalization.** Dissertation (Master's Degree). Federal University of Mato Grosso. Language Institute. Post-graduation Program in 2014 language studies.

One purpose of philological study is the concern to keep alive the documentary written memory of a civilization. Moreover, studying the ancient texts, editing them and preparing them for professional linguistic analysis and related areas supports this goal. This paper aims to: (i) edit via facsimile and semidiplomatic editions of justlinear way, manuscripts belonging to the Eighteenth and Nineteenth Centuries, copies of the letter genre produced mostly in the Captaincy of Mato Grosso; (ii) describe historical aspects from facts found in the documents, and (iii) describe and analyze in this corpus the use of the items *ainda*, *assim* and *logo* (*still*, *so* and *soon*) from the theoretical perspective of grammaticalization. The first part consists in the editions of texts, facsimile and semidiplomatic which are juxtaposed in this work. In addition to the theoretical and methodological framework of philological studies, we adopted also the textual criticism, according to Acioli (2003), Azevedo Filho (1987), Batiste (2005) and Spina (1977). The approach to grammaticalization (GR) is based on Neves (2011, 2006), Gonçalves *et al.*, (2007), Braga (2001), Chiarelli (2010), Longhin-Thomazi (2011, 2008, 2006, 2005, 2004a, 2004b) and Martelotta (2008), for the description and analysis of targeted items, among other authors that were needed to develop this research. The study aims to promote and encourage philological studies in the state of Mato Grosso, Brazil and brings up syntactic, semantic and pragmatic aspects specific linguistic usages performed in this variety of Brazilian Portuguese in a diachronic perspective. This work is linked to the following Research Project: "Study of the Portuguese in Manuscripts Produced in Mato Grosso from the Eighteenth Century"—MeEL/IL/UFMT, and "For the History of the Brazilian-Portuguese -MT" - PHPB-MT.

**Keywords:** Philology. Editions. Grammaticalization.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
 <b>Capítulo1</b>	
<b>EDIÇÕES FAC-SIMILAR E SEMIDIPLOMÁTICA DE CARTAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX</b> .....	15
1.1 O gênero carta .....	16
1.2 Critérios de transcrição .....	18
1.3 Edições fac-similar e semidiplomática .....	22
 <b>Capítulo2</b>	
<b>ASPECTOS HISTÓRICOS: O QUE AS CARTAS REVELAM</b> .....	248
2.1 Mato Grosso: de Capitania a Província .....	248
2.2 A atuação do clero .....	254
2.3 O poder jurídico-administrativo .....	260
2.3.1 Ouvidores e corrupção: O caso de José de Burgos Vila Lobos e Antonio Vaz Morilhas .....	261
2.4 A extração clandestina de diamantes .....	265
2.5 Os índios .....	266
2.6 Os mestiços .....	272
2.7 Os negros .....	274
2.8 A dinâmica do cotidiano: alguns aspectos sociais .....	280
2.8.1 As exéquias e os enterros .....	280
2.8.2 Festas .....	282
2.8.3 Saúde: práticas de cura .....	285
 <b>Capítulo 3</b>	
<b>ANÁLISE LINGUÍSTICA</b> .....	287
3.1 Os pressupostos da Gramaticalização (GR) .....	287
3.2 Princípios e mecanismos da GR .....	290
3.3 O caso de <i>ainda</i> .....	294
3.4 O caso de <i>assim</i> .....	298

3.5	O caso de <i>logo</i> .....	306
3.6	Análise dos itens no <i>corpus</i> : <i>ainda</i> , <i>assim</i> e <i>logo</i> .....	310
3.6.1	Ocorrências de <i>ainda</i> .....	310
3.6.2	Ocorrências de <i>assim</i> .....	323
3.6.3	Ocorrências de <i>logo</i> .....	337
3.7	Sistematização dos resultados .....	348
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>352</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>357</b>

## INTRODUÇÃO

O *corpus* do presente trabalho foi coletado no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso — (IHGMT), no Arquivo Público de Mato Grosso — (APMT) e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro — (BNRJ). Muitas visitas foram realizadas nas duas primeiras instituições, a fim de coletar um *corpus* que satisfizesse e proporcionasse uma abordagem específica de análise filológica e linguística. Muitas cartas foram observadas, códices, requerimentos, processos, cartas de sesmarias. Por fim, optou-se pelas cartas avulsas, pela riqueza de conteúdo e por terem sido produzidas, a maioria, em Mato Grosso. Foram 16 cartas do APMT, 27 do IHGMT e 2 cartas da BNRJ.

As 45 cartas escolhidas estão em bom estado de conservação, apenas algumas com deteriorações causadas pelo tempo ou pelo mau manuseio, mas que permitiram uma leitura sem muitos esforços. As missivas apresentam conteúdos diversos, com destaque para a atuação do clero na Capitania de Mato Grosso e de outros fatos do cotidiano da época, além de terem sido escritas entre meados do século XVIII até início do XIX, período considerável para a observação de objetos históricos de Mato Grosso. A Filologia não tem somente a preocupação de descrever fatos históricos de uma língua, mas também se preocupa em analisar aspectos da sociedade, já que seu objeto de estudo, o *texto*, não pode ser “dissecado”, extraindo-se dele pormenores de usos da língua, sem considerar o escrevente e a alma de seu povo no momento histórico recortado.

Spina (1977, p. 77) delimita três funções atribuídas à atividade filológica:

1ª) *Função substantiva*: concentra-se no texto para explicá-lo, restituí-lo à sua forma genuína e prepará-lo tecnicamente para a publicação; 2ª) *Função adjetiva*, em que ela deduz do texto, aquilo que não está nele: a determinação de autoria, a biografia do autor, a datação do texto, a sua posição na produção literária do autor e da época, bem como a sua avaliação estética (valorização); 3ª) *Função transcendente*, em que o texto deixa de ser um fim em si mesmo da tarefa filológica para se transformar num instrumento que permite ao filólogo reconstituir a vida espiritual de um povo ou de uma comunidade em determinada época. A individualidade ou a presença do texto praticamente desaparece, pois o leitor, abstraído do texto, apenas se compraz no estudo que dele resultou. É importante observar, na função substantiva do labor filológico, o seu caráter erudito; na função adjetiva, etapas de investigação literária; e na

função transcendente, a vocação ensaística do filólogo, em busca da história da cultura.

Neste trabalho, o estudo filológico se concentra em duas funções: a substantiva e a transcendente. A primeira está centrada na reconstituição histórica que permite, muitas vezes, clarear pontos obscuros da caminhada humana na história. A segunda, na análise dos aspectos linguísticos relacionados aos usos semântico-funcionais dos itens *ainda*, *assim* e *logo*, numa demonstração clara da ligação entre o trabalho filológico de edição de texto e o exame da língua nesses documentos.

Desde os antigos eruditos da Biblioteca de Alexandria, tiveram os estudos filológicos duas divisões: o trabalho com a história do texto e o trabalho com a história da língua (TAGLIAVINI, 1964; LAUSBERG, 1974; AUERBACH, 1972 *apud* LOSE e MAZZONI (2012, p. 198)). A partir do século XIX, o alcance da Filologia envolve cada vez mais o auxílio de outras áreas do conhecimento, o que provoca uma separação entre o estudo da língua e do texto, advindos de sua especialização. Sua investigação vai além dos textos literários, que antes era seu foco específico, para abraçar outros tipos de textos com o objetivo de restaurar, depurar, interpretar ou como afirma Spina (1977) “para estabelecer a genuinidade” de textos manuscritos, impressos, modernos ou antigos.

Não há de se negar que a Filologia cada vez mais dialoga com outras ciências: a Paleografia, a Diplomática, a Edótica, a História e a Linguística, da qual, pode-se dizer, se coloca como uma ramificação. Na conservação documental dos dados do objeto em estudo, é possível ao filólogo extrair diferentes suportes de escrita, tipos de letras, tintas, abreviaturas, enfim, traços marcantes da língua de uma época. Por isso, a atividade filológica ainda pode ser considerada como ampla, mas, por outro lado, também se restringe, atuando como auxiliar de outros empreendimentos investigatórios, como da Linguística.

Não é objetivo discutir aqui o âmbito das atividades filológicas e linguísticas, mas concorda-se com Melo (1975), quando afirma que os indicadores que limitam a atividade do linguista e do filólogo estão no fato de que o primeiro se interessa por todo tipo de atividade linguística — o oral, o escrito, o semiótico —, enquanto à Filologia, cabe apenas o texto escrito como seu objeto de interesse.

Como ciência do texto escrito, uma de suas realizações é o estabelecimento de edições, como a efetuada neste trabalho, que se atém à edição semidiplomática,

que consiste na sua reprodução através da transcrição, para permitir a leitura sem a necessidade de manusear os originais. A edição semidiplomática caracteriza-se por um tipo de edição que tem como marca principal o desenvolvimento das abreviaturas. Conforme Spina (1977, p. 79), é a edição que “vai mais longe na interpretação do original, pois já representa uma tentativa de melhoramento do texto, com a divisão das palavras, o desdobramento das abreviaturas [...]”. Para alguns autores, como Cambraia (2005), a divisão de palavras não é estabelecida, seguindo a forma do documento, critério também adotado para este trabalho.

Além da edição semidiplomática, a edição fac-similar também é incorporada a este trabalho, de forma justalinear, a fim de possibilitar o cotejo de ambas. Esta edição, também chamada de fac-símile, fac-similada ou mecânica, é a imagem do testemunho obtida por meios mecânicos, através de máquina fotográfica e escanerização (CAMBRAIA, 2005, p. 91).

Servindo-se dessas edições, a análise linguística aborda aspectos relacionados aos usos juntivos dos itens *ainda*, *assim* e *logo* no material, antes mesmo de sua transcrição, primeiramente foi realizada a leitura das cartas constituintes do *corpus* para averiguação dessas ocorrências.

Neste trabalho a abordagem linguística se insere em pesquisa documental qualitativa e quantitativa. A análise dos itens elencados leva em conta aspectos relacionados a seus usos e, por isso, o enfoque teórico se baseia na Gramaticalização (GR), que tem seu suporte nas teorias funcionalistas.

O objetivo é dialogar com pesquisas já realizadas em outras regiões do país, principalmente as empreendidas por Longhin-Thomazi (2011, 2008, 2006, 2005, 2004a, 2004b), em que se investigam esses mesmos itens numa perspectiva diacrônica, muito mais retrocedente do que este trabalho, que abarca apenas o século XVIII e XIX. Tal diálogo possibilita apresentar usos característicos desenvolvidos em Mato Grosso, e usos de outras regiões do Brasil, para, assim, contribuir e ajudar a delinear a história do português brasileiro.

A análise linguística dos itens estudados tiveram por suporte a GR, de acordo com Neves (2006), Gonçalves *et al.* (2007), Braga (2001), Chiarelli (2010), Longhin-Thomazi (2011, 2008, 2006, 2005, 2004a, 2004b), Martelotta (2008), entre outros autores que se fizeram necessários à pesquisa.

Em relação à estrutura deste trabalho, está organizado em três capítulos, a saber:

O capítulo I, *Edições fac-similar e semidiplomática de cartas do século XVIII e XIX*, consiste na apresentação das edições fac-similar e semidiplomática das cartas, com apresentação do *corpus*, bem como sua caracterização enquanto gênero precedida dos critérios norteadores da edição semidiplomática das cartas, datadas de 1731 a 1861.

O capítulo II, *Aspectos históricos: o que as cartas revelam*, trata de aspectos históricos mais relacionados ao período colonial brasileiro, apesar de se apresentarem cartas que abrangem período posterior, inseridas na Província de Mato Grosso. Nesse capítulo, procurou-se dar ênfase a pontos mais intrigantes da população da época, pois a riqueza de dados não possibilita abranger todos os pormenores embutidos no *corpus*.

O capítulo III, *Análise linguística*, apresenta os pressupostos teóricos da Gramaticalização, e os itens analisados por Longhin Thomazi e Lopes-Damasio e, por fim, a análise das ocorrências dos itens no *corpus*, num diálogo com as primeiras descrições.

Espera-se que a natureza deste trabalho possa incentivar outras pesquisas e que suscite questionamentos e novas investigações para avanços nessa área do conhecimento.

# CAPÍTULO 1

## EDIÇÕES FAC-SIMILAR E SEMIDIPLOMÁTICA DE CARTAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

Neste capítulo, serão apresentados o fac-símile<sup>1</sup> e a edição semidiplomática de cartas avulsas coletadas no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e no Arquivo Público de Mato Grosso, bem como de duas cartas pertencentes à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. São 45 cartas que tratam de assuntos diversos, totalizando 67 fólios. Em relação à cronologia, correspondem ao período de 1731 a 1861, abrangendo, dessa forma, vários acontecimentos, principalmente relacionadas à Capitania de Mato Grosso. A maioria dos testemunhos apresentam-se em bom estado de conservação.

Pela leitura dos manuscritos, matéria aparente, é possível detectar o tema, alguns fatos históricos e culturais da época, bem como características da escrita, no campo da paleografia, e do papel e tinta, no campo da codicologia. Ressalta-se que não será feita uma análise específica levando em conta essas duas disciplinas, mas, indiretamente, o conhecimento delas se faz presente no momento da transcrição do *corpus*.

Qual a função da edição de textos? Editar um texto consiste em transcrevê-lo, torná-lo mais acessível às pessoas que porventura tenham de recorrer a ele. Segundo Duarte (1997), edição é o “Conjunto de operações filológicas necessárias para escolher, fixar e anotar um texto, inédito ou édito, preparando-o para publicação num determinado circuito de leitura — isto é, para oferecer a um tipo caracterizado de leitor”<sup>2</sup>. Dependendo da função da transcrição, pode-se definir o tipo de edição a ser realizada. Pesquisadores da língua, da história, da sociologia e outras áreas podem beneficiar-se de uma edição mais conservadora, com menor grau de intervenção do editor. Já para um público leigo, uma edição mais

---

<sup>1</sup> Cf. Houaiss (2009, p.867): Reprodução, por meios fotomecânicos, de um texto ou de uma imagem. Neste tipo de reprodução, converte-se o sinal dialógico para o código digital, portanto, muda-se o suporte. Há também certas intervenções, a imagem fac-similada dificilmente será idêntica a original, visto que sofre manipulação tanto na captura da imagem, quanto posteriormente, para facilitar a visualização.

<sup>2</sup> Consultar verbete em DUARTE, Luiz Fagundes. *Glossário de Crítica Textual*. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, [1997]. Disponível em: <[http://www2.fcsh.unl.pt/cursos/etexto/glossario/glossario\\_PDF/E.pdf](http://www2.fcsh.unl.pt/cursos/etexto/glossario/glossario_PDF/E.pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2013.

modernizada seria o suficiente. Esses são dois critérios a serem observados: intervenção do editor e público-alvo.

A edição fac-similar tem a função de aproximar o leitor o mais possível do original. Conforme Duarte (1997), “é a reprodução obtida por meios mecânicos (litografia, fotografia, fototipia, etc.) de um texto manuscrito, impresso ou esculpido, cujo testemunho se revela muito importante, do ponto de vista estético e filológico, e é de difícil acesso [...]”. Spina (1977, p. 77-78) e Cambraia (2005, p.91-92) afirmam ser essa forma de edição um meio mecânico de reprodução de um documento que apresenta um grau mínimo de intervenção do editor, já que reproduz com muita fidelidade as características do original. Com as novas tecnologias e *softwares* de editoração de imagem, é possível melhorar o aspecto das imagens para apresentação mais visível ao leitor e ao próprio editor no processo de transcrição.

A edição semidiplomática possui um grau médio de intervenção do editor com o texto (CAMBRAIA, 2005, p.95), pois desdobram-se as abreviaturas, não se estabelece fronteira de palavras, mantêm-se os sinais de pontuação e realizam-se conjecturas devidamente sinalizadas pelo editor. Grosso modo, essa definição é similar à de outros autores que também a chamam de *paradiplomática*, *diplomático-interpretativa* ou *paleográfica*, conforme Spina (1977) e Azevedo Filho (1987).

Para este trabalho, que se destina a um público específico de estudiosos, a edição escolhida é a semidiplomática, além da fac-similar, visto que apresentando somente o fac-símile este poderia ser um empecilho para a leitura, restringindo somente aqueles que já têm familiaridade com a leitura desse tipo de material.

### **1.1 O gênero carta**

Para este trabalho, escolheu-se o gênero carta, também chamada de epístola ou missiva, documento de comunicação que tem por finalidade passar uma mensagem a alguém. No caso do *corpus* em estudo, em sua maioria se referem a representantes do governo (várias esferas administrativas) e do clero. Para Lopes (2005 *apud* SILVA, 2011, p. 64), a carta pode ser estruturada em um eixo que pressupõe um *autor*, um *destinatário* e um *tema* (que pode ser íntimo ou oficial, de acordo com as — tipologias de carta). As variações tipológicas abarcam características, por exemplo, na sua forma de narrar, na sua estrutura, como a disposição das seções

no papel e também discursivas, por isso, muitas vezes elas são confundidas com outros gêneros, como o ofício por exemplo.

Há certas fórmulas fixas que lhe são típicas como (i) saudação inicial; (ii) local e data; (iii) desenvolvimento (corpo do texto); (iv) despedida e (v) assinatura (LOPES, 2005, p.15 *apud* SILVA, 2011, p. 64). Essas são características que as colocam como formalmente estáveis, mesmo considerando as possíveis variações. Dependendo da função e do propósito destinado, ela não pode ser encaixada em apenas uma categoria, mesmo considerando as fórmulas fixas, pois trazem em seu conteúdo assuntos diversificados, podendo encerrar em si assuntos pessoais, comerciais, políticos, judiciais, religiosos, etc. Cardoso (2008, p.195) atesta que existem três funções básicas (considerando a carta moderna, século XVI –XVIII: (i) informar a pessoa ausente sobre temas, eventos e lugares; (ii) reafirmar normas, conceitos posturas, práticas, pertinentes ao homem de boa origem social e (iii) ressaltar as diferenças socio-hierárquicas entre o remetente e o destinatário. O autor esclarece que essas fronteiras não são tão óbvias para o leitor moderno. Dessa forma, a carta poder ser entendida como

[...] um gênero que revela uma tradição discursiva da língua portuguesa no Brasil, evidenciando uma reorientação, adaptação ou mesmo mudança ao longo do tempo. Assim, de acordo com as necessidades sócio-comunicativas da época, a carta foi originando outros subgêneros textuais, tais como as cartas de leitores e redatores no suporte jornalístico (SILVA 2011, p. 65-66).

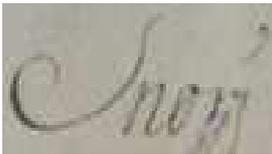
Do ponto de vista de pesquisas em estudos linguísticos, o *corpus* composto por cartas possibilita uma gama variada de análises que englobam estudos: no campo da sociolinguística, da análise do discurso, da semântica, da lexicografia, da morfossintaxe, da linguística textual, da linguística histórica, da filologia, da fonética e fonologia, entre outros.

As cartas reproduzidas neste trabalho trazem marcas linguísticas e socioculturais que permitem visualizar as relações de poder presentes nos atos comunicativos entre missivistas e destinatários, bem como compreender parte da diversidade e complexidade do processo de formação sociocultural de Mato Grosso.

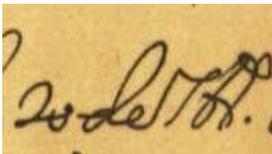
## 1.2 Critérios de transcrição

Os critérios adotados para este trabalho seguem as Normas de Transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português Brasileiro, acordadas no // *Seminário para a História do Português Brasileiro* ocorrido no período de 10 a 16 de maio de 1998, em Campos do Jordão, São Paulo, publicadas por Mattos e Silva (2001a, p. 553-555). Também recorreu-se aos trabalhos já realizados e que seguiram os mesmos princípios, como os de Andrade (2007), que, por sua vez, seguiu os de Santiago-Almeida (2000, p.184-188). Seguem os princípios com algumas adaptações:

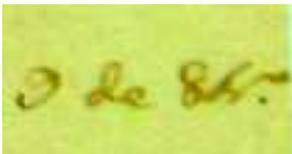
1. Os manuscritos serão identificados de Ms 1 a Ms 45;
2. As linhas serão numeradas de cinco em cinco, à margem esquerda do editor;
3. As abreviaturas serão desdobradas, marcando-se com itálico as letras omitidas, tanto as alfabéticas quanto as numéricas;



<Senhor<sup>3</sup>> (Ms 1, l.<sup>4</sup>. 2),



<20desetembro> (Ms 8, l. 2),



<9 de outubro> (Ms 18, l. 19);

4. Será mantida a mesma grafia<sup>5</sup>;

<sup>3</sup> As variações tipológicas entre os grafemas como “S”, que por vezes podem confundir-se com “Z”, serão determinados a partir de analogia no próprio documento. Assim como a determinação de maiúsculas e minúsculas.

<sup>4</sup> Lê-se Ms: Manuscrito e l: linha.

<sup>5</sup> Vale lembrar a presença de letras ramistas nos documentos, que conforme Viana (1904, p. 85) o <i> e o <u>, bem como <j> e <v> não eram mais que variantes gráficas. O <i> e o <u> seguidas de vogal, no início de sílaba, correspondem a <j> e <v>, assumindo valor consonantal. São assim designadas em razão de quem as distinguiu: *Petrus Ramus*, com forma latinizada de *Pierre de Ramée* no século XVI.

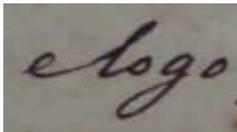


<pormetendo<sup>6</sup>> (Ms 13, l. 16);



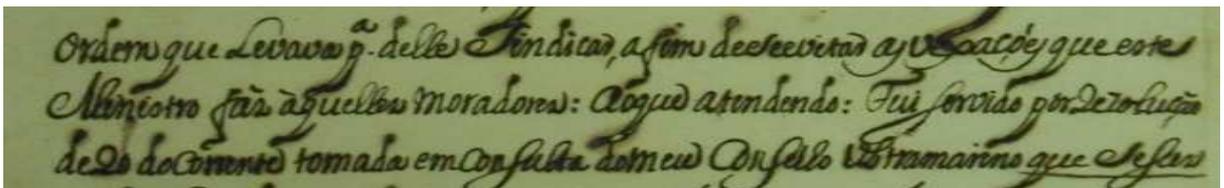
<milhor> Ms 5, l. 21)

5. As fronteiras de palavras serão mantidas<sup>7</sup>;

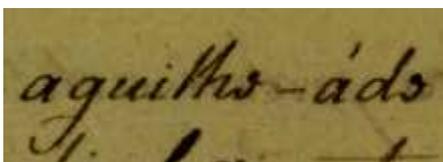


<elogo> (Ms 12, l. 41)

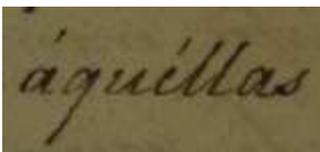
6. A pontuação do original será mantida, assim como a acentuação, com presença ou não de diacríticos;



<[...] ordem que Levava para delle Sindicar, afim de Se evitar as vexações queeste | Ministro fás àquelles Moradores: A oque atendendo: Fui Servido por rezolução | de20 doCorrente tomada emConsulta domeu Conselho Ultramarino que Sefes >



<aguilho-ádo> (Ms 33, l. 105)



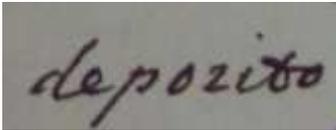
<aquéllas> (Ms 33, l. 17)

<sup>6</sup> Nesses casos, ocorre a chamada metátese, um metaplasmo a que Dubois *et all* (2004, p. 412) define como “[...] mudança fonética que consiste na alteração de uma palavra pela supressão, adição ou permuta de fonemas.” No *corpus*, visualiza-se outras ocorrências de metaplasmos.

<sup>7</sup> Uma explicação para o não estabelecimento das fronteiras das palavras estão nas palavras de Mendes (1953, p. 24), “[...] o desejo de escrever mais depressa provoca o não levantamento da pena de sobre a superfície do papel desse modo as letras se vão, aos poucos, ligando umas às outras na escrita cursiva”. Já para Mattoso Câmara (1969, p.36), essas divisões se dão pelo vocábulo fonológico, na relação da passagem oral para a escrita.

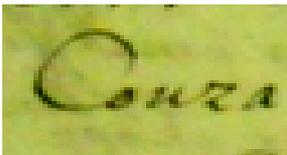


<dēAssumpção> (Ms 35, l. 40)

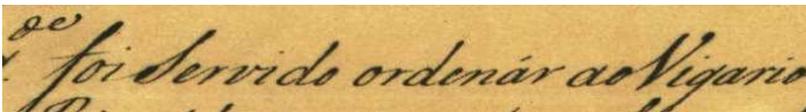


<depozito> (Ms 12, l. 45)

7. O emprego de maiúscula e minúscula também será preservado como no original;



<Couza> (Ms 4, l. 41);

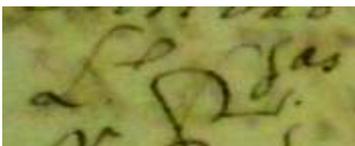


<foiServido ordenár aoVigario> (Ms 7, l. 2)

8. Os caracteres ou palavras de leitura duvidosa serão transcritos entre parênteses duplos (( ));



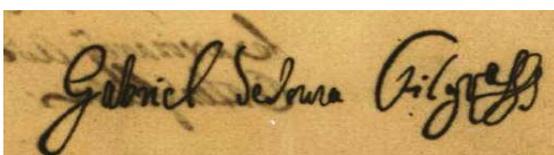
<((Azevedo))> (Ms 16, l. 90);



<Livro ((folhas))> (Ms 4, l. 43)

9. Os caracteres de leitura impossível serão transcritos como pontos dentro de colchetes [...], precedidos pelo sinal †;

11. As assinaturas presentes no documento são indicadas por dígrafos < >;



<Gabriel deSousa Filgueiras>;

12. As intervenções de terceiros no documento serão indicadas por chaves { };



< {20-7-55}>, (Ms 2, l. 5);

13. No caso de variação física de sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será considerado relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução;

14. Letra ou palavra não legível por deterioração, sem possibilidade de leitura por conjectura, receberá intervenção com a indicação entre colchetes [ilegível];

15. Em caso de repetição que o escriba ou copista não suprimiu, passa a ser suprimida por colchetes duplos [[ ]], exceto reclames. Ex.: <lhefiz hum protesto do descaminho quehouvesse [[houvesse]] NaFazenda>, (Ms1, l 46);

16. Por analogia, consoantes geminadas<sup>8</sup> são inferidas em documentos que apresentem pelo menos uma ocorrência de duplicação de consoante, principalmente quando no desdobramento de abreviaturas;

17. Em algumas transcrições o tamanho da fonte será diminuído para 10 ou 9 devido a extensão dos fólios, a fim de evitar que fiquem em mais de uma página.

---

<sup>8</sup> Constante no *corpus*, é uma marca do período pseudo-etimológico (século XVI até 1904) da ortografia da Língua Portuguesa. Era um retorno aos clássicos gregos e romanos, na qual submetiam a escrita à etimologia latina e francesa, utilizando letras em desuso como as consoantes geminadas (COUTINHO, 1976, 71-80).

## 1.3 Edições fac-similar e semidiplomática

Ms 1

(Copia)  
 No  
 Os cavallos não tiveram o leuque de seus soberanos, que violencias nas ex-  
 perimentarias dos Ministros poderosos, emal intencionados. E principal m. nas  
 conquistas, aonde as largas distancias os fazem absolutos, abrogando as leyes, e  
 dices todas edando intelligencias sinistras ás Leys, por que p. adicias fica lon-  
 ge a Mag. o que na occasião prez. Servia bem provado, com o destre da minha  
 penosa e destruição do pouco que tenho, Semenas rezabrese ameter terra em muy-  
 ena agua de tao perigosos lios apagar vincondis de tas inalevisla vord. Como  
 mostrou o Dez <sup>or</sup> Joseph de Burgos Villa Lobos no procedim. que comigo teve  
 nas Minas de Cuyabá de q. E <sup>or</sup> Duv. eu Superintendente da Real faz.  
 de V. Mag. e como tal metocava a a lecadacaõ dos leaes que tos do <sup>or</sup> D.  
 tis, a que o <sup>or</sup> Duv. me escreves, que tal menas tocava, Senas opassar, guias ca-  
 mais que a elle portencia a eo branca dos dizimos, por favor leva. p. isto  
 precatoria do <sup>or</sup> Duv. da faz. desta <sup>na</sup> sapp, o qual me mandou amim q. itra ca-  
 por evictar duridas e Ley de se cobrança em cum termo que am <sup>or</sup> a signa  
 emandando eu por cum edictal p. que q. devece a faz. Real fosse paga. am  
 ceo todo borrado, de uys dezacate pedi ao <sup>or</sup> Duv. tirasse devaca, do que elle most-  
 fazer pouco caso, porque mais perguntava as testemunhas contra mim q.  
 pello Succedido, e amim tudo era m. sinuar me fizese queixar de alguma p.  
 soa, quando entendia pellas circunstancias. So da sua era justa e que o  
 q. namine a opinias had me parece ser outra tas atrevida nem Lavia caus-  
 pe eu desconfiar de outrem, por So delle e seu Armad. Sabor nas dincas p.  
 za a alguma no leziste. E querendo V. Mag. mandar conceder do seu p.  
 m. declará outras couzas, e entendendo <sup>or</sup> Duv. que eu me queixara <sup>or</sup> D.  
 Nas Ley de por conceder a justa rezas, que ca tinca. Se por atrapa Kar am m. a  
 lozas comecou atirar devaca de mim, dizendo eu he Levantava fizera a que  
 absurdos, e que publica m. falava no seu credito, que era revoltoso e que  
 dir adispozicao de uma Armada, que e queonia fazer contra o Rey e p.  
 Nad acceou prova por ser tudo tas <sup>or</sup> Duv. a omia genis, que nad encontra <sup>or</sup> D.  
 E Servir al. Mag. como bem mostrei. Nas <sup>or</sup> Duv. nesses <sup>or</sup> D.

TRANSCRIÇÃO 1 - Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo ACBM-IPDAC-Pasta 1777-nº 9A
ASSUNTO	Carta de Thomé Ferreira de Moraes Sarmiento discorrendo sobre as desavenças com o ouvidor José de Burgos Villa Lobos nas minas de Cuiabá.
LOCAL	São Paulo
DATA	20 de julho de 1731
ASSINATURA	Idiógrafo

{Copea}

Senhor

- Seos vaçallos não tivessem o recurço deSeos Soberanos que vioLencias não ex-  
 perimentariaõ dos Menistros poderozos, emal intencionados, eprincipalmente nas=  
 05 Conquistas, aonde as Largas distancias os fazem absolutos, abrogando assy as juris  
 diçoês todas edando intelligencias Sinestras ás Leys por que para adicizaõ fica Lon  
 ge aMagestade, o que na occaziaõ prezente Sevira bem provado comdesLustre daminha  
 pessoa edestruizaõ dopouco que tenho, Semenaõ rezoLvesse ameter terra em meyo,  
 enaagoa detaõ perigozos rios apagar oincendio detaõ malevoLavontade, como  
 10 mostrou o *Dezembargador* Iozeph deBurgos VillaLobos noprocimento que comigo teve  
 nas Minas do Cuyabá deque he *Ouvidor* eeuSuperintendente daRealfazenda  
 deVossaMagestade e como tal metocava aarecadaçaõ dos reaes quintos doGen  
 tio, aqueo*Ouvidor* meescreveo, quetal menaõ tocava, Senaõ opassar guias e((as))  
 mais que aellepertencia acobrança dos dizimos, por haver Levado para isso  
 15 precatoria do*Provedor* dafazenda destaCappítania, o qual memandou amim outra ((ca))  
 por evictar duvidas Sedy desse cobrança emhum termo, que am((bos)) assignam  
 emandando eu pôr hum eddital, para que quem deveçe á fazenda real fosse pagar e ama((nhe))  
 ceo todo borrado, decujo dezacato pedi ao*Ouvidor* tirasse devaça, do que elle mostr((ou))  
 fazer pouco cazo, por que mais perguntava as testemunhas contra mim que  
 20 pello Succedido, eamim tudo era insinuarme fizesse queixa dealguma pes  
 soa, quando entendia pellas circunstancias, Só daSua erajusta aqueixa  
 que naminha opiniaõ não meparece Ser outra taõ atrevida, nemhavia causa  
 para eudesconfiar deoutrem, por Só delle, eSeu Irmaõ Saber não tinhaõ ((pague))  
 zaalguma no rezisto; equerendo VossaMagestade mandar conhecer doSeupro((curador))  
 25 *muito* acharâ outras couzas, eentendendo o *dito* *Ouvidor* que eu mequeixaria, [ilegível]  
 Não Sey Seporconhecer ajusta rezaõ, que eutinha Sepor atrapalhar aminha  
 rezaõ começou atirar devaça demim, dizendo eu lheLevantava fizera aque((lle))  
 absurdo, e que publicamente falava noSeo credito, que era revoltozo, equeria [ilegível]  
 vir adisposizaõ dehumaArmada, queSequeria fazer contra oPayagoa, deque  
 30 não achou prova, por Ser tudo taõ *Contrario* aomeugenio, que não encontra ((tudo))  
 heServir aVossaMagestade como bem mostrei nas Campanhas nesseReyno

Na Índia enaquellas Minas embarcan dome m<sup>o</sup>. doente, e com grande dis-  
 pondio da minca faz<sup>a</sup> por Cabo nomeado pelto Lovo, contra as insólencias  
 dos Bayagás, qu'já que esta accao fosse incentivo da Segunda, para o que  
 eu andei incitando os animos, Mas como odo. Quando se contraria do  
 Meu, sem prova alguma mandou prender por Eum Meirinho o que eu  
 levei mandando se dizer, que por lezas do fargo menao podia prender e  
 pudeve Laria ser elle empesoa por eu ter oforo de fidalgo da Casa de O. Mag.  
 Elle mandou dizer que sim podia e assim medei por prezo por evitar du-  
 vidias e alguma grande revolucao no Lovo, por que o maior de Me estava sendo  
 do da sem lezas que comigo se obravatao condecida que Logo empoucos dias  
 Mandou soltar, e considerando eu amã vout. do Menistro e por me adar  
 mo. Letado de Eum antigo de fidalgo, que de publico eu padescia, me lezovi a  
 deixar a quella Minas enomomo dia, que fui solto parti de Mas, e inome  
 embarcar estava o Ouv junto do Nis como Brigada. Legente e mais pessoa  
 e diante de todas se fiz Eum protesto do descam. que couvesse couvesse na Pá-  
 lcal, edite que o Ouv era acauza da minca abzencia, por menao deixar ex-  
 exercitar a minca occupacao, que anas se usava, nao Laria ser bastante oae  
 que a obrigar me a abzentar poriz outras muitas vezes tendo exposto an-  
 da pelto lcal. Senr. de O. Mag.

Nao satisfeito o Menistro com esta minca des-  
 tudicaõ poriz se certo que Euma viagem tao pro Longada, e no pinada me Laria de  
 acumular gastos espalhau cartas dizendo que eu era Louco p. comisto me por-  
 var incapacio, nao querendo nem deixoarme o juizo que Deus medeo, o qual por sua  
 divina Misericordia nao perdi vendome tao sem rez ao porsequido, de queme  
 fica aconselacao, que se ser vstrajado por saber servir a lcal Pessoa de O.  
 Mag. de m. reverente m. pesso attencao á minca just, e satisfacao á minca  
 que a prova da pelto papeis ine Luros.

A lcal Pessoa de O. Mag. guarde Deus

Na India, enaquellas Minas, embarcandome *muíto* doente, e com grande dis-  
 pendio daminha *fazenda* por Cabo nomeado pello Povo, contra as insolencias  
 dos Payagoâs, quissâ que esta acção fosse incentivo da Segunda, para o que  
 35 eu andei incitando os animos; Mas como o *odito* Ouvidor he contrario ao=  
 Meu, Sem prova alguma Memandou prender por hum Meirinho o que eu  
 recuzei, mandando lhe dizer, que por rezaõ do Cargo menaõ podia prender, *quando*  
 pudesse, havia ser elle empessoa, por eu ter oforo de fidalgo da Casa de Vossa Magestade  
 elle memandou dizer, que Ssim podia, ea Ssim medei por prezo, por evictar du  
 40 vidas, e alguma grande revolução no Povo, por que omaiz delle estava Senti  
 do da Sem rezaõ que comigo Seobrava, taõ conhecida que Logo empoucos dias  
 Memandou Soltar, e considerando eu amã vontade do Menistro, e por me achar  
 Mo Lestado de hum antigo defluxo, que he publico eu padescia, me rezolvi a  
 deixar aquellas Minas enomesmo dia, que fui Solto parti dellas, eindome  
 45 embarcar estava o *Ouvidor* junto do Rio como *Brigador* regente, emais pessoas  
 ediante de todas lhe fiz hum protesto do *descaminho* que houvesse [[houvesse]] Na *Fazenda*  
 real, edice que *odito* *Ouvidor* era a cauza daminha alzenia, por menaõ deixar ex=  
 [[ex]]ercitar aminha occupação, que anaõ Ser isso, naõ havia Ser bastante o a ilegível  
 que aobrigarme aalzentar, poiz outras muitas vezes tenho exposto avi-  
 50 da pello real *Seruiço* de Vossa Magestade  
 Naõ Satisfeito *odito* Menistro com esta Minha des-  
 truhição, poiz he certo que huma viagem taõ pro Longada, enopinada me havia de  
 acumular gastos, espalhou Cartas, dizendo que eu era Louco, para comisto me por-  
 var incapacidade naõ querendo nem deixarme o juizo que Deus medeo, o qual por S((ua))  
 55 divina Misericordia naõ perdi vendome taõ Sem rezaõ preseguido, de quem  
 fica a consolação, que he Ser ultrajado por Saber Servir a real Pessoa de Vossa  
 Magestade *aquem* reverentemente pesso atençaõ á minha justiça, e Satisfação á minha  
 queixa provada pellos papeis incluzos.  
 A real Pessoa de Vossa Magestade guarde Deus

Deus in anno S<sup>o</sup> Paulo 20. de Junij de 1731. II. Thome Fr. de Moray  
Sarmiento.  
M. Sartorius Typ. de Pau

**Fólio 2r**

60 Deus *muitos* annos Saõ Paulo 20 de Iulho de1731// Thome Ferreira deMoraes  
Sarmiento.  
<ManoelCaetano Lopes deLavre>



TRANSCRIÇÃO 2 - Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	BR.APMT. CVC. RT. 0008 CAIXA Nº 001
ASSUNTO	Carta dos vereadores da Câmara da Vila do Cuiabá reclamando das atitudes dos ouvidores desta comarca, principalmente de João Antonio Vaz Morilhas.
LOCAL	Cuiabá
DATA	20 de julho de 1755
ASSINATURA	Apógrafo

- Senhor  
 {Copia}  
 {x}  
 {Nº=169}
- 05 {20-7-55}  
 Representamos aos Soberanos pes((soa)) deVossa Magestade  
 aContinua perplexidade em que seve este Sennado naConcidea-  
 ração experimental em que o poem o dominio dispotico e absoluto  
 que os Ouvidores destaComarca e principalmente o a((cuzado))Bacharel loão Antonio Vaz
- 10 Morilhas quer ter naCamara, porquanto não podemos averiguar com  
 exacção as materias tendentes á nossa jurisdicção que revestidas  
 do receyo senão Concluão Com aquella ponderação permitida  
 aos cazos, e assim Como são os Contractos deste Sennnado que se  
 achão Com o Onus de não Serem rematados Sem apermisão
- 15 do dito Ouvidor quando elle quer, como tãobem não permittir o mes-  
 mo que sefação obras publicas Como erecção de Fontes, eou-  
 tras similhantes sem a sua aprovação eConsensu, havendo fal  
 ta destas Como se experimenta, Como tãobem hum ((Curral))  
 para oGado Vacum que vem para oCorte, Sabendo muito bem que deca
- 20 daCabeça do dito Gado sepaga hú quarto deOuro para o mes-  
 moSennado, em que a nada disto assente tendoselhe por nos-  
 sos antecessores requerido. E não hé menor aduvida que Nos assis  
 te sefora do acto daCorreçam Geral annual nospode determinar  
 Couza alguã aque nos rigurozamentes sejamos obrigados a obedecerlhes;
- 25 por a distancia emque nos vemos para o regresso não permittirContradição  
 aoSeu intento; Mas sim obuscamos naReal prezença deVossa Magestade  
 donde seguramente teremos, e esperamos a norma doque devemos exe  
 cutar sujeitos sempre aoque for do agrado, eServiço da Muito Alta eRe  
 al Pessoa deVossa Magestade queDeus guarde pelos annos do dezejo deSeus Liais Vassalos. Cu
- 30 yabá emCamara de 20 delulho de1755 anno.  
 Liais vassalos officiaes daCamara doCuyabá.

Ms 3

Copia da Real Provisão de Sua Magestade pela qual manda suspender  
Don Antonio Vaz Alonilha do cargo de Ouvidor Geral da Comarca  
de Cuyabá.

1756 I. 31, 28, 63



Dom João por Graça de Deus Rey de Portugal, e dos Algarves da Guiana  
e da Índia na América em N. S. de Junho de 1756. Foy sabido que Governador e Capitão  
General da Capitania do Estado do Rio de Janeiro que Eramos Visto a Contra que Medesmas  
Encantadas de delays de 1755. a conta de Eramos fallecidos em Villa de Bella  
Deo. Fernandes Caminha de Castro, a quem foy nomeado por Ouvidor de Cuyabá  
antes de tomar posse do dito cargo e que vos encerrava os officiais da mesma  
Cuyabá. Alora me com villa de Cuyabá p. effeito de este suspender a Ouvidor  
Don Antonio Vaz Alonilha, a quem daito Deo. Eia Succedor por virtude de  
Ordem que Levava p. delle Sindica, a fim de se evitar a vacação que este  
Alonilha faz a aquellos moradores: Logo attendendo: Foy servido por deliberação  
de do Conselho tomado em Consulta do meu Conselho Ultramarino que se sus-  
pende logo o dito Ouvidor actual Don Antonio Vaz Alonilha, ainda que  
por qualquer incidente de illate, ou morte ou novo Ouvidor nomeado por mim,  
o que a fim o foy executado. E Rey N. S. mandou pelo Conselho  
de Ultramarino do meu Conselho Ultramarino abaixo assignados, e legados ou por  
duas Vias. Fez don de Abrud de 1756, a 24 de Março de  
1756. De Secretario Do. Miguel Lopez de la Torre e de Antonio  
de Almeida Coutinho e Antonio Lopez da Costa.

TRANSCRIÇÃO 3- Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	BIBLIOTECA NACIONAL: BNRJ- I-31, 28, 63 <sup>9</sup>
ASSUNTO	Provisão Real do rei de Portugal, Dom José, suspendendo o ouvidor de Cuiabá, Antonio Vaz Morilhas.
LOCAL	Lisboa
DATA	31 de março de 1756
ASSINATURA	Apógrafo

Copia da Real Provisão de Sua Magestade pela qual Manda Suspende o Doutor João Antonio Vaz Morilhas do cargo de Ouvidor Geral da Comarca do Cuiabá.

{l. 31, 28, 63}

05 1756

{1}

Dom João por Graça de Deus Rey de Portugal, edos Algraves da Quem edalém Mar em Africa Senhor de Guiné etcetera Faço saber a voz Governador, e Capitam General dacapitania do Matto Groço, que havendo visto a Conta que Medestes

10 em carta de 9 de Mayo de 1755 acerca de haver fallecido em Villa Bella o-  
 Dezembargador Fernando Caminha de Castro, aquem tinha nomeado por Ouvidor do Cuyabá antes de tomar posse do dito Cargo, eo que Vosescreveraõ os officiais da Camera, eo Capitam Mordamesma Villa do Cuyabá para effeito de se Suspende ao Ouvidor  
 15 João Antonio Vaz Morilhas, aquem o dito Dezembargador hia Succeder por virtude da  
 ordem que Levava para delle Sindicar, afim de se evitar as vexações que este  
 Ministro fás àquelles Moradores: A o que atendo: Fui Servido por resolução  
 de 20 do Corrente tomada em Consulta do meu Conselho Ultramarino que Sesus  
penda Logo o dito ouvidor actual João Antonio Vaz Morilhas, ainda que  
 por qualquer incidente Sedillate, ou morra o novo ouvidor nomeado por mim,  
 20 o que assim o farey executar. El Rey Nosso Senhor o mandou pelos Con-  
 Selheyros do Seu Conselho Ultramarino abaixo a Signados, e Sepassou por-  
 duas vias. Theodoro de Abreu Bernardes a fez em Lisboa a 31 de Março de  
 1756. O Secretario Joaquim Miguel Lopes da Lavre a fez escrever, Antonio  
 de Azevedo Coutinho, Antonio Lopes da Costa.

<sup>9</sup> Há três versões deste documento na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, duas são cópias e uma delas não há indicação.



**Fólio 1 v**

- 25 Provizão porque se mandou que se suspendesse o Ouvidor do Cuyabá Ioam Antonio Vaz Morilhas ainda no caso de se dilatar ou morrer o Ouvidor que de novo fosse Nomeado.



TRANSCRIÇÃO 4-Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	BIBLIOTECA NACIONAL: BN- II, 36,16,24
ASSUNTO	Trata da suspensão do Ouvidor Geral João Antonio Vaz Morilhas.
LOCAL	Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá
DATA	09 de novembro de 1758
ASSINATURA	Autógrafo

{II, 36, 16, 24}

{Cuiabá}

{1758}

Antonio dePuga Dantas Excrivaõ daOuvidoria

- 05 geral destaVilla Real doSenhor Bom lezus doCuyabá, eSuaComarca por Provisaõ do Illustrissimo eExcellentissimo Senhor DomAntonio Rollim deMoura Governador eCappitam General destaCappitania etcetera. Certefico, que revendo oLivro Segundo do Registo das Ordemis Reais, que Servi neste juizo daOuvidoria nelle folha 129 Seacha húa Provisaõ Real daqual Seu theor deverbum
- 10 ad verbum hê oSeguinte Dom lozé Por graça deDeos Rey de Portugal edos Algarves daquem e da Lém Mar emAffrica Senhor de Guine etcetera Faço Saber avoz Governador, eCappitam General daCappitania doMatto grosso, que havendo visto aConta, que medestes emcarta de 9 de Mayo de1755: aSerca dehaver falecido em villa Bella
- 15 O Dezembargador FernandoCaminha deCastro aquem tinha no meado por Ouvidor doCuiabá antes detomar posse do dito Lugar, Eoque vos escreveraõ os officiaes daCamara eoCappitam mor damesma Villa doCuyabá para effeito de Sessuspende oOuvidor loaõ Antonio Vaz Morilhas aquem o dito Dezembargador hia Suceder por ((verda))
- 20 de daOrdem que Levava para delle Sendicar affim de Seevitarem as vexaçoenś que esteMenistrofaz aaquelles moradores aoque attendendo Fuy Servido por rezulução devinte doCorrente tomadaEmconçulta do meu Concelho ultramarino que Sessuspenda Logo o dito Ouvidor actual loaõ Antonio Vaz Morilhas
- 25 ainda que por qual quer incidente Sedilate Oumorra Onovo Ouvidor Nomiado por mim oque assim fareis executar: El Rey no sso Senhor omandou pelos Concelheiros doSeo Concelho ul tramarino abaixo assignados, E Sepassoupor duas vias Theodoro de Abreu Bernardes offez em Lisboa a 31deMarço
- 30 de1756// O Secretario loaquim Miguel Lopes da Lavre offes Escrever Antonio de Azevedo Coutinho=Antonio Lopes daCosta// Cumprasse Como Magestade manda Eserregiste na Seretaria do



**Fólio 1v**

- do Governo, E mais partes Ondetocar *Villa Bella*
- 35 8 de Janeiro de 1757 // Dom Antonio Rollim de Moura Regista  
a folha 92 ((folha)) do Livro do Registo das Provisões Reais que Serve nesta  
Secretaria do Governo *Villa Bella* 8 de Janeiro de 1757  
Bartholomeu Descalssa Barros // Registada a folha 110 do Livro primeiro  
do Registo das Ordens Reais, que Serve nesta Camara *Villa Be*
- 40 Ila 9 de Janeiro de 1757 // Ignacio Pereira Leão // Enão Seconti  
nha mais couza alguma em adita Provisão, que E sobre dito  
Escrivão aqui Copiey bem efiel mente da propria que Seacha no dito  
Livro ((folhas)) a que merreporto, E por me ((ver)) mandada paçar apresente  
por Ordem local do Doutor Ouvidor geral e Corregedor desta Comarca Francisco
- 45 Xavier dos Guimaraes Brito, e Costa Fidalgo Cavaleiro da Cazade  
Magestade que Deos guarde ((apacey)) do propriobem official mente  
Nesta *Villa Real* do senhor Bom Iezus do Cuyabá aos 9  
dias do mes de Novembro de 1758 // Eu Sobre dito Es  
crivão, que O Escrevi, e assigney <Antonio de Puga Dantaz>



<b>TRANSCRIÇÃO 5- Fólio 1r</b>	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo ACBM-IPDAC-Pasta 24-nº 609 B
ASSUNTO	Carta de Gabriel de Souza Filgueiras para Antonio Rolim de Moura, agradecendo por este ter mandado um padre evangelizador
LOCAL	Barcelos
DATA	16 de abril de 1761
ASSINATURA	Autógrafo

*Illustrissimo eExcellentissimo Senhor*

Em Carta de 9 de Fevereiro que dirigi a Vossa Excellencia dizia a Vossa Excellencia mandava naquella mezma o Caziaõ O Padre Frei Ioaõ Evangelista hũm dos Vigarios que Estiveraõ no Salto, por Este me apresentar huã carta que

05 tinha de Vossa Excellencia em que lhé ordenava, Fosse para essa Villa, edizendome que-  
ria hir na Caõa em que despedy as Vias, lhé respondy que aque manda-  
va hera piquena para poder hir Com mais brevidade, enella naõ sea Co-  
modaria bem e Como os Mineyros estavaõ achegar heria Com elles; e ao Co-  
mandante da Villa de Borba Escrevia para bem da Sũa a Comodaçaõ, inz=

10 tou que queria hir naquella mezma o Caziaõ ainda apezar de qual quer  
inComodo, para o que chamando a minha prezença o Pratico que hia nes-  
ta deligençia para me inFormar com elle a este respeito, medice que  
o poderia levar indo Escoteyro, e Só Com o necessario para a Viagem; nisto  
conveyo o dito Padre, e que os Seuz Baúz hiriaõ pellos Mineyros.

15 Agora me escreve o Comandante de Borba que o referido  
Padre se arrependera desculpandosse e affectando frivolas rezoens po-  
rem Como naquelle dezordenado Religiozo Domina maiz Ambiaõ do  
Negocio que o voto de pobreza que proffega; faltou inteiramente  
ao que ficou Comigo, e Como Ev((*angelho*)) deste Religiozo tenho hũ Grande Conhe-  
20 cimento premeditando já dice a Vossa Excellencia que estimaria elle Sou-  
besse agradecer melhor a Vossa Excellencia o bem que lhê fazia do que ofez ao=  
*Illustrissimo eExcellentissimo Senhor* Francisco Xavier de Mendonça.  
Na primeyra Ocaziaõ que Seme ofrecer para a Cida  
de avizarey ao Seu Prelado e ao *Illustrissimo eExcellentissimo Senhor* General de todos  
25 estes factoz. DE os Guardes a Pessoa de Vossa Excellencia muitos annos

*Handwritten flourish and signature at the top of the page.*

*Large decorative flourish and signature in the middle of the page.*

*Handwritten signature or name in the lower middle section.*

*Handwritten signature at the bottom right corner.*

Barcellos 16 deAbril de

1761

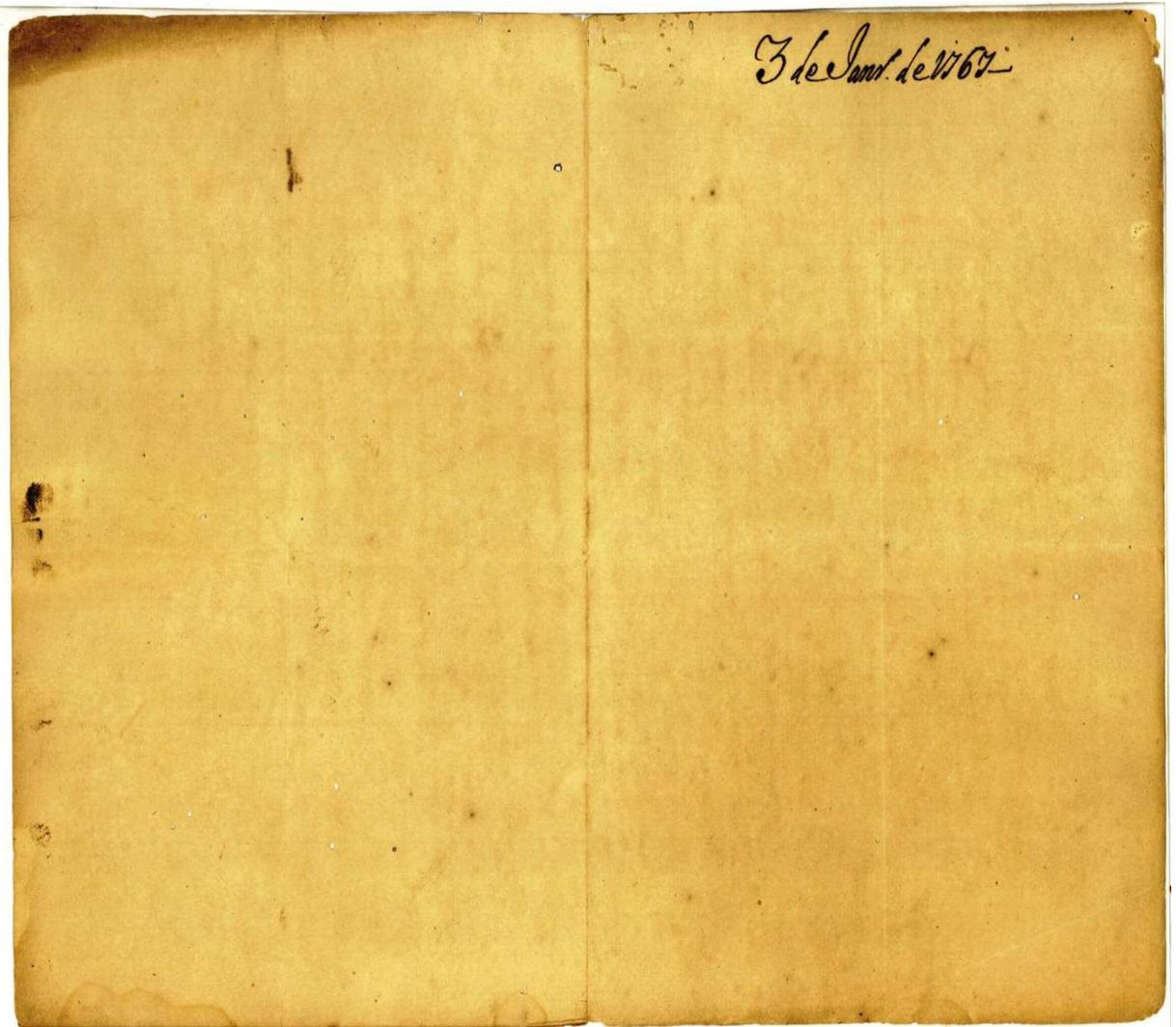
*Illustrissimo eExcellentissimo Senhor Dom Antonio Rolim deMoura*

<Gabriel deSousa Filgueiras>



TRANSCRIÇÃO 6-Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo ACBM-IPDAC-Pasta 177-nº 08A
ASSUNTO	Carta de Constantino José da Silva Azevedo ao governador João Pedro da Câmara comunicando a chegada do Frei Altanário, religioso da ordem de São Francisco, da cidade de São Paulo.
LOCAL	Cuiabá
DATA	03 de janeiro de 1767
ASSINATURA	Autógrafo

*Illustrissimo eExcellentissimo Senhor*  
 Namonçaõ que prezentemente chegou ao Porto desta Villa Veyo na  
 Campanha de meo Sucessor, hũ relligiozo de Saõ Francisco da Cidade de  
 Saõ Paullo chamado Frei Altanario apedir esmollas para o dito con-  
 05 vento: e procurando eulogo alicensa que havia, me respondeo  
 que atrazia dentro emhua Carta para Vossa Excellencia, que agora havia de  
 levar mesmo ou remeter; avista do que lhe expresses, as ordems  
 que tinha, e que davas parte a Vossa Excellencia para Se obrar com elle o que  
 Vossa Excellencia determinar: O que agora fasso para Vossa Excellencia a Vista dali-  
 10 censa, que elle tras determinar o que hey de obrar, ou meo  
 Sucessor, que me pareasse Sera mais exacto nestas execuçoens,  
 pois conhessendome eu com dezembarasso e actidaõ para couzas  
 de mayor ponderaçãõ, me sinto com frouxidaõ para lidar com  
 Semelhantes pessoas, taõ incivis, e esquessidos em semelhante materia, e  
 15 parece que incredulos de que Se obrara com elles alguns pro  
 cedimentos menos decentes, ao habito e Carater que proffessaõ; tendo  
 eu feyto toda adeligencia pellos evitar Sem offender a execu-  
 çãõ das ordens, nem a Carater e habito delles. Deos Guarde a Vossa  
 Excellencia muitos annos Cuyaba 3 de laneiro de 1767  
 20 *Illustrissimo eExcellentissimo Senhor* Ioaõ Pedro da Camera  
 <Constantino Ioze da Silva Azevedo>



3 le Janr. de 1769.

2 Janeiro de 1767

Ms 7

Mo Mo  
 M. Ex. Snor.

S

Mag.<sup>de</sup> foi servido ordenar ao Vigario Capitulár de meo Bispado, que nomeáçe alguns Sacerdotes de probidade, p.<sup>o</sup> curarem as Almas dos Indios da Cap.<sup>nia</sup>, q.<sup>o</sup> V. Ex.<sup>a</sup> governa; igual Recomendacão me mandou omesmo Snor. fazer pela Secretaria de Est.<sup>o</sup>, acrescentando q.<sup>o</sup> os raryporte dos ditos Sacerdotes se faça á despoza da sua Real Fazenda.

Logo q.<sup>o</sup> forem eleitos, e houver conjuntura favoravel, de porão um viagem a servidos de tudo q.<sup>o</sup> possa conduzir p.<sup>o</sup> a effectuarem com acomodidade, q.<sup>o</sup> promitte o Pais.

Em outra carta de meo manda declarar, q.<sup>o</sup> hum dos ditos Sacerdotes, terá osseu destino em apresentar al Nascim.<sup>to</sup> dos Indios Samas, e q.<sup>o</sup> p.<sup>o</sup> Director d'elles deve nomear hu homum de qualidades, q.<sup>o</sup> oredesigue: Havendo, tambem nesta occasião, p.<sup>o</sup> tomar as ordens de V. Ex.<sup>a</sup>

Moz. p.<sup>o</sup> a V. Ex.<sup>a</sup> Jaci a 15 de Julho de 1767.

Mo Mo  
 M. Ex. Snor.

Jos. Pedro da Camara.

Fernando de Outeiro de S. P. 

TRANSCRIÇÃO 7- Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo ACBM/IPDAC-Pasta 24-nº 598-Caixa 810
ASSUNTO	Carta de Fernando da Costa Ataíde Freire para João Pedro da Câmara, Capitão General de Mato Grosso solicitando ordem do vigário do Bispado da Capitania de Mato Grosso para nomear alguns sacerdotes para curarem as almas dos índios.
LOCAL	Pará
DATA	15 de julho de 1767
ASSINATURA	Autógrafo

*Illustrissimo eExcellentissimo Senhor*

*Sua Magestade* foi servido ordenar ao Vigário Capitular deste Bispado, que nomeie alguns Sacerdotes de probidade, para curarem as Almas dos Índios

05 da Capitania, que Vossa Excellencia governa; igual recomendação me-mandou o mesmo Senhor fazer pela Secretaria de Estado acrescentando que o transporte dos ditos Sacerdotes se faça á despesa da Sua Real Fazenda.

Logo que forem eleitos, e houver conjuntura favoravel, se porão em viagem asentidos de tudo que possa conduzir para effectuarem com acomodidade, que permite o Pais.

Em outra carta sem manda declarar, que hum destes Sacerdotes, terá o seu destino em aposentar a Nasção dos Índios Pamas, e que para Director delles devo nomear hú homem de qualidades, que se defique: Havendo, taõbem nesta occasiaõ, passará, a tomar as ordens de Vossa Excellencia DE os Guarde a Vossa Excellencia Pará a 15 de Julho de 1767.

*Illustrissimo eExcellentissimo Senhor*

20 João Pedro da Camara.

<Fernando da Costa de Ataíde Freire>

Ms 8

M<sup>mo</sup> e Ex. S<sup>mo</sup>

R

Rebi a carta de V. Ex.<sup>a</sup> de 20 de Set. de  
anno proximo passada, em que me participava que os  
Vig. Semar. pessoas da jurisdic<sup>o</sup> Eccl.<sup>ia</sup> que passad<sup>o</sup> a  
Essa Capitania, a exercicio nella sem a deante obriga-  
cao de manifestarem na Secretaria do Estado as suas  
legitimas provisoes, e ponderando-me as consequencias  
que da si se he representad<sup>o</sup>, me recommenda que seja de  
ordenar. Nos que da qui em diante machem apresentar  
na dita Secretaria os seus provimentos.

Esse respon:  
der a V. Ex.<sup>a</sup> que na Secretaria deste Bispado nao se ac-  
ceita orden de S. Mage.<sup>d</sup> pela qual manda que os Sarcos,  
e mais Ministros Eccl.<sup>ia</sup> sejam obrigados a apresentar nos  
Secretarias das Capitancias respectivas os titulos da sua ju-  
risdic<sup>o</sup>: E nem ha outra pratica que a de apresentarem  
os que recebem congruas da Real Fazenda os seus provi-  
mentos ao Director della, ou aquem tem jurisdic<sup>o</sup> de he-  
mandar pagar, depois de tomarem posse das ditas dizepa-  
coens, nao se ha de he-  
mandar fazer pagam.<sup>to</sup>  
e nao se he percerem a jurisdic<sup>o</sup> confenda, mas he na Se-  
cretaria dessa Capitania ha alguma ordem de S. Mage.<sup>d</sup>  
que assim o manda, queira V. Ex.<sup>a</sup> servir-se de ma par-  
ticipar, que eu promptam.<sup>te</sup> aerei executar.

J. de V. Ex.<sup>a</sup> m. an. Rio de Jan. em 25 de Abril  
de 1775

M<sup>mo</sup> e Ex. S<sup>mo</sup>  
D. Antonio de Sousa Coutinho

Antonio de Sousa Coutinho

TRANSCRIÇÃO 8- Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo ACBM-IPDAC- Pasta 57- nº 2027, Caixa 17
ASSUNTO	Carta do Bispo do Rio de Janeiro a Luís Pinto de Sousa Coutinho determinando que os capelães das capelas filiais das matrizes fossem unicamente satisfeitas pelos sacros.
LOCAL	Rio de Janeiro
DATA	25 de abril de 1770
ASSINATURA	Idiógrafo

*Illustrissimo eExcellentissimo Senhor*

Recebi a carta de *Vossa Excellencia* de 20 de *Setembro* do  
 anno proximo passado, em que me participa que os  
 Vigários emais pessoas do jurisdicção *Ecclesiastica*, que passão a  
 05 essáCapitania, a exercitão nella sem adecente obriga=  
 ção de manifestarem na Secretarià doEstado as Suas  
 Legitimas Provizions, e ponderando-me as consequencias,  
 que dahi se lhe representaõ, me recomenda que hájade  
 ordenar-lhes que daqui em diante mandem apresentar  
 10 na dita Secretaria os Seus provimentos:  
 Edevo respon=  
 der a*Vossa Excellencia* que naSecretaria deste Bispado não se a=  
 chaordem de*Sua Magestade*, pela qual mande que os parochos,  
 emais Ministros *Ecclesiasticos* sejaõ obrigados a apresentar nas  
 15 Secretarias dasCapitanias respectivas os titulos da sua ju=  
 risdicção: E nem há outra pratica que ade apresentarem  
 os que recebem congruas da Real Fazenda os Seus provi=  
 mentos ao Provedor dela, ou quem tem jurisdicção de lhes  
 mandar pagar, despois de tomarem posse das suas ocupa=  
 20 çõens, para ofim tao somente de Selhes mandar fazer pagamento  
 enão para exercerema jurisdicção conferida; mas se na Se=  
 cretaria dessaCapitania há alguá ordem de*Sua Magestade*  
 que assim omande, queira *Vossa Excellencia* Servirsede mo par=  
 ticipar, que eu promptamente ofarei executar. *Deos*  
 25 *Guarde aVossa Excellencia muitos annos* Rio de Janeiro em 21 de Abril  
de1770

*Illustrissimo eExcellentissimo Senhor*Luís

Pinto deSousa Coutinho

((O Bispo)) do Rio de Janeiro



<b>TRANSCRIÇÃO 9- Fólio 1r</b>	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo ACBM-IPDAC-Pasta 177- nº 22A, Caixa 44
ASSUNTO	Carta dos membros do Senado da Câmara de Vila Bela ao capitão general Luís Pinto de Sousa Coutinho comunicando o desentendimento que tiveram com o pároco da Igreja Matriz daquela capital.
LOCAL	Vila Bela
DATA	26 de maio de 1770
ASSINATURA	Autógrafo

*Illustrissimo eExcellentissimo Senhor.*

Temos na presença de *Vossa Excellencia* a grande força, e ezbulho, *que* nos foi feita pelo *Vigario* da Igreja Matriz o

*Reverendo Padre Domingos Gomez* da Costa perturbando-nos

05 da pacífica pose, com *que* sempre estivemos a *Villa* eface do mesmo, e seus Antecessores des de otempo da criação desta *Villa*.

Consiste pois esta, em*que* sendo

no dia 21 de Mayo, enó ((em)) *que* en *que* sahia o Senado

10 (por conta da obrigação, quelhe incumbem) a acompanhar a procissão de preces, e ladinhas, tendo precedido na antevespora do *dito* dia a vizo por carta ao *Reverendo Vigario* da Matriz, *para que* no mencionado dia recebesse este Senado na forma do Costume, e pose e

15 *que* nos conservavamos, sem contradição de peso a Lguma, *que* é de picarem os Sinos, e esperar-nos a porta da Igreja

Sucedeu *que* no *dito* dia sahindo o Senado

em corpo de Camera com o Real Estandarte al

20 guns pasos fora dos Paços do Conselho, e Casas das mães ma principiou o Sino daquela a repicar, não se ouvindo o da Matriz, nem vendo que o *Reverendo Parocho* de La nos estivesse esperando, *para* nos receber.

Admirados

25 da novidade lhe mandamos avizo *para que* fizesse repicar os Sinos, e nos esperasse na *Villa* da nossa pose, ao *que* nos respondeu o *dito Reverendo Parocho que* ((Sa))hisemos ((q))uando q((ui))



## Fólio 1v

quizesemos, porem observando este Senado que  
 o dito Reverendo Parocho ((se)) não resolvia atocar os Sinos  
 30 Iherepetiu o avizo, que teve o efeito do primeiro  
 a rojando-se sem no temerario despotismo, de pro-  
 ferir a indecorosa resposta (indigna de se fazer  
 patente a um Senado) de que governasemos a  
 nosa caza; que ele governava a Sua, e dezemga-  
 35 nado este Senado se recolheu outra ves; com  
 cujo facto não so cometeu força, e violencia es-  
 bulhando-nos da pacifica pose, em que estava-  
 mos, e sempre estivemos por nos, e nosos Anteso-  
 res; mas tambem nos irrogou uma gravissima in-  
 40 juria feita na Praça mais publica desta Villa,  
 e no mayor concurso do povo dela.  
 Sentidos deste fa-  
 cto acordamos desfo((r))çarnos por meyo da acção, que  
 o direito nos permite, por aver de sermos restitui-  
 45 dos anosa pose, a qual se acha ja pendente Em  
 juizo.  
 Logo que o Reverendo Parocho tomou pose  
 da Igreja sahiu este Senado a aestir [[a aestir]]  
 as Exequias do Papa, e não duvidou o Reverendo Pa-  
 50 rocho receber este Senado na forma da sua po-  
 se, e costume, o que agora repugnou fazer com  
 vivos pretextos, e sem fundamento juridico  
 ou talvez mal aconselhado.  
 Damos

Damos esta p. a V. Ex. para q' venda no  
 conteeim. do que tem a respeito, como tambem  
 da dezo. Sias, q' se quiser, e quando esta nao seja  
 do agrado de V. Ex. de tudo se acordarem, se  
 quinh. das Sim. com o mais prof. de V. Ex.  
 Cega vend. o q' V. Ex. nos determinar, de q'  
 se sempre experimentare uma prospera Virgem  
 com Feliz sucesso, como antes de des. jano. 1.  
 Dez. de V. Ex. m. ann. V. Ex. em  
 Camera de 26. de Mayo de 1770

Wms Coms  
 C. Ex. Sr. Luiz de  
 del. Souza Coutinho Governad.  
 Capitão Gen. do Brasil

C. Ex. Indiferente Pardo  
 J. de Oliveira Pombal  
 Antonio de Castro P. Justo  
 Custodio de S. J. de Silva

## Fólio 2r

- 55 Damos esta parte a Vossa Excellencia para que venha no  
conhecimento do que tem acontecido, como tambem  
da resolução, que tomamos, e quando esta não seja  
do agrado de Vossa Excellencia de tudo dezeitaremos, se  
guindo tão somente como mais profundo respeito e  
60 cega vontade o que Vossa Excellencia nos determinar; dezeitam  
do Sempre experimentar e uma prospera viagem  
com feliz suceço, como todos lhe dezeitamos  
Deos Guarde a Vossa Excellencia muitos annos Villa Bella em  
Camera de 26 de Mayo de 1770
- 65 Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Luiz Pinto  
de Souza Coutinho Governador  
e Capitão General do Estado  
<Antonio de Moraes Pacheco>  
<Manoel de Oliveyra Pombal>
- 70 <Antonio Carneiro Peyxotto>  
<Custodio loze da Silva>

Ms 10

1771

Ill<sup>mo</sup> e Ex<sup>mo</sup> Sr<sup>o</sup> Luis Pinto de Siza Coutinho

Quilto meu Sr<sup>o</sup>. Recebi a carta de V. Ex<sup>ta</sup> data-  
da em 3 de Abril e 5 de Junho do anno passado, e querendo sa-  
ber a favor e providencia d'elles, e em sua deley V. Ex<sup>ta</sup> se resolveu es-  
melter a minha invidioza, nao pude agra de persuasem concluir  
quanto do meu dezer. Nao me fante m. al. Ex<sup>ta</sup> q' pella sua alia  
benignid. me queiza dispensar da dita nomeacao de Cam. de P. de  
Paredos desta Vila. A todo o tempo emo dezo, e de todos os v. Ex<sup>ta</sup>  
careceo para as funcoes e ministerio do altar. Nao poderei fazer  
anomeacao sem q' accumule sobre mim cam. repugnante do lado  
de seus amigos, parentes, e pariaes. E ainda q' accao nao seja minha,  
ja mais me poderei justificar. V. Ex<sup>ta</sup> concia q' eu antepo a appa, e  
omias do meu proprio interener, e q' esta virada anda vinda a cam-  
nia, q' deza acertar. Da dita junta pode V. Ex<sup>ta</sup> nomear, quem me  
lho se parecer: q' eu executarei, como devo, a Ordem de V. Ex<sup>ta</sup>. An-  
da q' permita-me V. Ex<sup>ta</sup> dizer tudo pella q' alcancai do seu animo,  
antes accitarao a vida desta Capitania, do q' pararem a esta Capital,  
ca sem aqui, e la sentiremos amosma falta. Do lugar de Guim. Tam-  
bem me pede obaga. succesor por suas molestias. Dizeo m. meu  
P. q' tem criado em S. Vicente tres sacerdotes desta Villa, e q' nao repo-  
decao acoindar, q' mais irao elly com despo e daqui, e q' airo por vio-  
lencia nao sei q' / Ex. Ex<sup>ta</sup> de fazer as preciza desporas.

Do Exercicio do meu Coadjutor nao tento noticia, nem ainda  
esperanca delle bem fundada. Com tudo se V. Ex<sup>ta</sup> quizer, q' elle va pro-  
vido na h. intendo, q' nao teza duvida em accitar, e ja a fim oure aly  
com Paredos. O R. D. de Gomes nao e m. dia me. e  
orou apr. vir, e o aneeid. de outra serviao obriguou a tal excessu.  
Nao mando passar sem obeneplacito de V. Ex<sup>ta</sup>.

De Ex<sup>ta</sup> m. Ex<sup>ta</sup> favoreido abundante m. querendo, q'  
eu virivel m. concia m. grandes effeitos da sua bom dy tinto be-  
nevolencia. Ja agora, q' V. Ex<sup>ta</sup> tem dado para com omu Paredo

TRANSCRIÇÃO 10- Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo ACBM-IPDAC-Pasta 74-nº 1451, Caixa 23
ASSUNTO	Carta do Capelão José Duarte para o governador da Capitania Luís Pinto de Souza Coutinho, solicitando sua dispensa como sacerdote.
LOCAL	Vila Real de Cuiabá
DATA	2 de janeiro de 1771
ASSINATURA	Autógrafo

{1771}

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Luis Pinto deSoiza Coitinho

Muito meu Senhor Recebi as onrozias cartas de VossaExcellencia data= das em 3 de Novembro e 5 Dezembro do anno passado, equerendo sa=

05 tisfazer as providentes ordens, que em huá dellas VossaExcellencia foy servido co= metter à minha inutilidade, não pude aforca de persuazoéns concluir oponto do meu dever.

Rogo incessante mente aVossaExcellencia que pella sua alta

benignidade me-queira dispensar da odioza nomeação de hum dosReverendissimos

10 Sacerdotes desta Freguezia. A todos estimo, como devo, ede todos naverdade careço pasa as funcçoéns, e ministerio do Altar. Não poderei fazer

anomeação sem que accumule sobre mim hum repugnante dezagrado

de seus amigos, parentes eparciaes. E ainda que acção não seja minha,

jâ mais me-poderei justificar. VossaExcellencia conhece, que eu anteponho apâz, ea=

15 uniaõ aos meus proprios interesses, equa esta virtude anda unida a huma=

nidade, que dezeja acertar. Da lista junta pode VossaExcellencia nomear, quem me=

lhor lhe parecer: que eu executarei, como devo, as Ordens de VossaExcellencia Ain=

daque permita-me VossaExcellencia dizer tudo/ pello que alcancei dos seus animos,

antes acceitaraõ a saída desta Capitania, doque passarem a essa Capital,

20 easim aqui, elâ sentiremos amesma falta. Dolugar de Guimaraens tam=

bem me-pede ovigario successor por-suas molestias. Dizem os-meus

P((adres)) que tem estado em Saõ Vicente três sacerdotes dessa Villa, equa não sepo=

deraõ acómodar, quanto mais indo elles com despezas daqui, equa airé por-vio=

lencia não sei quem lhes-há de fazer as precisas despezas.

25 Do Provimento do meu coadjutor não tenho noticia; nem ainda

esperança delle bem fundada. Com tudo se-VossaExcellencia quizer, que elle vá pro=

vido na Igreja, intendo que não terá duvida em aceitar, ejâ assim crece ahý

hum Sacerdote.

O Reverendo Domingos Gomes não hã muitos dias me- es=

30 creveu aprimeira veê, ((evê)) anececidade de outra Provizaõ obrigou atal excesso.

Não mando passar sem obeneplacito de VossaExcellencia

VossaExcellencia me-há favorecido abundantemente querendo, que

eu vizivel mente conheça os-grandes effeitos dasua bem distinta be=

nevolencia. Já agora, que VossaExcellencia tem dado para com omeu Prelado



## Fólio 1v

- 35 testemunho taõ authenticico daSua protecção para com-migo, rogo  
aVossaExcellencia que se não esqueça de Repitição deste grande bem, que me fâs, na=  
o ccaziaõ mais oportuna, que tiver aver se alcanço vida mais pacifi=  
ca, emais civil.  
Confeso ingenua mente a VossaExcellencia que intereso muito
- 40 no restabelecimento da saude deVossaExcellencia equo vigorado com-asua ant=  
iga dispozição me-permitto oonrozo exercicio das ordens de VossaExcellencia  
como fico esperando.  
Deos guarde á Pessoa deVossaExcellencia etcetera  
2 de laneiro de 1771 em Villa-Real doCuyabã.
- 45 *Post Scriptum*  
Abrevidade do ((prior)) eas muitas chuvas  
me estorvaraõ aremessa derapé  
fresco. Cedo terei este gosto  
DeVossa Excellencia
- 50 Omiais inutil, eobrigado Capellaõ  
<lozé Pereira Duarte>

Sacerdoty asistentes nella Cong. de Cuyabá

- Al. João de illm.
- Al. João Mendes
- Al. Manoel de Aguiar
- Al. Fran. Inacio Coaj. V.
- Al. João de Alm. Coaj. V.
- Al. Ant. V. Andre Capel. M. ab.
- Al. João Pomes - Capel. M. ab.
- Al. Ant. de Almeida Capel. M. ab. & Rocio com. m. g. no posto
- Al. Manoel de Albuquerque, serje de Prom.
- Al. Ant. Leite com. m. g. serje de Prom. & Coaj.
- Al. Bento de Andrade, di. q. paduca m. ab.

Diogo José de S. O. etc

## Fólio 2r

Sacerdotes assistentes nesta Freguezia de Cuyabá

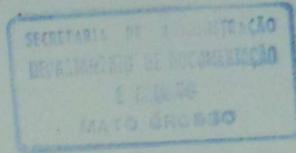
- OReverendo Ioaõ de Almeida }  
 OReverendo Iozé Mendes } Foraõ aqui Parochos, eestaõ enfermos  
 55 OReverendo Manoel da Sylva } pellos annos
- OReverendo Francisco Inacio Coadjutor *Primeiro* } Providos por Sua Excellentissima Reverendissima  
 OReverendo Iozé de Almeida Coadjutor *Segundo* }
- OReverendo Antonio d'Arruda Capelaõ Reverendo ((abjugador)) } Providos pella ((Vossa Iminencia))  
 OReverendo Iozé Ponce- Capelaõ no Juramento }
- 60 OReverendo Antonio da Rocha Capelaõ do Rozario e com molestia no peito  
 OReverendo Manoel de Albuquerque, serve de Prompto.  
 OReverendo Francisco Leite com suas lavras, eutil para os Sacramentos à Cocaes  
 OReverendo Bento de Andrade, dis que padece molestias  
 <OVigario Iozé Pereira Duarte>

Ms 11

1771

5-1-71

Supremo Sr



Hoje que a concessão do Corrente chegou a este Forte o Cabo Fran. Pez. Sr. da deligencia aq. tinha ido a Espanha trazendo tres pretos pertencentes hum a S. Mag. outro a Sr. de Noreña e o ultimo a Sr. d.º Sebastião Cardoso. Eu como meacho a actualmente suprindo as vezes do Sr. Comd.º da Praça, por este meacho me deixei mandar só m.º arcarias q. trouxe o dito Cabo a alcançar ao M.º Sr. Caetano para q. este as conduza por não aver pret. m.º neste Forte em Caracão, egente com a qual se o mesmo referido Cabo individuar a S.º Co.º das Recomendações q. meado Hevia p.º e fia p.º ir nesim domoz.

O mesmo Cabo me deu a noticia de que os Indios de S. Pedro q. conduzirão p.º este Forte a Ant.º de Nacim.º foram fazer hum arrol.º ao Sr. Cura dizendo q. os Portuguezes Heviao portado os Cavallos, e sabendo eu o contrario disto por a brigada q. ja aq. os ditos Cavallos foram vendidos por fazenda com aq. semestração muy.º de l.º pitos, como poderã informar a S.º Co.º Ant.º de Nacim.º, e por tanto ser isto tao falso como.

TRANSCRIÇÃO 11-Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	BR. APMT. FNSC. CA. 0018 CAIXA Nº 001
ASSUNTO	Carta de Antonio José de Figueiredo Tavares ao Governador e Capitão General da Capitania de Mato Grosso Luiz Pinto de Souza Coutinho, tratando de desavenças com os índios da Missão de São Pedro.
LOCAL	Forte de Bragança
DATA	05 de janeiro de 1771
ASSINATURA	Autógrafo

{1771}

{5-1-71}

*Illustrissimo eExcellentissimo Senhor*

Hoje que secontão 5 doCorrente chegou aes=

- 05 te Forte oCabo Francisco lozé Teixeira da deligencia aque tinha ido a Espanha trazendo tres pretos pertensentes hum a Sua Magestade outro aloão lozé deNoronha e oultimo a [[a]]o soldado Sebastião Cardozo: eeu como meacho a [[a]]ctualmente suprindo as vezes do Tenente Comandante
- 10 da Praça, poreste seachar maleito me resolvi aman= dar só mente ascartas que trouce odito Cabo á alcancar ao Alfferes Manoel Caetano para que este as conduza por não aver prezente mente neste Forte embarcação, egente com aqual foce o mesmo referido Cabo individuar
- 15 aVossa Excellencia das recomendaçoens que medes havia feito etica para ir nofim domez.
- O mesmo Cabo medeu anoticia de que (Os Indios de Saõ Pedro que conduzirão para este Forte a- Antonio deNascimento foraõ fazer hum argel aoSeu
- 20 Cura dizendo que os Portuguezes lhe haviaõ furtados os Cavallos; e Sabendo eu ocontrario disto por o briguação que fis achei que os ditos Cavallos foraõ vendidos por fazenda com aqual semostraraõ muy Sa tisfeitos, e o mesmo poderá informar aVossa Excellencia Antonio
- 25 do Nascimento e prezumo ser isto taõ falço como-

147  
 148  
 149  
 150  
 151  
 152  
 153  
 154  
 155  
 156  
 157  
 158  
 159  
 160  
 161  
 162  
 163  
 164  
 165  
 166  
 167  
 168  
 169  
 170  
 171  
 172  
 173  
 174  
 175  
 176  
 177  
 178  
 179  
 180  
 181  
 182  
 183  
 184  
 185  
 186  
 187  
 188  
 189  
 190  
 191  
 192  
 193  
 194  
 195  
 196  
 197  
 198  
 199  
 200  
 201  
 202  
 203  
 204  
 205  
 206  
 207  
 208  
 209  
 210  
 211  
 212  
 213  
 214  
 215  
 216  
 217  
 218  
 219  
 220  
 221  
 222  
 223  
 224  
 225  
 226  
 227  
 228  
 229  
 230  
 231  
 232  
 233  
 234  
 235  
 236  
 237  
 238  
 239  
 240  
 241  
 242  
 243  
 244  
 245  
 246  
 247  
 248  
 249  
 250  
 251  
 252  
 253  
 254  
 255  
 256  
 257  
 258  
 259  
 260  
 261  
 262  
 263  
 264  
 265  
 266  
 267  
 268  
 269  
 270  
 271  
 272  
 273  
 274  
 275  
 276  
 277  
 278  
 279  
 280  
 281  
 282  
 283  
 284  
 285  
 286  
 287  
 288  
 289  
 290  
 291  
 292  
 293  
 294  
 295  
 296  
 297  
 298  
 299  
 300  
 301  
 302  
 303  
 304  
 305  
 306  
 307  
 308  
 309  
 310  
 311  
 312  
 313  
 314  
 315  
 316  
 317  
 318  
 319  
 320  
 321  
 322  
 323  
 324  
 325  
 326  
 327  
 328  
 329  
 330  
 331  
 332  
 333  
 334  
 335  
 336  
 337  
 338  
 339  
 340  
 341  
 342  
 343  
 344  
 345  
 346  
 347  
 348  
 349  
 350  
 351  
 352  
 353  
 354  
 355  
 356  
 357  
 358  
 359  
 360  
 361  
 362  
 363  
 364  
 365  
 366  
 367  
 368  
 369  
 370  
 371  
 372  
 373  
 374  
 375  
 376  
 377  
 378  
 379  
 380  
 381  
 382  
 383  
 384  
 385  
 386  
 387  
 388  
 389  
 390  
 391  
 392  
 393  
 394  
 395  
 396  
 397  
 398  
 399  
 400  
 401  
 402  
 403  
 404  
 405  
 406  
 407  
 408  
 409  
 410  
 411  
 412  
 413  
 414  
 415  
 416  
 417  
 418  
 419  
 420  
 421  
 422  
 423  
 424  
 425  
 426  
 427  
 428  
 429  
 430  
 431  
 432  
 433  
 434  
 435  
 436  
 437  
 438  
 439  
 440  
 441  
 442  
 443  
 444  
 445  
 446  
 447  
 448  
 449  
 450  
 451  
 452  
 453  
 454  
 455  
 456  
 457  
 458  
 459  
 460  
 461  
 462  
 463  
 464  
 465  
 466  
 467  
 468  
 469  
 470  
 471  
 472  
 473  
 474  
 475  
 476  
 477  
 478  
 479  
 480  
 481  
 482  
 483  
 484  
 485  
 486  
 487  
 488  
 489  
 490  
 491  
 492  
 493  
 494  
 495  
 496  
 497  
 498  
 499  
 500  
 501  
 502  
 503  
 504  
 505  
 506  
 507  
 508  
 509  
 510  
 511  
 512  
 513  
 514  
 515  
 516  
 517  
 518  
 519  
 520  
 521  
 522  
 523  
 524  
 525  
 526  
 527  
 528  
 529  
 530  
 531  
 532  
 533  
 534  
 535  
 536  
 537  
 538  
 539  
 540  
 541  
 542  
 543  
 544  
 545  
 546  
 547  
 548  
 549  
 550  
 551  
 552  
 553  
 554  
 555  
 556  
 557  
 558  
 559  
 560  
 561  
 562  
 563  
 564  
 565  
 566  
 567  
 568  
 569  
 570  
 571  
 572  
 573  
 574  
 575  
 576  
 577  
 578  
 579  
 580  
 581  
 582  
 583  
 584  
 585  
 586  
 587  
 588  
 589  
 590  
 591  
 592  
 593  
 594  
 595  
 596  
 597  
 598  
 599  
 600  
 601  
 602  
 603  
 604  
 605  
 606  
 607  
 608  
 609  
 610  
 611  
 612  
 613  
 614  
 615  
 616  
 617  
 618  
 619  
 620  
 621  
 622  
 623  
 624  
 625  
 626  
 627  
 628  
 629  
 630  
 631  
 632  
 633  
 634  
 635  
 636  
 637  
 638  
 639  
 640  
 641  
 642  
 643  
 644  
 645  
 646  
 647  
 648  
 649  
 650  
 651  
 652  
 653  
 654  
 655  
 656  
 657  
 658  
 659  
 660  
 661  
 662  
 663  
 664  
 665  
 666  
 667  
 668  
 669  
 670  
 671  
 672  
 673  
 674  
 675  
 676  
 677  
 678  
 679  
 680  
 681  
 682  
 683  
 684  
 685  
 686  
 687  
 688  
 689  
 690  
 691  
 692  
 693  
 694  
 695  
 696  
 697  
 698  
 699  
 700  
 701  
 702  
 703  
 704  
 705  
 706  
 707  
 708  
 709  
 710  
 711  
 712  
 713  
 714  
 715  
 716  
 717  
 718  
 719  
 720  
 721  
 722  
 723  
 724  
 725  
 726  
 727  
 728  
 729  
 730  
 731  
 732  
 733  
 734  
 735  
 736  
 737  
 738  
 739  
 740  
 741  
 742  
 743  
 744  
 745  
 746  
 747  
 748  
 749  
 750  
 751  
 752  
 753  
 754  
 755  
 756  
 757  
 758  
 759  
 760  
 761  
 762  
 763  
 764  
 765  
 766  
 767  
 768  
 769  
 770  
 771  
 772  
 773  
 774  
 775  
 776  
 777  
 778  
 779  
 780  
 781  
 782  
 783  
 784  
 785  
 786  
 787  
 788  
 789  
 790  
 791  
 792  
 793  
 794  
 795  
 796  
 797  
 798  
 799  
 800  
 801  
 802  
 803  
 804  
 805  
 806  
 807  
 808  
 809  
 810  
 811  
 812  
 813  
 814  
 815  
 816  
 817  
 818  
 819  
 820  
 821  
 822  
 823  
 824  
 825  
 826  
 827  
 828  
 829  
 830  
 831  
 832  
 833  
 834  
 835  
 836  
 837  
 838  
 839  
 840  
 841  
 842  
 843  
 844  
 845  
 846  
 847  
 848  
 849  
 850  
 851  
 852  
 853  
 854  
 855  
 856  
 857  
 858  
 859  
 860  
 861  
 862  
 863  
 864  
 865  
 866  
 867  
 868  
 869  
 870  
 871  
 872  
 873  
 874  
 875  
 876  
 877  
 878  
 879  
 880  
 881  
 882  
 883  
 884  
 885  
 886  
 887  
 888  
 889  
 890  
 891  
 892  
 893  
 894  
 895  
 896  
 897  
 898  
 899  
 900  
 901  
 902  
 903  
 904  
 905  
 906  
 907  
 908  
 909  
 910  
 911  
 912  
 913  
 914  
 915  
 916  
 917  
 918  
 919  
 920  
 921  
 922  
 923  
 924  
 925  
 926  
 927  
 928  
 929  
 930  
 931  
 932  
 933  
 934  
 935  
 936  
 937  
 938  
 939  
 940  
 941  
 942  
 943  
 944  
 945  
 946  
 947  
 948  
 949  
 950  
 951  
 952  
 953  
 954  
 955  
 956  
 957  
 958  
 959  
 960  
 961  
 962  
 963  
 964  
 965  
 966  
 967  
 968  
 969  
 970  
 971  
 972  
 973  
 974  
 975  
 976  
 977  
 978  
 979  
 980  
 981  
 982  
 983  
 984  
 985  
 986  
 987  
 988  
 989  
 990  
 991  
 992  
 993  
 994  
 995  
 996  
 997  
 998  
 999  
 1000

Dou parte a V. Ex.<sup>a</sup> em como me referi-  
 so com conventim.<sup>to</sup> de Comd.<sup>te</sup> da Praia na Cam.  
 a q' hade hir a Espanha e ser ver ao P.<sup>o</sup> Jude  
 Na, e juntam.<sup>te</sup> aodito Curas de S. Pedro, e testi-  
 car. Mas tudo q.<sup>to</sup> se esperão dizer os Indios por suas  
 puora mentira e falsid.<sup>de</sup> e q' omesmo a clarião e  
 demais q' od.<sup>te</sup> P. avia em viado a levar abarran-  
 ca, e a segurar. Ne q' se puzo ser a clarião a V. Ex.<sup>a</sup>  
 neste Forte, q' tinha o Fuzil q' não sabia' os  
 contra as suas Ordens q.<sup>to</sup> V. Ex.<sup>a</sup> nos recomen-  
 dava aboa Comirvença q' aviamos deter com  
 os novos yndios.

Estimarei não Seja

## Fólio 1v

o*que* acumularaõ namesma Miçaõ dizendo *que* no Sitio chamado abarranca, seachava hum *Capitam* Portuques com grande escolta degente, de *que* rezultou des pedirem damesma Miçaõ huá grande tropa de

30 Indios averiguar Seera asim ounaõ o*que* deziaõ em juriando os demais aos Pedestes *que* odito Cabo *Teixeira* avia enviado aLoreto como *Vossa Excellencia* vera da Copia daCarta *que* o mesmo Cabo escreveu ao Ayme ((*rigue*)), eaSua resposta

35 Dou parte a *Vossa Excellencia* em como meresolvo com consentimento do Comandante da Praça na Cano-a *que* hade hir aEspanha escrever ao *Padre* Tude lla, ejuntamente ao dito Cura de *Saõ* Pedro, eserteficar lhes tudo *quanto* lhes foraõ dizer os Indios por huá

40 pura mentira efalcidade e *que* o mesmo achariaõ os de mais *que* odito *Padre* avia enviado arever abarranca, e asegurar-lhe *que* suposto senaõ achava *Vossa Excellencia* neste Forte, *que* tinha oFeciais *que* naõ sabiaõ ir contra as suas ordens *quando* *Vossa Excellencia* nos recomen

45 dava aboa Comvivencia *que* aviamos deter com os nossos vezinhos.  
Estimarei naõ seja

isto do des agrado de S. Ex<sup>a</sup> e Des. G.  
m. ann. Forte de Itapira ca 5 de  
Janeiro 1877

Des. G.

Mmo  
Sr. Des. G.  
Luis Pinto de Souza Coelho

Mais Reverente Subdito

SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO  
DEPT. TERCIO G. DOCUMENTAÇÃO  
E A GVS  
MATO GROSSO

Antonio Leite de Fig. da Paes

**Fólio 2 r**

isto do des agrado deVossaExcellencia que Deos Guarde  
muitos annos Forte deBragança 5 de

50 Janeiro de1771

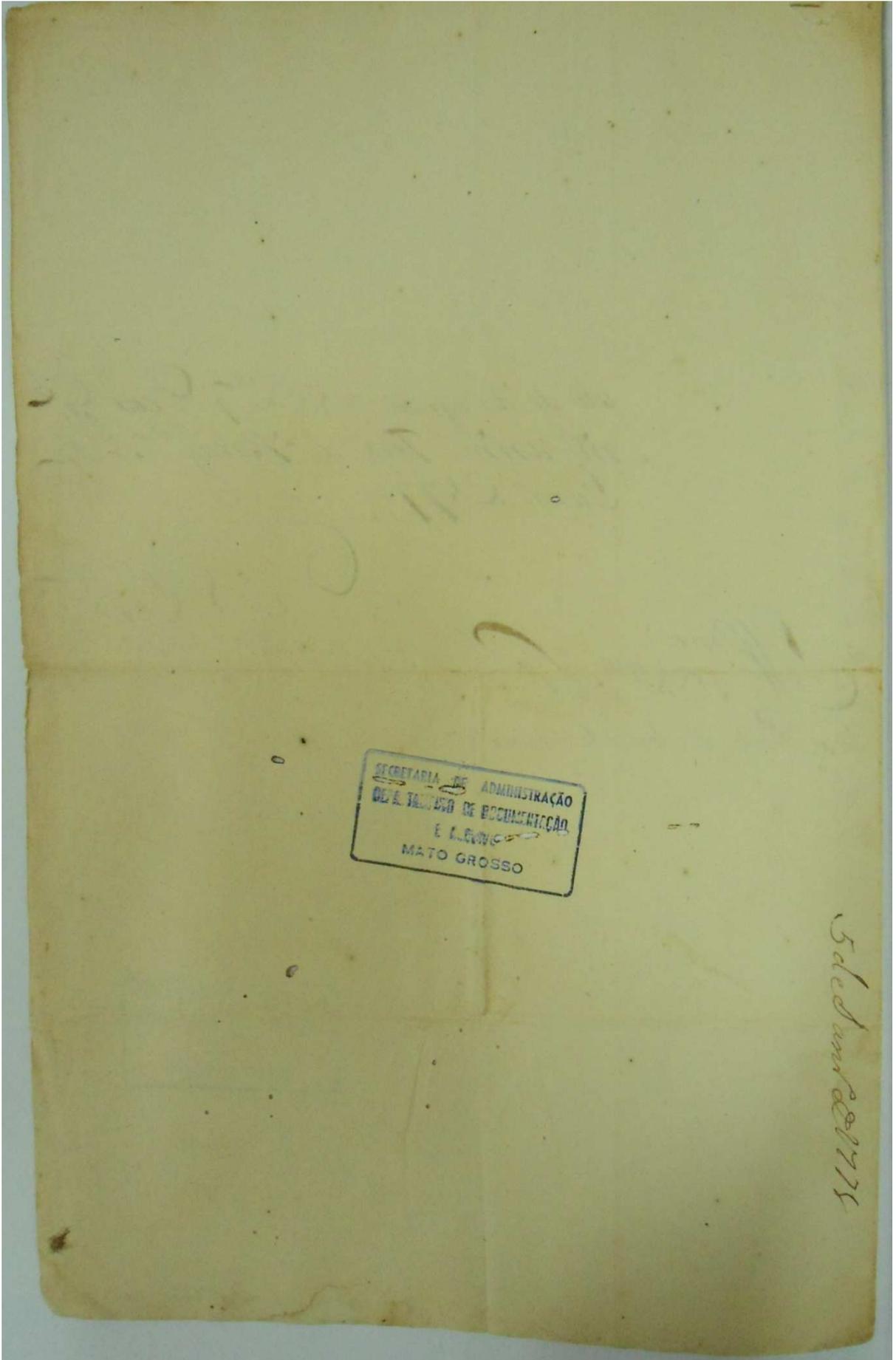
DeVossaExcellencia

Illustrissimo eExcellentissimo Senhor

Lois Pinto deSouzaCoitinho

OMais Reverente Subdito

55 <Antonio lozé deFigueiredo Tavares>



SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO  
DE MATO GROSSO DE DOCUMENTAÇÃO  
E LINGUAGEM  
MATO GROSSO

*Edição 2017/15*

5 de janeiro de 1771

Ms 12

10.879

M. Ex. mo

SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO  
E ARQUIVO  
MATO GROSSO

Dou parte a V. Ex.<sup>a</sup> que na Noite do dia 8 deste  
Mez veio Ignacio Ferr.<sup>a</sup> Marinho, dizerme que  
sua Escrava sua Me tinha dito, que indo lavar Roupa  
de frente da Barra de Itonamas, junto as terras  
de Antonio G... de Escobar, p.<sup>a</sup> donde se tinha  
Mudado Jeronimo Dias Bicudo; disse a dita Es-  
crava que não achará Pessoa alguma no Rancho em  
q.<sup>e</sup> devia estar o dito Bicudo; e que vira sinais de q.<sup>e</sup>  
se tinha depenado. Avez bastantes, e que julgava  
ver elle fugido com toda a sua familia; e man-  
dando eu examinar se assim hera achei ver elle  
fugido; Como tambem Ignacio Per.<sup>a</sup> Leão, com M.<sup>as</sup>  
Irmas, e todos os seus Escravos, levando mais em sua  
Companhia hum Joao Fri, com sua Mulher India,  
Joao Nunes, e Pedro Antonio Carapina todos hospe-  
des, ou agregados do dito Leão; cuja fugida fizerao  
em hua Causa que o Director de Lamego, the tinha  
Emprestado para ter pedido p.<sup>a</sup> Condirir os seus  
Moveis para as terras de Antonio Roiz Per.<sup>a</sup> que são  
no Lugar chamado a Pedreira a serra da Barra de  
Itonamas, com o pretexto de querer lá fazer roca, onão  
na Verinhanca deste Forte, dizendo que o Jado the  
Comia todas as suas Plantas. E julgo que fugiraõ pelo  
Rio Itonamas, em direitura a Magdalena. E unão  
Mandei em seguimento delles por se ter passada ja  
trez dias; porque se julga serem fugido na Noite do  
dia 5 deste; e a mandar seria necessario seguirlos até

SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO  
E ARQUIVO  
MATO GROSSO

TRANSCRIÇÃO 12-Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	BR. APMT.FNSC.CA.0022. CAIXA Nº 001
ASSUNTO	Carta do comandante Manoel Caetano da Silva ao governador e capitão general da Capitania de Mato Grosso Luiz Pinto de Souza Coutinho, tratando da fuga de Jeronimo Dias Bicudo e família.
LOCAL	Forte de Bragança
DATA	10 de agosto de 1772
ASSINATURA	Autógrafo

{10-8-72}

*Illustrissimo eExcellentissimo Senhor*

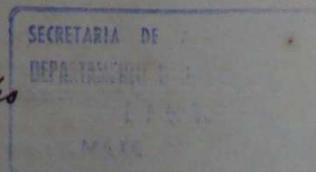
Dou parte a *Vossa Excellencia* que na Noite do dia 8 deste  
Mez veio Ignacio Ferreira Marinho, dizerme que

- 05 {x} hua Escrava sua lhe tinha dito, que indo lavar rou=  
pa defronte da Barra de Itonamas, junto as terras  
de Antonio Gomes deEscobar, para donde setinhas  
mudado Ieronimo Dias Bicudo, disse a dita Es=  
crava que não achará Pessoa alguma no rancho em  
10 que devia estar o dito Bicudo; Eque vira sinaes de que  
se tinhaõ depenado Aves bastantes, e que julgava  
ter elle fugido com toda a sua Familia; Eman=  
dando Eu Examinar se assim hera achei ter elle  
fugido; Como tambem Ignacio Pereira Leaõ, com Ma[(is)]  
15 Irmaõ, etodos os seus Escravos, levando mais em sua  
Companhia hum loaõ *Fernandez*, com sua Mulher India,  
loaõ Nunes, e Pedro Antonio Carapina todos hospe  
des, ou agregados do dito Leaõ; Cuja fugida fizeraõ  
com hua Canoa que o Diretor de Lamego, lhe tinha  
20 emprestado por lha ter pedido para Condizir os seus  
Moveis para as terras de Antonio Roiz *Pereira*, que são  
no Lugar chamado a Pedreira a sima da Barra de  
Itonamas com o perteito de querer lâ fazer roça, enaõ  
na vezinhança deste Forte, dizendo que o Gado lhe,  
25 Comia todas as suas Plantas. Ejulgo que fugiraõ pelo  
Rio Itonamas, em direitura aMagdalena. Eunaõ  
Mandei em seguimento delles por se ter passada já  
trez dias, por que se julga terem fugido na Noite do  
dia 5 destes; Ea mandar seria neçessario seguillos até

Até a Micaõ da Magdalena, ou suas venenhanças,  
 Como julguei não seria do agrado de V. Ex.<sup>a</sup> o seguir  
 los tão perto as Micoens como eu ja os supunha; Verão  
 porque o não fiz. O tal Bicudo se achava ja a dias  
 na tal paragem a sima referida; Como o Leão,  
 sahio deste Sorte no mesmo dia 5 e sem chegar as  
 terras p.<sup>a</sup> donde devia hia Estabalecerse e fazer sua  
 Voca se incorporou com o dito Bicudo, segundo se  
 julgou do Exame que mandei fazer.

Depois destas Noticias me disse o Escrivão da  
 Fazenda, que Ignacio Per.<sup>a</sup> Leão, hera devedor a Fazenda  
 Real, o que eu ignorava, e logo pedi ao Escrivão a Con-  
 ta do que elle devia cuja remeto inclusa p.<sup>a</sup> V. Ex.<sup>a</sup>  
 ver. Os dous Escravos em que se tinha feito penho-  
 ra ao tal Bicudo, p.<sup>a</sup> pagamto de Joã Baptista At-  
 ranha, achão se ainda no mesmo deposito p.<sup>a</sup> se re-  
 meterem à essa Villa em 76.<sup>o</sup> Não mando pr-  
 prender como devia as dous Fiadores do mesmo Bi-  
 cudo; Fran.<sup>co</sup> da 1.<sup>a</sup> Ribeira, e Antonio Gomes de Escobar, por  
 andarem com o trabalho das Vocas por ser o tempo  
 proprio dellas; e para os prender Espero Ordem de  
 V. Ex.<sup>a</sup>. He o q.<sup>o</sup> por hora se me oferece dar parte, e por  
 na presença de V. Ex.<sup>a</sup> q.<sup>o</sup> D. J. G. m. añ. Torre de Brag.<sup>ca</sup>  
 40 de Agosto de 1772 -

M.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sr. Luis Pinto de Souza Coutinho



Manoel Caetano da S.<sup>a</sup>

## Fólio1v

30 Até a Mição da Magdalena, ou suas vessinhanças;  
 e como julguei não seria do agrado de *Vossa Excellencia* o segui  
 los tão perto as Miçoens como eu ja os supunha; rezaõ  
 porque o não fiz. O tal Bicudo se achava ja adias  
 na tal paragem a sima referida; E como o Leão,  
 35 sahio deste Forte no mesmo dia 5 e sem chegar as  
 terras para donde dezia hia Estabelecer-se e fazer sua  
 roça se incorporou com o dito Bicudo, segundo se  
 julgou do Exame que mandei fazer.  
 Depois destas Noticias me disse o Escrivão da  
 40 Fazenda que Ignacio Pereira Leão, herá devedor a Fazenda  
 Real, o que eu ignorava, elogo pedi ao Escrivão a Con=  
 ta do que elle devia Cujá remeto incluza para *Vossa Excellencia*  
 ver. Os dous Escravos em que se tinha feito penho  
 ra ao tal Bicudo, para pagamento de João Baptista A=  
 45 ranha, achão se ainda no mesmo depozito para se re=  
 meterem à essa Villa em *setembro*. Não mando pr  
 prender como devia aos dous Fiadores do mesmo Bi=  
 cudo; Francisco da *Silva Ribeiro*, e Antonio Gomes de Escobar, por  
 por andarem com o trabalho das roças por ser o tempo  
 50 proprio dellas; E para os prender Espero Ordem de  
*Vossa Excellencia*. He o que por hora se me oferece dar parte, e por  
 na presença de *Vossa Excellencia que Deos guarde muitos annos Forte de Bragança*  
 10 de Agosto de 1772  
*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Luis Pinto de Souza Coutinho*  
 55 <Manoel Caetano da Silva>



TRANSCRIÇÃO 13-Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	BR. APMT. CVB.JO.CA.0503. CAIXA Nº 009
ASSUNTO	Carta tratando de roubos, furtos, incêndios e bulhas causados por negros.
LOCAL	Arraial de São Vicente
DATA	23 de Setembro de 1773
ASSINATURA	Autógrafo

{23.9.-73}

Senhor Luis ordinario Francisco Xavier Antaõ

- Por ver os moradores deste Arraial timidos por cauza de huns negros fugidos, e de proximos outros sucessos para mais
- 05 em timidar os moradores me óbriga fazer esta ranacoes avossamerce prostandome aos pes devossamerce com ella que onão faço pessoal mentes por themer naminha auzença algú em sar to de roubo ofogo nas cazas por cujo motivo espero- em vossamerce me releve alguá falta que em mim ouver por sua
- 10 benignidade
- Senhor a 12 do corrente pelas quatro oras da tarde aqui fizeraõ osnegros huá bulha apartouçe com trabalho e no mesmo dia de noite pellas oito onove do
- 15 noite travaraõ outra com tanto rumor; ebotaraõ aporta dascazas deAntonio Mendes Santiago a abaxo a rombar com os gritos e alaridos e pormetendo botar fogos aas cazas em forma que acudiraõ todos com muito trabalho he que seaqueataraõ que senas via senaõ facas depontas e facoins eporretes equando foi a 21 do corrente pellas d((uas))
- 20 oras datarde formaraõ outra que senaõ via senaõ ne gros armados e detal sorte brigavaõ huns com os outros que com muito custo seapazigou pois elles como esta vaõ armados naõ sepodiaõ chegar a elles por naõ esper mentar alguá desatenção que fizeçe aos homens que acudi
- 25 cem que chegaçe apor fogo aascazas aSim estaõ os tais negros com tal soberba que todos estaõ timidos e elles como saõ de homens ricos naõ Selhedaõ dizem que sematarem outro negro seu Patraõ tem bem ouro para pagar Em forma que estamos espermentando os furtos de cria



30 [[os furtos]] nas [[cria]]ções e temendo algú  
 desatino pois a fiuza dos fugidos os que  
 não andaõ estaõ furtando aSim porcos  
 como cabras, equalinhas dentro do Arraial  
 pois toda noite andaõ, e por ver os mora  
 35 dores estes desatinos se resolveraõ afazer  
 huá proposta ou na ração ao *Illustrissimo excellentissimo*  
*Senhor* antes *que* chegue a mayor extremo que  
 em huá noite o dia Sealevante os negros co  
 m os moradores.  
 40 Tambem *Senhor* eu Se  
 menaõ emguano ouvidizer *que* não poderia  
 hir negros aaslavras de*Santa Anna que* estara da  
 qui duas Legoas *que* hera prohibido ellas oje  
 vaõ llá huas aojornar; e outras com quitandas  
 45 forras ecativas gastaõ semanas; e mezes  
 metendoçe pellas sanzalas dos negros  
 dos homens e por eSa cauza naçe toda  
 a ruina de bulhas ependençia huns com  
 os outro motivo *que* hera bom por hvirçe  
 50 aellas eas *que* llá fouçe serem castigadas para  
*que* vivaõ com mais quietação os negros em  
 forma seVossasmerces não puzerem os olhos  
 nisto Sedo ficara isto tomado dos Negros  
*que* eu já contei aVossamerce de hú em Surto que  
 55 fizeraõ aos sordados do capitam do mato dahy  
 para cá estaõ sorberbos, e andaõ armados, e

SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO  
E ARQUIVO  
MATO GROSSO

Co do Reparecem com ariço do fogo dando  
salva pelo meyo do brr. Como esta isto  
estado não me anime a desempasar a claratem  
noo alqu' cubo do fogo nas caray e espero q' em  
de sua parte obre com piedade atendendo a d'isso  
em q' esta isto ficando a minha d'ont. l'ugeito  
a d'per seito d'elm. no q' me d'idenar.

D. a l'm. G. m. an. Arr. de Bay  
Vicente 23 de Apr. 1843



De l'm.

M. atento e venerado e c.

Franc. das Sylvas F. de A. P.

## Fólio 2r

E *quando* lheparecem com armas de fogo dando  
Salvas pelo meyo do *Arraial*, E como esta isto n((o))  
estado não meanimo adesemparar acazate((me))  
60 ndo algú roubo ofogo nas cazas, e espero *que* Vossamerce  
deSua parte obre com piedade atendendo ao risco  
em *que* esta isto ficando aminhavontade sugeito  
aos perseitos devossamerce no*que* me ordenar.  
Deos aVossamerce *Guarde muitos annos Arraial deSaõ*  
65 Vicente 23 de *Setembro de*1773  
Devossamerce  
Mais atento Venerador e*Criado*  
<Francisco daSylvaRib((eiro))>

Ms 14

resposta -

M<sup>ms</sup> E<sup>ms</sup> S<sup>ms</sup>

Em accusa dos ordens de la Real Audiencia de Sevilla  
 pella denuncia de Don M<sup>o</sup> Fran<sup>co</sup> de la Cruz, Comisario de  
 pava desta Real Audiencia de Sevilla, de las palabras q<sup>ue</sup> dix por offerir a D<sup>o</sup> B<sup>o</sup>  
 Wente de Estrada, Br<sup>o</sup> de cierta Real Audiencia de Sevilla, contra  
 el Magistrate de Augustina de El Rey, e D<sup>o</sup> S<sup>o</sup>; estando  
 quiriendo por testimonio de Cap<sup>o</sup> Miguel Arce, e  
 e el q<sup>ue</sup> se dice Don Juan de la Cruz, indicados pella dita  
 denunciante, de p<sup>er</sup> a quelle q<sup>ue</sup> D<sup>o</sup> B<sup>o</sup> estando en su  
 casa conversando con Fran<sup>co</sup> de la Cruz, e otros q<sup>ue</sup>  
 a may, entre ellos Comisario desta Real Audiencia de Sevilla  
 p<sup>er</sup> el d<sup>o</sup> de la Cruz, q<sup>ue</sup> nueve m<sup>es</sup> de la via de la Cruz  
 de la test<sup>o</sup> de Don Juan de la Cruz, q<sup>ue</sup> se dice q<sup>ue</sup> D<sup>o</sup> B<sup>o</sup>  
 de palabras q<sup>ue</sup> se ha de decir en el Rey e otras dize  
 q<sup>ue</sup> se faren alontien, ou q<sup>ue</sup> faren alontien = res  
 ferindo se a las palabras q<sup>ue</sup> se a res<sup>ta</sup> de la Cruz, e  
 rida, e q<sup>ue</sup> se ha de decir de la Cruz, e otras dize  
 dity en ludibris da Real Audiencia de Sevilla  
 no q<sup>ue</sup> se denunciantes de esta denuncia pella  
 D<sup>o</sup> faren d<sup>o</sup> justificas judicial em q<sup>ue</sup> perteca  
 justificas q<sup>ue</sup> denunciantes era pessa q<sup>ue</sup> estumau  
 perder q<sup>ue</sup> juizo con el d<sup>o</sup> de la Cruz, a testemunia  
 de la Cruz, e otros de p<sup>er</sup> a q<sup>ue</sup> se sobre D<sup>o</sup> pronunciar  
 a las palabras q<sup>ue</sup> se ha de decir de la Cruz = sin tambien  
 no se denunciantes de esta denuncia con la Cruz, e otros  
 de algunos instantes de la Cruz, e otros de la Cruz, e otros  
 de la Cruz = e q<sup>ue</sup> se ha de decir de la Cruz, e otros de la Cruz  
 de la Cruz = a test<sup>o</sup> de la Cruz, e otros de la Cruz, e otros  
 sin tambien indicados pella denunciante de p<sup>er</sup> a q<sup>ue</sup>  
 se attendera p<sup>er</sup> a principios da disputa de la Cruz, e otros  
 de la Cruz, e otros de la Cruz, e otros de la Cruz, e otros

<b>TRANSCRIÇÃO 14-Fólio 1r EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA</b>	
<b>CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO</b>	Fundo-ACBM-IPDAC-Pasta 177-nº 10A
<b>ASSUNTO</b>	Carta do Juiz de Fora de Cuiabá, João Batista Duarte, ao capitão general Luís de Albuquerque de Mello comunicando ter feito denúncia contra o Reverendo Bento de Andrade.
<b>LOCAL</b>	Cuiabá
<b>DATA</b>	20 de novembro de 1774
<b>ASSINATURA</b>	Autógrafo

{respondida}

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*

- Em execução das ordenas de Vossa Excellencia procedi adevassa pella denuncia que deo Manoel Francisco daSilva como procurador do
- 05 povo desta Villa das palavras que diz profferira o Reverendo Padre Bento de Andrade Oliveira em certa oCaziaõ contra Magestade Augusta de El Rey Nosso Senhor; e sendo i((n)) quiridos por testemunhas oCapitam Miguel loze Rodrigues e oCappitam loze Gomes daSilva indicados pello dito de
- 10 nunciante, depõz aquelle, que o dito Padre estando em sua caza conversando com Francisco Xavier daSilva Pereira e outras p((alavr)) as mais, entre ellas começára certa disputa sobre procedimento da lustiça que nesse meio tempo se havia feito que elle testemunha somente precebêra dizer o refferido Padre Bento
- 15 as palavras seguintes= lá se deraõ em El Rey e emtaõ dizem que cá fazem eacontecem, ou que fazemos eacontecemos= ref ferindo-se as palavras la ecá a respeito [ilegível] Ame rica, e que elle não percebeo serem as mesmas palavras ditas em ludibrio da Real Pessoa de Sua Magestade ((fi))
- 20 nalmente que o denunciante dera esta denuncia pello Padre fazer hũa justificação judicial em que pert((enda)) justificar que o dito denunciante era pessoa que costumav((a)) perder o juizo com ovicio dabebida: atestemhunha oCapitan loze Gomes depõs que o sobredito Padre pronunciara
- 25 as palavras seguintes na refferida ocaziaõ= sim tambem la no Reyno sedá em El Rey con ((lacon pão))= eque pas[(sa)] dos algunê instantes dicera mais a seguinte= em El Rey nosso ((A))mo= e que elle testemunha na mesma oCaziaõ estava jun to do dito Padre: a testemunha o Alferes Gaspar Luiz du[ilegível]
- 30 rin tambem indicado pello denunciante depõs q((ue)) só attendera para oprincipio dadisputa eque não ((te)) ra apretencaõ no mais que haviaõ dito: alguãs

may test. inquirida segun de algun modo app. test. a  
 Cap. Miguel de la Cruz: sueray segun de seg. a  
 Cap. D.º de Soria, por el declaro q. nas ten. emb. ca.  
 de pessa ad. q. olivares. Ista le en suma de content.  
 de vada; Na qual nas de prieras a best. a. Cap. D.º de  
 ad. de laosta vale e. Chan. x. ex. ad. Br. tambien  
 indicay pello denunciante como p. r. eniador de  
 d. to. Cap. por de alaron aux. En tempo q. f. de esta  
 Cap. e. to. por de seg. de p. s. m. e. n. t. y. de p. s. d. e. r. i. a. a. l. e. r. i. :  
 que ad. to. Cap. e. q. thudo p. n. t. o. n. o. p. r. e. z. d. a. l. l. e. x. a.  
 q. m. e. d. e. t. e. r. m. i. n. e. e. q. f. o. l. d. e. r. v. i. d. o. e. e. s. t. e. r. r. e. s. p. t. o. j. u. r.  
 a. Caura nas ten. fixado ad. ita de vada, e. n. a. p. r. o.  
 r. a. r. i. a. s. e. s. p. e. r. o. e. y. o. r. d. e. n. y. d. e. e. l. l. e. x. p. e. x. e. c. u. t. a. d. o. s.  
 fue for mandado.

Deus D.º de Cap. D.º de  
 Cap. D.º de de Br. de 1729 a

Jms Com. Jor.  
 e. Ex. Jor.  
 Juez de Albuquerque  
 de l. l. l. l. Br. de laury

J. Juez de Pora. Jvas. Br. D.º de Quarte.

## Fólio 1v

- mais *testemunhas* inquiridas seguen dealgun modo a *primeira testemunha*  
o *Capitán* Miguel loze Roiz; outras seguem a *segunda*
- 35 o *Capitán* loze Gomes, poren deitaraõ *que* não tem *lembrança*  
da pessoa aquen o ouviraõ dizer. Isto he em suma o *que* conten  
a devassa; na qual não sepozeraõ as *testemunhas* o *Capitán* loaquin  
*Xavier da Costa Vale* e *Francisco Xavier da Silva Pereira* tamben  
indicados pello denunciante como prezenciadores do
- 40 dito cazo por se acharem auzertes ha tempos fora desta  
*Capitania* e so por Seos depoimentos se poderia averi=  
((g))uar odito cazo: *eque* tudo ponho na *prezença* da *Vossa Excellencia*  
((a)) *que* medetermine o *que* for servido a este respeito por  
((ess))a cauza não tenho fixado adita devassa, e na *primeira*
- 45 ((o)) Caziaõ espero as ordeñs de *Vossa Excellencia* para executar o *que*  
me for mandado.  
Deus *Guarde* a *Vossa Excellencia* *muitos annos*  
Cuyaba 20 de *novembro* de 1774 *anno*  
*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*
- 50 Luiz de Albuquerque  
de *Mello Pereira* e *Caceres*  
<O Luiz de Fora loã Baptista Duarte>



TRANSCRIÇÃO 15-Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	BR. APMT.QM. TM.CA.1283 CAIXA Nº 019
ASSUNTO	Carta de Antonio José Pinto de Figueiredo ao governador e capitão general da Capitania de Mato Grosso Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres sobre a Povoação de Albuquerque.
LOCAL	Cuiabá
DATA	30 de novembro de 1784
ASSINATURA	Autógrafo

{Respondido} —

Illustrissimo eExcellentissimo Senhor

{30-11-84}

Em-25-do presente recebi adeVossa Excellencia Com

05 adata de-6- do mezm, e lunta mente as cartas para aPura  
 ção deAlbuquerque Coimbra nova, e Capitam lozê Pereira  
 Nunes aqual foi logo entregue; Ficou de ao meu

cuidado executar tudo, quanto Vossa Excellencia me de termina.

Remeto aVossa Excellencia aincauta carta doSargento mendez

10 para que Vossa Excellencia veia o estado emque seacha atão reco  
 mendavel Povoação eaumento que vai ((laborando))

nella, menor no ponto princepál deSacerdote-

para admenistrar o porto espirital amais de

200-pessoas que seachaõ naquelles dois estabaleci

15 mentos ((desuas do)) prezuncioal ter sido este indiscul

pavel descuido dezagradavel aDeos o dicto aVossa Excellencia

e mais que escandalos atodo este povo.

Eu ((Superintendente)) deVossa Excellencia tenho rogado muitas tenho rogado

pedido, eSuplicado que se exeCutem as prestadissi

20 mas ordens deVossa Excellencia aeste res peito ao depois

lhe apresentár hú Capitulo daCarta deVossa Excellencia em

que o determina ao qual se me responda que tem

no miado, e nada mais; confeço aVossa Excellencia que não-

posso mais, quando em lançarme com ella ((ellasti))

25 cos de ((corda)) Vossa Excellencia aplicarlhe as settenças eproviden

cias, pois que as circunstancias, ((conclusidade)) aSim

o ja sam.

Remeto as cartas incluzas que vieraõ doRio

delaneiro ao dipois de ter partido com atropa

30 oDragão Ignacio lozê Pinto, e felo deaCordo as

que chegarem fazer lhe o mezm.

Deos Guarde aSua Magestade eExcellentissima pessoa deVossa Excellencia

Cuyabá a 30 novembro de de1784

Illustrissimo eExcellentissimo Senhor Luiz

35 deAlbuquerque de Mello Pereira eCaCeres.

<Antonio lozê Pirtto deFigueiredo>

Ms 16

20-4-87

S<sup>mo</sup> e Ex. Senhor

Depois que em Sant. tive a honra de escrever a V. Ex.<sup>a</sup> não tomei a repetir esta diligencia the o presento, por me persuadit q' não havendo mais necessid' não devia importunar a V. Ex.<sup>a</sup> tirando-lhe o tempo, tão necessario p.<sup>a</sup> a expidias' de multiplicados negocios de q' V. Ex.<sup>a</sup> actualm.<sup>te</sup> se v<sup>o</sup> occupa; mas agora que no dia 26 do presente meo por noite recabi huma Sycinta de V. Ex.<sup>a</sup> com duas Cartas p.<sup>a</sup> a Camara em huma das quas nos determina V. Ex.<sup>a</sup> que se faças os devidos festejos pelo feliz Despozorio de serenissimo Senhor Infante de Portugal e Castella, a que ja se deu principio no dia de hontem com Luminarias, sendo o ultimo d' de amanhã em q' o Sr. V. Brig.<sup>o</sup> far Cantad na Matriz Te Deum com assistencia do Senado; e em outra nos participa V. Ex.<sup>a</sup> a insupersissima noticia do fallecim.<sup>to</sup> do Senhor Rey D. Pedro 2.<sup>o</sup> para demoraçao de Cujos sentim.<sup>to</sup> publicos esta destinado p.<sup>a</sup> primeiro o dia 2.<sup>o</sup> ff.<sup>a</sup> 23; mas agora digo, que por occasiao destas mesmas Cartas se suscitou huma duvida politica; sobre a qual necessario de promptissima deszaõ de V. Ex.<sup>a</sup>, vejo-me obrigado a adiantar esta por Carta q' p.<sup>a</sup> este fim faze partiv.

O Capitão D. João de Vasconcelos q' o anno presente sahio por sobre Empenhado para festejar neste o Divino sp.<sup>o</sup> tinha p.<sup>a</sup> este fim destinado alem da festa propria de Ia. Ig.<sup>a</sup> outras Festejas muy como Cavalladas, Comidias, danças, e mezeras, p.<sup>a</sup> as ja tinha adelantado unta de V. Ex.<sup>a</sup> adiantado se tudo m.<sup>to</sup> adiantado, e alle com alguma dispesa; mas como estas Cozas supozse sejam birigidas a fazerse muy plausivel a Festivid.<sup>e</sup> do Senhor São Contado profano, mandei chamar o Sr. Cap.<sup>o</sup> e lhe expuz a inquietacao em q' me achava p.<sup>a</sup> occasiao de principias d' d'ulo, e aquelles festas serem na maior fozza delle; e q' eu desjava q' elle recorre a V. Ex.<sup>a</sup> p.<sup>a</sup> eu não ser senturado de consentido effectuarem se as mencionadas festejas: p.<sup>a</sup> com indecisa representando as supozas ja feitas, o malho perdido, e o suposto geral q' haveria; mas que lantecia o melindre do negocio,

TRANSCRIÇÃO 16-Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	BR. APMT.CVC JF.CA.0628 CAIXA Nº 011
ASSUNTO	Carta do juiz de fora Diogo de Toledo Lara Ordonhes ao governador e capitão general da Capitania Luíz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, tratando de festas, luto e outros assuntos em resposta às cartas recebidos do governador.
LOCAL	Vila do Cuiabá
DATA	20 de abril de 1787
ASSINATURA	Autógrafo

{Respondido} Illustrissimo e Excellentissimo Senhor

{20-04-87}

Depois que em laneiro tive a honra de escrever a *Vossa Excellencia* não tornei a repetir esta deligencia the o presente por me persuadir

- 05 *que* não havendo maior neccessidade não devia importunar a *Vossa Excellencia* tirando-lhe o tempo, taõ neccessario para a expidição dos multiplicados negocios, de *que Vossa Excellencia* actualmente Se vê cercado; mas agora que no dia 16 do presente mez por noite recebi huma suscinta de *Vossa Excellencia* Com duas Cartas para a Camara, em humas das quaes nos determina *Vossa Excellencia* que
- 10 se fação os devidos Festejos pelos felices Despozorios dos Serenissimos Senhores Infantes de Portugal e Castella, a que ja se deu principio no dia de hontem Com Luminarias, Sendo o ultimo o de amanhã em *que* o Reverendo Vigario faz cantar na Matriz Te Deum Com assistencia do Sennado; e em outra nos participa *Vossa Excellencia* a infanstissima noti
- 15 cia do fallescimento do Senhor Rey Dom Pedro Segundo, para demonstraçaõ de cujos sentimentos publicos está destinado para primeiro o dia segunda feira 23; mas agora, digo, que por occaziaõ destas mesmas Cartas se sujeitou huma duvida politica, sobre a qual neccessito de promptissima decizaõ de *Vossa Excellencia* vejo-me obrigado a adiantar esta por Parada *que* para
- 20 este fim faço partir.  
O Capitaõ loze de Vasconsellos *que* o anno preterito sahio por sorte Emperador para festejar neste o Divino *Espirito Santo* tinha para este fim destinado alem da festa propriamente da Igreja outros Festejos taes como Cavalhadas, Comedias, danças, e ((mostras)), para o *que* ja tinha
- 25 alcançado venia de *Vossa Excellencia* achando se tudo muito adiantado, e athe com alguma dispeza: mas Como estas Couzas supposto sejaõ dirigidos a fazer-se mais plauzivel a Festividade do Senhor Saõ Com tudo profanas mandei chamar o dito Capitaõ a the expor a inquietaçaõ em *que* me achava por occaziaõ de principiar o Luto, e aquellas festas serem na maior
- 30 força delle *equ*e eu dezejava *que* elle recorra a *Vossa Excellencia* para eu não ser sensurado se Consentisse effectuarem se os mencionados festejos: ficou indecizo, representando as dispezas ja feitas, o trabalho perdido, e o disposto geral *que* haveria; mas que conhecia o melindre do negocio,

e que estava pelo q' eu determinasse. Depois de varias ponderações atten-  
 tei q' por ora não se introduzisse outra alguma; pois q' talvez no emtanto  
 appareceria esta da Capital q' nos fizesse resolver com mais acerto aq'le  
 sup. Eu sei com effeito q' todo o q' com summo de contentamento  
 com o recibo de q' não haja o q' esperava. Os meninos q' também fe-  
 ziam o Divino sp. a. t. também preparavam Comedia e danças: e o Sr. D. João  
 Alvarado em outros p.ºs de q' pretendem festejar N. S. do  
 Rosario, e S. Benedicto. Em Cuyto tempo eu rogo a U. Ex.  
 queira ter a Bondade de tirar-me de se aperto em que me vejo  
 ordenando-me o que devo obrar, e fazendo com q' a seguinte cheque  
 a tempo de de eu virar o d.º festejor com o nome de U. Ex.  
 de q' differença, sendo q' a do agrado de U. Ex.<sup>o</sup>, para o que tomo  
 o expediente de não fazer saber a pessoa alguma, que exerce so-  
 bre este ponto a U. Ex.

Achar-me em Cocay em Fim.º de  
 o particular gosto de receber a Carta de U. Ex.<sup>o</sup> datada a 26 de  
 Dezembro, e com ella a Portaria, pela qual U. Ex.<sup>o</sup> determinava ao  
 M.º de Campo Comm.º q' não deve dar, ou Passaporto a pessoa  
 alguma q' não apresentasse Folha Corrida. Esta ordem he uti-  
 lissima, e p.º não haver queixa de dignidade não pretendo levar aq' signa-  
 tura do m.º.º assim como ja pratiquei com hum P.º e P.º  
 q' foram pelo Rio, ao qual mandei correr folha toda junta p.º  
 não gajassem. Hoje mesmo me Contou o Sr. Manoel de Al-  
 buquerque q' presente m.º.º se acha nesta villa (e isto ja eu sabia)  
 q' em Dezembro passava pela sua Fazenda de jornada p.º. Goya-  
 zy & Criminosos, entre os quays ha hum celebre Sr. Ber-  
 nardo. Estes dois suppos q' foram sem guia, e que passavam  
 p.º fora do Regido, donde ha bastante duvida, como he notorio,  
 e o Sr. D. Padre me diz q' todos os annos foje m.º.º gente de  
 lay Minor, ha bem p.º.º d.º q' U. Ex.<sup>o</sup> manda observar  
 naquella passagem o Ordem em todo o seu rigor, e de contrario  
 Capital o duvido de sua Com.º. Contem me mais o

## Fólio 1v

e que estava pelo *que* eu determinasse. Depois de varias ponderaçõens assentei *que* por ora não se innovasse Couza alguma; por *que* talvez no em tanto appareceria Carta da Capital *que* nos fizesse rezolver Com mais acerto a esse respeito. Eu sei com effeito *que* todos estão com summo des contentamento Com o receio de *que* não haja o *que* esperavaõ. Os meninos *que* tambem festejaõ o Divino *Espirito Santo* tambem preparavaõ Comedia e danças: e os Pretos cuidavaõ em outras *para* os dias, em *que* pertendem festejar Nossa Senhora do Rozario, e Saõ Benedicto. Em cujos termos eu rogo a *Vossa Excellencia* queira ter a Bondade de tirar-me deste aperto em que me vejo ordenando-me o que devo obrar, e fazendo com *que* a resposta chegue a tempo ou de eu evitar os *ditos* festejos com o nome de *Vossa Excellencia* ou de os disfarçar, sendo assim do aggrado de *Vossa Excellencia* para o que tomo expediente de não fazer saber apessoa alguma, que escrevo sobre este ponto a *Vossa Excellencia*

Achando-me em Cocaes em *Fevereiro* tive o particular gosto de receber a Carta de *Vossa Excellencia* dattada a 26 de Dezembro, e com ella a Portaria, pela qual *Vossa Excellencia* determinava ao *Mestre* de Campo *Commandante* *que* não desse Guias, ou Passaportes a pessoa alguma *que* não appresentasse Folha Corrida. Esta ordem he utilissima, e *para* não haver queixa de dispeza não pertendo levar assignatura dos moradores, assim como ja practiquei com huns Pilotos e Proeiros *que* foraõ pelos Rios, aos quaes mandei correr Folha todos juntos *para* não gastarem. Hoje mesmo me contou o Reverendo Manoel de Albuquerque, *que* prezentemente se acha nesta villa (e isto ja eu sabia) *que* em Dezembro passaraõ pela sua Fazenda de jornada *para* Goyazes 4 criminozos, entre os quaes hia um celebre loaõ Bernardes. Estes deve suppor *que* foraõ sem guia, e que passaraõ por fora do Registo, honde ha bastante descuido{x}, Como he notorio, e o sobredito Padre me diz *que* todos os annos foje *muita* gente destas Minas; hà bem *para* dezejar *que* *Vossa Excelencia* mande observar na quella passagem as ordens em todo o seu rigor, e do Contrario

Castigar o descuido do Seu *Commandante* Contou me mais o

referido Padre (e se eu tambem ja sabia) q. em Fev. foi em Com-  
panhia dos Soldados q. voltaram p.º. Topyary, hum mulato chama-  
do Manoel da Silva, p.º. de hum Pedro da S.ª q. tambem p.º. al-  
cunha chamao Pedro Cavalle, o qual mulato em Jan.º. tinha  
feito huma morte nesta U.ª semam Commum Com outro mulato q.  
de esta recluso na Cadea; e mytton o seu Vapaposte ao mesmo  
Padre; e isto a tempo q. ja a Ordem de U.ª. estava em poder  
da M.ª. de Campo, a q.º. todavia me persuadio se pideria o P.º. Pappa-  
posta debaixo de nome supposto, ou q.º. o concedeu ignorando que  
o d.º. mulato era o aggressor da morte de q.º. publicam.º. o acen-  
zavua. Tenho recolhido alguns Criminosos a Cadea, por em  
esta esta tad chea, que sempre esta receando algum assom-  
bante, Como hia acontecendo no fim do mez passado, em q.  
p.º. acoso nas fugidas udy y pruzay.

No mesmo Lugar de  
Cocay recebi outra Carta de U.ª. Com data de 13 de Jan.º.  
e incluro a que verso a seguinte, do Ex.º. mo Int. Gen.º.  
de Topyary: eu sem oppor a resposta de U.ª. sobre o q.  
tinha q.º. executado a q.º. suposto, fiz promptam.º. Com q.º. aquelle  
Ex.º. mo Int.º. q.º. tanto se interessou pela honra do seu official  
ficasse inteiram.º. satisffeito; por q.º. escrevi ao mesmo Ex.º. De-  
putado da Junta Com a mesma formalid.º. q.º. eu seria obsequioso  
nas havendo as antecedencias que houveram: tudo p.º. Carayri  
Com a bondade de U.ª.

O Cabo Manoel Bre de M.º.  
q.º. aqui chegou a 11 do mez passado entregou me 3 Cartas  
de U.ª. Com datas de 16 e 20 de Fev.º. na ultima das  
quay me fazia U.ª. a honra responder a hum m.º. em que  
outra p.º. Albas Vinto Luedey; a cujo suposto nao me a-  
trouva a dizer mais a U.ª. se nao q.º. me lizo e respondendo  
m.º. de oter feito; ficando U.ª. q.º. se eu tivesse y meymay  
ideay q.º. agora tenho sobre o seu delicto, me nao arievera  
nem ainda a fallar nele a U.ª. q.º. estava em todos

## Fólio 2r

o refferido padre (o *que* eu tambem ja sabia) *que em* Fevereiro foi em Companhia dos soldados, *que* voltaraõ para Goyazes, hum mulato chamado Manoel da Silva, *filho* de hum Pedro da Silva *que* tambem por alcunha chamaõ Pedro Cavallo, o qual mulato em Janeiro tinha

70 feito huma morte nesta villa de mam Commum Com outro mulato *que* se acha recluzo na Cadêa; e mostrou o seu Passaporte ao mesmo Padre; e isto a tempo *que* já a ordem de Vossa Excellencia estava em poder do Mestre de Campo, a *quem* todavia me persuado se pederia o dito Passaporte debaixo de nome supposto, ou *que* o Concedeu ignorando *que*

75 o dito mulato era o aggressor da morte de *que* publicamente o accusavaõ. Tenho recolhido alguns Criminozos a Cadêa, porem esta está taõ chea, *que* sempre estou receando algum arrombamento como hia acontecendo no fim do mez passado, em *que* por acazo não fugiraõ todos os prezos.

80 No mesmo Lugar de Cocaes recebi outra carta de Vossa Excellencia com datta de 13 de Janeiro e incluza o *que* torno a restituhir, do Excellentissimo Senhor General de Goyazes: eu sem esperar a resposta de Vossa Excellencia sobre o *que* tinha escrevido a este respeito, fiz promptamente Com *que* aquelle

85 Excellentissimo Senhor *que* tanto se interessou pela honra do seu official ficasse inteiramente satisfeito; por *que* escrevi ao mesmo Escrivam Deputado da Junta Com a mesma formalidade *que* eu teria observado não havendo as antecedencias, *que* houveraõ: tudo para Cumprir Com a vontade de Vossa Excellencia.

90 O Cabo Manoel loze de ((Azevedo)) *que* aqui chegou a 11 do mez passado entregou me 3 cartas de Vossa Excellencia com dattas de 16 e 20 de fevereiro na ultima das quaes me fazia Vossa Excellencia a honra responder a huma mesma em *que* orava por Elesbaõ Pinto Guedes; a Cujo respeito não me a-

95 trevo a dizer mais a Vossa Excellencia se não *que* me Curvo e me arrependo muito de o ter feito; ficando Vossa Excellencia *que* se eu tivesse as mesmas ideas *que* agora tenho sobre o seu delicto, me não atreveria nem ainda a fallar nelle a Vossa Excellencia *que* sei obra em tudo

Com o maior acerto, e quidade, e justiça.

Deby já mencion-  
 dos do V. Ex. que se referia ao p.<sup>o</sup> Jovary, remetti a Carta de U. Ex.  
 p.<sup>o</sup> 5. do Sr. Sen. de S. Paulo, de vigintia de Dezembro.  
 Jora Carlos Pereira, a quem se as maiores recommendações de  
 brevid. e segurança na sua remessa p.<sup>o</sup> aquella Cid. e não  
 foi mais cedo p.<sup>o</sup> não haver outro p.<sup>o</sup> A qui meymos accuso  
 q<sup>o</sup> também recebi agora a Carta de U. Ex.<sup>o</sup> Concerente a  
 Antonio Joaz de Araujo: beijo as mãos a U. Ex.<sup>o</sup> pelo  
 apurarlo q<sup>o</sup> U. Ex.<sup>o</sup> se tem dignado mandar-lhe, e pelo favor  
 q<sup>o</sup> elle houver de merecer. Também sendo as graças a U. Ex.<sup>o</sup>

pelo procedim<sup>to</sup> q<sup>o</sup> mandou praticar Com Hieronimo P.<sup>o</sup> do  
 Lago em derrogacao do meu jurto repentin. a sea sup.<sup>o</sup> may  
 eu não pude deixa-lo hum só instante na Cadêa Logo que  
 soube tanto logo a ella recolhido; satisfazendo-me Com gra de  
 mostracao, e dirigindo officios q<sup>o</sup> elle a vista do q<sup>o</sup> eu obrava  
 naquella occasiao, se emendasse dos seus mais procedim<sup>to</sup> elle  
 assim me promettera. D. queira e permita q<sup>o</sup> assim seja.

Remetto  
 a U. Ex.<sup>o</sup> a inclusa Carta do Comandante da nova Coimbra  
 em que se queira sobre os dous artigos da pouca gente Com q<sup>o</sup>  
 vai equipada a Consoy, e sobre o Costumado Sijalqua que  
 em Cam.<sup>o</sup> faz o Sarg. mol Comd. de Albuquerque nos manti-  
 mos q<sup>o</sup> daqui se enviasse seg.<sup>o</sup> as relaçoes, e necessid<sup>de</sup> que  
 ha de lly em Coimbra. Com q<sup>o</sup> ao prim.<sup>o</sup> artigo eu já may  
 me queira intermetter a esse sup.<sup>o</sup> por persuadir-me ser privativo  
 do Capit. estregalado do M.<sup>o</sup> de Campo Comd.; may agora sem-  
 pre mandei ao Com.<sup>o</sup> da Vila. Com q<sup>o</sup> the fosse fallar, e re-  
 presentor q<sup>o</sup> a falta de q<sup>o</sup> tanto se queirava o Comd. de Coim-  
 bra; e Com effeito já se tem recolhido algumas pessoas a  
 Carta p.<sup>o</sup> equiparar melhor a Carta q<sup>o</sup> veio, e entre q<sup>o</sup> man-  
 dei pedir equipada p.<sup>o</sup> não ser possível a Comd. se em hum

com o maior acerto, e quidade, e justiça.

100 Pelos já menciona-

dos soldados, que regressaraõ *para* Goyazes, remetti a Carta de *Vossa Excellencia para* o *Excellentissimo Senhor* General de Saõ Paulo, derigindo a ao *Dezembargador* loze Carlos Pereira, a quem fiz as maiores recomendaçoens de brevidade e segurança na sua remessa *para* aquella cidade e naõ

105 foi mais Cedo por naõ haver outro *prior*. Aqui mesmo *accuzo*

*que* tambem recebi agora a Carta de *Vossa Excellencia* concernente a Antonio Ioaquim de Atayde: beijo as maõs a *Vossa Excellencia* pelo agazalho *que Vossa Excellencia* se tem digando mostrar-lhe, e pelos favores, *que* elle houver de merecer.

110 Tambem rendo as graças a *Vossa Excellencia*

pelo *procedimento* que mandou praticar com Hieronimo *Pereira* do Lago em dezagravo do meu justo *ressentimento* a Seu *respeito* mas eu naõ pude deixa-lo hum só instante na Cadêa logo que

Soube tinha Sido a ella recolhido; Satisfazendo-me Com esta de-

115 monstraçaõ, e *dezejando* *efficazmente* *que* elle a vista do *que* eu obrava

naquella *occaziaõ* se emendasse dos seus mais *procedimentos* elle

assim mo *prometteu*: Deos queira e *permitta* *que* assim seja.

Remetto

a *Vossa Excellencia* a incluza Carta do Comandante da nova Cuimbra,

120 em que Se *queixa* Sobre os dous artigos da pouca gente com *que*

vaõ *esquipadas* as Canoas, e Sobre o *Costumado* *desfalque* que

em *Camera* faz o *Sargento* mor *Comandante* de Albuquerque nos *manti-*

*mentos* *que* daqui Se *enviaõ* *Seguindo* as *relaçoens*, e *necessidade* que

ha delles em Cuimbra. Em *quanto* ao *primeiro* artigo eu já mais

125 me quiz *intrometter* a esse *respeito* por *persuadir-me* ser *privativo*

do *cuidado* e *obrigaçãõ* do *Mestre* de *Campo* *Comandante* mas agora *sem-*

pre mandei ao *Escrivam* da *Fazenda* Real *que* lhe fosse *fallar*, e *re-*

*representar* esta falta de *que* tanto se *queixava* o *comandante* de *Cuim-*

*bra*; e Com *effeito* já Se tem recolhido algumas *peçoas* à

130 *Cadêa* *para* *esquiparem* melhor a *Canoa* *que* *veio*, e outra *que* *man-*

*dei* *pedir* *emprestada* *para* naõ ser *possivel* a *Comodarse* em huma

Não toda a gente, mantim<sup>ta</sup>, e mais hum. Pelo que diry supoz ao 2º  
artigo postendo escrever agora ao Comd. de Albuquerque; mas dese-  
jo q' U. Ex.<sup>a</sup> creia q'te sy cometto do modo q' pareceo mais justo, mas  
q' não haja mais queixa entre q' debto<sup>o</sup> Comd.<sup>o</sup>

Nesta occasião envia  
a Decosta q' trize em Sant. sobre a claudygrina extração, e extração  
de Diamantes: não vai com carta l'eposada p.<sup>a</sup> me faltad agua lo  
talm.<sup>o</sup> o tempo. Também temulle o Requerim.<sup>to</sup> de Fran. de P. de  
Guimarseny: rogo a U. Ex.<sup>a</sup> não extrahir o modo da m.<sup>a</sup> Informa-  
ção. Confesso a U. Ex.<sup>a</sup> que tive tal tedio q' recebi o d.<sup>o</sup> Requeri-  
m.<sup>to</sup> pela noticia q' já tinha das extravagancias que elle comitia,  
q' me não foi possível resistir-me a lê-lo, senão m.<sup>to</sup> de paga-  
gem depois que o Guardador me entregou com a sua Informaçao.

O Mestre de Campo Comd. de acia fora dal.<sup>a</sup> emstando  
the eu avizar desta parada, pela brevid.<sup>e</sup> della não pode q-  
crever, o q' seria depois. D. g. a U. Ex.<sup>a</sup> com todas as fa-  
lciid.<sup>es</sup> que eu ardentem.<sup>te</sup> the desejo. Cuyabá 20 de  
Abril de 1787

D. U. Ex.<sup>a</sup>

O mais fiel e ob.<sup>o</sup> Criado

Diogo de Toledo para Ordenberg

## Fólio 3r

Só toda a gente, mantimentos, e mais trem. Pelo que diz respeito ao *segundo* artigo pertendo escrever agora ao Comandante de Albuquerque; mas deze-  
 jo *que Vossa Excellencia* evite este desconcerto do modo *que* parecer mais justo, para  
 135 *que* não haja mais queixa entre os sobreditos Comandantes  
 Nesta occaziaõ envio  
 a Devassa *que* tirei em Janeiro sobre a clandestina extração, e extravio  
 de Diamantes: não vai Com Carta Ceparada por me faltar agora Po-  
 ssivelmente o tempo. Tambem remetto o Requerimento de Francisco Pereira dos  
 140 Guimaraens: rogo a *Vossa Excellencia* não estranhe o modo da *minha* Informa-  
 çãõ. Confesso a *Vossa Excellencia* que tive tal tedio *quando* recebi o *dito* Requeri-  
 mento pela noticia *que* já tinha das extravagancias que elle Continha,  
*que* me não foi possivel resolver-me a Lêlo, Senãõ *muito* de passa-  
 gem depois que o Guardamos mo entregou Com a Sua informaçãõ  
 145 O mestre de Campo Comandante se acha fora da *Villa* e mandando-  
 lhe eu avizar desta Parada, pela brevidade della não pode es-  
 crever, o *que* faria depois.  
 Deos *garde* a *Vossa Excellencia* com todas as fe-  
 licidades que eu ardentemente lhe dezejo. Cuyabá 20 de  
 150 Abril de 1787  
 De *Vossa Excellencia*  
 O mais fiel e obrigado Criado  
 <Diogo de Toledo Lara Ordonhes>

Ms 17

34-7-87

R —  
 S<sup>mo</sup> M. e Ex. Senhor

Deixando eu officio m<sup>to</sup> obedi em tudo com apeto, e servido  
 de mim toda a occupação de quixas, ou de contentam<sup>to</sup>. de Juy Povo,  
 e encontrando a lém d'isso a copia incluzida de huma Portaria de  
 U. Ex<sup>ta</sup>, que diz respeito a Caza, identica ao que vem a expor, na  
 qual mandat repartir hum pequeno Descuberto nas paray do  
 Cananda a lém do Rio Cuyaba em Sijencia de 7, ou 8 leguas  
 desta U., no qual Concorrem de may a may algumas Circun-  
 stancias, que fazem may necessarias as Decisões de U. Ex<sup>ta</sup>.  
 me Datas na quella paragem, donde ja o Guardador tinha Con-  
 cedido algumas a humy prety, Ign<sup>to</sup> de Almd. Lobo, Jo-  
 ao G<sup>to</sup> e Am<sup>to</sup> de Oliv<sup>to</sup>. 40; e o Cap<sup>am</sup> Joao Joze Guimaraes  
 do; may vindo o Requivim<sup>to</sup> de se informado prim<sup>to</sup> que os d<sup>os</sup>  
 outros Concedi lha oito Datas; e no dia seguinte apparecendo  
 o do ditto Ign<sup>to</sup> de Almd. lha mandei pagar Provizão p<sup>a</sup> 5  
 Datas, que seriam demarcadas depois que o fizesse o Cap<sup>am</sup>  
 Joao Joze; e esta mesma Cautela tive com os outros, que de-  
 poi me Consta pedira p<sup>a</sup> o mesmo Ign<sup>to</sup> de Almd. Lobo; o q<sup>to</sup>  
 tendo a Carta do Esc<sup>to</sup>, e sabendo que ja g<sup>to</sup>ra pagada a Pro-  
 vizão dos Datas do mencionado Cap<sup>am</sup> Joao Joze, Comtudo  
 partilo ao mesmo Esc<sup>to</sup> p<sup>a</sup> que g<sup>to</sup>ra pagasse a sua Com-  
 anta deba, ou ao menos para que fizesse Com que na medi-  
 ção das terras ficassem incluzidas may que elle apontasse as  
 suas 5 Datas: Porém não conseguindo o seu intento veio  
 denunciar aquellay Terras; em Consequencia do que mandei  
 tomar a sua Renuncia; e accusando-o entao o Esc<sup>to</sup> da  
 d'ho, elle dy cal p<sup>a</sup>se, dizendo que pedira as Datas

TRANSCRIÇÃO 17 - Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	BR. APMT.CVC JF. CA.0632 CAIXA Nº 011
ASSUNTO	Carta de Diogo de Toledo Lara Ordonhes a Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres a respeito de concessão de datas.
LOCAL	Cuiabá
DATA	31 de julho de 1787
ASSINATURA	Autógrafo

{Respondido}

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor

{31-7-87}

- Dezejando eu eficazmente obrar em tudo Com asserto, e remover
- 05 de mim toda a occaziaõ de queixas, ou descontentamento destes Povos, e encontrando a Lem disso a Copia incluza de huma Portaria de Vossa Excellencia que diz respeito a Cazos identicos a que vou a expor, naõ quiz mandar repartir hum pequeno Descuberto nas partes do Carandá aLem do Rio Cuyaba em distancia de 7, ou 8 Leguas
- 10 desta Villa no qual Concorrem de mais a mais algumas Circunstancias, que fazem mais neccessarias as Decizoens de Vossa Excellencia Pediraõ-me Datas naquella paragem, honde já o Guarda mor tinha Concedido algumas a huns pretos, Ignacio de Almeida Lobo, 20; lo-
- 15 aõ Gonçalvez e Antonio de Oliveira 40; e o Capitam loaõ loze Guimaraens 30; mas vindo o Requerimento deste informado primeiro que o dos outros Concedi-lhe oito Dattas; e no dia seguinte apparecendo o do ditto Ignacio de Almeida lhe mandei passar Provizaõ para 5 Dattas, que seriaõ demarcadas depois que o fossem os do Capitam
- 20 loaõ loze; e esta mesma Cautella tive com os outros, que depois me Constou pediaõ para o mesmo Ignacio de Almeida Lobo; o que hindo à Caza do Escrivam, e sabendo que ja estava passada a Provizaõ das Dattas do mencionado do Capitam loaõ loze Commetteu partido ao mesmo Escrivam para que este passasse a Sua com
- 25 ante datta, ou ao menos para que fizesse com que na mediçaõ das terras ficassem incluidas nas que elle apontasse as Suas 5 dattas: Porem naõ conseguindo e sem intento veio denunciar a quellas Terras; em Consequencia do que mandei tomar a sua denuncia; e accuzando-o entaõ o Escrivam de
- 30 tólo, elle desculpouse, dizendo que pedira as Dattas

Com rancão de puzer mais exame, e depois dar-me parte.

Os Saca-  
 palcos que nomeei declarados libeiros de juramento serem post-  
 uos nas com. 22 Dally, tendo tirado hum Dally em hum bu-  
 taco de dez palmos em quadra  $8\frac{1}{2}$ , outro  $7\frac{1}{2}$  em outro  
 semelhante; e outro m. pouco pela razão de ser o curso  
 de vicio ou Camo, com o qual não apertadas, Certam. Como  
 Creio, e he Cyruma, por não se quizerem cansar m. o que  
 supposto ainda determinei que examinasse o mesmo Dige-  
 brido, e alguns dos Sacaalcos e alguns Circunvizinhos,  
 que dizem não a mesma formacao, e que elle não sacavaria  
 p. se adstringirem as regras por donde deu buzo e Des-  
 cubrida, que por ser pobre não podia adiantar m. as suas  
 diligencias.

A Voz do exposto V. Ex. determinará o que for servi-  
 do; parecendo m. justo que também providenciasse sobre o  
 abuso, que eu me não atrevesei a reformar, de se habilita-  
 rem p. as parilhas Como Mineiros, pejuay que nunca foram  
 tay, Como os Mercadores, Proprietarios, taberneiros, e outros que vi-  
 vem de diversos modos, introduzindo todos no numero da gen-  
 taria e adlegas m. as chamadas no cambay, e rapazinhos, cau-  
 rando com igla necessaria m. qd. Compara com Parilhas de  
 pequena Densidade, e m. prejuizo as verdadeiras Mineiras.

Hum  
 a noite que a impedia, e terrivel restrição de que tinha Tado o Sen-  
 tio pelas 7 horas da manhã em huma Fazenda de Tado, q. tem  
 o Cap. João Pereira Nery, denominada o Coqueiro, situa-  
 da nas margens do Rio, pertencida do Rio Cayabá Coura  
 de huma agua, e Distantes 12 mil. de Voz, ficando m. as

## Fólio 1v

Comi tenção de fazer maior exame, e depois dar-me parte  
Os sucavadores que nomeei declararão de baixo de juramento Serem partiveis tão somente 12 Dattas, tendo tirado hum delles em hum buraco de dez palmos em quadra *oito oitavas*, outro *sete quartos* em outro Semelhante; e outros *muito* pouco pela razão de ser o outro de ((vieiro)) ou *Caminho* Com o qual não apertarão, *Certamente* Como Creio, e he Costume, per não se quererem Cansar *muito*: oque Supposto ainda determinei que examinase o mesmo Descubridor, e alguns dos Sucavadores os Lugares Circunvizinhos, que dizem tem a mesma formação, e que elles não Sucavaraõ por se adstringirem ao Lugar por honde deu buracos o Descubridor, que por Ser pobre não podia adiantar *muito* as Suas deligencias.

45 A vista do exposto *Vossa Excellencia* determinará o que for Servido; parecendo *muito* justo que providenciasse Sobre o abuzo, que eu não me atreverei a reformar, de Se habilitarem *para* as partilhas Como Mineiros pessoas que nunca foraõ taes, Como os Mercadores, Rosseiros, taberneiros, e outros que vivem de diversos modos, introduzindo todos no numero dos escravos *que* aLegaõ ter as chamadas mocambas, e rapazinhos, Cauzando Com isto necessariamente *grande* Confusaõ em Partilhas de pequeno Terreno, e *muito* prejuizo aos verdadeiros Mineiros.

Hontem

55 a noite tive a infeliz, e terrivel noticia de que tinha dado o Gento peLas 7 horas da manhã em huma Fazenda de Gado, *que* tem o *Capitam* loze Pereira Nunes, denominado o Coqueiro Situada nas margens de Aricã, retirada do Rio Cuyabá Couza de huma Legua, e distante dessa *Villa* Seis, deixando mortas

Sinco pessoas, mulheres, e Criancas, e capangas huma Doy que tin had  
 ficado na cara (p<sup>o</sup> fugir), a tempo que os homens andavão  
 no Campo Livande com o gado. Entre cheio de horror  
 e perando outras iguay noticias, que a experiencia de outras se-  
 melhantes invasoes fazem jystam<sup>te</sup> recelar: D<sup>o</sup> permita que ophi-  
 nas seja D<sup>o</sup> e a V. Ex<sup>a</sup> com os mais proprios, e Duravij felici-  
 dades, como eu cordialm<sup>te</sup> appeteco. Cuyabi 31 de Julho de  
1787

D. V. Ex<sup>a</sup>

O mais fiel, e o mais obrigado Criado

Diego de Toledo para o Sr. D<sup>o</sup>

**Fólio 2r**

Sinco pessoas mulheres, e Crianças, escapando huma das que tinhaõ  
ficado na Caza (por fugir) a tempo que os homens andavaõ  
no Campo Lidando Com o gado. Estou cheio de horror  
esperando outras iguaes noticias, que a experiencia de outras Se-  
melhantes invazoens fazem justamente recear: Deos permitta que assim  
65 não seja.

Deos *guarde* a *Vossa Excellencia* com as mais prosperas, e duraveis feleci-  
dades, Como eu Cordialmente appetço. Cuyabá 31 de Iulho de  
1787

De *Vossa Excellencia*

70 O mais fiel, e o mais obrigado Criado  
<Diogo de Toledo Lara Ordonhes>

Ms 18

9. 10. 87

M<sup>mo</sup> D<sup>no</sup> J<sup>o</sup>  
M. e C. Int

A incluzã Devoſta, a que procedi no mar de Sulho  
passado sobre a Claudytina extração edycaminho de  
Diamanty devoria ter ſito remettida logo que Consegui  
finalizalla Com o Testemunhy ſoſſerido, que se a-  
chavao aurenty em gd. diſtancia Jyta U<sup>a</sup>, se me pa-  
receſſe bõstantem<sup>te</sup> segura a via das Paradoy. Agora  
poem que parte o Conducto do ouro das Paroy a remi-  
to, may ſem Pronuncia, e por Conſequecia ſem ficar  
aqui, na ſt. do Costume, o ſeu reglado, poij que nao  
achei ſer bõſtante p<sup>o</sup> ella o indicio que resulta do dito  
de algumy das Testemunhy: Poem como ſemelhan-  
te Deligency ſão de tanta ponderaçã, julguei, que nao  
devia dar may hum juizo ſem por a mgma Devoſta na  
Preenca de U. Ex<sup>o</sup> que a vjta della Determinarã o  
que for ſervido.

J. J. e al. Ex<sup>o</sup> Cuyabã 3 de Set.

de 1787

M<sup>mo</sup> D<sup>no</sup> J<sup>o</sup>  
M. e C. Int Luiz de Albuquerque de  
Mello Pereira e Capury

Luiz de Faria

Diogo de Toledo para Ordombey

TRANSCRIÇÃO 18-Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	BR APMT.CVC JF. CA.0633 CAIXA Nº 011
ASSUNTO	Carta de Diogo de Toledo Lara Ordonhes a Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres tratando sobre uma Devassa de extração clandestina de diamante.
LOCAL	Cuiabá
DATA	09 de outubro 1787
ASSINATURA	Autógrafo

{Respondido}

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*

{9-10-87}

A incluza Devassa, a que procedi no mez de Iulho

- 05 passado Sobre a Clandestina extração e descaminho de  
Diamantes deveria ter Sido remettida Logo que Consegui  
finalizalla Com as Testemunhas refferidas, que Se a-  
chavaõ auzentes em *grande* distancia desta *Villa*, Se me pa-  
recesse *bastantemente* segura a via das Paradas. Agora
- 10 porem que parte o Conductor do ouro das Partes a reme-  
to, mas Sem Pronuncia, e por Consequencia Sem ficar  
aqui, na *feira* do Costume o Seu traslado, pois que não  
achei ser bastante *para* ella o indicio que rezulta do dito  
de algumas das Testemunhas: Porem como semelhantes
- 15 Deligencias Saõ de tanta ponderação, julguei, que não  
devia dar mais hum passo Sem por a mesma Devassa na  
Prezença de *Vossa Excellencia* que a vista della determinará o  
que for Servido.

*Deos guarde aVossa Excellencia* Cuyabá 9 de *outubro*

- 20 de 1787

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor* Luiz de Albuquerque de  
Mello Pereyra e Casseres

O luiz de Fora <Diogo deToledoLara Ordonhes>



<b>TRANSCRIÇÃO 19-Fólio 1r</b>	
<b>CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO</b>	BR MTAPMT.QM.TM.CA. 1462 CAIXA Nº 022
<b>ASSUNTO</b>	Carta de José Antonio Pinto de Figueiredo ao governador e capitão general de Mato Grosso Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres tratando da produção agrícola dos moradores da povoação.
<b>LOCAL</b>	Povoação de Albuquerque
<b>DATA</b>	21 de outubro 1788
<b>ASSINATURA</b>	Autógrafo

*Illustrissimo eExcellentissimo Senhor*

*{Respondido}*

*{21-10-88}*

Nodia 24 de Setembro tive a honra de receber muito honrada

- 55 ssima Carta de Vossa Excellencia Com adada de 6 de Junho deste presente anno, E na qual fico na intelligencia de o Cupar o meu pouco prestimo em executar as honradissimas determinações de Vossa Excellencia principalmente dos barboros gentios, não seçando o meu grande Cuidado para que não haja nestelugar algum bloqueyo Com que se mortifique a Vossa Excellencia Só S[...] †
- 10 e Excellentissimo Senhor algum cuidado que me acompanha, hé nos tres dias que Vossa Excellencia foy servido da estes moradores por andarem desperços cada hum por Seu Lado procurando Lugares mais facil para fazerem as Suas roças, e fugindo dos curtivados altos para mais acomodar as Suas preguiças, estes Excellentissimo Senhor
- 15 na forma que elles andão não tenho gente Competente para os guardar por ser nesseçario huma guarda acada individuo, e ainda a Sim mesmo não fazem nada, que as Suas roças he o mesmo que o anno passado, huns plantam raõ Sinco pratos, e outros a Seis, e outros nada, pois eu Excellentissimo Senhor tenho me exforçado a mandallos que trabalhem, e tenho prendido alguns em
- 20 tronco a fim de terem alimentos para as Suas familias em fim Excellentissimo Senhor São piores que negros novos, que alguns dizem publico quemais antes querem estar em tronco de que trabalhar; tudo isto Excellentissimo Senhor he motivo para que eu agora meesteje vendo em peças e tonicos Com as Suas crianças [...] † do demim mesmo mandando-os alimentar, a fim de não ((pereserem)) [...] †
- 25 tes inocentes, já não fallo nas Suas Crias e enz. Enquanto os tres dias que pertensem ao monte não tenho minimo Cuidado de que me succede alguns Contra tempos por andarem na roça toda agente junta



## Fólio 1v

junta e pella muita Cautella evigillancia Comque os tenho determinado  
 e por tres Dragoenz affectivos que os tenho junto Com elles para os guardar,  
 30 e por estes Eoutros motivos recorro aVossaExcellencia para que hace por bem Conceder=  
 me mais hum Soldado Dragaõ que muyto [[muyto]] Careso para mais utilidade  
 deste Lugar, o que VossaExcellencia detreminará oque for mais justo; Eu Excellentissimo  
 Senhor estou mevendo empreças com as roças, mandando destravancar al=  
 gumas partes que ofogo não desenguia, e já atras mandando plantar  
 35 aproveitando o bom tempo que lhe corre, o que julgaõ Levar Sinco alqueires  
 athé Seis, ao mais.

Nesta oCaziaõ Excellentissimo Senhor taõbem  
 reprezento ao Meu Mestre deCampo Comandante, eaoDoutor lu=  
 is de fora a urgente nesecidade em que Seacha estelugar deman=  
 40 timentos, eexpressando-lhes as ordens deVossa Excellencia para Seme Secorrer  
 naprimeira oCaziaõ; e do Contrario Sealimentaraõ Como os gentios  
 Salvagens.

Por bem nesta oCaziaõ Excellentissimo Senhor faço remeter  
 por via doCuyaba Sinco rollos depano algodaõ, fabrica destes moradorez  
 45 com quinhentas e vinte e quatro varas, [ilegível] de mil ecento eSincoenta  
 †[...]ras Com que Seproves estes moradores, paraVossa Excellencia haver  
 por bem mandar receber pella fazenda real para Socorrer a estes Com al=  
 gum genero que Vossa Excellencia for Servido mandar-lhes dar. Gue este an=  
 jo Excellentissimo Senhor muito pouco algodaõ produzio por cauza das muitas geadas,  
 50 †[...], Somentes Sin[ilegível] a arroba colheu †[...].ar para=



para ovestuario destes moradores. Acanna *Excellentissimo Senhor* não te=  
 nho ainda acabado demóer por meter quebrado o emgenho, que éra ja=  
 Sem regra adestrebuição do mellado, que chegou-se afazer duzentos e qua=  
 renta eSete Canadas, e quinhentas enoventa eduas rapaduras que  
 55 amayor parte Se reputou em Sál noReal Prezidio como ja espús aVossa *Excellencia*  
 quefartalizou atodos com abundancia, queja cauzavafastio. O que  
 agora peço aoCuyaba hum oficial piritto para me compor o emgenho  
 O resto da Canna estou mandando destrebuhir para todos afim dea  
 promptar aspontas que pertende este anno redobrar oCanavial por  
 60 Ser muy util neste Lugar. O Bananal decada ves mais frondozos  
 que de emmés [[emmés]] mandocolher, vem por vezes cento etrinta etan=  
 tos cento evinte etantos Caxos; quefas acomodar a todos.  
 Taõbem remeto incluzo aVossa*Excellencia* huma  
 Rellação que consta depanos dealgodaõ que os Soldados Pedestres  
 65 receberaõ nesta povoação; paraVossa*Excellencia* haver por bem mandar  
 na Provedoria da RealFazenda, descontar noque Se lhes deuer pagar  
 dosSeus Soldos.  
 Os dois Soldados Dragoẽs Bento  
 Roiz Ventura eVicto Modesto ((Ainau)), Cazados nesta povoação Com  
 70 asfilhas do Capitãõ Mor Ioaõ Lemes doPrado fallecido, Sente repre=  
 zentaraõ Suplicando-me que eu puzeçe naprezença deVossa*Excellencia* que  
 as Suas mulheres tiveraõ huma herança em Cuyaba de hum escravo  
 acada huá, que lhes deixou por esmolla oSeu ávó Francisco Paes deBa  
 ros fallecido os quais escravos Seachaõ namesma Villa e



## Fólio 2v

- 75 Empoder de Seu Cunhado Francisco Gomes da Silva, e os aqueredores  
do dito Capitão mor, querem atragar pella divida que o dito lhe de=  
ve o que acho ser impuçível Vossa Excellencia por esmolla terá piedade  
desses pobres Soldados, para que lhe venham as maons os ditos escravos  
pois merecem pella promptidão e Zello Com que estes Sedes vellaõ
- 80 em todo o Serviço deste Lugar. Não há novidade neste Lugar  
((em)) que Sefaçã mimozo a Vossa Excellencia tudo está em pas comboa tranqua=  
llidade, e Socego.  
A Illustrissima e Excellentissima pessoa de Vossa Excellencia Guarde Deos Povo a=  
çãõ de Albuquerque 21 de Outubro de 1788
- 85 Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Luis de Albuquerque de Mello Pereira e cacerez  
De Vossa Excellencia  
O Mais humilde Subdito  
<loze Antonio Pinto de Figueiredo>

Ms 20

M. e Ex.<sup>mo</sup> Senhor

13-5-89

Com inuencivel repugnancia do meu genio sempre a diverso a tudo quando tem apparencias de intrigas, peço na penna para dar solucão do que U. Ex.<sup>ta</sup> me recomenda e determina em Carta de 22 do mez proximo passado, concernente aos Indios da Missão de S. Anna do Sacramento, e a seu Cap.<sup>em</sup> mol. D. Joze do Anjo Cort.<sup>es</sup>, que em nome daquelle Corporação requereu a U. Ex.<sup>ta</sup> a expulsão do seu Pd.<sup>o</sup> Paracho Brar Luiz de Pinna, e do seu Director Cayo Pedroso de Alvaranga.

Em mesma repugnancia, e o me peijad hum pouco de accurad tad de presas de defectos de hum sujeito, por q.<sup>ta</sup> eu tinha intercedido a U. Ex.<sup>ta</sup> que se dignasse attende as m.<sup>as</sup> instan.<sup>as</sup> e boas informacoens (que tambem me dava o sobred.<sup>o</sup> Pd.<sup>o</sup> Ugr.) p.<sup>o</sup> o prover no Porto de Cap.<sup>em</sup> mol. a p.<sup>o</sup> do q.<sup>o</sup> im.<sup>o</sup> pedim.<sup>o</sup> de sangue infecto, por ser Cabuê, e da id.<sup>e</sup> ainda m.<sup>o</sup> verde, para reger a humas pessoas tao puras no sangue, e tao privilegiadas como sao os Indios; E sobre tudo o grande cuidado que eu sempre tive de affagar a Popoa dell.<sup>o</sup> tudo quando fosse mortificante no tempo em que as molystias dell.<sup>o</sup> só requeria hum perfeito Repozo e quietação de espirito, fixadas que as Cozas chegarem, Contra am.<sup>o</sup> expectação e desejo, ao ponto critico em que se achad. He certo porém que sem essas precauçoens, hum pouco menos de brandura, e indulgencia da minha parte, e hum pouco mais de paciencia e prudencia da do Mesmo Pd.<sup>o</sup> Ugr.<sup>o</sup> teriam prevenido tudo. E se

Padre pela sua docilidade e genio amigo da paz, para aquet em todo o tempo Concorreu com o P.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup>ral, sempre f.<sup>o</sup>; e ainda he amado da maior parte da Missão, na qual sao raros os Indios originarios do Cerrad, e m.<sup>o</sup> os nascidos ali, e

TRANSCRIÇÃO 20-Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo-ACBM-IPDAC- Pasta 62-nº 1973
ASSUNTO	Carta de Diogo de Toledo Lara Ordonhes a Luís de Albuquerque de Mello tratando de desentendimentos na Missão de Santa Ana do Sacramento.
LOCAL	Cuiabá
DATA	13 de maio de 1789
ASSINATURA	Autógrafo

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*

{13-5-89}

Com invencivel repugnancia do meo genio Sempre

adverso a tudo quanto tem apparencias de intrigas, pego na

05 penna para dar Solução do que *Vossa Excellencia* me recomenda e de-

termina em Carta de 14 do mez proximo passado, concernen-

te aos Indios da Missão de *Santa Anna* do Sacramento, e a Seu

*Capitam* mor loze dos Anjos Correa, que em nome daquela Corpo-

ração requereu a *Vossa Excellencia* a expulsão do Seu Reverendo Parocho

10 Braz, Luiz de Penna, e do Seu Director Carlos Pedrozo de

Alvarenga.

Esta mesma repugnancia, e o me pe((y))ar hum pouco

de accuzar taõ de pressa os deffeitos de hum Sugeito, por quem eu

tinha intercedido a *Vossa Excellencia* que Se dignou attender às *minhas* instan-

15 cias e boas informaçoes (que tambem me dava o sobredito Reverendo

*Vigario*) para o prover no Posto de *Capitam* mor à pezar do grande im-

pedimento de Sangue infecto, por Ser Caburé, e da idade ainda muito

verde, para reger a humas pessoas taõ puras no Sangue, e taõ

privilegiadas Como Saõ os Indios; E Sobre tudo o grande Cui-

20 dado que eu Sempre tive de affastar da Pessoa de *Vossa Excellencia* tudo

quanto fosse mortificante no tempo em que as molestias de *Vossa Excellencia*

Só requeriaõ hum perfeito Repouzo e quietação de Spirito,

fizeraõ que as Couzas chegassem, Contra a *minha* espectação e deze-

jos, ao ponto Critico em que Se achaõ. He certo porem

25 que Sem estas precauçoens, hum pouco menos de brandura,

e indulgencia da minha parte, e hum pouco mais de paciencia

e prudencia da do Mesmo Reverendo *Vigario*, teriaõ prevenido tudo.

Este

Padre pela sua docilidade e genio amigo da paz, para a qual em

30 todo o tempo Concorreu com zelo Pastoral, sempre foi, e ainda

he amado da maior parte da Missão, na qual saõ raros

os Indios originarios do Certaõ, e muitos os nascidos ali, e

deu huma boa parte ao Caburo, gente, que no justissimo Concilio del. Ep.<sup>o</sup>, fallando do Pedregal que sao de ta qualidade, he canalha insupportavel; e por isto mal a pe-  
 naj se viuera aquella inacta singelera e innocencia, que  
 caracterizaa os Indiz do Costao; em cujo beneficio di-  
 narias do Throno Lei: tua dantes, e justa, quanta era a  
 barbaridade com que erao tratadao os meymos Indiz, por  
 quem eu sou hum dos meij apaixonadoo, como he Constan-  
 tissimo.

Com os meymos, que agora se tornarao seus inimigos  
 vivia em boa armonia o P.<sup>o</sup> sacrista, principalm<sup>te</sup>  
 com o Cap.<sup>em</sup> mor, e hum Joao Fir<sup>o</sup> mulato Ferr.<sup>o</sup> que vi-  
 ve na mesma Aldea. Aquelle principio a repubrica se  
 com o P.<sup>o</sup> Padre, julgo que pelo meymo meo ter dado, a in-  
 ciz minhas, parte de algumas decordas de pirocy e casti-  
 gos injustos, facada, bebedeiz, e de faltar em m.<sup>ta</sup> a Missa  
 do Precito, deixando se estar em casa e quando se p<sup>re</sup>ziam,  
 para o que tudo tem sido frustradoo e as minhas ordens e  
 Providencias.

A pouco tempo porrem que vindo o meymo Pa-  
 dre a esta villa, e contanto me que pretendia fazer sua  
 Repincha em hany malha, chamadoo dos Bugry, que ficavao  
 fora do da Missao; e dizendo lha eu que o Capita<sup>o</sup> mor  
 me haviao escrito nos dias antecedentes, que queria dar  
 ao Sobred. Ferreiro em pagam<sup>to</sup> de Obry ou algum malha  
 da Missao, ou o dos Bugry, ficou m.<sup>ta</sup> sentido da falrida-  
 de que suppanha se tinha practicado com elle visto  
 ter sido o primeiro, q<sup>o</sup> a elly meymo fallara nesty malha,  
 communicando o seu intento.

Creo pois que pela p<sup>re</sup>ca  
 reserva que tem o Padre na suay queixas, e pela

## Fólio 1v

destes huma boa parte Saõ Caburés, gente, que no justissimo Conceito deVossa Excellencia fallando dos Pedestres que saõ desta qualidade, he Canalha insupportavel; e por isso mal a penas se diviza aquella inacta singelleza e innocencia, que  
35 Caracterizaõ aos Indiosdo Certaõ; em cujo beneficio dimanaraõ do Throno Leis taõ santas, e justas, quanto era a barbaride Com que eraõ tratados os mesmos Indios, por  
40 quem eu sou hum dos mais apaixonados, como he Constantissimo.  
Com os mesmos, que agora Se tornaraõ Seus inimigos vivia em boa harmonia o dito Reverendo Sacerdote, principalmente Com o Capitam mor, e hum loaõ Fernandez mulato Ferreiro que vi-  
45 ve na mesma Aldea. Aquelle principio a ressabiarse com odio Padre, julgo que pelo mesmo me ter dado, a instancias minhas, parte de algumas dezordens de prizoens e castigos injustos, facadas, bebedeiras, e de faltarem muito a Missa do Preceito, deixandose estes em Caza escandalozissimamente,  
50 para o que tudo tem Sido frustradas as minhas ordens e Providencias  
Ha pouco tempo porem que vindo o mesmo Padre a esta villa, e Contando me que pertendiafazer Sua Rossinha em huns mattos chamados dos Bugres, que ficavaõ  
55 fora dos da Missaõ; e dizendo lhe eu que o Capitaõ mor me havia escripto nos dias antecedentes, que queria dar ao sobredito Ferreiro em pagamento de Obras ou algum matto da Missaõ, ou a dos Bugres, ficou muito Sentido da falsidade que Suppunha Se tinha practicado com elle visto  
60 ter Sido o primeiro, que a elles mesmo fallara nesses mattos, Communicando o Seu intento.  
Creio pois que pela pouca reserva que teria o Padre nas Suas queixas, e pela

resposta que dei ao Cap.<sup>mo</sup> ~~de~~ de que nem eu, nem elle podia  
 me facultar a plantação nos matos da Missão a outra al-  
 guma pessoa q' não fosse Indio della, e que q' se fora deo-  
 lutz só U. &ª. podia dar por Lymania, mas que não ha-  
 vendo q'ta, deveria plantar quem primeiro se occupasse,  
 e que nesta Consideração parecia justo q' a sua Pr.<sup>ca</sup> li-  
 gr.<sup>ca</sup> que se tinha examinado, fallado nelly primo, fizesse  
 a sua Missão, podendo outro tambem accomodar-se no resto,  
 creio digo, que por amboz estas Causas se incendiasse os  
 animos para entrarem no projecto de vingança; e o primo  
 peço que deu o Cap.<sup>mo</sup> foi hir recod Com alguns Indios q'  
 Maray da Missão, e dar-me parte que aquelly matos dos Baggy  
 q' agora dentro dos d.<sup>os</sup> mecos, e p' d'ho pertenciam a Missão.

Mas p'z  
 caso d'ho ofentando não dar ouvidos a ninguém sobre sem matos  
 não em q' havia ambicão e má fe; mas pouco tempo depois rom-  
 peuse a noticia de que o mesmo Cap.<sup>mo</sup> se tinha queixado à  
 U. Co.<sup>a</sup> não só do Lygr.<sup>ca</sup> mas de mim tambem, o que ainda que  
 não quiz acreditar em toda a sua extensão, Comtudo remetti  
 huma Ordem (cujá copia remetto da mesma forma q' q'ta em-  
 boxião p' a sua maior authectasid.) ao larg.<sup>mo</sup> dos Missões  
 p.<sup>a</sup> governar intesimam.<sup>te</sup> facultando a todos os Indios que qui-  
 zessem h'el tambem, e fizessem p' os mecos no incommodo-  
 terem o seu Castigo; e roquei ao mesmo tempo p' carta  
 de Off.<sup>ca</sup> ao M.<sup>do</sup> Lygr.<sup>ca</sup> que visse logo logo em ordem a e-  
 virar lhe algam deracato, emoioy deracatoy, of elle prom-  
 ptam.<sup>te</sup> fez. O Capitam mor vinha em Caminho q'd. h'ia a sobre  
 d.<sup>a</sup> ordem; e depois de q'tar hum dia nesta Villa, procurou me  
 novitar, no qual e no seg.<sup>to</sup> lhe não quiz fallar, mandando lhe  
 dizer que eu o mandaria chamar à cara em q' estava

## Fólio 2r

65 resposta que dei ao Capitam Mor de que nem eu, nem elle podia-  
mos facultar a plantaçaõ nos mattos da Missaõ a outra al-  
guma pessoa *que* não fosse Indio della, e que os de fora devo-  
lutos só *Vossa Excellencia* podia dar por Sesmaria, mas que não ha-  
vendo esta, deveria plantar quem primeiro os occupasse,  
70 e que nesta Concideração parecia justo *que* o Seu Reverendo Vi-  
garario que os tinha examinado, e fallado nelles primeiro, fizesse  
a Sua Rossa, podendo outro tambem acomodarse no resto,  
creio digo, que por ambas estas Couzas se incendiaraõ os  
animos para entrarem no projecto de vingança; e o primeiro  
75 passo que deu o Capitam foi hir rever Com alguns Indios os  
Marcos da Missaõ, e dar me parte que aquelles mattos dos Bugres  
estavaõ dentro dos ditos marcos, e por isso pertenciaõ a Missaõ  
Não fiz  
cazo disto assentando não dar ouvidos a ninguem sobre *semelhante* matte-  
ria em *que* havia ambiçaõ e má fé; mas pouco tempo depois rom-  
80 peuse a noticia de que o mesmo Capitam mor se hia queixar à  
*Vossa Excellencia* não só do Vigarario mas de mim tambem, o que ainda que  
não quiz acreditar em toda sua extensaõ, Com tudo remetti  
huma Ordem (cuja Copia remetto da mesma forma *que* esta em  
borraõ para a Sua maior authentesidade) ao Sargento mor da Missaõ  
85 para governar interinamente facultando a todos os Indios que qui-  
zessem hir tambem, o fizessem, para ao menos no incommodo  
terem o seu Castigo; e roguai ao mesmo tempo por Carta  
de *Officio* ao Reverendo Vigarario que viesse logo [[logo]] em ordem a e-  
90 vitar-lhe algum dezacato, emaiorez dezordens; o *que* elle prom-  
ptamente fez.  
O Capitam mor vinha em Caminho *quando* hia a sobre-  
dita ordem; e depois de estar hum dia nesta villa, procurou me  
noutro, no qual e no seguinte lhe não quiz fallar, mandando lhe  
dizer que eu o mandaria chamar à caza em *que* estava



## Fólio 2v

95 *quando* lhe púdesse fallar; por que julguei Ser Conveniente esperar  
por humas Informaçõens *que* havia mandado tirar sobre os refferidos  
mattos, Cuja ordem *para* ellas, e as mesmas †[...] hum assignado tam-  
bem remetto Com hum Mappa Competente; porem elle Sefoi  
embora ou nesse, ou no Seguinte dia depois de dizer dicterios  
100 moffar em algumas partes Contra mim, e que eu lhe não impor-  
tava, e Se *Sua Magestade* o governava, do que não fiz Cazo  
maior. Houve Com tudo quem lhe escrevesse e persuadissee, *que*  
viesse dar me hum Satisfação: veio com Cara de pouca ver-  
gonha, e eu cuidando que a *muita* indulgencia aggrado e bons  
105 Conselhos (Lances certamente optimos *para* pessoas de pundunor  
e juizo, e não *para semelhante* gente) faria cessar as dezordens pas-  
sadas, facilmente o ouvi, e practiquei tudo com elle, que me pro-  
testou e jurou haver já queimado os papeis, para formar  
os quaes fora incitados por pessoas que não podia dizer, e que  
110 Só eraõ Contra o Reverendo Vigario por *que* demim nada tinhaõ que  
dizer (Se era affectação, digo eu *que* a *minha* *muita* brandura, e não  
practicar o mesmo *que* os meus Antecessores, lhes teraõ Sido nocivo)  
mas que me promettia viver em paz, e fazer *que* toda a Missaõ  
a tivesse

115 He verdade que o Reverendo Vigario que esperava alguma Sa-  
tisfação, não gostou nada da *minha* aparente credulidade, e recuzou  
constantemente voltar *para* a sua Igreja, temendo, Como elle dizia,  
novas desfeitas; porem o persuadi a que fosse, e que nada mais  
haveria, e para este fim escrevi hum Carta ao Capitam mor  
120 recomendando-lhe *muito* o mesmo que vocalmente lhe havia  
encarregado, e que Castigasse a todos os perturbadores,  
e aos que dezattendessem por qualquer modo ao Reverendo Vigario  
e remetti na mesma occasiaõ hum Copia da dita Carta ao  
Director (que Só o he no nome) *para* vigiar Sobre a Sua

execução, o que não pude soffrer do Sr. Capitão, mas pelo odio q' aq'le tem  
 Como depois disse, prohibindo que algum Indio fosse a sua casa  
 e vissem a p.<sup>a</sup> d'ellas, e meig de me dar p.<sup>a</sup> de Casa algu-  
 ma; e a final escrevendo-me que os Indios recusavam aquella  
 Director, ao que lhe respondi que brevemente se levaria a dar os Pro-  
 videncias, p.<sup>a</sup> fazer-lhes a vontade, se os seus queixos fossem ju-  
 stos, e q' no contrarião não seria o Sr. Director opposição.

Quando  
 eu cuida que nada mais havia, soube q' partiriam (eu nunca  
 jamais prohibirei q' uns q' se queixem a Malto Gropa, e p.<sup>a</sup> q' se  
 queixado o segredo) porão mandados os proprios Com a Leis-  
 xa al. Ep.<sup>a</sup> e Bayton q'ra Certeira p.<sup>a</sup> eu não dei mais hand  
 só passo em materia da Missão, excepto na Decisão q' agora  
 estou tirando de huma morte eferim.<sup>to</sup> ali succedido, p.<sup>a</sup> q' se  
 desta intriga o que queixem para não parecer que Com a Carta  
 de Justiça querria castigar a maliciosa Lagracao q' me  
 tinham pregado. O mais que se tem passado depois q' chegaram  
 os proprios Com a Sr. Capitão em huma sua Carta aq' me repou-  
 so, enviando a al. Ep.<sup>a</sup> Com outras, das quaes querendo ter  
 U. Ep.<sup>a</sup> paciencia poderá Coligir o mais que deixo de dizer.

Não de-  
 tante do o apima expedito, fui no mesmo dia em que recebi  
 a Carta de U. Ep.<sup>a</sup> procurat ao Sr. Vigario da Casa, Com o  
 qual Constatando, depois delle ter lido a Carta q' U. Ep.<sup>a</sup> me es-  
 creveu, o mais meig prompto de satisfazer a vontade de U. Ep.<sup>a</sup>,  
 asentou elle, e eu annuei, que U. Ep.<sup>a</sup> não levaria a mal,  
 que o Rendim.<sup>to</sup> daquelle Sr. Vigario fosse executado Com  
 alguma pequena dilacao, que de necessid.<sup>de</sup> requeria a Con-  
 clusão dos seus obrigos e q' Quadragesimay, por elle q' ter  
 principiado, e ter todo o Conhecim.<sup>to</sup> dos seus Parochianos  
 exixentes pelo seu Cuij, e q' dos obrigos ainda q' se não p.<sup>a</sup> p.<sup>a</sup>

## Fólio 3r

125 execução, o que não pode soffrer *odito Capitam* mor pelo odio *que* a este tem  
Como depois direi, prohibindo que algum Indio fosse a Sua Caza  
escrever-lhe *para* tirar-lhe os meios de me dar parte de Couza algu-  
ma; e a final escrevendo me que os Indios recuzavaõ *aquelle*  
Director, ao que lhe respondi que brevemente Subiria a dar as Pro-  
130 videncias, *para* fazer-lhes a vontade. Se as Suas queixas fossem jus-  
tas, e *que* no entretanto não teria o *dito* Director exercicio.  
Quando  
eu Cuidei que nada mais havia, Soube *que* furtivamente (eu nunca  
jamais prohibirei *que* vaõ *quantos* quizerem a Matto Grosso, e por isso era  
135 escuzado o Segredo) foraõ mandados os proprios Com a Guei-  
xa a *Vossa Excellencia* e bastou esta Certeza *para* eu não dar mais hum  
Só passo em *matterias* da Missaõ, excepto na Devassa, *que* agora  
estou tirando de huma morte eferimentos alli Succedidos, fizessem os  
desta intriga o que quizessem *para* não parecer que Com a Capa  
140 da Iustiça queria Castigar a malicioza Lograçaõ *que* me  
tinhaõ pregado. O mais que Se tem passado depois *que* chegaraõ  
os proprios Conta o Reverendo Vigario em huma Sua Carta *aque* me repor-  
to, enviando a *Vossa Excellencia* Com outras, das quaes querendo ser  
*Vossa Excellencia* paciencia poderá Coligir o mais que deixo de dizer.  
145 Não obs-  
tante todo o *assima* expendido, fui no mesmo dia em que recebi  
a Carta de *Vossa Excellencia* procurar ao Reverendo Vigario da Vara, Com o  
qual Consultando, depois d'elle ter Lido a carta *que* *Vossa Excellencia* lhe es-  
creveu, o meio mais prompto de Satisfazer a vontade de *Vossa Excellencia*,  
150 assentou elle, e eu annui, que *Vossa Excellencia* não Levaria a mal,  
que o Rendimento *daquelle* Reverendo Vigario fosse executado Com  
alguma pequena dilaçaõ, que da *necessidade* requeria a Con-  
cluzaõ das Suas obrigaçoens *Quadragezymas*, por elle as ter  
principiado, e ter todo o conhecimento dos Seus Parochianos  
155 existentes pelos Seus Citios, Cujos dezobrigos ainda estavaõ por fazer

de Capto Rey, e o may elle mymo devia dar Contas na p.<sup>ta</sup> da Con-  
 gregação de S. Antonio. E he certo tambem q<sup>e</sup> pelas minhas m.<sup>tas</sup>  
 occupações presentes me era summam.<sup>te</sup> difficilizo saber an-  
 te do Sr. Santo a Missão p.<sup>ta</sup> tomar Contas das Almas da Ig.<sup>ra</sup>  
 Na Conformid.<sup>e</sup> de huma Proviza<sup>o</sup> Regia, e entregallas por In-  
 vent.<sup>o</sup> as b.<sup>tas</sup> q<sup>e</sup> entrar de novo.

Eu não pretendo com ef-  
 tento ditto persuadir a V. Ex.<sup>a</sup> p.<sup>ta</sup> q<sup>e</sup> haja de Convenir que  
 o ditto Padre Continue na myma occupação, por que non elle que  
 nam he conveniente, visto que ja may deixaria de ser cu mym<sup>o</sup> presen-  
 tacion, não se remuendo a<sup>o</sup> Lugar. Porém devo represental  
 a V. Ex.<sup>a</sup> q<sup>e</sup> não se para o futuro tem da myma Missão, emain  
 respectu a<sup>o</sup> m.<sup>tas</sup> ordens, no que eu não posso ter outro interesse may  
 do que o servizo de D.<sup>e</sup> e de S. Mag.<sup>e</sup> e de cumprir Com as ordens  
 e Recomendações de V. Ex.<sup>a</sup>, may tambem por ter sido eu a au-  
 ra de q<sup>e</sup> o mymo Pd.<sup>o</sup> ligar se voluisse a sua Ig.<sup>ra</sup>, he m.<sup>ta</sup> neces-  
 saria q<sup>e</sup> esta ainda contra sua vontade existia nella, the de q<sup>e</sup>  
 da festa de S. Anna, e q<sup>e</sup> logo seja rendido por outro sacerdote,  
 ordenando V. Ex.<sup>a</sup> a may q<sup>e</sup> parecer justo e conveniente.

Em quanto  
 podem ao Director Carlos Pedrosa, ao qual a<sup>o</sup> sua Familia  
 accura 50.<sup>0</sup> Capitas mol de seu origem da Perturbacão, q<sup>e</sup> tem  
 havido na Missão, sobre o q<sup>e</sup> me ordena V. Ex.<sup>a</sup> de as providen-  
 cias necessarias, informando de q<sup>e</sup> resultado, seja que  
 non o Sr. Director he m.<sup>ta</sup> Capaz de as cumprir, nem a sua Familia,  
 sendo a sua mulher chamada Desideria a peçon de q<sup>e</sup> sepo  
 talvez a may recomendar as q<sup>e</sup> Missão pela sua proximidade  
 Com que em todo o tempo utilizou a todo o Corpo da Missão,  
 ja fazendo gratissim.<sup>te</sup> as delicadissimas Tapetes daquelle Ig.<sup>ra</sup>,  
 (asim como tem feito p.<sup>ta</sup> outras) ja fazendo rendas, Crivos, e toalhas,  
 e Lavandas, e engomando as p.<sup>tas</sup> o uso da myma Igreja;

## Fólio 3v

de Cujos Reis, e o mais elle mesmo devia dar Contas na *feira* das Constituições Eclesiasticas. E he certo tambem *que* pelas minhas *muitas* occupaçoens presentes me era summamente difficultozo subir antes do *Supremo* Santo a Missaõ *para* tomar Contas das Alfayas da Igreja

160 Na Conformidade de huma Provizaõ Regia, e entregallas por Inventario ao vigario *que* entrar de novo.

Eu naõ pertendo Com o *que*

tenho ditto persuadir a *Vossa Excellencia* *para que* haja de Consentir que o ditto Padre Continua na mesma o ccupaçaõ, por que nem elle quer,

165 nem he Conveniente, visto que ja mais deixaria de ter eu novas perturbaçoens, naõ Se removendo as Cauzas. Porem devo reppresentar a *Vossa Excellencia* *que* naõ Só para o futuro bem da mesma Missaõ, em maior respeito às *minhas* ordens, no que eu naõ posso ter outro interesse mais

170 e Recomendado de *Vossa Excellencia*, mas tambem por ter Sido eu a Cauza de que o mesmo Reverendo vigario voltasse a Sua Igreja, he *muito* neccessario *que* este ainda Contra Sua Vontade exista nella the depois da festa de *Santa Anna*, e *que* logo Seja rendido por outro Sacerdote, ordenando *Vossa Excellencia* o mais *que* parecer justo e Conveniente.

175 Em quanto

porem ao Director Carlos Pedrozo, ao qual, e à Sua Familia accuza o *dito* Capitaõ mor de Ser a origem das Perturbaçoens, *que* tem havido na Missaõ, Sobre o *que* me ordena *Vossa Excellencia* dê as providencias neccessarias, informandando depois do rezultado, digo que

180 nem o *dito* Director he *muito* Capaz de as Cauzar, nem a Sua Familia, Sendo a Sua mulher chamada Dezideria a pessoa deste Séxo talvez a mais recomendavel nestas Minas pelo seu prestimo

Com que em todo o tempo utilizou a todo o Corpo da Missaõ, ja fazendo gratuitamente os delicadissimos Tapêtes daquella Igreja

185 (assim Como tem feito *para* outras) ja fazendo rendas, Crivos, e toalhas, e lavando as, engomando as *para* o uzo da mesma Igreja;

ja ensinando e educando as meninas Indias; e ja finalm<sup>te</sup>  
 servindo de Medico e Chirurgião a todos os enfermos, Curan-  
 dos Com summa Caridade, guiada unicamente by Conhecim<sup>to</sup>  
 que adalga experiencia the sua minguada: Por Cujy m<sup>to</sup>  
 ponderavey Causas tem sido mandada Conservar por todos  
 os Q<sup>ros</sup> Ant<sup>es</sup> Predecessores de V. Ex<sup>ta</sup> Contra a sua Comtade,  
 tendo merecido de todos os Ministros, Conservadores e summas  
 attencioes e favoris. Consta me pelo Contr<sup>o</sup> que os Indios sao  
 y que tem resultado por varios modos ao mencionado Director  
 sendo o fomentado o Cap<sup>to</sup> m<sup>o</sup>, que a elle fez p<sup>o</sup> sua Letra hum  
 redicula Pergunta Contra o mesmo, affirmando o pela sua man-  
 em hum Lugar publico de Minas, seg<sup>do</sup> me affirmarao, e seg<sup>do</sup>  
 a Comparaçoes que fiz by Letras; sem temer elle o Crime em  
 q<sup>o</sup> incorrem os Authores de sem<sup>g</sup> papeis. Consta me igualmente que  
 elle Director Com sua malta achase ha algumas semanas  
 ausente no Engenho e habim<sup>to</sup> de Pd<sup>o</sup> Manoel de Albuquerque  
 que q<sup>o</sup> p<sup>o</sup> da y mandou chamar, e ja antes a mais parte do  
 tempo vivia fora da mesma Minas p<sup>o</sup> se livrassem dos enre-  
 dos, e por que via o d<sup>o</sup> Director que nada the consentia fazer,  
 nem the quando plantar os seus alqueires de milho q<sup>o</sup> V. Ex<sup>ta</sup>  
 tinha determinado em Lugar dos seus parties, q<sup>o</sup> manda dar  
 the o Directoris; o que tudo eu desconfiava, parecendo me  
 que Com effeito poderia o Cap<sup>to</sup> m<sup>o</sup> fazer tudo o q<sup>o</sup> era da  
 obrigaçao do Director, no que me enganai em parte; e que-  
 rendo agora farello cumprir Com os seus obrigaçoes, o q<sup>o</sup>  
 Com tudo remetia p<sup>o</sup> q<sup>o</sup> subite a Minas, Como ja disse,  
 appropiar-se o Cap<sup>to</sup> m<sup>o</sup> a representallo all V. Ex<sup>ta</sup> indigno,  
 para nao ter quem se the opponha, emendar elle's;

## Fólio 4r

ja ensinando e educando as meninas Indias; e ja finalmente  
 Servindo de Medica e Chirurgia a todos os enfermos, Curan-  
 do os Com Sūma caridade, guiada unicamente dos Conhecimentos  
 190 que a Larga experiencia lhe tem ministrado: Por Cujas *muito*  
 ponderaveis Cauzas tem Sido mandada Conservar por todos  
 os *Excellentissimos Senhores* Predecessores de *Vossa Excellencia* Contra a Sua vontade,  
 tendo merecido de todos os Ministros Conservadores Summas  
 attençoens e favores.

195 Constame pelo *Contrario* que os Indios Saõ  
 os que tem insultado por varios modos ao mencionado Director  
 Sendo o fomentador o *Capitam* mor, que athe fez para Sua Letra hum  
 rediculo Pasquim Contra o mesmo, affixando o pela Sua mam  
 em hum Lugar publico da Missaõ, *segundo* me afirmaraõ, e *segundo*  
 200 a Comparaçoens que fiz das Letras; Sem temer elle o Crime em  
*que* encorrem os Authores de *Semelhantes* papeis.  
 Constame igualmente que  
 elle Director com Sua mulher achase ha algumas Semanas  
 auzente no Engenho e habitaçaõ do *Reverendo* Manoel de Albuquerque-  
 205 *que, que para* Lá os mandou chamar, e ja antes a maior parte do  
 tempo viviaõ fora da mesma Missaõ *para* Se Livrarem dos enre-  
 dos, e por que via o *dito* Director que nada lhe Consentiaõ fazer,  
 nem lhe queriaõ plantar os dous alqueires de milho *que Vossa Excellencia*  
 tinha determinado em Lugar das Sextas partes, *que* manda dar-  
 210 lhe o Directorio; o que tudo eu disfarçava, parecendo me  
 que com affeito poderia o *Capitam* mor fazer tudo o *que* era da  
 obrigaçaõ do Director, no que me enganei em parte; e que-  
 rendo agora fazello Cumprir Com as Suas obrigaçoens, o *que*  
 Com tudo remettia *para quando* Subisse a Missaõ, Como ja disse,  
 215 apressouse o *Capitam* mor a repprezentallo a *Vossa Excellencia* indigno,  
 para naõ ter quem Se lhe opponha, e mandar ella Só;

não sendo este intento novo neste e em todos os Missões, que  
sempre julgaram como inimigos a havy sujeitos poytos por  
sua Magestade p.<sup>a</sup> velarem sobre a sua costumada inercia,  
e ensinharem-lhes o Cam.<sup>o</sup> by seu verdadeiro interesse; para  
o que Comtudo não era m.<sup>to</sup> necessarios Director nesta Missão  
por que quasi todos os seus individuos são estultos, e maliciosos,  
may m.<sup>to</sup> preguiçosos.

O mesmo Cay.<sup>o</sup> em m.<sup>ta</sup> facultou licencias há  
seus m.<sup>os</sup> a hum Antonio Luiz p.<sup>o</sup> arranchar-se e plan-  
tar Com duas operarias nos matos da Missão, prohibindo-lhe  
q.<sup>e</sup> me deya parte disto, pena de ser lançado logo q.<sup>e</sup> foyse;  
ainda q.<sup>e</sup> desta ultima Circunstança não tenha toda a certeza.  
O Directoris manda expulsaes a estes intruzos, e Confiscaes os  
suos Colheitas em Beneficio dos Indios: eu nada tenho  
ordenado a sem.<sup>te</sup> de peulo pelo justos Causas, que tenho  
expressado al.<sup>ta</sup> Ex.<sup>a</sup> que mandará a providencias a  
o que for servido.

D. J. e al.<sup>ta</sup> Ex.<sup>a</sup> Cayabá 13  
de Mayo de 1789

M.<sup>to</sup> e Ex.<sup>o</sup> Int.<sup>o</sup> Luiz de Albuquerque  
de Mello Perceira e Capora

O Luiz de Faria Conservador da Missão de S. Anna.

Diogo de Toledo para Pedronhez.

## Fólio 4v

naõ Sendo este intento novo nesta e em todas as Missoens, que  
Sempre julgaraõ Como Inimigos a huns Sugeitos postos por  
sua Magestade para veLarem sobre a Sua Costumada inercia,  
220 e ensinar-lhes o Caminho dos Seus verdadeiros interesses; para  
o que Com tudo naõ era muito neccessario Director nesta Missaõ  
por que quazi todos os Seus individuos Saõ astutos, e maliciosos,  
mas muito preguiçosos.

O mesmo Capitam mor facultou Licença há  
225 poucos mezes a hum Antonio Luiz para arrancharse e plan-  
tar Com dous escravos nos mattos da Missaõ, prohibindo-lhe  
que me desse parte disso, pena de Ser Lançado logo que o fizesse;  
ainda que desta ultima Circunstancia naõ tenho toda a Certeza.

O Directorio manda expulsar a estes intruzos, e Confiscar as  
230 Suas Colheitas em beneficio dos Indios: eu nada tenho  
ordenado a semelhante respeito pelas justas Cauzas, que tenho  
expressado aVossa Excellencia que mandará e providenciará  
o que for Servido.

Deos guarde aVossa Excellencia Cuyabá 13  
235 de Mayo de 1789

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Luiz deAlbuquerque  
de Mello Pereyra eCasseres

O luiz de Fora Conservador da Missaõ de Santa Anna  
<Diogo de ToledoLara Ordonhes>

Ms 21

Ilmo Exmo Sr

Logo q' tive noticia, q' V. Ex. passava a Capitania de Matto Grosso pelos Partidos da Bahia prouisi foy bem dirigit' daqui as minhas letras a Trezenca de V. Ex. congratulando-me de todo o bom successo q' desejaua experimentar-se V. Ex. de q' sahio da Vossa Corte. Agora repito q' sa m. diligencia, reiterando q' muy uolgy d' amizade, e respeito, e a minha obediencia para quanto for do seruiço de V. Ex. na corteza, de q' V. Ex. hade querer praticar comigo os effectos da sua beneuolencia, como deu a seu Antecessor, eirmao o Illmo Ex. Sr. Luiz d' Albuquerque de Mello e Caceres.

No amplissimo Territorio da Jurisdiçao de V. Ex. e' taes Igrejas, q' ainda pertencem a esta Diocese do Rio, e ha taes prelacy Ecclesiasticos, como ja seia constante a V. Ex. e ouella q' e' sey meyr, so' sum taes dignos, q' bem cumprissem seuy deuty. Mas taes, q' uay sae, nao posso deixar de orar por elles a V. Ex. supplicando queira prolegito, para o bom exercicio de se uy Ministerio, por q' pelo falta q' ha delles em todo este Biggado, e pelo embaraco da Vossa Corte, para crear outros, so' me resta levar os meus gemidos a Trezenca de Deo, para supplicar lhe as providencias, de q' necessita a sua Igreja.

Eu q' uia mandar ao meyo do Cuiaba o Padre Antonio Antonio, q' a poucos annos se uis aqui ordenar, e o nomei, p' substituir os Lugares da Vara e Igreja de Villa Bella por obito do Padre Placido Ferreira Torre, na intelligencia, de q' elle correpondesse ao bom conceito, q' pude aqui formar da sua seruid' vocacao para o Grado, ignorando, q' elle ouue se antecedente, no estado Secular dado moluy de supplicencia ao Illmo Ex. Sr. Luiz d' Albuquerque, q' se inclinou mais a favor do P. Antonio Torre, e para esse effecto nai so' pedis Prouizom ao R. Vigario da Vara de Cuiaba, may

<b>TRANSCRIÇÃO 21-Fólio 1r</b>	
<b>CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO</b>	Fundo-ACBM-IPDAC-Pasta 57-nº 1630
<b>ASSUNTO</b>	Carta do Bispo do Rio de Janeiro para o governador e capitão general, João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres tratando da falta de eclesiásticos no território de sua jurisdição.
<b>LOCAL</b>	Rio de Janeiro
<b>DATA</b>	06 de maio de 1790
<b>ASSINATURA</b>	Idiógrafo

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*  
 Logo que tive noticia, que *Vossa Excellencia* passava á Capitania de Matto Grosso pelos Sertoens da Bahia, procurei tam bem dirigir daqui as minhas letras á Prezença de *Vossa Excellencia*, con=

05 gratulando- me de todo obom successo, que dezejava experimentas- se *Vossa Excellencia* desde que sahio da Nossa Corte: Agora repito es- sa mesma diligencia reiterando os meus votos de amizade, e respeito, e a minha obediencia para quanto for do serviço de *Vossa Excellencia* na cer teza, de que *Vossa Excellencia* hade querer practicar comigo os efeitos da sua

10 benevolência, como devé o seu Antecessor, e Irmaõ o *Illustrissimo e Excellentissimo Senhor* Luiz de Albuquerque de Mello e Caceres. No amplissimo Territorio da Jurisdicção de *Vossa Excellencia* es= taõ Igrejas, que ainda pertencem a esta Dioceze do Rio, e ha taõ pouco Eccleziasticos, como ja será constante a *Vossa Excellencia* e oxalá

15 que esses mesmos fossem taõ dignos, que bem cumprissem seus deveres. Mas taes, quaes saõ, não posso deixar de orar por elles a *Vossa Excellencia* suplicando queira protegêlos para obom exercicio dos se us Ministerios, pois que pela falta, que há delles em todo este Bis pado, e pelos embarços da Nossa Corte, para crear outros, só

20 me resta levar os meus gemidos á Prezença de Deos, para su- plicar= lhe as providencias, de que necessita a sua Igreja. Eu quiz mandar ao menos do Cuiabá o Padre Anto

25 nio Antunes, que á poucos annos se veio aquí ordenar, e o nomeei, para substituir os Lugares da Vara, e Igreja de Villa Bella por obito do padre Estevaõ Ferreira Ferro, na intelligencia, de que elle correspondesse aobom conceito, que pude aqui formar da sua seria vocação para o Estado, ignorando, que elle houvesse antece dentemente no estado Secular dado motivos de displicencia ao *Illustrissimo e Excellentissimo Senhor* Luiz de Albuquerque, que se inclinou mais

30 a favor do Padre Antonio Iozé, e para esse effeito não só pedio Provisoens ao Reverendo Vigario da Vara do Cuiabá, más

Também se servio o m.<sup>to</sup> Sr. ensinar-me a sua vontade em  
 carta, á q' não pude responder antes da sua Vitorada, e por  
 isso tome a liberdade de pôr nas Manus de V. Ex. as  
 Gravuras incluzas, supplicando ao m.<sup>to</sup> tempo queira V. Ex.  
 distribuilas como for servido.

Tô-me muito obrigado supplicar a V. Ex. se queira persuadir  
 q' eu estimo sempre obrar de accordo com V. Ex. para quan-  
 to for do serviço da Igreja, e do Estado, e nesta certeza  
 disponha da minha vontade, como for servido.

A Pessoa de V. Ex. q' Deo. m. annos. Rio  
 de Janeiro 6 de Maio de 1790

D. V. Ex.

m. Rev. e Cum. S.

J. B. de S.

**Fólio 1v**

tambem se servio o mesmo *Excellentissimo* ensinuar-me a sua vontade em  
carta, á que não pude responder antes de sua retirada, e por  
isso tomo a liberdade de pôr nas Maons de *VossaExcellencia* as  
35 Provisoens incluzas, suplicando ao mesmo tempo queira *VossaExcellencia*  
distribuilas, como for servido  
Só me resta suplicar a *Vossa Excellencia* se queira persuadir  
que eu estimarey sempre obrar de acordo com *VossaExcellencia* para quan  
to for do Serviço da Igreja, e do Estado, e nesta certeza  
40 disponha da minha vontade, como fór servido.  
A Pessoa da *VossaExcellencia* *guarde* Deos muitos annos. Rio  
de Janeiro 6 de Maio de 1790  
De *Vossa Excellencia*  
*muito reverente e humilde Servo*  
45 *Illustrissimo Bispo do Rio de Janeiro*

Ms 22

Seu<sup>mo</sup> Ex<sup>ma</sup> Snor

Tendo recebido em 3 de Jun. do anno cor. as Cartas, q' havia recebido de V. Ex<sup>ta</sup> the adatta de 5 de Agosto do anno anteced. Si me Vossa Satisfazer agora das q' recebe no anno prox em data de 10 de outubro do anno passado em q' V. Ex<sup>ta</sup> me participa q' tem accedido sobre o provimento da Igr. de Vila Bela na pessoa do Sr. Francisco Jose Ribeiro, pela demissao de Sr. Fernando Vieira, e pela renunciancia do Sr. Antonio Antunes. E não posso deixar de extimar, q' o Sr. Vigario de Quaba correspondesse aos desejos de V. Ex<sup>ta</sup> e lhe enviasse ultimam. os provimentos no Sr. Francisco Jose Ribeiro e Sr. Vigario da Vila Bela: a fim este Sr. Vigario correspondesse a Vossa expectação, p. q' V. Ex<sup>ta</sup>, e tambem eu, e os povos, q' elle tem de reger, possam ter a consolacio de viver em pais no Sr. da Igr.

Oq' posso segurar a V. Ex<sup>ta</sup> he, q' nenhuma das Igr. do extensissimo Territorio dehi despido de dese Santos Cuidados, como as deha Cap. As informaçoes, q' sem chegada, e chegas aos Meos ouvidos, são as mais lastimozas, q' se podem conceber. Que, q' infelism. p' todo o Territo graffa a torpezza dos Vigarios contra a pureza da Nova Santa Religiao: q' q' infelizes peccadores recebem a Doutrina Santa, e

<b>TRANSCRIÇÃO 22-Fólio 1r</b>	
<b>CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO</b>	Fundo-ACBM- IPDAC-Pasta 57-nº 1999
<b>ASSUNTO</b>	Carta do Bispo de Rio de Janeiro para João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres discorrendo sobre o afastamento de Padre Fernando Vieira e das dificuldades da Igreja em Mato Grosso.
<b>LOCAL</b>	Rio de Janeiro
<b>DATA</b>	20 de março de 1792
<b>ASSINATURA</b>	Idiógrafo

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*

Tendo respondido em 3 de Janeiro do anno corrente ás cartas, *que* havia recebido de *Nossa Excellencia* the a datta de 5 de Agosto do anno antecedente só me resta satisfazer agora ás *que* recebi no anno prezente em datta de 10 de outubro do anno passado em *que* *Vossa Excellencia* me participa o *que* tem acrescido sobre o provimento da Igreja de Villa Bella na pessoado *Padre* Francisco loze Ribeiro, pela demissão do *Padre* Fernando Vieira, e pela repugnancia do *Padre* Antonio Antunes. E não posso deixar de estimar, *que* o *Reverendo* Vigario do Cuiabá correspondesse aos desejos de *Vossa Excellencia* lhe enviasse ultimamente os provimentos necessarios para o mesmo *Padre* Francisco loze Ribeiro Servir as Vigararias da Vara, e Igreja de Vila Bela: assim este Sacerdote Corresponda á *Nossa* expectação, *para* *que* *Vossa Excellencia* e tambem eu, e os povos, *que* elle têm de reger, possamos ter a consolação de viver em pás no Seio da Igreja O *que* posso segurar a *Vossa Excellencia* hé, *que* nenhuma das Igrejas do extensissimo Territorio deste Bispado me deve tantos cuidados, como as dessa *Capitania*. As informaçoes, *que* tem chegado, e chegam aos Meos ouvidos, são as mais lastimozas, *que* se podem conciderar. Ouço, *que* infelizmente por todo o Sertão grassa a torpeza dos vicios contra a pureza da *Nossa* Santa Religião: *que* ((guarda)) infelizes peccadores rezistem á Doutrina Santa, e

e se insurdese em p.<sup>a</sup> a reforma dos seus costumes: q' os  
 mesmos Sacerdotes, q' hã na Provincia, e Servim de Pasto-  
 res, não são bem instruidos, e p' consequencia pensão mais  
 por suy interesses, q' por de seu proximo; e por mais q' eu  
 pense, não tenho podido acertar nos meios de applicar-  
 l' a providencia, de q' tanto se necessita, como V. E. D. m.  
 de mais perto não pode duixar de conhecer.

De quantos Clerigos habitão em Matto Grosso  
 são combuo o P.<sup>o</sup> João Nicolau, e o P.<sup>o</sup> Antonio de  
 Marques, q' apenas merecerã apparer. p.<sup>a</sup> Servirem sua  
 simplex Cappellania. V. E. D. m. q' tem conhecido bem  
 a fundo, desde q' chegou a esta Cap.<sup>a</sup>, e combudo ambos sem  
 Servido Igreja Parochial, e segundo sãe occupados  
 primeiros Lugares de Vigario da Vila e Igreja de Vila  
 D'ella, e requerendo Provizão minha sabe V. E. D.  
 permittis Deo só chegasse às Matz de N. E. D. a  
 tempo, q' se cumprirão os Meoz doz.

Tãto poder eu formar algum conselho do Meoz  
 Ecclex. de Matto Grosso, mandei Visitar as suas Ig.<sup>as</sup>  
 e pedi as inform.<sup>ens</sup> de q' necessitava, e a V. E. D. m. sera copy  
 tanto o infelice exito de semelhante Visitação, da qual  
 nem ainda agora tenho podido conseguir saber sua Verulda.  
 Tãto sas as Maximas do Seculo, incomprehensivel a te-  
 nidade dos Meoz talentos. Apenas tive co'lexa

## Fólio 1v

- 26 e se ensurdessem *para* a reforma dos Seus Costumes: que os  
mesmos Sacerdotes, que há na Província, e *Servem de* Pasto  
res não são bem instruidos, e *para* consequencia pensão mais  
nos Seus enteresses, *que* nos de Seu proximo; e por mais *que* eu  
30 pense, não tenho podido acertar nos meios de applicar=  
Ihe a providencia, de *que* tanto Se necessita, como *Vossa Excellencia* mesmo  
de mais perto não pode deixar de conhecer.  
De quantos Clérigos habitaõ em Matto Grosso  
só conheço o *Padre* Ioaõ Nicolau, eo *Padre* Antonio Iozê  
35 Marques, *que* apenas mereceraõ approvaçam *para* Servirem hua  
simples Cappellanía. *Vossa Excellencia* mesmo os terá conhecido bem  
a fundo, desde *que* chegou a essa *Capitania* e comtudo ambos tem  
Servido Igrejas Parochiaes, eo Segundo Ihe occupou os  
primeiros Lugares de Vigario da Vara e Igreja de Vila  
40 Bella, e requerendo Provizaõ minha sabe *Vossa Excellencia*  
permitio Deos só chegasse às Maõz de *Vossa Excellencia* á  
tempo, *que* se cumpriraõ os Meoz dezejos  
Para poder eu formar algum conseito dos mais  
Ecleziasticos de Matto Grosso, mandei vizitar as Suas Igrejas  
45 e pedi as informaçõens, de *que* necessitava e a *Vossa Excellencia* mesmo Sera cons  
tante o infelis exito de semelhante Vizitaçaõ, da qual  
nem ainda agora tenho podido conseguir saber sua rezulta.  
Taes são as Maximas do Seculo, incomprehensíveis a te  
nuidade dos Meus talentos. Apenas tive certeza

se poderá confirmar na Fé muitos Christãos, a q se  
administrou o Sacramento do Santo Crisma.

V. S.<sup>a</sup> conhece muito bem os embaracos insupe-  
ráveis, que occorrem, p.<sup>o</sup> o Bispo de P.<sup>a</sup> mandar bons  
Operarios aos vastos sertões de Matto Grosso, e tão  
necessos, de que todos se queixão, ainda q sem tão justas  
Causas, como V. S.<sup>a</sup> me diz: mas como se poderá re-  
zistir a voz Commum, q inculca a penitencia dos ary-  
desse Clima? Si hu Bispo mais virtuoso, e  
mais discreto, que confesse com V. S.<sup>a</sup> de viva voz ne-  
se m.<sup>o</sup> Territorio me lembra seria mais util p.<sup>o</sup> fazer  
fructificar nesse Clima os Saudavij Dogmas da  
Santa Religião Catholica. Eu o Representei  
já a S. Mag.<sup>a</sup> Sim com effeito nomeou hum  
Bispo p.<sup>o</sup> Prelado de Curitiba, e a muitos annos. Ma-  
náo me consta tenha sahido da Nova Corte. De-  
o N. Senhor prouisa de remedio á sua Sgr.<sup>a</sup>

Quanto está em Mim não posso deixar de  
agradecer a V. S.<sup>a</sup> os bons dex.<sup>os</sup> officios, com q procura auxi-  
liar-me fazendo empregar aomens, e q se Representão  
muito inhabéis para os Ministerios Sagrados; e só os  
votos del. S.<sup>a</sup> influirão sempre muy acertos, q eu pos-  
sa ter em sem. qcolla, p.<sup>o</sup> que pelas se hade regular  
sempre a m.<sup>o</sup> Condição, conhecendo, q a piedade, e Dello

## Fólio 2r

50 Se poderaõ confirmar na Fé muitos Christaõs, á *que* se  
administrou o Sacramento do Santo Crisma.  
*Vossa Excellencia* conhece muito bem os embaraços insupe  
raveis, que occorrem, *para* o Bispo do Reverendo mandar bons  
Operarios aos Vastos Sertoens de Matto Grosso, e taõ  
55 nocivos, de que todos Se queixaõ, ainda *que* sem taõ justas  
Cauzas, como *Vossa Excellencia* me des: más como se poderá re  
zistir á vóz commum, *que* inculca a pestilhencia dos ares  
desse Clima? Só hu Bispo mais virtuozo, e  
mais discreto, que conferisse com *Vossa Excellencia* de viva vós ne  
60 se mesmo Territorio me Lembra seria o mais util *para* fazer  
fructificar nesse Clima os Saudaveis Dogmas da  
da Santa Religiaõ Catholica. Eu o representei  
ja a *Sua Magestade Firma* e com *effeito* Se nomeou hum  
Bispo *para* Prelado do Cuiabá, e a muitos annos: Mas  
65 não me consta tenha sahido da Nossa Corte. De  
os Nosso Senhor prouva de remedio a Sua Igreja  
Quanto está em mim não posso deixar de  
agradecer a *Vossa Excellencia* os bons *dezejos* eofficios, com *que* procura auxi  
liar me fazendo empregar aomenos, os *que* se representaõ  
70 menos inhabeis para os Ministerios Sagrados; e só  
os vottos de *Vossa Excellencia* influirã Sempre nos acertos, *que* eu pos  
sa ter em *semelhantes* escollas *por* que *por* elles se hade regular  
sempre *aminha* vontade, conhecendo *que* a piedade, e Zello

da Religião São, e q' animado o Coracá de N. E. a  
 Estimo, q' o Sr. Domingos da Silva da  
 xior ainda se podesse aproveitar da Beneficencia de  
 V. E. a: assim elle se sabia regular p. o futuro, e volte  
 para o seu Paiz a pedir as instrucções, de q' necessi-  
 ta ao seu Grande Prillado, Ilustre pelas suas  
 virtudes, e pela sua Doutrina; e deue esta Carta  
 onde tem sido objecto de escandalo.

Sobre tudo hei de extimar tenha V. E. a  
 conseguido hum perfeito restabelecim. da sua saú-  
 de, como muito V. E. x, e queira dispor da municipal-  
 sad, e obediencia para quanto for de seu servizo.

A Vila de N. E. a e P. de  
 m. ann. Rio de Janeiro 20 de Março de 1792

Ilmo. Exmo. Sr. João de Alva  
 querque de Alva, Pa. e Cacores.

De N. E. a

M. J. de S. e C. m. d. S.

M. J. de S. e C. m. d. S.

**Fólio 2v**

de Religião são, os *que* animão o Coração de *Vossa Excellencia*  
75 Estimo, *que* o Padre Domingoz daSilva Xa  
vier ainda se podesse se aproveitar das Beneficencias de  
*Vossa Excellencia* assim elle se saiba regular para o futuro, e volte  
para o Seu Bispado a pedir as instrucçoens de *que* necessi  
ta ao seu Grande Prelado. Ilustre pelas Suas  
80 virtudes, e pela sua Doutrina, e deixe essa *Capitania*  
onde tem sido objecto de escandalo.  
Sobre tudo hei de estimar tenha *Vossa Excellencia*  
conseguido hum perfeito restabelecimento da SuaSau  
de, como muito lhedezejo, e queira dispor da minha Von  
85 tade, e obediencia para quanto for de Seu Serviço  
A Pessoa de *Vossa Excellencia* *guarde Deos*  
*uitos annos* Rio de Janeiro 2 de Março de 1792  
Illustrissimo e *Excellentissimo* Senhor Ioaõ deAlbu  
querque deMello Pereira e Caceres.  
90 De *Vossa Excellencia*  
*Muito obrigado e humilde Servo*  
*Illustrissimo Bispo* do Rio de Janeiro



TRANSCRIÇÃO 23-Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo ACBM- IPDAC-Pasta 57 nº 2001
ASSUNTO	Carta do Bispo do Rio de Janeiro ao capitão general solicitando auxílio para Mariana Josefa Mascarenhas e suas irmãs e filhas do sargento-mor José Dias de Oliveira.
LOCAL	Rio de Janeiro
DATA	?
ASSINATURA	?

*Excellentissimo e Reverendissimo Senhor*

A Respeitavel Prezença de Vossa Excellencia se prostraõ

*Dona Marianna Iozefa Mascarenhas, e Suas Irmans para Serem*

*protegidas, e animadas para como Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Governador de*

05 *Matto Grosso.*

*AVossa Excellentissima Reverendissima será constante que por falecimento*

*do Pai das Supplicantes o Sargento mor Ioze Dias de Oliveira*

*ficou o Seo Cazal onrado de Varias dependencias, e cobranças, as*

*sim como ja estava no tempo do falecimento de Sua Mae*

10 *e entre ellas bem assim são as Cobranças de Varios deve*

*dores na dita Villa de Matto Grosso, que sendo enviadas ao Cui*

*abá emvida do pai das Supplicantes ao Tenente Ioaquim Jo-*

*zedeos Santos, este as= enviou da mesma Villa de Matto Gros*

*so ao Tenente Bernardo Lopes da Cunha em poder de*

15 *quem Se persuadem as Supplicantes ellas pararám ou de*

*quem o mesmo declarar. A grande demora, que tem havido nas*

*respectivas cobranças, tem occasionado algum incommo*

*do nas dependencias, e particulares do Seo Cazal; e para*

*que maior não experimentem Só pelo Respeitavel*

20 *Cabimento do mesmo Illustrissimo e Excellentissimo Senhor poderam con*

*seguir o exito, e adiantamento dellas. O Grande*

*Respeito de Vossa Excellencia Reverendissima so pode concorrer para os*

*Seus progressos, que vão dirigidos presentemente ao Alfe*

*res Ioze da Silva Gama, Thezoureiro da Real*

25 *Fazenda da mesma Villa de Matto Grosso, a quem o Illustrissimo*

*e Excelentissimo Senhor General pode proteger, para conseguirem as*

Supp. o ultimo fim das respectivas cobranças, sendo as  
 quays sera difficultoso verem-se izentas de tanta afflic  
 ção, de qua estas Cercas e pelachia Orfande Digno  
 se ha de responder com ellas a seu Bonifacio, e  
 respectivel Justicças, q. se a fôrta e poderam  
 chamar Intoxas, e q. expira da Real C. de 1714

D. N. B.

**Fólio 1v**

Supplicantes o ultimo fim das respectivas cobranças, Sem as  
quaes Será difficultozo virem=se izentar detanta afflic  
ção, de que estão Cercadas pelaSuaOrfandade Digne=  
30 seVossaExcellencia despende com ellas aSuaBenigna, e  
Respeitavel Protecção, para que só assim se poderám  
Clamar Ditozas, oque esperaõ da Pessoa deVossa Excellentissima Reverendissima  
EsperaReceberMerce

Ms 24

Mo. Ex. S. S.

edia apostolica, o respeito, e subordinacão que se  
 deve a V. Ex.<sup>a</sup>, queo Capellão Militar desta Repu-  
 blica despois de se haber dirigido a V. Ex.<sup>a</sup> com ane-  
 sultas sugeridas do seu indomavel e peculiar genio, se  
 suspendeu de executar motivos peccantes de novas  
 providencias, te que V. Ex.<sup>a</sup> se senisse de resolver a prin-  
 meira: mas como elle continuasse a alterallas com  
 incivix progreos e pouca attentas ameacas, mepare-  
 ceu de justitia e de honra, mandallo suspender do  
 excessos p. Ordem de V. Ex.<sup>a</sup>, com Nome da Rain-  
 nha Nossa Senhora, como se manifesta da attes-  
 tação junta de que elle fez tao pouco caso, q' a tacação  
 da Missa que foi agorinha, declarou no Dia, que  
 sem embargo de lhe haver intimada aq. Ordem,  
 proseguiria a seudever: e que a que não comparecesse  
 até Domingo, farião excomungado, e sem con-  
 sultores: alem de mandar dixer p. Porta d.  
 Tendo arte Inquirir Leite e os intimando aq.  
 dita Ordem, que elle bem sabia, e que lhe competia,  
 e que me metesse eu com as m.<sup>as</sup> obrigações.

No seguinte Domingo tambem  
 a tacação da Missa disse, q' todos os Sacerdotes  
 estavão excomungados: e que se não absolvessem  
 por insinuacões que tivessem, se charia a portar  
 da Igreja, e não diria mais Missa: sendo am-  
 mões precisa e necessaria obrigação neste Lugar  
 nesta Republica, de fazer respeitar e obedecer  
 inviolavel mente as Ordens de V. Ex.<sup>a</sup>, e onde o Rey  
 me pareceu conveniente em satisfacão a sua deb.  
 obediencia, mandallo prender no Corpo da guarda  
 principal da minha Ordem, com Nome de V. Ex.<sup>a</sup>,  
 cuja

TRANSCRIÇÃO 24- Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo-ACBM-IPDAC. Pasta 82-nº 1382
ASSUNTO	Carta de José Pinheiro de Lacerda para João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, tratando sobre a prisão do capelão Manoel Tomás Fernandes por não cumprir ordens do governador.
LOCAL	Forte Príncipe da Beira
DATA	23 de agosto de 1793
ASSINATURA	Idiógrafo

*Illustrissimo eExcellentissimo Senhor*  
 Pedia aPolytica, o respeito, ea subordinação que se  
 deve a *Vossa Excellencia* que o Capellaõ Militar desta Repar  
 tação depois de se haver dirigido a *Vossa Excellencia* com as re-  
 05 sultas sugeridas do seu indomavel epecimo genio, se=  
 suspendesse de excitar motivos pendentes de novas  
 providencias, té que *Vossa Excellencia* se servisse de resolver as pri-  
 meiras: mas como elle continuasse á alterallas com  
 inciviz progrêços e pouco attentas ameaças, mepare-  
 10 ceudejustiça e de razaõ, mandallo suspender dos *ditos*  
 excessos por Ordem de *Vossa Excellencia*, eem Nome da Ray-  
 nha Nossa Senhora; como se manifesta da attes-  
 tação junta de que elle fez taõ pouco cazo, *que* ((aes))tação  
 da Missa que foi Logodizer, declarou ao Povo, que  
 15 sem embargo de selhe haver intimada *aquelle* Ordem,  
 prosegueria o seudever: e que os que não comparecesse  
 ate Domingo, ficariaõ excomungados e sem con-  
 sultores; alem de mandar dizer pelo Porta Es-  
 tandarte loaquim Leite Paes intimando-lhe  
 20 adita Ordem, que elle bem sabia o que lhe competia,  
 e que me metesse eu com as *minhas* obrigações.  
 No seguinte Domingo também  
 ((aes))tação da Missa disse, *que* todos os Soldados  
 estavaõ excomungados: e que se [[se]] não absolvessem  
 25 por insinuações que tivessem, fecharia as portas  
 da Igreja, e não diria mais Missa; e sendo *aminha*  
 mais precisa e necessaria obrigação neste Lugar  
 enesta repartição o de fazer respeitar e obedecer  
 inviolavel mente as Ordens de *Vossa Excellencia* e as de El Rey  
 30 mepareceu conveniente em satisfacção asua des-  
 obediencia, mandallo prender no Corpo da guarda  
 principal *aminha* Ordem, eem Nome de *Vossa Excellencia*  
 cuja

cuya prisão, a executou o Alcaide de Dragões  
 Sebastião Cardoso de Figueiredo: e como o ditto  
 B. fugiu da referida prisão saltando por huma  
 janella vindo se meter na Igreja, lhe mandey por  
 guardas, para q' se lhe não introduzisse cauza algu-  
 ma, até que por tarde se resolveu a descolher-se ad  
 prisão: eraso, que obrigado da fome, depois dese  
 interior se fazer p'ntorninas e referir (fio leuau  
 aa Soldado), querendo sahír para mentasso com  
 hum Crucifixo namão, imagens da sua ma in-  
 dote edescortou.

Passados oito dias, por b'm da  
 depend' do meu Ministerio o mandava sottar em  
 Nome de V. Co<sup>ca</sup>, sobre a clauzulla de protectar,  
 em tudo e por tudo resignar-se com as primeiras Or-  
 demes de V. Co<sup>ca</sup>, que lhe foram intimadas na dia 28 de  
 Julho: providencia a lix bem suaveis a que elle  
 desobedeceu, segund' consta da Ormidaõ que tenho  
 a honra de apresentar a V. Co<sup>ca</sup>. ede concluir, q' p'  
 que me pertence, tenho dado a V. Co<sup>ca</sup> a m'õ de  
 q'itima, enecessaria p' desmelhantes acontecim.  
 Inq'uarde a V. Co<sup>ca</sup> m.  
 an. O do Principe da Beira 23 de Agosto  
 de 1793.

M<sup>mo</sup> Sr. D. João de  
 Albuquerque de Mello, P<sup>re</sup> e C<sup>on</sup>de

de V. Ex.<sup>a</sup>

M<sup>o</sup> omil de subdito, eio de sobry

João Pinheiro de Saes

## Fólio 2 r

- cuja prizaõ, a executou o Anspeçada de Dragões
- 35 Sebastião Cardoso deFigueiredo: e como o ditõ  
*Padre* fugisse da referida prizaõ saltando por huma  
 janella vindo-se meter na Igreja, lhe mandey pôr  
 guardas, para *que* se lhe não introduzisse cauza algu-  
 ma; até quepor tarde se resolveu a recolher-se *adita*
- 40 prizaõ: creyo, queobrigado da fome, depois de se  
 inteirar de fazer pantominas e referir frioleiras  
 aosSoldados, querendo sahir paramentado com  
 hum Crucifixo nas mãos, imagens dasua ma in  
 dole edesconçêrtos.
- 45 Passados oito dias, por bem da  
*dependencia* do seu Ministerio omandava soltar em  
 Nomedede *VossaExcellencia*, sobre a clauzulla deprotestar,  
 emtudo epor tudo resignar-se com as primeiras Or-  
 dens de*VossaExcellencia* quelheforaõ intimadas no dia 28 de
- 50 Iulho: providencias aliaz bem suaveis aque elle  
 desobedeceu, segundoconsta daCertidaõ que tenho  
 ahonrade apresentar a*Vossa Excellencia* edeconcluir, *que* pelo  
 que mepertence, tenho dado a*VossaExcellencia* amaisLe  
 gitima, enecessaria parte desemelhantes acontecimentos
- 55 DEos guarde a*VossaExcellencia* *muitos*  
 annos. Forte do Principe daBeýra 23 de Agosto  
 de 1793.  
*Illustrisimo eExcellentissimo Senhor* Ioaõ de  
 Albuquerque de Mello *Pereira* eCaceres
- 60 De *VossaExcellencia*  
*Muito* umilde subdito, criado obrigadissimo  
 <Iozé Pinheiro deLacerda>



<b>TRANSCRIÇÃO 25- Fólio 1r</b>	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo ACBM-IPDAC-Pasta 57-nº 2051
ASSUNTO	Carta do Bispo do Rio de Janeiro a João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres discorrendo sobre os oficiais da câmara de Cuiabá.
LOCAL	Rio de Janeiro
DATA	14 de maio de 1793
ASSINATURA	Autógrafo

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*

Dezajando corresponder effectivamente aos dezejos, com *que Vossa Excellencia* se interessa pelo riquimento dos officiaes da Camara de Matto Grosso, não me he possivel mostralo assim na prezente Conducta. *Vossa Excellencia* conhece

05 *que a molestia não hé taõ facil de rezolver na ampliação da Proposta do mes* mo Senado Aboa uniaõ dos Membros fortifica o campo, *que delles se* compoem, e a dissolução de hu só, que seja, faz afrouxar todo o com posto. E quando se trata de motivos enteresses hé necessario que cada hua das partes corresponda aos Seos officios. Eu poderei obrigar

10 aos *Ecleziasticos que me estaõ subordinados, cumpraõ com o que lhe for ordena* do Mas será *muito* conveniente, que *Vossa Excellencia* queira prestar os Seos au xilios *para que os povos não faltem com o que deverem aos Seos Pastores.* Posso segurar a *Vossa Excellencia que* tenho bem nas *muitas* vistas, quanto pode ser util a huns e outros; e me possa prometter *competentemente aVossa Excellencia* na pri

15 *meira opportuna occasiaõ.*

Entre tanto o *que* mais opprime os meus cuidados he a Saude inferma de *Vossa Excellencia* *aquem* sempre dezejo a mais vigorosa para render *muitos* Serviços a Deos Nossa *Santidade* e a Nossa Augustissima Soberana In cessantemente rogarei a Deos pela consservação de *Vossa Excellencia*, e pela *felicidade* des

20 *sas Ovelhas que* taõ longe habitaõ das Vistas de hú Pastor, *que* não pode as sestir lhes de mais perto em suas affliçoens, e *necessidades* O que pode *Vossa Excellencia* contar sem hezitação, he com *amesma* vontade *para quanto* for de servido A pessoa de *Vossa Excellencia* *garde* Deos *muitos annos* Rio de laneiro 14 de Maiode 1793

25 *Illustrissimo e Excellentissimo Senhor* loaõ de Albuquerque de Mello *Pereira eCaceres* De *Vossa Excellencia* *muito reverendo ehumilde* Servo

30 *Illustrissimo Bispo doRio delaneiro*

Ms 26

Mo. Ina. S.  
H. e. ∞. S. vir.

Como boa parte dormidores, des-  
 te Santo cheiro de doido, e submição me-  
 innoca, Alto Nome de V. Coa, para que eu e bem do  
 N. Serviço da Realha N. S. Unibrida da d. Coa, ha-  
 ja de expor a V. Coa as injusticias, deo, e malhas, im-  
 medatas, violencias e outras usuras com q. elles tem sido, e são  
 efferuamente tratados, pelo seu actual Governador  
 M. Thomez Bernardes; e bucaando amalia da sua  
 Excessiva ambicao, como affectado de lha de Santo E.  
 evangelica: excessiva ja mais nta neta lparicao,  
 desde o primeiro Pastor q. tivera estes povos em ferra-  
 dia madaes, q. um aver do Governador M. J. de  
 Couto da Chambaia em diante, e P. Eusebio Correia  
 Serra, e successivamente o P. Luiz Francisco Monteiro,  
 e P. Dionisio da Conceicao, e P. Vitoria, e P. Ignacio  
 Pedro Jacome de Souza Magalhães, e P. Joze de Al-  
 meida Dias, e P. Antonio Joze de Albray, e P. Fran-  
 cisco Joze Ribeiro, e P. Antonio Joze Marques ante  
 re por do actual, que uniformemente em comportura  
 Ecclesiastica se trataram sempre com amor e cari-  
 dade; e pelo contrario este, indocente ambicioso, inti-  
 mida, ameaça, Multa, Indemna, Excomungas:  
 e por ultimo se patenteia em publico suas faltas fa-  
 zendo se saber de Igreja para fora sem intimação das  
 Caudas do fofurad; como succedeu amalia de Ja-  
 lescio Joze Ribeiro, ado Pedro de Felipe Miranda  
 ado Anonocada de Pedreira Pedro Correia, ado P.  
 de lha Simão de Oliveira, e outras muitas fal-  
 ras, a quem gritando ameaçava, e loria, que todas esta  
 vao excomungadas, segundo a fofurad de S. Paulo,  
 nas suas Epistolas ao de Corinto; e que todas as Con-  
 gregações que ate aqui tinham sido hereticas, e fofuri-  
 legas; mas não se lembra de ad viris, q. omnes S.

<b>TRANSCRIÇÃO 26-Fólio 1r</b>	
IDENTIFICAÇÃO:	Fundo-ACBM-IPDAC-Pasta 80-nº 1795
ASSUNTO:	Carta de José Pinheiro de Lacerda a João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres discorrendo sobre o estado de sanidade mental do pároco Manoel Tomás Fernandes que cometeu várias injustiças e desmandos com os moradores do Forte do Príncipe da Beira
LOCAL:	Forte do Príncipe da Beira
DATA:	18 de julho de 1793
ASSINATURA:	Autógrafo

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*  
Huma boa parte dos moradores deste Forte cheios domaior respeito esubmissão me invocão o Alto Nome de *Vossa Excellencia* paraque eu por bem do

5 Real Serviço da Raynha Nossa Senhora de Deos, ha ja de expor a *Vossa Excellencia* asinjustiças, descomposturas, em piedades, violencias e ainda uzuras com *que* elles tem sido, são effectivamente tratados pelo seu actual Parocho Manoel Thomas Fernandes; reбуçando amalicia da sua

10 excéssiva ambição, com affectados zellos de Santidade e Evangelica: excéssos já mais vistos nesta repartição, desde o primeiro Pastor *que* tiveraó estes pobres e miseraveis moradores, *que* vem a ser do governador e *Excellentissimo Senhor* Conde de Azambuja em diante, o *Padre* Estevaõ Ferreira

15 Ferro esucesivamente o *Padre* Luiz Francisco Monteiro, o *Padre* Dionisio da Fonseca, o *Padre* Sarctiva, o *Padre* Ignacio Pedro Jacome de Souza Maagalhaês, o *Padre* Jozé de Almeida Paes, o *Padre* Antonio Joze de Abreu, o *Padre* Francisco Jozé Ribeiro o *Padre* Antonio Joze Marques ante

20 cessor do actual, que uniformemente emcompostura Eclesiastica otrataraõ sempre com amor e charidade; e pello contrario este, indireto ambiciozo, osintimida, ameassa, multa, condemna Eexcomunga= e por ultimo lhes patentia empublico suas faltas fazendo os sahir da Igreja para fora sem distincão das casadas ou solteiras; como sucedeu a mulher do falescido Joaõ Ribeiro, ado Pedreiro Filipede Miranda ado Anspeçada de Pedestres Pedro Ferreira, ado Pedestre Simiaõ de Oliveira e outras muitas solteiras,

30 quem gritando ameassava, edizia, que todas estas vão excomungadas, segundo o sentido de São Paullo, nas suas Epistollas aos de Corintho: e que todas as confissões que athé aqui tinhão feito heraõ nullas, esacrilegas; mas não se lembrou de advértir, *que* o mesmo São

Paulo do de Corinto recomendará viva  
 mente, que se ameisem os irmãos huns aos outros,  
 com inteira e amor da Religião: quando defôr  
 pararem alguma não estiverem ainda bem firmes, em  
 fundar na Doutrina Evangelica; e que sejam plô do  
 seu Santo e comprido comportamento, e os serviços  
 de legião e Doutrina: e que de huma vez entenda sear,  
 que a Ley de Deus, e Doutrina de Jeſu Christo,  
 consistia em amar ao mesmo Deus sobre todos os Cou-  
 ras e ao proximo.

Jeſu Christo, quando deſpe-  
 dio os seus Apóstolos, p. nem denunciar a tou-  
 a forte de pueras a sua Doutrina Evangelica recomen-  
 dabu, que não. Levarem mais que a sua capa, ou bordão,  
 e humas alpercatas. Enão disse hido ao povo, inventay  
 Pravição das Almas, e trazey toda a Dominga do seu Co-  
 pietá, acatherem do povo, quanto a os e Franqueiras  
 elles possuam p. vno Regallo: não disse hido ao povo,  
 utra pavição para daroua morada e tendencia, fa-  
 dei laberna; vendei nella vna pavição mais. Coaxa-  
 sei a os capos a os escravos Captivos, e tiray de Franqueira  
 dia, para comporei Franqueiras, a bem de estabe-  
 cerei negocio da mesma Caixa; invistay a os  
 mercaderes a os vnos de Franqueira, p. vno vende-  
 rem: não disse hido ao povo, invistay a os comtra-  
 m, e condemay a os emayul tadas, quanto a de se-  
 ra, e excomungay a os de se; para q vos apresentem  
 a mesma Ley, para convictos e bem vendiday p.  
 mentes, e outay a os de galinhas esiro; que outa  
 va vno vno a os annos, a tiray de oblições e festas:  
 não disse hido ao povo, e tiray a os q tiray  
 feito sua pavição de Misericordia ou Santidade

## Fólio 1v

- 35 São Paulo aos de Corinto recomendou viva  
mente, que se amassem os irmãos huns aos outros,  
com inteireza e amor da Religião: que não desam-  
parassem os que não estivessem ainda bem firmes, e in-  
truidos na Doutrina Evangelica, e que exemplo do  
40 seu Santo e composto comportamento, lhes servisse  
de regra e Doutrina: e que de huma vez entendessem,  
que a Lei de Deos, e Doutrina de Jesus Christo,  
consistia em amar ao mesmo Deos sobre todas as cou-  
zas, e ao proximo.
- 45 Iesu Christo, quando despe-  
diu aos fieis Appartados, para irem anunciar a toda  
fonte de pessoas a sua Doutrina Evangelica recomen-  
dou, que não Levassem mais que a sua capa, o seu bordão,  
e humas alpercatas= E não disse hide ao Povo, Inventay  
50 Prosição das Almas, e trazey todos os Domingos dous Ca-  
pêtas, acolherem do Povo, quantos ovos e franguinhos  
elles possuem para vosso regallo não disse hide ao Povo,  
e na propria caza da vossa morada e residencia, fa-  
zei taberna; vendey pella vossa propria mão caxas-  
55 sa aos copos aos escravos captivos, atroco de frascos va-  
zios, para compores frasqueiras, abem de estabe-  
ceres o negocio da mesma caxassa; insitando assim  
os escravos a serem Ladrões de frascos para vos vende-  
rem= não disse hide ao Povo, intimiday-os com ter-  
60 ror, e condemnaÿ-os em avultadas quantias de Se-  
ra, e excomungaÿ-os Logo; para que vos apresentem  
a mesma Sera para, as venderes bem vendidas para  
os enterros, e outras atroco de galinhas e oiro; que outra  
vez vos voltem as mãos, a titulo de oblações, e o fertas:  
65 não disse hide ao Povo, e todos aquelles que tiverem  
feito suas promessas de Missas aos Santos nas

Nas suas alicções emolentias, não se desobriguei  
 do presente Quaresmal sobre o texto nem humo,  
 sem que primeiro, vos trougo osim, inculca q' oratha  
 das suas le feridas promessas: Commutay algumay  
 inderatay promessay como he adanca de São Gonçal  
 lo, em 48 p; Certay q' vovenhão directamentem com  
 peltor de vedores, ou veu fadores, aliaz não se desobri  
 queis da Quaresma; e assim meymos Commutay em q'  
 quantia, as promessay das Saldy, istas em Comil  
 a Nossa Senhora da saude: Não disse hie ao Govo,  
 Jacilray e feizo sacramental da Confissao, na q' os  
 say palitray, demodo que se ventha adela q' q' que  
 os Indio do Porto Grande, souz a este Paes he p'rtor  
 duas galinias; e se for chamado p' Minytrary e  
 Sacramento a alguma mulher, q' estiva em evidem  
 terygo de morte por effeito de hum traballero epe  
 rigido parto, entray na casa gritando, e a meca, eey  
 coey forma com chistada, e avultada Condenna  
 cao, por senao haver anticipada m. Confessao, co  
 mo que se fca anticipada a exhibe do necess.  
 Sacramento na hora de morte deixando effim  
 espantado, e temorisado todos os assistentes: Não  
 disse hie ao Govo, enao desobriguei te hie adon  
 e erro do Commandante: humo, e vovender 48 p  
 de hum frasco de Casaca, que Reverendey con  
 fio por nas ter suplyesto a promena dehua Ollis  
 sa: não disse, enao vovenderidoy comtudo da lo  
 bran eadem to deus Contencias; e a creyentay aos  
 Proclamae Condiçes do estillo de 48 p da caram  
 dos Captivos, utava tres quartoy eitentay lei de oiro, de  
 Chanc, a signatura, e selto, e ultimamentem entre  
 munitay Holira, que a honeridade e o grande respeito  
 que tenho a S. Co, me supprime o le feridoy, sendo que

## Fólio 2r

Nas suas aflicções emolestias, não os desobrigueis  
 do preceito Quaresmal sobrepretexto nem hum,  
 sem que primeiro vos traga o oiro, ou couza *que* ovalha  
 70 das suas referidas promessas: Commutais algumas  
 indiscretas promessas como he adança de São Gonçal  
 lo, em *três oitavas e meia*; Centas *que* vos venhaõ directamente a maõ  
 pellos devedores, os seus fiadores; aliaz não os desobri  
 gueis da Quaresma; e assim mesmo Commutais em *igual*  
 75 quantia, as promessas das Ladaýnhas em Leomil  
 a Nossa Senhora da saude: não disse hide ao Povo  
 facilitay ofezilo Sacramental da Confissão nas vos  
 sas palestras, demodo que se venha a descobrir, que  
 o Indio do Porta Estandarte *Joaquim Leite Paes* lhe furtou  
 80 duas galinhas; e se fores chamado *para* minystrares os  
 Sacramentos á alguma mulher, *que* estiver em eviden  
 te perigo de morte por effeito de hum trabalhoso e pe  
 rigoso parto, entray na caza gritando, e a meação  
 a enferma com chicotadas, e avultada Condemna  
 85 ção, por senão haver *antecipadamente* confessado; co  
 mo que se essa antecipaçaõ a exhibisse dos necesaríos  
 Sacramentos na hora da morte deixando assim  
 espantados, e a temorisados todos os assistentes: não  
 disse hide ao Povo, e não desobrigueis té hoje ados  
 90 escravos do Commandante hum E vos dever *uma oitava e um quarto*  
 de hum frasco de Caxassa que lhe vendestes, e ou  
 tro por não ter saptisfeito a promessa dehua Mis  
 a: não disse, e não vos descuideis com tudo da Co  
 branca em ((torno)) das Conhecenças; e a crescentay aos  
 95 Proclamas e Cerridões do estillo de *um oitavo um quarto* dos cazamentos  
 dos captivos, oitava trez quartos e oitenta reis de oiro, de  
 [ilegivel], a Signatura, e Sello; E ultimamente outras  
 muitas frioleiras, que a honestidade e grande respeito  
 que tenho a Vossa *Excellencia*, me supprime e referillas; sendo que



**Fólio 2 v**

- 100 que ainda *para* estas mitemho arrastado comviolencia,  
apezar somente da Conservaçãõ destepobrePovo,  
que *VossaExcellencia* setem servido submeter ameuCargo:  
porquem peço, e rogo a*VossaExcellencia* sesirva attendellos  
com apiedade ejustiça, *que aVossaExcellencia* parecer de razaõ.
- 105 DEosGuardea*VossaExcellencia* muitos  
annos Forte doPrincipe da Beira 18 de lu-  
lho de1793-  
Illustrissimo eExcellentissimo *Senhor* loaõ de  
Albuquerque de Mello PereiraeCaceres
- 110 De *VossaExcellencia*  
*Muito* umilde su bdito, criado obrigadíssimo  
<lozé Pinheiro de Lacerda>

Ms 27

# Pede o Real Serviço

da Senhora Nossa Senhora: O suplicante, es-  
 bediência, que sedevim as ordens, geram pol-  
 ticas e Militares do Ilmo. Sr. e Gene-  
 ral, entabelladas nesta Freguesia, por bem  
 da conservação, e economia dos seus Habitan-  
 tes, e socoço e Disciplina dos Combaten-  
 tes, que o Sr. C. Capellão Militar Ma-  
 rcelo Thomaz Fernandes, para ser feito da  
 Prisão em que se acha, por satisfacão das  
 mesmas Ordens assigne hum Protesto, em  
 qual se obrigue inviolavelmente de em  
 tudo, e por tudo, assignasse com as Ordens  
 que no dia 28 de julho passado se fez  
 intimadas nello Sr. Estandarte de Dra-  
 ção Joaquim Leide Baia, para o que  
 mando ao Cabo de Squadra de Dragão  
 Antonio Ferreira Netto, Escrivão do Sr.  
 Tercio da 1ª do Corpo da Parda prin-  
 cipal, aonde se acha preso o ditto Sr. Ca-  
 pellão, e dar o ditto Protesto na qual assi-  
 gnaria o mencionado Capellão Cabreira  
 Guarda, e dar o Testamento, e depois de  
 assim executado mandará de ordem  
 minha em nome de V. Sr. a fazer o des-  
 sido Capellão, e caso que elle devere com-  
 formarse com estas minhas providencias,  
 Lavará junto a dita hum Carta, pela  
 qual tudo se fará cumprir Srte. do Prin-  
 cipe da Beira 11 de Agosto de 1773

Blond. do Porto

José Finkens de Saavedra

Antonio

TRANSCRIÇÃO 27-Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo-ACBM-IPDAC-Pasta 82-nº 1382
ASSUNTO	Carta de José Pinheiro de Lacerda para João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, tratando sobre a prisão do capelão Manoel Tomás Fernandes por não ter cumprido as ordens dadas.
LOCAL	Forte Príncipe da Beira
DATA	11 de agosto de 1793
ASSINATURA	Idiógrafo

Pede o Real Serviço da Rainha Nossa Senhora: o respeito, e obediência, que se devem as ordens geraes, politicas e Mellitares do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor General, estabelecidas nesta Fronteira, por bem da Conservação, e economia dos seus Habitantes socego e Disciplina dos Combatentes, que o Reverendo Capellaõ Millitar Manoel Thomas Fernandes, para ser solto da Prizaõ em que se acha, por satisfacão das mesmas Ordens, assigne hum Protexto, pelo qual se obrigue inviolavelmente, de em tudo, e por tudo, resignasse, com as Ordens que no dia 28 de Julho passado lhe foram intimadas pella Porte Estandarte de Dragoens Joaquin Leite Pais, para o que mando ao Cabo de Esquadra de Dragoens Antonio Ferreira Coelho, Escrivão da Real Fazenda, vá ao Corpo da Guarda principal, aonde se acha preso o ditto Reverendo Capellaõ lavar o ditto Protexto na qual assignará o mencionado Capellaõ Cabo da Guarda, e duas Testemunhas e depois de assim executado, mandará de ordem minha em nome de Sua Excellencia soltar o referido Capellaõ; e cazo que elle recuze conformarse com estas suaves providencias Lançará junto a esta huma Certidão pela qual tudo se faser contar Forte do Príncipe da Beira 11 de Agosto de 1793

O Comandante do Forte  
<José Pinheiro de Lacerda>  
Antonio

Antonio Ferreira Coelho Escrivão da Fazenda Real da Repartição do Forte do Principe da Beira.

Certifico que indo eu a Guarda Principal onde se achava preso o Reverendo Capellão Militar Manoel Thomaz Fernandes com a presente Ordem do Ajudante Engenheiro Commandante deste dito Forte Toze Pinheiro de Sacerda, para effeito de mandallo soltar, assignando o dito Reverendo Capellão Militar hum Protesto de emtudo, e portudo resignar-se com as Ordens que lhe foram intimadas no dia vinte e oito de Julho passado; o qual rezou a signar o dito Protesto, dizendo que como fora preso á Ordem do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor General destas Capitancias, que não sabia da referida prisão, até que o dito Senhor fosse servido mandallo soltar, e que com effeito estava prompto tai somente para confessar a qualquer Encerimento que se lhe fosse feito, levando-me a dita prisão em que se achava. Passa ore ferido na Verdade, em fé do que puzi a presente neste Forte do Principe da Beira a 18 de Agosto de 1793.

Ant. Ferr. Coelho

## Fólio 1v

Antonio Ferreira Coelho Escri  
35 vão da Fazenda Real da Repartição  
do Forte do Principe da Beira Etcetera  
Certefico que indo eu  
a Guarda Principal onde se achava  
Prezo o Reverendo Capellaõ Millitar  
40 Manoel Thomas Fernandes com- a  
prezente Ordem do Ajudante Enginhei  
ro commandante deste dito Forte loze  
Pinheiro de Lacerda, para efeito de man  
dallosoltar, assignando o dito Reveren  
45 do Capellaõ Millitar hum Protesto de  
em tudo, e portudo resignar-se com- as  
Ordens que lhe foraõ intimadas no dia  
Vintee Oito delulho passado; o qual re  
cuzou a signar o dito Protesto, dizendo  
50 que como fora Prezo á Ordem do Illus  
trissimo e Excellentissimo Senhor Ge  
neral destas Capitancias, que não sahia  
da referida Prizaõ, até que o dito Se  
nhor fosseservido mandallo Soltar, e  
55 que com- efeito estava prompto taõ só  
mente para confessar a qual quer Enfer  
mo se percizo for, Levando-lhe adita Pri  
zaõ em que se achava. Passa o re  
ferido naverdade, em fé do que passei a  
60 prezente neste Forte do Principe da Bei  
ra a 11 de Agosto de 1793  
<Antonio Ferreira Coelho>

Ms 28

1113  
 1113  
 V. Ex.ª Sr.ª

Sendo sempre de Meos deveres agradecer a V. Ex.ª a Comd.ª que  
 me faz na continuacão da Sua estimavel Correspondencia, acrefco  
 agra de ver fazels pela bondade, com q. V. Ex.ª me participa em  
 carta de 8 de outubro do anno passado se servira de attender as  
 instancias dos P.ºs Francisco Xavier dos Guimarães, e Francis-  
 co Pinho Tudes para voltarem as Cuiaba, e bom seria  
 que elles se apossuisssem logo de favor de V. Ex.ª, e fossem ser-  
 vir a Igreja nella Capitania, p. onde he da maior difficul-  
 dade enviar Clerigos extranhos, q. não seja da qualida de os que  
 V. Ex.ª tem conhecido no Matto Grosso: Sem que eu saiba  
 o remedio, que se de applicar para curar e lagas tanto mais  
 contagiozas, quanto mais inveteradas. Sem febre, e sem  
 fogo sabe V. Ex.ª muito bem se não pode embarcar em cum-  
 corpo se communicar a todos o contagio de hum do membro:  
 e que sera, quando o todo se achar infectado?

Dos muitos Clerigos, que actualmente existem  
 no Matto Grosso, de quaes apenas alguns dora de passagem  
 desta Cidade, nem hum bom concito tenho podido formar, p.  
 que a sua mesma ignorancia não permitta superar bon fru-  
 cto de suas diligencias, e com tudo tem passado ahi p. de  
 nos M.ºs, e Comd.ªs tem conseguido as Maior proceco-  
 ões, para se conservarem na Cap.ª em Alim.ªões Parochia-  
 l.ªs procurado ensinar outros, mais bem instruidos, no prin-  
 cipio Moraes de Maximo de Evangelho: Mas he hum  
 unico q. se sujeitou a postar q. se vio na preciosa ne-  
 cessidade de o largar, e deludo he V. Ex.ª muito bon ter  
 Lemunda. E esta muito longe de V. Ex.ª p. poder

TRANSCRIÇÃO 28-Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo-ACBM-IPDAC- Pasta 57-nº 2029
ASSUNTO	Carta do Bispo do Rio de Janeiro a João de Albuquerque e Mello Pereira e Cáceres discorrendo sobre a vinda de dois padres para Cuiabá.
LOCAL	Rio de Janeiro
DATA	14 de abril de 1794
ASSINATURA	Autógrafo

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*

Sendo sempre dos Meos deveres agradecer a *Vossa Excellencia* a honra, que me faz na continuação da Sua estimavel Correspondencia; acresce agora dever fazelo pela bondade, com *que Vossa Excellencia* me participa em

05 carta de 8 de outubro do anno passado se *Servira* de attender as instancias dos *Padres* Francisco Xavier dos Guimaraens, e Francisco Pinto Guedes para voltarem ao Cuiaba; e bom seria que elles se aproveitassem logo do favor de *Vossa Excellencia*, e fossem servir a Igreja nessa Capitania, *para* onde he da qualidade dos que

10 *Vossa Excellencia* tera conhecido no Matto Grosso: Sem que eu saiba o remedio, que hei de aplicar para curar chagas tanto mais contagiozas, quanto mais inveteradas. Sem ferro, e Sem fogo sabe *Vossa Excellencia* muito bem se não pode embaraçar em hum corpo se communique a todo o Contagio de hum só membro:

15 e que sera, quando o todo se achar inficionado? Dos muitoz Clerigos, que actualmente existem no Matto Grosso, dos quaes apenas conheço dous de passagem *para* esta Cidade, nem hum bom conceito tenho podido formar, *para* que a Sua mesma ignorancia não permite esperar bom fructo de *Suas* diligencias; e com hedo tem passado ahi pellos Meus Máos, e como taez tem conseguido as Maiores protecções, *para* se conservarem na Capitania e no Ministerio Parochial. Tenho procurado enviar outros mais bem instruidos nos principios *Moraes* e *Maximas* do evangelho: Máz thé hum

25 unico, *que* se sujeitou á portar o peso, se viu na precisão necessidade de o largar, e detudo he *Vossa Excellencia* muito boa testemunha. Eu estou muito longe de *Vossa Excellencia* *para* poder

communicar Re de Nova voz os Meos Sentimentos, e conversando  
 entre ambos sem passar ao conhecimento de terceira pessoa  
 o que poderia servir ao Serviço de Deus, ao Sucesso das Nossas  
 esperanças, e ao cumprimento dos Nossos deveres; e não achou outro  
 Vicario, Senão a D. e a Nossa Sobezand. a fim de sermos as  
 duas Sabias Jovias. em 15 dias de V. G. q. com a Ses. admi-  
 ravel exemplo, q. a todos edifica, e com a sua discreta provid.  
 e superior se para. se focar a Lixiania, q. se acha espalhada  
 e fida esta Ceana, se se expellir della todos os Meos  
 Operarios, e se por se se outros, q. fouem como plantas de  
 terra a boa semente da palavra de Deus, e com a Virtude, q. con-  
 leu em sim. fructificasse a propiciao na Vestissima Ceana  
 do Matto Dorso.

Creia V. G. q. as infam. q. tem chegado  
 aos Meos ouvidos da tristissima e luctuosa, em q. se achada dize  
 plura da J. n. ref. S. torey, tem excitado afflicção do  
 Meo espirito, ao ponto de nem me saber de liberdad sobre  
 as Nossas J. n. Sarschiag, de q. V. G. justam. se lembra  
 vendo eu q. a Necessidade. J. n. entregaly a tais Mercen-  
 rios, que se cuida no J. n. entere. J. n. Sarschiag, e nada  
 de Espiritual, e Curra de Ovelhas, de q. se impozere as  
 frequens Rebelas.

Não me extranhe V. G. e queira anteq. des-  
 mulas, q. eu tom. este jugum deza foyz entre. Nós ambos; na  
 certeza, de q. he euo prova de reconhecimento das Virtu-  
 des de N. G. q. constantemente ouco a todos, q. tem a se-  
 licidade de reconhecerem neste paiz; e que ainda a firm.

comunicar hé de viva vóz os Meus Sentimentos e convirmos  
 entre ambos /sem passar ao conhecimento de terceira pessoa/  
 30 o que poderia convir ao Serviço de Deos, ao Sossego dos nossos  
 espiritos, e ao cumprimento dos Nossos deveres; e não acho outro  
 recurso, Senão a Deos e a Nossa Soberana: assim viessem as  
 Suas Sabias providencias em os dias de *Vossa Excellencia* que com o  
 Seo admira  
 ravel exemplo, que a todos edifica, e com a Sua discreta prudencia  
 35 cooperasse para soffocar a Zizania, que se acha espalhada  
 por toda essa Ceara, fizesse expelir della todos os Maos  
 Operarios, e só protegesse outros, que fossem como plantar de  
 novo aboa Semente da palavra de Deos, que com a Virtude, que con  
 tera em Simiana fructificasse á proporção na Vastissima Ceara  
 40 do Matto Grosso.  
 Creia *Vossa Excellencia* que as informações que tem chegado  
 aos Meos ouvidos da tristissima Situação, em que se acha a disci  
 plina da Igreja nesses Sertoens, têm excitado afflições  
 do Meo espirito; ao ponto denem me saber delliberar sobre  
 45 as Novas Igrejas Parochiaes, de que *Vossa Excellencia* justamente  
 se lembra  
 vendo eu que a Necessidade fará entregalas a taes Mercena  
 rios, que só cuidão nos Seus interesses Parochiaes, e nada  
 do espiritual, e Cura das Ovelhas de que se compozer Seu  
 pequeno Rebanho.  
 50 Não me estranhe *Vossa Excellencia*, e queira antes dissi  
 mular, que eu tome este pequeno dezaffecto entre Nós ambos; na  
 certeza, de que hé hua prova de reconhecimento das virtu  
 des de *Vossa Excellencia*, que constantemente ouço a todos, que tem a fe  
 licidade de conhecerem nesse paíz: e que ainda assim

não se dá m. intenção affligir la' Bem a N. S.ª; Mas  
 confiado nas Suas mesmas virtudes queira influir-me o Me  
 ior, que He o melhor mais proporcionado, á braballa' mais ne  
 ta Matéria de Mãe Comum, de sorte q' possamos render a  
 N.ª honra, bons Serviços á N.ª Augusta Soberana,  
 e as Mais utilid. e q' N.ªs almas, diga, á tantas almas, q'  
 habitas nestes Portos, e vendas, Jesus as N.ªs, com o  
 Sangue de N. S. Jesus Christo.

Não me tem esquecido, q' as Virtudes s' d' m.  
 s'rao approvadas pello Sagrado Camarã, como o Meo mais  
 proporcionado, p. se p' os m. e vendas, e Remediar o ma  
 les, que infensivelm. podem grassar na Igreja: com q'  
 te m. objecto mandei V.ªs esta Província, e a m. an  
 tecedente. Não se duvidas contemplar, que s'no m. ipse.  
 Mas s'rao infeliaz e Succesço, q' apenas pude saber  
 de tua Mente de infirmitades, que do Servico q' a de  
 xangand de me não s'rao possível de se o R.ª de Janeiro  
 e curas infirmid. de Ovelhas, s'rao Remittas das V.  
 tas, como do Conhecim. q' se p'curava' p. se liberar.  
 Finalm. meo q' d. p. se seguir a N.ª, que nem  
 sei duvidar sobre esta Matéria. V.ª-me V.  
 e com o seu consello, e com o seu auxilio, que  
 p'rao em toda a franqueza do Meo Coraçã, cheis  
 de igual Caridade, que reconhecim. de muito, q' sou  
 responsavel a Deus, á N.ª Augusta Soberana, e  
 a N.ªs. Jesus Christo todos os Fieis, q'

## Fólio 2r

55 não he das *minhas* intençoens affligir taõbem aVossa *Excellencia*, Más  
 confiado nas suas mesmas virtudes queira insinuar=me os me  
 ios, que lhe ocorrem mais proporcionados á trabalhar= mos nes  
 ta Materia de Maõ Commúo; de sorte *que* possamos render as  
*Ditas* honra, bons Serviços á Nossa AugustaSoberana,  
 60 e as Maiores utilidades ás nossas almas, digo, á tantas almas, *que*  
 habitaõ Nesses Sertoens reunidas /como as Nossas/ com o  
 Sangue de Nosso *Senhor* Jezus Christo.  
 Não me tem esquecido, *que* as Vizitaçoens ordinárias  
 foraõ approvadas pellos Sagrados Cannones, como Meio mais  
 65 proporcionado, *para* se poderem conhecer, e remediarem os ma  
 les, que insensivelmente podem grassar na Igreja: com es  
 te mesmo objecto mandei Vizitar essa Provincia nos annos an  
 tecedentes: Não houve entaõ contemplaçaõ, que omittisse;  
 Mas foi taõ infeliz oSuccesso, *que* apenas pudeSaber  
 70 de hum Montaõ de informidades, que só Serviraõ *para* de  
 dexengano de me não ser possivel desde o Rio de laneiro  
 ver, e Curar infermidades deOvelhas, taõ remottas, das Vis  
 tas, como dos Conhecimentos, *que* se precisavaõ *para* delliberar  
 Finalmente, meo *Excellentissimo* posso segurar aVossa *Excellencia* que  
 nem  
 75 sei discorrer sobre esta Materia. Valha=me Vossa  
*Excellencia* como Seo Conselho, e com os Seos auxilios, que  
 lhos=peço em toda a franqueza do Meo Coraçãõ, cheio  
 de igual Caridade, que reconhecimentos do Muito, *que* Sou  
 responsavel a Deos, à Nossa AugustaSoberana, e  
 80 a Nossos *Irmaõs* em Jezus Christo todos os Fieis, *que*

1794

habidas por Vuestros Señores de esta Capitanía  
y sobre todo quera V. Ex. contar con el mejor sen-  
timiento de concordia sobre a materia exposta, e como munda  
Virtud e obediencia para quando for de Servicio del V. Ex.  
A Pessoa de V. Ex. grande Deus muitas saudades  
Rio de Janeiro 14 de Abril de 1794

Ilmo. Sr. Cap. Sr.  
João de Albuquerque de Mello Per. e Facores

D. N. Ex.

Om. af. Rev. e Cum. S.

J. B. de S. J.

{1794}

habitaõ nos Vastissimos Sertoens detoda essa Capitanía

E sobretudo queira VossaExcellencia contar com os Meos Sen

timentos de concordia sobre a Materia exposta, ecom a minha

85 Vontade, eobediencia para quanto for doServiçode deVossa Excellencia

A Pessoa deVossa Excellencia Goarde Deos muitos annos

Rio de laneiro 14 de Abrilde1794

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*

Ioão de Albuquerque de Mello Pereira eCaceres

90 DeVossa Excellencia

Omesmo aflito reverendo ehumildeServo

*Illustrissimo Bispo doRio delaneiro*

Ms 29

6-1-95

M. e Ex. Sr.

Nesta occasião faço remeter p.<sup>o</sup> a Provedoria de sa  
 Capital o oiro que me foi remetido da de Goiás constante  
 da Guia cuja copia envio a V. Ex.<sup>ca</sup> Da mesma conta ha-  
 verem dali remetido quatro contos quinhentos e dois mil  
 nove centos e cincoenta e quatro r.<sup>o</sup> no valor de varias Guias  
 e creditos que haviam sido remetidos ao Al. J. de Moura  
 pelo Contralador das entradas de Goiás, aquem foram  
 sequestrados pela R. Junta, recomendando-me aquella  
 R. Junta que eu os faça arrecadar p.<sup>o</sup> inteiro com  
 os seus productos e subsidio, que por V. Ex.<sup>ca</sup> havia sido  
 pedido aquella Provedoria. Com effeito tomei conta do  
 Sr. Moura, que fez entrega de todas as Guias e oiro que  
 tinha em seu poder, e fiz cobrar as que deviaõ os Reg.<sup>os</sup>  
 desta V. e ficando somente por cobrar a que deviaõ Sr. de Souza  
 de Souza que fica em execução. Em me entreguei hum  
 recibo de Gregorio P.<sup>o</sup> de Souza, por onde conta haver re-  
 cebido do procurador daquella V. as Guias, que devem a algum  
 Reg.<sup>o</sup> desta Capital p.<sup>o</sup> cobrar, cujo recibo remeto ao Sr.  
 Provedor, a fim como duas Guias que em me Moura entre-  
 gou. Em me fez entrega de dois recibos hum de Sr.  
 Bernardo Lopez da Cunha outro do Cap.<sup>m</sup> Joaõ dos Santos  
 pelos quais conta haverem levado certas quantias de oiro  
 que elles deviaõ e que foram incluidas no subsidio, p.<sup>o</sup> entre-  
 galay na Provedoria de Goiás. E porq.<sup>o</sup> aquella R. Junta  
 me manda dizer que se faça aviso do que se nasistat  
 das divisões p.<sup>o</sup> inteirarem o que faltar, pelo Soldado  
 que conduzirão o oiro faço aviso das q.<sup>tas</sup> que para lá  
 foram remetidas p.<sup>o</sup> que as tornem a remeter para lá,  
 remetendo-me a copia dos recibos, e ao Sr. Provedor desta  
 Capital os proprios recibos dos Condutores p.<sup>o</sup> que a V.  
 de V. Ex.<sup>ca</sup> mande o que for servido. Cudo

TRANSCRIÇÃO 29-Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	BR. APMT. CVC. JF. CA. 0703 CAIXA Nº 012
ASSUNTO	Carta do Juiz de Fora Luíz Manoel de Moura Cabral ao governador e capitão general da Capitania de Mato Grosso João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres.
LOCAL	Cuiabá
DATA	06 de janeiro de 1795
ASSINATURA	Autógrafo

{6-1-95}

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*

Nesta ocazião faço remeter para aProvedoria dessa

*Capital* o oiro que me foi remetido da de Goiaz constante

05 da Guia cuja copia invio aVossa*Excellencia* Da mesma consta ha-

verem dali remetido quatro contos quinhentos edois mil

nove centos e cincoenta equatro reis no valor devarias Guias

e creditos que haviaõ sido remetidos aoAlferes Manoel de Moura

peloContratador das entradas deGoyaz aquem foram

10 sequestrados pela Real Fazenda recomendandome aquela

Real Junta que eu os faça arrecadar para inteirar com

os seus produtos oSubsidio, que por Vossa *Excellencia* havia sido

pedido áquela Provedoria. Com efeito tomei contas ao

dito Moura, que fez entrega detodas as Guias e oiro que

15 tinha emSeu poder, e fiz cobrar as que deviaõ os *Negociantes*

desta *Villa* ficando somente por cobrar a que devia ((*Grasindo*)) Peixoto

deSouza que fica em execussaõ. O mesmo entregou hum

recibo de Gregorio *Pereira* deSouza, por onde comta haver re-

cebido doprocurador daquele seis Guias, que devem alguns

20 *Negociantes* dessa *Capital* para cobralos, cujo recibo remeto aoDoutor

Provedor, assim como duas Guias que o mesmo Moura entre-

gou O mesmo fez entrega de dois recibos hum do Tenente

Bernardo Lopes daCunha outro do *Capitam* loãõ dos Santos

pelos quais comta haverem levado certas quantias de oiro

25 que eles deviaõ e que foraõ incluidas no Subsidio, para entre-

galas na Provedoria deGoyaz Eporque aquela Real Junta

me manda dizer que lhe faça avizo doque se não cobrar

das ditas dividas para inteirarem oque faltar, pelos soldados

que conduziraõ odito oiro faço avizo das *quantias* que para lá

30 foraõ remetidas para que as tornem a remeter para cá

remetendolhe acopea dos ditos recibos, e aoDoutor Provedor dessa

*Capital* os proprios recibos dos condutores para que á *vizita*

deles Vossa*Excellencia* mande oque for servido

Tudo

explicis melhor com huma folha com titulo de conta  
cont.<sup>ta</sup> que inclusa remeto a V. Ex.<sup>ca</sup>

Faço igualm.<sup>te</sup> remesa de todo o oiro que se tem cobrado  
pertencente a R. Fazenda que consta do Caderno da receita  
e despesa que vai p.<sup>o</sup> a Provedoria.

Os Off.<sup>es</sup> de Justica que devem Donativos do anno proximo  
passado pediram espera atta. offim do Cont.<sup>ta</sup> mere para os  
pagarem: e por que executando os na cobrança mais de preza  
com edicto adita espera e logo pelo pr.<sup>o</sup> portador idoneo  
farei remesa do que cobrado que creio todos pagaráo.

Para os Devedores de Pedro d'Alrey espero me venha  
da Provedoria de sa. Cap.<sup>al</sup> a lista certa de suas devidas  
p.<sup>o</sup> os fazer executar.

Inclusa remeto a V. Ex.<sup>ca</sup> huma Provisão Regia q.<sup>ta</sup>  
de Lisboa me foi enviada p.<sup>o</sup> dirigida a V. Ex.<sup>ca</sup>  
como offim offico.

Des. da V. Ex.<sup>ca</sup> m. a. s.  
Cruzada 6 de Jan.<sup>o</sup> del 1735

M.<sup>o</sup> Ex.<sup>o</sup> Sr. Gov.<sup>o</sup> e Cap.<sup>o</sup> General  
João d'Albuquerque de Melo Pereira e Caceres

Quero de fora Luisa M. de Moura Cabral

- 35 explico melhor com huma folha com titulo de conta  
corrente que incluza remeto a *Vossa Excellencia*  
Faço igualmente remessa de todo o oiro que se tem cobrado  
pertencente a Real Fazenda que consta do Caderno da receita  
e despeza que vai para a Provedoria
- 40 Os officiaes de Justiça que devem Donativos do anno proximo  
passado pediraõ espera athe ofim do Corrente Mez para os  
pagarem: e porque executandoos não cobraria mais depressa  
concedilhe adita espéra e logo pelo primeiro portador idoneo  
farei remessa do que cobrar, que creio todos pagaraõ
- 45 Para os Devedores de São Pedro DEI Rey espero me venha  
da Provedoria dessa Capital alista certa de Suas dividas  
para os fazer executar.  
Incluza remeto a *Vossa Excellencia* huma Provizaõ Regia que  
de Lisboa me foi enviada para dirigila a *Vossa Excellencia*
- 50 como assim o faço.  
Deos *Guarde a Vossa Excellencia muitos annos*  
Cuyabá 6 de Janeiro de 1795  
Illustrissimo e *Excellentissimo* Senhor Governador e *Capitam* General  
Ioão de Albuquerque de Melo Pereira e Caceres
- 55 <Oluz de Fora Luis Manoel de Moura Cabral>

Ms 30

Jamo E mo S  
M. E. S.

Dejo deprecando mil. cas da saúde de V. Ex. e sempre  
o primeiro objecto q' me conduze a sua P. ca. a fim de V. Ex. a  
pouca das suas boas como cordial m. de afulico.

Afalla de R. Vicente Tori de Tamaulac  
dua occas. a nomear o R. Aguilino Luis Gulari Torria  
p. a. lo succedor no lugar de Vigr. da Lara, e da Igr.  
de S. m. e Bem S. e sua Com. ca. Este novo Par.  
sora tambem ep. d. esta carta; e O. a. ja pode ter afora  
na de apresentor-se a V. Ex. p. a. m. de d. e  
ra V. Ex. a intruccion de q' necessitaria p. a. bem corrump  
por a todas as obrigacoes de que se vai encarregar.

Paraphra V. Ex. conserva-la debaixo da sua Poderosa  
Proteccao, no q' tambem me sera mai particiular favor.  
Elle tem bast. talentos e luzes sufficientes p. a. conhecer  
e respulcar, como deve a Grande N. e as grandes  
bnd. de coracao de V. Ex.

Ainda nao pude saber outado em q. se a cl. e  
depon. da heranca do Desto Vigr. conservada na Igr.  
de S. m. e Bem S. na mesma Villa de Cruzaba. De  
suu A. e d. e. m. longe da Prov. da Berra.  
Mas todoi Sao m. de de Cum B. e q' fu. m. o  
brigado. q' isto ulimaru beneficia lo. Para este

TRANSCRIÇÃO 30-Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo-ACBM-IPDAC-Pasta 57-nº 1998
ASSUNTO	Carta do Bispo do Rio de Janeiro a João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres nomeando o Reverendo Agostinho Luiz Gularte Pereira para suceder como vigário na Igreja do Senhor Bom Jesus de Cuiabá.
LOCAL	Rio de Janeiro
DATA	15 de julho de 1795
ASSINATURA	Autógrafo

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*

Dezejo deprocurar noticias da saude de Vossa Excelencia, hé sempre o primeiro objecto que me conduz a Sua Prezença: assim Vossa Excelencia as possa dar tao boas como cordialmentelhe apeteço.

- 05 A falta do Reverendo Vicente lozé da Gama Leal deu occasiam a nomear o Reverendo Agostinho Luiz Gularte Pereira para hir succeder nos lugares de Vigario da Vara, e da Igreja do Senhor Bom Jezus e Sua Comarca. Este novo Paroco será taobem o prior desta carta; e Ora lá podesse ter afortuna de apresentar-se pessoalmente a Vossa Excellencia para receber deviva vóz as instruccoens e que necessitará para bem corresponder á todas as obrigaçoens de que se vai encarregar. Procura pois Vossa Excellencia conserva-lo debaixo da Sua Poderosa Protecção, no que taõ bem mefará mais particular favor:
- 15 Elle tem bastantez talentos eluzes sufficientes para conhecer, e respeitar, como deve a Grande Authoridade e as grandes bondades do coração de Vossa Excellencia. Ainda não pude Saber o estado em que se achaõ as dependencias da herança do Ditto Vigario conservada no lizo dos Auzentes, na mesma Villa do Cuyaba. Os seus herdeiros estaõ muito longe da Provincia da Beira: Mas todos Saõ parentes de hum Bispo, aquem fui muito obrigado, e por isso estimarei beneficia-los. Para este

effeito supplico a V. Ex.<sup>a</sup> quira ajudar com os seus Poderes  
 e Off.<sup>o</sup> em q.<sup>ta</sup> opermittir a Justica, e a Equid. En  
 me conduca, e se não presto p.<sup>a</sup> causa alguma. Mas se V.  
 Ex.<sup>a</sup> aclar p.<sup>o</sup> ter a honra de o servir, dispenha da in-  
 xontade, com certo de q.<sup>ta</sup> heide cumprir, com a mais fiel obe-  
 diencia, q.<sup>ta</sup> for do agrado, e serviço de V. Ex.<sup>a</sup>

A Pena de V. Ex.<sup>a</sup> a V. D. em mui-  
 toz annos P.<sup>o</sup> de Janr.<sup>o</sup> 15 de Julho de 1795

João e Ana Sur.<sup>o</sup> João  
 de Albuquerque de Mello Par.<sup>o</sup> e facerem

De V. Ex.<sup>a</sup>

Em lev. e Sum.<sup>o</sup>

J. B. de Janr.<sup>o</sup>

25        efeito supplico a *Vossa Excellencia* queira ajudar com oseos Podero  
zos *Officios* em *quanto* o permittir a Iustiça, e a Equidade. Eu  
me conheço, e sei não presto *para* cauza algũa. Mas se *Vossa*  
*Excellencia* achar posso ter a honra de o servir, disponha da *minha*  
vontade, bem certo deque heide cumprir, com a mais fiel obe=  
diencia, *quanto* for do agrado, e serviço de *Vossa Excellencia*  
30        A Pessoa de *Vossa Excellencia* *garde* Deos mui=  
tos annos Rio de Janeiro 15 de Julho de 1795  
*Illustrissimo e Excellentissimo* Senhor Ioaõ  
de Albuquerque de Mello Pereira eCacerez  
De *Vossa Excellencia*  
35        omuito reverendo ehumildeServo  
*Illustrissimo Bispo* doRio de Janeiro



TRANSCRIÇÃO 31- Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	BR. APMT. CVC. CA. 0169 CX. Nº 005
ASSUNTO	Carta dos vereadores da Câmara da Vila do Cuiabá ao governador da Capitania de Mato Grosso, Caetano Pinto de Miranda e Montenegro, tratando de como as exéquias eram conduzidas na vila.
LOCAL	Cuiabá
DATA	04 de novembro de 1797
ASSINATURA	Autógrafo

*Illustrissimo eExcellentissimo Senhor*

{4-11-97}

A pratica observada nesta Villa desde a sua erecção theagora sobre as exequias das Pessoas re

- 05 aes sedamaneira seginte. Logo *que* emCamera se abre aCarta de participaçã da noticia derigida pello *Excellentissimo* *Senhor* General doestado se mandaõ publicar Editais por que se ordenaõ os Lutos conformealei a sedeclara odia em que devem ser celebradas as exequias para que
- 10 aellas venhaõ asecstir toda aNobreza da terra, e povo. Para isto, semanda construir na Igreja Matriz hum Mauzuléo com a maior pompa possivel Se convoca todo o clero e Irmandades amaior Muzica e omilhor orador, se requer ao *Mestre* deCampo hum cor
- 15 po de melissias que aCabada afun((com)) dem as des cargas do estilo; Toda adespeza do Mauzoleo, da Muzica, do orador, dapalvra ((doClero)) que se reparte portodo o clero, Irmandades, epessoas de governança refasta pelos ((vans)) doConcelho ajustandoçe ((ecom))
- 20 ((prandose)) tudo por ordem doSenado e com ((conta)) das pessoas competentes SeLeva em conta ao The zoureiro por serem despezas Miudas e Obras deque não ha remataçã, athe o mesmo do Mouzuleó cuja construçã nunca ((veiu)) *quem* rematasse toda esta
- 25 despeza importa ordinaria mente, hum cento de reis edahiparasima Heaquepodemos infor mar emCunprimento daordem de Vossa *Excellencia* do *primeiro* de *setembro* deste anno e Provizaõ doConcelho= Ultramarino, *que* Acunpanhou
- 30 Deos Guarde

Deo Guar de a V. Co<sup>ra</sup> m<sup>da</sup> de febreiro a  
 m<sup>da</sup> de Maio em camara de 4 dias de 1777

M<sup>do</sup> m<sup>do</sup> Sr<sup>o</sup> Caetano Bento de Miranda Monte  
 Negro

Quis de Sr<sup>o</sup> Freixo e mais Officiaes de Camara

Luiz Mel de Moura Cabral

Miguel Jozezoi

Domngos Dias da Mata

Floriano de Souza Neves

Bento de Toledo Pires

Deos Guarde a *Vossa Excellencia* muitos e felices a  
nno Cuiaba em Camera de 4 de Novembro de 1797  
Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Caetano Pinto de Miranda Monte  
Negro

- 35 O Luis de Fora Prizidente emais officiais da Camera  
<Luiz Miguel de Moura Cabral>  
<Miguel Joze Roiz>  
<Domingos Dias da Costa >  
<Floriano de Souza Neves>
- 40 <Bento de Toledo Pina>

Ms 32

Com

Sendo seu presente a Sua Magestade  
 a obediencia e contumacia com que o  
 senhor Jeronimo de Sequeira, e Corregedor do  
 Alcaide de Alcaide, se houve em não cumprir  
 a juramentação prometida expedição do Santo  
 Officio em obra da Justica do Padre Felice  
 Jaime, e em providencia de se não dar por vir  
 rogada por elle de sua Ecclesiastica e o mesmo  
 mandado de attentado de obediencia e accoitar a  
 segundas que lhe foi representada em meo  
 de 1799. He Sua Magestade servida que  
 N. S. a mande logo extirpado para a  
 quitancia de N. S. e de seu filho  
 sem expressa licença de Sua Magestade e N. S.  
 para se fazer ao Governador de N. S. e de  
 que todos os seus deve dar conta de se achar  
 esse Rei d'Estado na mesma Capitania.  
 Remeto a N. S. a copia original agora se vi-  
 creve ao Bispo sobre esta materia.  
 Deu N. S. a Palacio de Queluz  
 em 29 de Fevereiro de 1799 - D. Jo-  
 seph de Souza Coutinho - Sr. J. Fran-  
 cisco de Souza Cristino. //

Valentim e Antonio de Oliveira e Silva  


TRANSCRIÇÃO 32-Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo-ACBM-IPDAC-Pasta 78-nº 1575
ASSUNTO	Carta de Valentim Antônio de Oliveira e Silva a D. Francisco de Sousa Coutinho enviando o cônego José Ribeiro de Almeida, de Portugal, para a Capitania de Mato Grosso, pois este padre não vinha cumprindo as determinações da Coroa de Portugal.
LOCAL	Queluz-Portugal
DATA	28 de fevereiro de 1799
ASSINATURA	Autógrafo

{Copia}

Tendo sido presente a Sua Magestade a obstinação, e contumacia com que o Vigario Geral desse Bispado, o Conego Joze Ribeiro d' Almeida, se houve em não cumprir a primeira Rogatoria expedida pella Junta da Corôa em abono da lustiça do Padre Felipe laime, e em providencia ao reparo da força irrogada pello dito Luiz Ecleziastico, e o mais escandelozo attentado de deixar d' executar a segunda que lhe foi apresentada ao mesmo respeito: He Sua Magestade servida que Vossa Santidade o mande logo exterminar para a Capitania de Matto Grosso, donde não sahirá sem expressa licença de Sua Magestade, e Vossa Santidade participara ao Governador de Matto Grosso que todos os annos deve dar conta de se achar esse (seo) d' Estado na mesma Capitania. Deus Guarde a Vossa Santidade Palacio de Queluz em 28 de Fevereiro de 1799 = Dom Rodrigo de Souza Coutinho = Senhor Dom Francisco de Souza Coutinho. //

<Valentim Antonio de Oliveira e Silva>

Ms 33

Sumo Emo S. Inbr.

A Respeitavel Trezen-  
ca de V. Ex. dirigio a muito honrada Camara-  
desta Capital, a Representação que V. Ex. me re-  
mettu por Copia, e na qual seu accusado das  
culpas, e insultos, que a mesma Camara reprezen-  
tuu que pratiquei com ella, emanda V. Ex. que eu  
responda sem perda de tempo, e muito circumstancia-  
adam. com os motivos, que me precipitarão num  
tão estranho, como temerario procedimento, para  
perder mais seguram. proporcionando a devida satis-  
facão, prevenindo-me des já, que a ter elle sido tal,  
qual se figura, não deixari deser logo expulso des-  
ta Capitania. Para que V. Ex. possa fazer hum  
Juizo solido, e cabal na materia, de veri vapor as  
cauzas remotas, e proximas dos factos representados,  
não sendo nem aquellas de pouco momento, nem  
tão bem estes tais, como se figurarão, sem que eu pos-  
sa attribuir excessos, e exagerações, a malicia, e dolo, e  
muito menos a falsidade, que não he de presumir com  
milla ja mais huma Corporação respeitavel, mas-  
sim apriocupação de alguns dos seus membros, que  
allucinando se participarão confuzam. ad. P. do dadi-  
ta Corporação, e que Resparuuu que viras, e por

<b>TRANSCRIÇÃO 33-Fólio 1r</b>	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo-ACBM-IPDAC-Pasta 74-nº 1447
ASSUNTO	Carta de Antonio Cardoso de Meneses Montenegro para o governador da Capitania, solicitando demissão como vigário da vara e Igreja Matriz de Vila Bela da Santíssima Trindade.
LOCAL	Vila Bela da Santíssima Trindade
DATA	12 de julho de 1800
ASSINATURA	Autógrafo

*Illustrissimo e Excellentissimo* Senhor

A Respeitavel prezen=

ça de *Vossa Excellencia* dirigio a muita honrada Camara=

desta Capital, a Representação que *Vossa Excellencia* me re=

5 metteu por Cópia, e na qual sou acuzado das=

culpas, e insultos, que a mesma Camara represen=

tou que pratiquei com ella, emanda *Vossa Excellencia* que eu

responda sem perda de tempo, e muito circunstanci=

adamente com os motivos, que me precipitarão num

10 tão estranho, como temerario procedimento, para

poder mais seguramente proporcionar a devida satis=

fação, prevenindo-me des déjà, que a ter elle sido tal,

qual sefigura, não deixarei deser logo expulso des=

taCapitania. Para que *Vossa Excellencia* possa fazer hum -

15 Juizo solido, e cabal na materia, deverei expor as=

cauzas remotas, e proximas dos factos representados,

naõ sendo nem áquellas de pouco momento, nem

taõ bem estes tais, como sefigurarão, sem que eu pos=

as atribuir oexcesso, e exageração, a malicia, edólo, e=

20 muito menos a falsidade, que não he deprezumir com

metta já mais huma Corporação respeitavel, mas=

sim apreocupação de algúns dos seus membros, que

allucinando se participarão confusamente ao rodo dadi=

ta Corporação, oque lhespareceu que virão, e pre

e prezenciaras, e lecturando-a com os seus mesmos sentimen-  
tos, sem attender à verdadeira Velocidade dos referidos fac-  
tos.

Tinha eu rubido athe' certos tempos, varias car-  
tas da honrada Camara, convidando-me para as  
suas Festas, e sempre nellas me tratava com unifor-  
midade, e certos formularios, sem que desde entas a the'  
o dia Critico do meu rompimento, dese grandes de-  
mostracoes de que me ressentia, nao duvidando eu do  
tratamento que me compete, e com o qual medru pro-  
muito contente como se convier darei as maiores pro-  
vas; etanto a sim, que costumo ficar nas peticoes que  
me apresentas, e tratamentos de subordia, e receber benigna-  
mente das Belloas com quem tenho familiaridade,  
e de Merce. Havendo porrem a tempos huma  
reciproca desconfianca entre mim, e alguns dos su-  
geitos que prezentem. succede serem membros da dita  
honrada Camara, originada dos descontentam<sup>tos</sup> que tive-  
ra, por effeito da Resolucao que V. Ex. foi servido tomar  
a requerim<sup>to</sup> meu, de fazer sahír do Coffre do Juizo dos de-  
funtos, e aver a heranca de Joaquin da Fonseca, e pas-  
sando des de entas a referida Camara a escreverme  
com variedade, dando-me tratam<sup>tos</sup> incompetentes, e algu-  
mas vezes com de negaas dos que me quottem, como  
por exemplo, e de Eminentissimos, e de Ill<sup>mos</sup>; e de de-

## Fólio 1v

25 e prezenciarão, electrizando-a como seu mesmosentimen  
to, sem attender à verdadeira relação dos referidos fac=  
tos.

Tinha eu recebido athé certo tempo, varias car=  
tas da honrada Camara, convidando-me para as  
30 suas Festas, e Sempre nellas metratava com unifor  
midade, e certo formulario, sem que desde então athé  
o dia Critico do meu rompimento, desse grandes de=  
demonstraçoens de que me ressentia, não duvidando eu do-  
tratamento que me compete, e com medou por  
35 muito contente como se convier darei as maiores pro=  
vas; e tanto a sim, que costumo riscar nas petiçoens que  
me apresentão, o tratamento de Senhoria, e receber benigna=  
mente das Pessoas com quem tenho familiaridade,  
o de Mera. Havendo porem á tempos huma  
40 reciproca desconfiança entre mim, e alguns dos su=  
geitos que prezentemente succede serem membros da dita  
honrada Camara, o origináda do descontentamento que tive=  
rão, por efeito da Rezolução que Vossa Excellencia foi servido tomar  
a requerimento meu, de fazer sahir do Cofre do Juizo dos de  
45 funtos, e auzentes a herança de loaquim' da Fonceca', e pas=  
sando des de então a referida Camara a escreverme  
com variedade, dando-me tratamentos incompetentes, e algu=  
mas vezes com de negação dos que me pertencem, como  
por exemplo, o de Eminentissimo, o de Illustrissimo, o de Se=

s de Senhor sem ajuntar ante s de Reverends, que he  
 vtratam<sup>to</sup> Ecclesiasticos, e athe chegando as portas de por  
 no baixo do Subscripto de algumas Cartas, em lugar  
 do titulo - D<sup>s</sup> Juiz Procid. Vereadores, e mais officiaes  
 da Camara - s D<sup>s</sup> Escrivaes da Camara - passui a  
 quixar me a alguns dos seus membros, de que naõ tive  
 satisfacão, tal ves por que naõ communicarã as minhas  
 quixas, e a reprimir me quanto me foi possível.

No dia onze de Junho de manhã, vi  
 a minha prezencia Cartão da Costa Araujo Bro  
 curador da Camara, para me consultar como real-  
 mente consultou, sobre a forma, e destino da Provisão  
 do dia de Corps de Deus, dizendo me, que a sua Junta  
 se consentia no presente anno na - referida Provisão,  
 com o Santissimo Sacramento, sem Missa can-  
 tada, e Senhor exposto, - e dizendo the eu, que visto  
 naõ se fazer a função com a magnificencia do Costume  
 Cantaria que ella voltrase a Igreja, a largando se  
 pelo canto da Casa de Tres Dias, pelo da minha,  
 em deretura a dos Suntuarios, e assim se concluiu, com  
 vis o dito Costa, no meu parecer, principalmente  
 por que nunca houve regularidade na volta, fa-  
 zendo se de pois Camara as dits respoito, mandou  
 esta Lavar Edictos, que se publicarã, dando se pro-  
 videncia sobre o seu curso, contraria ao meu dito pa-  
 rer, sem que com miço tivesse attençaõ alguma, co-  
 mo devia, huma ves que metinhaõ consultado,

## Fólio 2r

50 o de Senhor sem ajuntar aeste o de Reverendo, que he  
otratoamento Ecclesiastico, e athe chegando ao ponto depor  
no baixo do sobriipto de algumas Cartas, em lugar  
do titulo-Do Juis Prezidente Vereadores, e mais officiaes  
da Camara-o Do escrivão da Camara= passei a  
55 queixarme á alguns dos seus membros, de que não tive  
satisfação, tal ves por que não comunicarão as minhas  
queixas; e areprimir me quanto mefoi possivel.  
No dia onze de Junho de manhã, veio  
à minha presença Caetano da Costa Araujo Pro  
60 curador da Camara, para me consultar como real=  
mente consultou, sobre aforma, e destino daProcissãõ  
do dia de, Corpo de Deos, dizendo me, que aSua Festa  
só conestia no prezente anno na-referida Procis=  
saõ, com oSantissimo Sacramento, sem Missa can  
65 tada, e Senhor exposto= e dizendo- lhe eu, que visto-  
não sefazer afunção com amagnificencia do Costume  
bastaria que ella voltiáse a Igreja, a largando se  
pelo canto da caza de loze Dias, pelo da minha  
em dereitura à do Secretario, e assim seconcluisse, com  
70 veio o dito Costa, no meu parecer, principalmente  
por que numca houve regularidade na volta, efa=  
zendo se depois Camara ao dito respeito, mandou  
esta Lavrar Editaes, que se publicarão, dando-se pro  
videncia sobre oseu curso, contraria ao meu dito pa  
75 recer, sem que com migo tivesse attenção alguma co=  
mo devia, huma ves que metinhão consultado;

Consultado, dando-me primeira<sup>te</sup> huma de mostra-  
 ção de obsequio, para ter melhor occasião de dar-me  
 outra de offença, e prouo a prouo.

Reubi eu Logo depois, hu-  
 ma Carta da Camara, em que me convidava sucin-  
 tam<sup>te</sup> para a referida Brucassa, deixando-me confuso,  
 e vacillante, sobre as mais circumstancias da Festa,  
 e por que tudo concorresse para me persuadir, de que  
 me não contemplava bem, e com o necessario de Coro,  
 fiquei hum pouco alterado, e sendo terras da Brucena  
 de Santo Antonio, sahi de Casa com o dentens da dita  
 Brucena, fui pela Rua dos Mercadores, e entrando  
 de passagem na loge de Caetano da Costa Araujo, a  
 onde costumava vir todos os dias, sem fim certo, e sem  
 animo de praticar accão alguma, encontrei por accão  
 na loge do d<sup>o</sup> Costa, ao Capitão Jozé da Silva Bortillo, e  
 neste encontro, accendeu-se-me fogo do sentimento, e  
 fiz-me com as propriasimas expressões seguintes, esta  
 pergunta = que formularias há La na Camara? hu-  
 mas vezes sou Ill<sup>ms</sup> outras Eminentissimas, outras Dig-  
 nissimas, outras Senhors, e finalm<sup>te</sup> nas sottoscritas das  
 Cartas poem-se = Os Escrivães da Camara, pensão  
 que sou algum maroto, algum tratante, tratão-me de  
 bagatella? ao que me respondeu a sim = isso são couraças  
 do Escrivão = pois Vossa Mercê, disse eu, não tem as Car-  
 tas antes de as assignar = tornou elle a mesma Reposta  
 = isso são Couraças do Escrivão = e dominado eu então  
 de hum humor naturalm<sup>te</sup> Carregado, e melancolico.

## Fólio 2v

consultado, dando-me primeiramente huma demonstra-  
 ção de obzequio, para ter melhor occazião de dar-me  
 outra de offença, epouco apreço.

- 80 Recebi eu logo depois, hu  
 ma Carta da Camara, em que meconvidava sucin-  
 tamente para a referida Procissão, deixando-me confuzo,  
 e vacillante, sobre as mais circumstancias da Festa,  
 epor que tudo concorresse para mepersuadir, de que  
 85 menão contemplavão bem, e com o necessario de Coro,  
 fiquei hum pouco alterado, e sendo horas da Trezena  
 deSanto Antonio, sahi de Caza com o destino da dita  
 Trezena, fui pela rua dos mercadores, e entrando  
 de passagem na loge de Caetano da Costa Araujo, a  
 90 onde costumavahir, todos os dias, sem fim certo, eSem  
 -animo de praticar acção alguma, encontrei por acázo-  
 naloge do *dito* Costa, ao Capitão Joze dasilva Portilho, e=  
 neste encontro, accendeu se me ofogo do sentimento, e =  
 fis-lhe com as propricimas expressoẽns seguintes, esta  
 95 pergunta= que formularios há La na Camara' hu=  
 mas vezes sou *Illustrissimo* outras Eminentissimo, outras Dig=  
 nissimo, outras Senhor, efinalmente nos Sobreptos das=  
 Cartas poem-se= Do Escrivão daCamara, pensão  
 que sou algum maroto, algum tratante, tratão-me de  
 100 bagatella ao que me respondeu assim= isso são couzas  
 do Escrivão= pois Vossas Mercedes, disse eu, não tem as Cart  
 as antes de as aSignar= tornou elle a mesma resposta  
 =isso são couzas do Escrivão= e dominado eu então  
 de hum humor naturalmente carregádo, e melancolico

melancólico, aquillo áds dos referidos estímulos, e da sua é natural e inevitável repposta, tirando do bolso da Casaca a referida Carta, disse, pois como são couzas do Escrivão, eu faço pouco caso de semelhantes Cartas, e tirando a, a lanui ao chão, sem apixar as pias, accad esta que o brei sem proposito, e sem reflexões, unicam. por hum me ro impulso do meu resentimento.

No mesmo dia ante te de pois de sahio da Pruzena de Santo Antonio, junto a Casa de Faustino Joze Duarte, encontrouse com mi go o Cadete Alexandre Muenz, e me disse da parte do seu Coronel, que queria saber a hora em q. no dia de quinta de manha á de veria mandar a Bropa para a porta da Igreja, as q. lhe respondi, que como a Costa só consentia em Missa rezada, bastaria que estivesse no dito Lugar pelas nove horas, e tornando me o dito Cadete, que pretendia saber a hora certa para ter tempo de muniçiala, para as salvar, eu lhe repiti, que como não havia Missa cantada q. parvia não serem necessarias, e ouvindo Caetano da Costa, a dita conversação, chegou se a mim, e me perguntou se tinha Reubido outra Carta da Camara, e respondi que não, e perguntou-me para que, disse-me que a Camara me convidava nella para Missa Cantada, Senhor Exports, e Grossas tudo na forma do Costume, e que ja tinha convidado ao Conego Padre Joze Ribeiro, e ao Padre Francisco Luis Garcia, as que lhe respondi, que a causa de minhas agorrias era a mudanca que fariaõ sem medar parte, e acrescentei, que avia pouco tempo que eu tinha perguntado aos meus Padres, se tinhaõ

## Fólio 3r

105 melancolico, aguilho-ádo dos referidos estimulos, e da=  
sua e e natendivel resposta, tirando do bolso da Casaca  
a referida Carta, disse pois como saõ couzas do Escrivão,  
eu faço pouco cazo de semelhantes Cartas, e resgando-  
a lancei ao chaõ, sem apizar aos pés, acção esta que o  
110 brei sem propozito, e sem reflexão, unicamente por hum me  
ro impulso do meu resentimento.

No mesmo dia anoi

te de pois de sahir da Trezena de Santo Antonio, junto  
a Caza de Faustino Joze Duarte, encontrou-se com mi=  
115 go o Cadete Alexandre Bueno, e medisse da parte do-  
seu Coronel, que queria saber a hora em *que* no dia se  
guinte de manhaã de veria mandar atropa pa=  
ra aporta da Igreja, ao *que* lhe respondi= que como a  
festa só constestia em Missa rezada, bastaria que  
120 estivesse no dito Lugar pelas nove horas= e tornando=  
me odito cadete, que pertendia saber a hora Certa  
para ter tempo de munuciala, para as salvar, eu  
lhe repeti, que como não havia Missa cantada *que*  
parecia naõ serem necessarias, e ouvindo Caetano  
125 da Costa, adita conversação, chegou-se a mim, e me  
perguntou setinha recebido outra Carta da Camara  
respondi que naõ, e preguntei-lhe para que, = disse-  
me que a Camara me convidava nella para Mis  
as Cantada, Senhor Exposto, e Procissão tudo na  
130 forma do Costume, e que já tinha convidado ao Co=  
nego Padre Joze Ribeiro, e ao Padre Francisco Luis  
Garcia, ao que lhe respondi, que a cauza de minhas  
agonias éra a mudança que faziaõ sem medar=  
parte, eacressentei, que avia pouco tempo que  
135 eu tinha perguntado aos mesmos Padres, setinhaõ

se tinham sido convidadas para adita Festa, e  
 mitinhão certificado que não, concluiu elle es-  
 te dialogo, com a notificação que aqui exponho,  
 e Com hum aspecto emodo altivo, prepare-se  
 que temos de dar humma conta, pedindo hu-  
 ma satisfação, - a qual respondi, sra não seja  
 tolo, dem quantas contas quizerem, que eu ei-  
 de tam bem ser ouvido; e des emganise que se  
 algum medes attender, e saltar com o respeito,  
 eu sou capaz de lhe emcher a cara de bofetões.

No primeiro caso Ex.<sup>mo</sup> Senhor, eu  
 me caracterizei, sem que tivesse emvita offender  
 a Nobre Camara, que sendo humma corpora-  
 ção Respeitavel, e humma Pessoa Moral, não  
 pode considerar-se representada na loge de Cac-  
 tano da Costa, e na cabeça hum membro a par-  
 tados do Corpo, por que, Camara segundo João  
 Pinto Ribeiro, Relação 2.<sup>a</sup> pag. 86 he hum a-  
 juntamento de Homens congregados por Di-  
 reito e Lei, o qual não houve, nem se podia  
 considerar no dito lugar, em que privada, es-  
 miliarm.<sup>te</sup> estava-mos, eu por costume, eo dito Ca-  
 ritação por razoabilidade.

No Segundo caso, fui pro-  
 vocado, e imitado pela offensiva citação do dito Cac-  
 tano da Costa, e eu não profiri, nem o nome de Ca-  
 marulas, ou Vereadores, nem o da honrada Camara

## Fólio 3v

se tinhaõ sido convidados para adita Festa; e=  
 metinhaõ certificado que não, concludo elle es  
 te dialogo com anotefiçãõ que aqui exponho,  
 eCom hum áspecto amado ativo= prepare-se  
 140 que temos de dar huma conta pedindo hu=  
 ma satisfaçãõ= ao que respondi, ora não seja  
 tolo, dem quantas contas quizerem, que eu ei=  
 de tambem ser ouvido; e desenganese que se  
 algum medesattender, e faltar com o respeito,-  
 145 eu sou capás de lhe emcher a cara de bofetoenz.  
 No primeiro cazo *Excellentissimo* Senhor, eu  
 meencolerizei, sem que tivesse em vista offender  
 a Nobre Camara, que sendo huma corpora=  
 çãõ Respeitavel, e huma Pessoa Moral, não  
 150 pode considerar-se representada naloge de Cae=  
 tano da Costa, e nacabeça hum membro a par=  
 tador do Corpo, por que, Camara segundo loão  
 Pinto Ribeiro, *Relaçãõ Segunda* paga 86 he hum a=  
 juntamento de Homeñs congregados por Di=  
 155 reito e Lei, o qual não houve, nem se podia-  
 considerar no dito lugar, em que privada, efa-  
 miliarmente estava-mos, eu por costume, eo dito Ca=  
 pitão por cazoalidade.  
 No segundo cazo, fui pro-  
 160 vocado, e incitado pella offeenciva citaçãõ do dito Cae=  
 tano da Costa, e eu não proferí, nem o nome de Ca=  
 maristas ou Vereadores, nem o da honrada Cama=

Camara, nome que respeito, nem o consideri como  
Deputado della, máx como hum particular, e  
incivil individuo, que por aquelle modo quix de  
attender-me, sem respeito nem ás meus Empre-  
zas, nem a minha qualidade.

Avista da verdadeira  
exposição, que cheio de accatamento faizo a V. Ex.  
dos ditos factos, proporcione V. Ex. a satisfação que  
V. Ex. paruer de Justiça.

Como na dita conta vejo, e  
obseruo, alguns a crecentamentos, que engravecem, e  
exacerbam muito mais a minha culpa, os quaes -  
são, (o 1.º) que eu de pois de receber a Carta, e de a  
ter conservado por pouco tempo, procurei occasião  
de me encontrar com algum Republicano (2.º)  
que a dita carta me convidava para Missa can-  
tada, Senhor Exposto, e Precisação pelas ruas (3.º)  
que na occasião do primeiro facto, rangada a Carta,  
a pizara aos pés, e gritara em altaz voz, dizendo -  
he huma Camara de brejuros, marotos, e malcriados.  
4.º) que tornara (relativam. as 2.º factos) de tarde,  
como quem a inda queria saziar mais o odio, e vin-  
gança, e dissera que havia de dar quatro bofetadas  
na cara de cada hum de persi dos Senadores, e gri-  
tara Largo tempo injuriando toda a Republica,  
e Camara, sendo, como são, estes a crecentam<sup>to</sup> falsos, e  
que prejudicão ao meu nome, á minha honra  
e reputação, e offendem o respeito devido a V. Ex.

## Fólio 4r

Camara, nome que respeito, nem o conciderei como  
Deputado della, máz como um particular, e =  
165 incivil individuo, que por aquelle modo quis des  
attender-me, sem respeito nem áos meus Empre=  
gos nem aminha qualidade.  
Avista da verdadeira  
expozição, que cheio de accatamento faço a *Vossa Excellencia*  
170 dos ditos factos, proporcione *Vossa Excellencia* a Satisfação que  
lhe parecer de lustiça.  
E como nadita conta vejo, e  
observo, alguns a crecentamentos, que engraveçem, e  
exacerbaõ muito mais a minha culpa, os quais-  
175 saõ, (o *Primeiro*) que eu depois de receber a Carta, e de a  
ter conservádo por pouco tempo, procurei occázião  
de me encontrar com algum Republicano (*Segundo*)-  
que a dita carta me convidava para Missa can=  
tada, Senhor Exposto, e Procissão pellas ruas (*Terceiro*)  
180 que na ocazião do primeiro facto, rasgáda a Carta,-  
a pizara aos péz, e gritára em altaz vozes, dizendo=  
he huma Camara de brejeiros, marotos, e mal criados.  
(*Quarto*) que tornava (relativamente ao *Segundo* facto) de tarde,  
como quem a inda queria saciar mais o odio, evin=  
185 gança, e dissera que havia de dar quatro bofetoenz  
na cara de cada hum de ((persi)) dos Senadores, e gri=  
tara Largo tempo injuriando toda a Republica,  
e Camara; Sendo, como saõ, estes a cre-centamentos falsos, e  
que prejudicão ao meu nome, á minha honra,  
190 e reputação, eo ffendem o respeito devido a *Vossa Excellencia*

a V. Ex.<sup>a</sup>, requiro, e Supplico instante m.<sup>a</sup> a V. Ex.<sup>a</sup> que  
 se digne de procurar os meios os mais rigorozos de  
 descobrir a verdade, assim de restaurar a minha  
 reputação. Em quanto aos ditos a cri-centam<sup>tos</sup> eu  
 protesto, que me não queixo da dita honrada Ca-  
 mara, se não como a creditadora das ditas Calum-  
 nias, queixo-me verdadeira m.<sup>a</sup> dos delatores, eu sei  
 que vou exporm'e à prova de test.<sup>as</sup> que muitas ve-  
 zes, não offerece a evidencia, que vou seguir-me  
 aos sentidos humanos, que ocada p'asso são illu-  
 didos e presumpidos, e que convertem as appareni-  
 as em realidades, que o Entende este novel poderoso  
 das accoens do homem, tem muitas vezes posto a im-  
 portura na boca dos test.<sup>as</sup>, sei que me será de f'cil a  
 minha Justificação; mas nem por isso esmoreço, -  
 nem por isso cede confessar a culpa que não commet-  
 ti; eu assevero com verdade, que a sim como sou fa-  
 cilem confessar a culpa que reconheço, igoalm.<sup>e</sup> com a  
 mesma facilidade, confessaria a que ignoro, e a repri-  
 to da qual me julgo innocente.

Quero arrincarme por  
 reparar a minha honra offendida, a ser a vista-  
 da d.<sup>a</sup> conta, victima de hum concurso fatal de cir-  
 cunstancias; mais triste foi a sorte de Langlade,  
 de Lebrum, de Marillaque, de Lallide Bourdu-  
 naise, e de mil outros innocentes, tanto seculares, co-  
 mo Ecclesiasticos, bons, e exemplares, que injustamen-

## Fólio 4v

aVossaExcellencia, requeiro supplico instantemente aVossaExcellencia que-  
 sedigne de procurar os meios os mais rigorozos de  
 descobrir a verdade, afim de restaurar a minha  
 reputação. Em quanto aos ditos a cre-centamentos eu  
 195 protesto, que menaõ queixo da dita honrada Ca=  
 mara, se naõ a creditadora das ditas Calum=  
 nias, queixo-me verdadeiramente dos delatores, eu sei=  
 que vou exporme á prova de *testemunhas* que muitaz ve=  
 zez, naõ offerece a evidencia, que vou sugeitar-me  
 200 aos sentidos humanos, que acada pássõ saõ illu=  
 didos e preocupados, e que convertem as apparenci=  
 as em realidades, que o Enteresce este movel poderozo  
 das acçoẽs do homem, tem muitas vezez posto a im=  
 postura na boca das *testemunhas*, sei que me será defícil a=  
 205 minha Justificação; mas nem por isso esmoreço,-  
 nem por isso eide confessar a culpa que naõ commet=  
 ti; eu assevero com verdade, que assim como sou fa=  
 cil em confessar a culpa que reconheço, igoalmente e com a=  
 mesma facilidade, confessaria a que ignoro, e a respei=  
 210 to da qual me julgo innocente.  
 Guero arriscarme por  
 reparar a minha honra offendida, a ser á vista=  
 da dita conta, victima de hum concurso fatal de cir=  
 cunstancias; mais triste foi a sorte de Langlade,  
 215 de Lebrum, de Marillaque, de Lallíde Bourdu=  
 nase, e de mil outros innocentes, tanto Seculares, co=  
 mo Ecclziasticos, boñs, eexemplares, que injustamen=

injustam forão despojados de seus bens, e tor-  
 turados nas prisoes, não se pode negar-  
 como Vassallos, o direito natural a reclamação  
 de huma indemnidade, que deve consistir numa  
 publica satisfação, ja que a conta se fez publica em  
 toda esta Capitania, registrou-se no Arquivo da  
 Camara, e leva com si o sellos das referidas calu-  
 nias, fassa V. Ex.<sup>a</sup> que illa possa reparar attre  
 a suspeita das culpas que não commeti, tenha  
 pois o Carater o mais forte, o mais autentico, pa-  
 ra que seja facil, e prompto o seu effeito. E se p.  
 força dos maiores exames, não for, no que espero, bem  
 succedido, veri então como huma desgraça, a prova  
 que me convencer, sem que duide de ser sempre verda-  
 deira, a minha religiosa, e honrada asserção, e em-  
 tal caso, me sacrifico resignado, e de boa vontade, ao  
 mais rigoroso castigo, que V. Ex.<sup>a</sup> julgar proporcio-  
 nado.

Supplio tao bem a V. Ex.<sup>a</sup> com a maior e-  
 nergia, que por evittar para o futuro novas con-  
 testacoes, e desordens, com que se altera a paz publi-  
 ca, e o sosiego da minha consciencia, quero a provar a-  
 demissão, que quero fazer dos Empregos de Vigr.  
 da Para, e Igreja Matriz, pelo modo, e meio que a  
 V. Ex.<sup>a</sup> parecer mais justo.

E o que ponho informar a  
 V. Ex.<sup>a</sup> que mandará o que for mais justo.

S. Abel

## Fólio 5r

injustamente farão despojados doseus bens, tor-  
turados nas prizoens não se mepode negar-  
220 como Vassallo, o direito natural a reclamação  
de huma indemnidade, que deve consistir numa  
publica satisfação, já que conta sefez publica em  
toda esta Capitania, registrou-se no Arquivo da  
Camara, e léva com sigo oSello das referidas das calú-  
225 nias, fassa *VossaExcellencia* que ella possa reparar athé  
a suspeita das culpas que não commeti, tenha  
pois o Carater o mais forte, o mais autentico, pa-  
ra que seja facil, e prompto oSeu efeito. Esse para  
força dos maiores exames não for, no que espero bem  
230 sucedido, verei entãõ como huma desgraça, a próva  
que meconvencer sem que deixe de ser sempre verda-  
deira, a minha religioza, ehonrada asserção, e em=  
tal cazo, me sacrifico ressignádo, e de boa vontade, áo  
mais rigorozo castigo, que *VossaExcellencia* julgar proporcio=  
235 nado.

Supplico taõ bem a *VossaExcellencia* com a maior e  
nergia, que por evittar para ofuturo novas con=  
testaçãoeñs, e des ordem, com que sealtéra a pás publi-  
ca, eoSocego da minha consciencia, queira aprovar a=  
240 demissão, que quero fazer dos Empregos de Vigarío  
da Vara, e Igreja Matriz, pelo modo, e meio quea  
*VossaExcellencia* parecer mais justo.

He oque posso informar a

*VossaExcellencia* que mandará o que for mais justo.

245 *Villa Bella*

Bella 12 de Julho de 1800

H. S. & Supp.

Offere-se em prova do segundo  
a crantamento & Deuimento  
junto.

Viz. da Vara, e Igreja de Matto Grosso

Antonio Cardoso de Moraes Monteiro

**Fólio 5v**

Bella 12 de Julho de 1800

*Pos Scriptum* osupperintendente

offerese emprova dosegundo

acrecentamento oDocumento

250 junto.

O Vigarío da Vara, e Igreja de Matto Gro-

ssó

<AntonioCardozo de Menezes Montenegro>

Ms 34

João de Deus

O meo compromisso da Vozpitavel Potaria  
 de N. Ex.<sup>ca</sup>, Carta, que Reubi Ego comoda  
 Ha de 24 de Br. mes Logo foi dar com  
 pimento a que nota N. Ex.<sup>ca</sup> meo denovo  
 fazendo Lavrar Eab.º em que nele se  
 obrigou a esta Antonia Nuan a pagar  
 today os custos da sua Culpa quando esta  
 for julgada por conformé ao Real Pravit  
 to n.º 1212 de 1780. Junta da Justiza que  
 N. Ex.<sup>ca</sup> por servido convocar, e feito v.º  
 H.º amandi Logo por em sua libor  
 Oadeu no Conformé. De ta mesma venonca  
 da Potaria de N. Ex.<sup>ca</sup>

Dos Guardes N. Ex.<sup>ca</sup>  
 V.º Bulla 24 de Br.º de 1800

J.º de Deus  
 Caximo Pinto de Almeida e Silva

Superior de J.º de Deus

TRANSCRIÇÃO 34-Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	BR. APMT. CVB. JO. CA. 0534 CAIXA 009
ASSUNTO	Carta do Juiz Ordinário José da Silva Portilho ao governador e capitão general da Capitania de Mato Grosso Caetano Pinto de Miranda e Montenegro, informando que cumpriu as ordens do governador fazendo a preta Antonia Nunes assinar um termo que a obrigava pagar as custas da sua culpa.
LOCAL	Vila Bela
DATA	24 de dezembro de 1800
ASSINATURA	Autógrafo

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*  
 Emcomprimento da respeitavel Portaria  
 deVossa *Excellencia*, eCarta, que Recebi hoje comda  
 ta de27 doCorrente mes Logo fis dar com  
 05 primento ao que nela *Vossa Excellencia* meordenava  
 fazendo lavrar hulbro emque nele se  
 obrigou apretaAntonia Nunes apagar  
 todas as custas daSua Culpa quando esta  
 for julgada por conforme ao Real Indul  
 10 to naprimeira lunta dalustissa que  
*Vossa Excellencia* for Servido convocar, efeito *verdade*  
 ((*termo*)) amandei Logo por emSua Liber  
 dade naConformidade da mesma veneran-  
 da Portaria deVossa *Excellencia*  
 15 Deos guarde aVossa *Excellencia*  
*Villa Bella* 24 de Dezembro de1800  
 Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Governador eCapitam General  
 Caetano Pinto deMirandaeMonteNegro  
 <O luis *Ordinario* lozedaSilvaPortilho>

Ms 35

Ill<sup>me</sup> Ex<sup>me</sup> Senhor

O dia 6 de Corrente mes Reubimos  
 a Carta de V. Ex.<sup>a</sup> Relativa ao Proximo do Secretario  
 do Conselho Ultramarino, visto que senão havia de  
 da parte de V. Ex.<sup>a</sup> de sua real ordem; sobre o que sus-  
 pendimos com o maior profundo Respeito al V. Ex.<sup>a</sup>  
 que tomando nos posse do cargo que occupamos  
 no dia 21 de Junho passado, mal poderiamos dar ra-  
 cionas a Real Ordem de Sua Magestade Real, e Carta  
 de V. Ex.<sup>a</sup> visto que não se, antes Reubimos, nem  
 os nossos Antecessores nos nas participaram. Com  
 o Reubimento da Carta de V. Ex.<sup>a</sup> passamos a exami-  
 nar o Livro onde se acha figurada a Real Ordem  
 examinando se tambem os mais. Onde deve con-  
 tar ter se feito algum pagamento ao Tesouro de  
 entario, não consta aver sido satisfeito, comente  
 menos, que aqui seja puzida Authorizada pelo Tesou-  
 ro, para o receber pois o seu saluado Antecessor  
 Ill<sup>mo</sup> Sr. D. Miguel Lopes de S. Paulo, aqui tendo  
 Presidencia que e tambem assim como nosborna a quantia  
 de 100.000.  
 Era Actual Secretario do  
 dia que Sua Magestade Real Me fez mercê the 12 de  
 Corrente mes tom vinda de suas Proximias a q<sup>ta</sup>  
 de 2128500-1. q<sup>ta</sup> ainda se he estio devendo, e con-  
 ta em nome nos pedimos certificar al V. Ex.<sup>a</sup> quan-  
 do poderemos com tribuir com as Resfidias Proximias  
 visto que o Coffre se acha sem Ours algum, a lumbria  
 se achava não tendo sido Contas das Revidas do  
 Conselho os Procuradores Revidos Francisco O. O.  
 e Cartão da Carta, a que temos dado as providen-  
 cias necessarias p.<sup>o</sup> se fazer das conty, não pedindo

<b>TRANSCRIÇÃO 35-Fólio 1r</b> <b>EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA</b>	
<b>CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO</b>	BR APMT. CVB. CA. 0284. CX. Nº 005
<b>ASSUNTO</b>	Carta dos vereadores da câmara ao governador e capitão general da Capitania de Mato Grosso Caetano Pinto de Miranda e Montenegro, referente ao pagamento de propinas ao Secretário do Conselho Ultramarino.
<b>LOCAL</b>	Vila Bela da Santíssima Trindade
<b>DATA</b>	14 de fevereiro de 1801.
<b>ASSINATURA</b>	Autógrafo

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*  
 No dia 6 do Corrente mês recebemos  
 a Carta de *Vossa Excellencia* relativas as Propinas da Secretaria  
 do Conselho Ultramarino, visto que senão havia da  
 05 do parte a *Vossa Excellencia* da Sua execução; sobre, o que res=  
 pondemos com mais profundo Respeito a *Vossa Excellencia*  
 que tomamdo nas posse dos cargos que cumpramos  
 no dia 21 de Janeiro passado, mal poderíamos dar e  
 xecução a Real Ordem de sua Alteza Real, e carta  
 10 de *Vossa Excellencia* visto que não só, anaõ recebemos, sem  
 os nössos Antecessôres nos não participara: com  
 o recebimento da Carta de *Vossa Excellencia* passamos a exami  
 nar o livro onde se acha registada a Real ordem  
 Ezaminando-se tambem os mais onde deve cons  
 15 tar ter-se feito algum pagamento ao referido se  
 cretário, naõ consta aver sido satisfeito, e muito  
 menos, que aqui aja pessoa authorizada pelo refe  
 rido, para o receber pois seu falecido Antecessôr  
*Illustrissimo* Ioaquim Miguel Lopes de Lavre, aqui tinha  
 20 Procuradôres que o recebiaõ asim como receberaõ aquantia  
 De 1008000. Eao actual secretário desde  
 ô dia que sua Alteza Real lhe fes merce thé 12 do  
 Corrente mes tem vencido desuas Propînas a *quantia*  
 de 2128500-reis que ainda se lhe estaõ devendo, e ago  
 25 ra mesmo não podemos certificar a *Vossa Excellencia* quan  
 do poderêmos contribuir com as referidas Propînas  
 visto, que o Cófre se acha semouro algum, alem dis  
 so achamos não terem dado contas das Rendas do  
 Concêlho os Procuradôres Préteritos Francisco *Vieira*  
 30 e Caetâno da Costa, a que temos dado as providen=  
 cias necessarias para os fazer dar contas, não podendo

quedando faren ao parafuto por sellas não ter acabado  
 o tempo que a Sua Magestade permite.

Pois Guarde a V. Ex.ª meus  
 tos amos Villa Bella em Camara de 14 de  
 Jun. de 1801

Y. mo L. mo por  
 M. Ex. J. Caetano Pinto de Miranda Montenegro

Maria Neres Christes

João Francisco de Saiva

Pedro Gomes de Almeida

Caetano da Costa Araújo Netto

**Fólio 1v**

podendo fazer ao pretérito por selhe não ter acabado  
o tempo que a Lei permite  
Deos Guarde a Vossa Excellencia mui  
35 tos annos Villa Bella em Camara de 14 de  
fevereiro de 1801  
Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Caetano Pinto de Miranda e Montenegro  
<Alberto Nunes Freitas>  
<João Francisco dos Guimarães>  
40 <Pedro Gomes de Assumpção>  
<Caetano da Costa Araujo Mello>



<b>TRANSCRIÇÃO 36-Fólio 1r</b>	
<b>CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO</b>	Fundo-ACBM-IPDAC- Pasta 13-nº 44
<b>ASSUNTO</b>	Carta do vigário Agostinho Luiz Gularte Pereira, para Manoel de Abreu de Menezes relatando sobre a prisão de um vigário que não cumpriu os mandamentos da Igreja.
<b>LOCAL</b>	Cuiabá
<b>DATA</b>	22 de novembro de 1801
<b>ASSINATURA</b>	Autógrafo

Dois dias depois de estar preso, o *Reverendo* lezuino Teixeira fes-me hum requerimento, em que, alegando pobreza, me pediu que o mandasse soltar, dando ele Fiador, para poder pedir a alguns Fieis por esmolas, bestas, e o mais que houvesse de ser lhe preciso para a sua jornada. Mandei dizer-lhe pelo meo Escrivão que, deixadas tergiversações, cuidasse em apressar se para obedecer á Ordem de Vossa Excelencia, pondo-se logo a caminho para a Capital; e que, se o seu maior embaraço provinha da falta de bestas, eu faria aprompta-las. Não quis estar para este avizo, e instou porque o fizesse soltar, como para prévio, e indispensavel; propostas, que eu recuzei. Ultimamente, há quatro dias, mandei repetir-lhe a oferta das bestas, e dizer-lhe que estivesse prompto a partir em companhia do Cabo de Dragoens Manoel Ribeiro da Silva, que me prometia poupar-lhes qualquer despeza na jornada. Insistio na soltura. Ponderando eu que, por ser incapaz de dar-se a conselho, o *Reverendo* lezuino Teixeira corria ahú precipicio, fiz dizer-lhe que o mandaria soltar, dando-me ele hú Fiador, que fosse Sacerdote, e que por Termo se-obrigasse a suprir as suas vezes; e que se lembrasse de que a perseverança na sua contumacia lhe acarretava infortunios, de que eu depois não poderia livra-lo. Não foi de seu agrado este partido, que a prudencia me-sugeri; e encarregou ao Escrivão de dizer-me: que não admitindo eu hú Fiador Secular, ele não se aparelharia na Cadeia para fazer jornada; que tinha requerido a Vossa Excelencia a este respeito; e que esperava intrepido quanto houvesse de seguir-se á sua teima.

Eu conheço, Excelentissimo Senhor, que tamanha dezobediencia, e procedimento tão desregrado, pedem hum prompto, e vigoroso remedio; não

si para referir a regularidade dos seus estudos, mas tambem a fim  
 de proporcionar, que sejam o fultivo e seu mais exemplo haja de  
 influir nos outros heum equal resolução: Luceira, parem  
 Vna Ecclesiastica annua e suplica, que lhe faço, de delictos e  
 mercedis alhi a sua chegada a esta Vila, porque entao  
 e acatamento, que se deve a Persona de Vna Ecclesiastica, acci-  
 tivam succumbente, e q. eu não possa acabar, sem estranhe, e  
 sem atropelar, e por favor consideração, que fiz a respeito so-  
 bra o meu animo. Entre tanto sera conservado na Cadeia  
 e N.º Terceira, Terceira; porq. cada dia me vou certificando  
 mais de sua aptidão para accens de incertezas, e porq. me  
 lembro de que tres Sacerdotes, que nomeadamente foram pedida  
 do N.º Ecclesiastico Provisor de Vna Ecclesiastica, e Sacerdote  
 Luiz d'Albuquerque, e q. em consequencia disso, foram avisa-  
 da pelo Vigario da Vila entao aqui existente, em lugar  
 de com. Tharom para a Capital, fugiram para a. Paulo.

Dize guarde a Vna Ecclesiastica Cuaba, aos 2.º de  
 Abr. de 1764

Amo. Com. Sr. Manuel Carlos d'Alru de Montaes

Aguiar de Souza (Juliano Pereira)  
 Vig. da Vila de Cuaba.

## Fólio 1v

- 30 só para reprimir o orgulho destes Sacerdotes, mas também afim  
de prevenir, que para o fulano o seu mau exemplo haja de  
influir nos outros huma igual resolução: Queira porém  
Vossa Excelencia anuir á supplica, que lhe faço, de delatar o  
remédio até á sua chegada a esta Vila; porque então  
35 o acatamento, que se deve a Pessoa de Vossa Excelencia, acaba  
bará suavemente o que eu não possa acabar, sem estrondo, e  
sem atropelar, e por considerações, que peçam muito sobre  
o meu animo. Entretanto será conservado na Cadeia  
o Reverendo lezuino Teixeira; porque cada dia me vou certificando  
40 mais de sua aptidão para ações desafortunadas, e porque me-  
lembro de que tres Sacerdotes, que nomeadamente foram pedi-  
dos pelo Excelentissimo Predecessor de Vossa Excelencia, o Senhor  
Luiz d' Albuquerque, e que, em consequencia disso, foram avi-  
zados pelo Vigario da Vara então aqui existente, em lugar  
45 de caminharem para a Capital, fugiram para São Paulo.  
Deos guarde a Vossa Excelencia Cuiabá, aos 22 de  
Novembro de 1801  
Ilustrissimo e Excelentissimo Senhor Manoel Carlos d'Abreu de Menezes  
<Agostinho Luiz Gularte Pereira>  
50 Vigario da Vara do Cuiabá

Ms 37

Antes de passar-me a meza, não pude deixar de lembrar-me da  
 Vossa Excecellencia, de Vossa Excecellencia, e pastidosa narra-  
 ção de que me tem accoitado com o Sr. Juuino Texeira de  
 Souza.

Esta dita noticia que recobi a Carta d'Officio, em q. Vossa  
 Excecellencia heve por bem participar-me, que ja tinha nomea-  
 do Capella Militar do Quartel General ao Sr. Joze Maria  
 Texeira; e q. precisava de mais entre Sacerdote para ser occupa-  
 do em outra Capellania Militar, e para a qual pedira servico  
 o Sr. Juuino Texeira de Souza, pelo q. me ordenava  
 fazer eu o competente aviso a este Sacerdote, para q. se pozesse  
 logo a caminho para essa V. Capital, para preencher o  
 indicado feiti.

Sempre de tempo, determinei ao Sr. Corrivis  
 do meu Terço, que fora a casa do Sr. Juuino Texeira, e mos-  
 trando-lhe a Carta d'Officio de Vossa Excecellencia, lhe sigmif-  
 ficava a necessidade d'acelerar a sua jornada; segundo a  
 exigia a Ordem de Vossa Excecellencia. Penso eu q. este  
 modo de proceder houvesse d'obrigar ao dito Sac-  
 dote a dar-se pressa em obedecer a Vossa Excecellencia, sem  
 hesitar, mas não succedeo assim. Longe d'esse procedimento  
 humilde, e reverente, lida a Carta d'Officio de Vossa Exce-  
 cellencia, abalancou-se logo a fazer a fútil, absurda, e ma-  
 is que indelicada nota, de não ser de proprio punho o  
 Respeitavel Nome de Vossa Excecellencia, e como se esta  
 sua afecção não fora ja lui deqacada, cinda se conside-  
 rava relativamente a mim, para se andar a mea da  
 soci devarios, dizendo ao Sr. Corrivis que, no caso de  
 se lhe fazer alguma violencia, appareceria em V. B.

TRANSCRIÇÃO 37-Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo ACBM-IPDAC-Pasta 13-nº 240
ASSUNTO	Carta do vigário Agostinho Luíz Gularte Pereira, para Manoel de Abreu de Menezes relatando sobre as insubordinações de Jesuíno Teixeira de Carvalho.
LOCAL	Cuiabá
DATA	01 de novembro de 1802
ASSINATURA	Autógrafo

A meo pezar, vejo-me na indispensavel necessidade de levar áPrezença de Vosa Excelencia a prolixa, e fastidiosa narração do que me tem acontecido com o Reverendo lezuino Teixeira de Carvalho.

- 05 Há dois mezes que recebi a Carta d'Oficio, emque Vosa Excelencia houve por bem participar-me, que já tinha nomeado Capelaõ Militar do Quartel General ao Reverendo lozeRoíz Pereira; equẽ precisava de mais outroSacerdote para ser occupado em outra Capelania Militar, epara aqual podia servir
- 10 o Reverendo lezuino Teixeira de Carvalho; pelo que me Ordenava fizese eu o competente aviso a esteSacerdote, paráque se-pozése logo a caminho para esa Vila Capital, para preencher o indicado fim.
- semperder tempo, determinei ao Reverendo Escrivaõ
- 15 do meo Foro, quefose a caza do Reverendo lezuino Teixeira, e, mostrando-lhe a Carta d'Oficio de Vosa Excelencia, lhe-significase a necessidade d'acelerar a sua jornada, segundo o-exigia a Ordem deVosa Excelencia. Pensava eu que este modo atenoiozo de proceder houvése d'obrigar ao ditoSacer-
- 20 dote a dar-se présas em obedecer a Vosa Excelencia sem hezitar, mas não succedeo asim. Longe de ((consentimento)) humilde, e reverente lida a Carta d'Oficio deVosa Excelencia, abalançou-se logo a fazer a pueril, absurda, e mais que indiscreta nota, de não ser do proprio punho o
- 25 o respeitavel Nome deVosa Excelencia: e, como se esta sua aferção não fora já hú dezacato, ainda só considerada relativamente a mim, pasou a encher a morada do seos desvarios, dizendo ao Reverendo Escrivaõ que, no cazo de se-lhe-fazer alguma violencia, appareceria em Vila

Bela como Scullar, mas não como sacerdote obrigado a  
 executar o seu Ministério. Atendido com tamanha ansio,  
 por alguns momentos, estava iracundo entre a indulgencia, e  
 o rigor; porém, inclinado á moderação, por insule, e por esta  
 do, e não querendo dar o primeiro exemplo de severidade,  
 avantei em desparar, e desparar, esperando q' estes humedades  
 me procuraria, depois de avisa, como devia, para o fazer en-  
 trar em si, e inspirar-lhe hum melhor accordo. Não me  
 procurou; antes sahio da Vila, e demorou-se alguns dias  
 fora dela. A este tempo se fez em campo sua Tia,  
 D. Francisca Emilia, e não houve mais algum, q' não ten-  
 tase, apm de ser illudida a Ordem de Nossa Senhora. A  
 hum parental, e por mediação do P. Luiz de Torres, e do  
 Ten. Coronel Gabriel da Fonseca Souza, fez supplicas a este  
 respeito. Ao P. Luiz de Torres, ao Ten. Coronel, e a ella  
 mesma respondi, que eu não capitulava com Vossa Excellencia,  
 e devia obedecer-lhe fielmente; que se o seu Sobrinho te-  
 nha motivos justos de escuzar-se, pedia a decencia que  
 fosse á Capital represental-a a Vossa Excellencia, e espe-  
 rar lá hum despacho favoravel, mas não aqui. Entes  
 pareo, e f'la promoveira vex, o P. Teuino Teixeira,  
 a quem é aconselha que arranjasse os seus particulares,  
 e se fosse logo a caminho para a Capital. O resul-  
 tado de muitas respostas, e conselhos, foi o augmentar-se  
 o P. Teuino Teixeira para São Pedro d'El Rey, aon-  
 de, por mais de hum mez, trabalhou, por fazer-se digno  
 da Capellania do Forte de Francisco, quando antes  
 não a houvesse merecido. Finalm. recolheu-se a esta  
 Vila, e não me appareceu, para dar-me alguma satis-

## Fólio 1v

30 Bela como Secular, mas não como Sacerdote obrigado a  
exercer o seo Ministerio. Aturdido com tamanho arrojo,  
por alguns momentos, estive indecizo entre a indulgencia, e  
o rigor, porem inclinado á moderação, por indole, e por estu-  
do, e não querendo dar o primeiro exemplo de severidade,  
35 asontei em disfarçar, e disfarcei, esperando *que* este Sacerdote  
me-procurase, depois do avizo, como devia, para o-fazer en-  
trar em si, e inspirar-lhe hum melhor acordo. Não me-  
procurou; antes sahio da Vila, e demorou-se alguns dias  
fora dela. A este tempo se-poz em campo sua Tia,  
40 *Dona* Francisca Emilia, e não houve meio algum, *que* não ten-  
tase, afim de ser iludida a Ordem de Vosa Excelencia. A  
um pesoalmente, e por mediação do *Doutor* Luiz de Fora, e do  
*Tenente* Coronel Gabriel da Fonseca Souza, fez supplicas a este  
respeito. Ao *Doutor* Luiz de Fora, ao *Tenente* Coronel e a ela  
45 mesma respondi, que eu não capitulava com Vosa Excelencia,  
e devia obedecer-lhe fielmente; que, se o seo Sobrinho ti-  
nha motivos justos de escuzar-se, pedia a decencia que  
fose á Capital representa-los a Vosa Excelencia, e espe-  
rar lá hum despacho favoravel, mas não aqui. Então  
50 que apareceo, pela primeira vez, o *Reverendo* lezuino Teixeira,  
a quem ((lhe)) aconselhei que arrajasse os seos particulares,  
e se pozese logo a caminho para a Capital. O resul-  
tado de minhas respostas, e conselho, foi o auzentar-se  
o *Reverendo* lezuino Teixeira para São Pedro d'El Rei, aon-  
55 de, por mais de hum mez, trabalhou para fazer-se digno  
da Capelania do Forte do Principe, quando antes  
não a houvese merecido. Finalmente recolheo-se a esta  
Vila, e não me aparendo, para dar-me alguma satis-

facia de sua lingua domora, como antes me não tinha  
 apparecido, para alegar algum pretexto de sua ausencia  
 inesperada, procurei eu, e disse-lhe: que estavas esgotado  
 todos os meios de suavidade, e de contemplação: que eu dava  
 a Voa Excelencia jurate de q. se havia passado, e do que  
 meditava fazer, em ultimo recurso, q. ele se não des-  
 puzesse a partir, em termo breve. Respondeo-me, que  
 em doze dias comecaria a jornada, mas a outras pessoas  
 asserorava q. não hia, e queria esperar a chegada de V.  
 Excelencia ao Cuiabá, para lhe ouvir as suas imperibi-  
 lidades. Entrei no recio de q. este sacerdote procurava  
 embalar-me com esperanças, e escapar a seu sabio; e  
 dei-me ao trabalho d'espertar-lhe os paras. Soube  
 q. ele tom posto o maior desvelo em cobrar algumas  
 citavas d'ouro, q. se lhe devias, e q. nenhuma diligen-  
 cia tom feyto por a promptar o transporte necessario  
 para a Capital. Soube mais que, depois de amanha,  
 partem desta V. para a de São Felix, com hum ba-  
 telá, alguns Camaradas do q. vivas ultimamente com  
 o Negociante Joze da Costa Periz, e q. há fortes indi-  
 cios de q. o Sr. Texeiro Tex. se dispõem a partir, e  
 destinam em comp. deles. Vi-me pois na necessidade  
 de tomar medidas de cautela, e mandei hoje reca-  
 lhar-lo inda sobre da Cadeia, p. q. seriam. cuide em  
 cumprir a Ordem de Voa Excelencia.

Deo guarde a V. Excelencia. Cuiabá, em 1.º de  
 Novembro de 1782.

Ilmo. Sr. Manuel Carlos d. Abreu de Moraes

Agostinho Luiz Pularte, primo.  
 Negocio da Voa de Cuiabá.

## Fólio 2r

fação de sua longa demóra, como antes me-naõ tinha  
60 aparecido, para alegar algum pretexto de sua auzencia  
inesperada, procureio eu, e dise-lhe: que estavaõ esgotados  
todos os meios de suavidade, e de contemplação: que eu dava  
a Vosa Excelencia parte do*que* se-havia pasado, edo que  
meditava fazer, em intimo recurso, *quando* ele se-naõ dis-  
65 pozese a partir, em termo breve. Respondeo-me, que  
em doze dias começaria a jornada; mas a outras pessoas  
aseverava *que* não hia, e queria esperar a chegada deVosa  
Excelencia ao Cuiabá, para lhe-expor as suas imposibi-  
lidades. Entrei no receio de*que* esteSacerdote procurava  
70 embalar-me com esperanças, e escapar a seo salvo; e  
dei-me ao trabalho d' espreitar-lhe os pasos. Soube  
que ele tem posto o maior desvelo em cobrar algumas  
oitavas d'oiro, *que* se-lhe deviaõ, *eque* nenhuma diligen-  
cia tem feito apromptar o transporte necesario  
75 para a Capital. Soube mais que, depois de amanhã,  
partem desta *Vila* para a de Porto Feliz, emhum ba-  
telaõ, alguns Camaradas dos *que* vieraõ ultimamente com  
o Negociante lozé da Costa Roriz, *eque* há fortes indi-  
cios de*que* o *Reverendo* lezuino *Teixeira* se dispoem apartir clan-  
80 destinamente em *companhia* deles. Vi-me pois na rigoroza pre-  
cizaõ de tomar medidas de cautela: e mandei hoje reco-  
lhe-lo áSala livre da Cadeia, *para que* seriamente cuide em  
cumprir aOrdem deVosa Excelencia.  
Deos guarde a Vossa Excelencia. Cuiabá, em 01º de  
85 Novembro de1801  
*Ilustrissimo e Excelentissimo Senhor* Manoel Carlos d'Abreu de Menezes  
<Agostinho Luiz GulartePereira>  
Vigario daVara do Cuiabá.

Ms 38

M<sup>o</sup> e P<sup>o</sup> C<sup>o</sup>

Precios do mais plausivel gesto  
 no dia 13<sup>o</sup> de Maio do corrente festejando os Santos  
 meos amos do Principe Regente N<sup>o</sup> Sr. Pedro Dom  
 João 8<sup>o</sup> mais Santo, Amavel, e mais Pio Abonano da  
 Europa; mandando dar-me os mais divas demonstraco-  
 es de feio, e Leas Vauallas mandando Cantar o Salmo  
 na Igreja Matriz desta Villa com Missa, e Sermon  
 Experto, ao que acompanhariao as Saldas d' Antelhorria,  
 fidalas as Graas ao Omnipotente, fomes a porta da Igreja  
 mas da parte interior como e costume, a' disposicao de Se-  
 nhor do Governo de Succesão; mas quando pensava me  
 vior satisfito de Cumra Acaes tao Decorad, e em 14  
 dia, que aos Portuguezes causa mais alegria, e Euphoia,  
 anojou se o primeiro membro do Governo, o Conde An-  
 tonio Felipe da Cunha Conde, Alcaide da Capital  
 das Camaras e Justica, a' ultimas desta Nobre Cor-  
 poracao na mayor Publicidade Espididenda a, por nao  
 salir para fora da porta da Igreja, sem attender, que  
 deo o M<sup>o</sup> e P<sup>o</sup> C<sup>o</sup> Conde d' Arambuja, te o  
 tempo de Serber fustado Ponto, numa Coure tal or-  
 tidoe: antes unta pelas Cartas do meo me Vindem,  
 e Conde, e obsequio, e a que sempre em todos os tempos  
 foi esta Corporacao tractada: Um attender, a que por  
 Ordem Regia se achou Determinado as materias do  
 Real Serviço desta cidade em Carta fustada: e sem atten-  
 der mais, a que esta nobre Corporacao, vigio como Ca-  
 pitais da Cora de se os interiores da Republica, e cao hon-  
 veses a quem demandado Estajo ja nos fins do Governo  
 do Sr. Conde Ponto, erto pode se regular por  
 hum e boro, e por huma refinada aduleira mottora

<b>TRANSCRIÇÃO 38-Fólio 1r</b>	
<b>CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO</b>	BR APMT.CVB. CA. 0340. CAIXA Nº 006
<b>ASSUNTO</b>	Carta dos vereadores da câmara ao governador e capitão general da Capitania de Mato Grosso Manoel Carlos de Abreu e Menezes, solicitando parecer sobre o método para se portarem nas solenidades.
<b>LOCAL</b>	Vila Bela da Santíssima Trindade
<b>DATA</b>	17 de Maio de 1804
<b>ASSINATURA</b>	Autógrafo

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*  
 Cheios do mais plausivel gustos  
 no dia 13, de Maio do corrente festejamos, os Faustissimos annos do Principe Regente Nosso Senhor Dom  
 05 Ioaõ *Sexto*; o mais lusto, Amavel, e mais Pio Soberano da Europa; procurando dar-mos ás mais vivas demonstraço-  
 ês de fieis, e leaes vassallos mandando cantar o Te deum na Igreja Matriz desta Villa com Missa, e Senhor  
 Exposto, ao que acompanharão as Salvas d'Artilharia;  
 10 findas as Praças do Omniponte, fomos á porta da Igreja mas da parte interior como hé costume, á despedir os Senhores do Governo de Successão; mas quando pensava-mos  
 viver satisfeitos de huma acção taõ decorosa, e im hú dia, que aos Portuguezes causa mais alegria, e respeito  
 15 arrojou se o primeiro membro do Governo, o Coronel Antonio Filipe da Cunha Ponte, Atagonista Capital das Camaras e Lustiça, á ultajar esta nobre Corporação na mayor Publicidade reprecendendo-a, por não  
 sahir para fora da porta da Igreja; sem attender que  
 20 desde o *Illustrissimo e Excellentissimo Senhor* Conde d'Azambuja, té o tempo do Senhor Caetano Pinto, numca houve tal costume: antes consta pelas Cartas dos mesmos Sênhores,  
 tempo do Senhor Caetano Pinto, numca houve tal costume à honra, e obsequio, com que sempre em todos os tempos  
 25 desde o *Illustrissimo e Excellentissimo Senhor* Conde d'Azambuja, té o foi esta Corporação tractada: sem attender, a que por  
 Ordem Regia se acha Determinado as materias do Real Serviço se lhe escreva em Carta Fechada: e sem attender mais, a que esta nobre Corporação, vigia como Ca-  
 30 Pitaõ do Povo sobre os intereces da República; e cazo houvesse algum demaziado cortejo já nos fins do Governo do *Excellentissimo Senhor* Caetano Pinto, isto pode se regular por um abuzo, e por huma refinada adulação mottivada

pelo Doutorado Manuel Joaquim Ribeiro e  
 de, em consequencia do que praticou com o mesmo Se-  
 nhor, e qual Carta foi mal acuzo ao mesmo Senhor, por  
 means de ter praticado com os seus Predecessores: segun-  
 do nos conta, por pellas particularas, e mesmo por  
 a preferencia nas Cartas de sua Real Academia; e se tivesse  
 alguma outra Comissao, desde o principio de seu Governo te-  
 ria feito o mesmo, para que assim se praticasse.

Porq' esta ha sido o sentimento de in-  
 juria, e indignidade desde Logo fuzor sobre as nossas qui-  
 xas a Real Academia, com tudo: comissao ao Grande obsequio,  
 e comissao com que V. Ex. nos tem tratado, nao nos anima-  
 mos a duvidar mais sem que participamos, e obtemhamos  
 a sua Real e Real Approbacao: ficando Lugar abar-  
 mos que, caso tivesse mais infringido qualquer Real Or-  
 dem, com muito gosto e euforia nos por Officio toda a Re-  
 prehensao particular como vindo de Com. Bai, que criou  
 o acuzo de seu filho: e para mostrar nos a V. Ex.  
 o quanto nos desejamos amoldar a boa Leza, deizeremos  
 ter alguma de que V. Ex. seja o seu mestre e mestre, e  
 nos Sugitamos desde ja ao Mestre, que V. Ex. julga-  
 duvamos seguir nos seus obsequios.

Deo. Paulo a V. Ex. comissao  
 annos. Villa Rica em Camara de V. de Mayo  
 de

## Fólio 1v

Pelo Desembargador Manoel Ioaquim Ribeiro Frei  
35 re; em consequencia do que practicou com o mesmo Se-  
nhor ; o qual cortejo foi mal aceito ao mesmo Senhor, por  
numca se ter practicado com os seus Predecessores: segun-  
do nos contou, por pessoas particulares, o mesmo Senhor  
o proferira nas cazas de sua Residencia; ese tivesse  
40 sciume destes cortejos, desde oprincipio doseu Governo te-  
ria feito esforços, para que assim se practicasse.  
E porquanto tão vivo sentimento de in-  
Juria, pretendíamos desde logo fazer sobir as nossas quei-  
xas á Real Presença; com tudo: sensiveis ao Grande obsequio,  
45 e honra com que *Vossa Excellentissima* nos tem tractado; não nos anima-  
mos à arredar passo sem que participemos, e obtenhamos  
a sua respeitável approvaçãõ: ficandolugar a dizer-  
mos que, caso tivesse mos infringido qualquer Real Or-  
dem, com muito gosto receberia-mos por officio toda a re-  
50 presunçãõ paticular como vinda de hum Pai, que dezeja  
o acerto de seusfilhos: e para mostrar-mos a *Vossa Excellentissima*,  
o quanto nos dezejamos amoldar aboa razaõ, dezejaremos  
ter áhonra de que *Vossa Excellentissima* seja o luiz nesta cauza; e  
nos sugeitasmos desde já ao Methodo, que *Vossa Excellencia* julgar  
55 devemosseguir nos nossos obséquios.  
Deos Guarde a*Vossa Excellentissima* muitos  
annos. Villa Bella em Camara de 17 de mayo de

de 1804

Wm. C. S. Manuel Martins de Albuquerque d'Alencar

O Sr. Pr. de Amador de Gouveia Cunha  
 O Sr. Pr. de D. José de Almeida  
 O Sr. Pr. de José de Almeida  
 O Sr. Pr. de Francisco Xavier de Azevedo

**Fólio 2r**

de 1804//

*Illustrissimo e Excellentissimo* Senhor Manoel Carlos deAbreu d'Menezes

60 O Iuiz *Prezidente* <Bernardo Lopes da Cunha>

O veriador <*Domingoz Mendez Fernandez* d'AbreuLemos>

O veriador <*Iose Antonio* Pinto Guimaraes>

O Procurador <Francisco Xavier Carvalho>

Ms 39

Tenho a honra d'enviar a Vossa Excelencia os Mapas  
 das Ocupações dos habitantes desta Parochia dos annos de 1802,  
 e 1803, que faltárao nos Tabelas Statisticas, que a Vossa Exce-  
 lencia entregou nesta Vila, em Julho do corrente anno, não por  
 negligencia, mas porque então supis que Vossa Excelencia não  
 queria fazer delles outro uso, que comporvar a Povoação, Ca-  
 xamentos, Nascimentos, e Mortes dos referidos annos. Fico  
 a promptando as Tabelas do anno de 1804, que, por pedirem  
 maior, e mais prolongado trabalho, não me foi possível con-  
 cluir, e enviar agora, o que farei brevemente. Para o futuro  
 continuarei este mesmo trabalho com o maior cuidado, e acru-  
 tidão, como Vossa Excelencia me recommenda, e a sua importan-  
 cia o exige.

Deus guarde a Vossa Excelencia. Cuiabá, aos 29  
 de Novembro de 1804

Ilustrissimo, e Excellentissimo Sr. Manuel Carlos d'Alvares de Almeida

Agostinho Luiz de Almeida, Povoado  
 Sr. da Igreja de Cuiabá

TRANSCRIÇÃO 39-Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo-ACBM-IPDAC-Pasta 177-nº 40A
ASSUNTO	Carta do vigário Agostinho Luíz Gularte Pereira para Manuel Carlos de Abreu Meneses comunicando que enviou mapas das ocupações dos habitantes da Paróquia de Cuiabá relativa aos anos de 1802 e 1803.
LOCAL	Cuiabá
DATA	22 de novembro de 1804
ASSINATURA	Autógrafo

Tenho a honra d'enviar a Vosa Excelencia os Mapas das ocupações dos habitantes desta Parochia dos anos de 1802, e 1803, que faltáraõ nas Tabelas Statisticas, que a Vosa Excelencia entreguei nesta Vila, em Julho do corrente ano, não por negligencia, mas porque entãõ supús que Vosa Excelencia não

05 queria fazer delas outro uzo, que comparar a Povoação, Casamentos, Nascimentos, e Mortes dos referidos anos. Fico apromptando as Tabelas do ano de 1801, que, por pedirem maior, e mais prolongado trabalho, não me foi posivel concluir, e enviar agora, oque farei brevemente. Para o futuro

10 continuarei este mesmo trabalho com o maior cuidado, e exactidaõ, como Vosa Excelencia me-recomenda, e a sua importancia o-exige.

Deos guarde aVosa Excelencia. Cuiabá, aos 22

15 de Novembro de 1804

Ilustrisimo e Excelentissimo Senhor Manuel Carlos d'Abreu de Menezes

<Agostinho Luiz Gularte Pereira>

Vigário da Igreja do Cuiabá



<b>TRANSCRIÇÃO 40 - Fólio 1r</b>	
<b>CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO</b>	BR APMT.CVB.CA. 0352 CX. Nº 006
<b>ASSUNTO</b>	Carta dos vereadores da câmara da Vila Bela ao governador e capitão general da Capitania de Mato Grosso Manoel Carlos de Abreu e Menezes, solicitando aprovação e autorização do Governo para que Antônio de Souza, furriel da Companhia de Dragões, possa curar o povo na qualidade de cirurgião.
<b>LOCAL</b>	Vila Bela
<b>DATA</b>	26 de Janeiro de 1805
<b>ASSINATURA</b>	Autógrafo

*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*

{Respondido}

Fosse perciso abem do Real serviço que *Vossa Excellencia*

Authorize a Luis Antonio de Souza furriel da com

05 panhia de Dragoens para que possa curar o povo

em qualidade de cirurgião, assim como *Vossa Excellencia* foi será

mandar que curase os doentes do Ospital Militar a

fim taõ bem de poder fazer qualquer exame em

algum corpo que se achar morto, afim de sepro

10 ceder corpo de delicto em cazo de algum asasino eque

por falta desta solenidade fiquem as devasas

nullas, eos crimes impunidos. Este furriel Luis

Antonio tem curado opovo desta Villa, com bom

conceito, e sufficientes luzes para poder praticar,

15 e curar, deque melhor sepodera *Vossa Excellencia* informar

do cirurgião mor Francisco loze Ribeiro que

se acha nesa *Villa* de Cuiaba

Por nos parecer *quetaes pro=*

providencias de summa necessidade representamos

20 a *Vossa Excellencia*, e dezejamos a provação de *Vossa Excellencia*

A Poderosa pessoa de *Vossa Excellencia* prospero Ceo com

saude por dilatados annos. *Villa Bella* em Cama

ra de 26 de laneiro de 1805.

*Illustrissimo eExcellentississimo Senhor* Manoel Carlos deAbreu deMenezes

25 <BernardoLopesdaCunha>

<loaõ Nunes Prego>

<DomingozMendezFernandez d'AbreuLemos>

<Pedro Gomes deAsumpção>

Ms 41

11<sup>mo</sup> de Maio de 1808

Do Sargento-Mor, Ajudante dos Ordens do  
 S. Co. recibi, tanto a Carta, qua' S. Co. me dirigio, com a  
 de 31 de Marco, como os Congruos de meu Co. P.ulado  
 vencidas até o fim do S. Co. e, dahi a pouco, duas hum  
 outra Carta, com a data de 16 de Abril. de ambos  
 eu os sentimentos de honra, e de generosidade, deq' he  
 do o coracão de S. Co., e quasi particularmente a inclinaçã  
 contemplar a P.iosa de S. Co., que por mim sera de  
 com fidelidade informado, logo que aqui chegar, e  
 hei de ter o contentamento de ver a Justiça e a P.iosa  
 os dadas, trabalhando em consen para o bem d'elles  
 que tao digno sei de ter hum General, como estã con  
 que S. Co. he, hum P.ulado, como estã esperã que  
 seja.

Com outra occasiã, participei ad S. Co. que o meu Co.  
 Pulado ha de apresentar se no minha casa, emquanto  
 resolver qual deverei ser a sua Residencia fixa, e por  
 defe ja ao Sargento-Mor, Ajudante dos Ordens do S. Co.  
 deirã de falar ao Sargento-Mor, sobre este particular. E  
 tem dado tã promptã, e tã acertada providençã para  
 recebimento do S. Co., que nada mais me resta, e  
 nem que pedir, quando forem m'ou nome de alguma  
 indispensavel, para se Ajudante dos Ordens do S. Co. e  
 carães iminuacões, paraq' em Nome do S. Co. haja de  
 qua ha as Chifas das Administracões Civil e Militar  
 como S. Co. m' e determinã

Eu ajudante do S. Co.

TRANSCRIÇÃO 41-Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo ACBM-IPDAC- Pasta 13-nº 45
ASSUNTO	Carta (incompleta) do vigário Agostinho Luiz Gularte Pereira em resposta a carta de um general que o avisava de sua visita à Cuiabá.
LOCAL	?
DATA	1806
ASSINATURA	?

*Illustrissimo eExcelentissimo* Senhor  
 PeloSargento Mor Ajudante d' Ordens de  
*Vossa Excelencia* recebi, tanto a Carta, que*Vossa Excelencia* me dirigio, com a [...] †  
 de 31 de Março, como as Congruas do meo *Excelentissimo* Prelado  
 05 vencidas athé ofim de1806; e, dahí apoucos dias humas  
 outras Cartas, com a data de16 de Abril de ambas [...]†  
 eu os sentimentos dehonra, e de generozidade, deque hé anui  
 do o coração de*Vossa Excelencia* equaõ particularmente se inclina a  
 contemplar aPessoa de*Sua Excelencia Reverendissima*, quepor mim sera de ((todo))  
 10 com fidelidade informado, logo que aqui chegar; e evitar  
 hei de ter o contentamento de ver a Lustiça, e a Paz de ((ma))  
 ns dadas, trabalhando em comum para o bem destePovo  
 que taõ dignos são de ter hum General, como eles conhecem  
 que *VossaExcelencia* hé, e hum Prelado, como eles esperaõ que*Sua Excelencia*  
 15 seja.  
 Em outra ocaziaõ, participei a*Vossa Excelencia* que o meo *Excelentissimo*  
 Prelado ha-de apresentar-se na minha caza, emquanto naõ  
 rezolver qual deverá ser a sua Rezidencia fixa: epor ((cauza))  
 diso já aoSargento Mor Ajudante das Ordens de*Vossa Excelencia*  
 20 deixase de falar ao Luiz de Fóra sobre est'particular. *Vossa Excelencia*  
 tem dado taõ promptas, e taõ acertados providencias para o  
 recebimento de*Sua Excelencia Reverendissima*, que nada mais me resta que dezejaõ  
 nemquepedir quando porem m'eu lembre de alguma ((co)) [...]†  
 indispensavel, farei ao Ajudante das Ordens de*Vossa Excelencia* as ne  
 25 cesarias insinuaçõens, paraque, em nome de*Vossa Excelencia* haja de  
 quere-la aos Chefes das Administrações Civil, eMilitar  
 como *Vossa Excelencia* ((mo)) o determina.  
 Eu agradeço a*Vossa Excelencia*



TRANSCRIÇÃO 42-Fólio 1r	
CODIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo ACBM-IPDAC-Pasta 59-nº 1490
ASSUNTO	Carta do Juiz presidente e mais oficiais da câmara para D. Castro Pereira, dando as boas vindas ao mesmo e antecipando-o que haverá uma celebração de ação de graças pela sua vinda ao Brasil.
LOCAL	Cuiabá
DATA	15 de outubro de 1808
ASSINATURA	Autógrafo

*Illustrissimo e Excellentissimo* Senhor

Assim que nodia des docorrente abrimos-

em Camara a carta de *Vossa Excellencia* datada de Vinte e quatro do-  
proximo Setembro nos deregimos com ella cheio do=

05 mayor prazer ao *Excellentissimo* e *Reverendissimo* Senhor Bispo eahi con-  
veinos com o mesmo Senhor, em que nodia primeiro  
de Novembro secelebrou a Solene Acção de Graças pe-  
lla Vinda eestada de *Sua Alteza Real* no Brazil.

E vindolhe propnta anossa pertençaõ Elle com de

10 mustraçoens de jubillo *Real* de grande fervor Seofereceu logo  
cantar Missa Pontificar, epregar demanham Ha-  
vendo Outro Sermaõ atarde, que hade pregar o *Illustrissimo Reverendissimo*  
Provizora quem encarregamos depois do qual se hade  
cantar o Te Deum Concluindo e a esta plauzivel

15 função com huma Solenne processaõ em que ha de ser  
levado mandar o Senhor Bom Iezus.

No dia 16 pretendemos por Edital do Sennado que  
hade de Ser publicado com as ostentaçaõ praticada em Ou-  
tras Semelhantes o ((Carcoens)), publico ao Povo as mes

20 mas festas, determinando-selhe o que de veraõ obrar, a  
sim como a illuminaçaõ das Suas moradas nastres  
((ns)) ((ate)) de 30 e 31 do Corrente, e no *Primeiro* do Candeeiro.  
Deos Guarde a *Vossa Excellencia* por muitos annos Cuiabá em  
Camara de 15 de Outubro de 1808

25 O luiz Prezidente, e mais *officiaes* da Camara do Cuiaba  
<loaquim da Costa Siqueira>  
<Paulo Luis Barata>  
<loaõ Gomçalvez dos Santos Cruz>  
<lozê Pinheiro dos Santos>

Ms 43

Almo Srmo S.  
M. e Ex. Senhor

VN. 21-8-113

Tenho a honra de ir, cheio de gosto, a presença de  
V. Excellencia participar que no dia 20 do corrente, pelas  
sitt horas da noite, se apresentaraõ em as casas de minha  
morada, seis coronaveis que constar da relação junta, vindos  
do deserto em que se achavaõ fugitivos, hums a sete annos,  
e outros a menor tempo, segundo aconta d'elles, dizendo-me  
que vinhaõ valer-se de V. Ex. para tirarem do rigoroso  
castigo que se me tinha declaravel na dita relação, mas  
haviaõ dar pela culpa da fuga q' tinhaõ feito; e como  
se esperava a V. Ex. brevemente nella Capital, me re-  
queriaõ que, em qualidade de Juiz Ordinario, se recebesse  
como penas miseraveis que vinhaõ valer-se de V. Ex. caõ  
pela noticia adquirida nas boques em que se achavaõ  
habitando, que huma das principaes virtudes de V. Ex. caõ  
he a Clemencia, e accõriaõ por certa desde logo que  
a forte permittente aqella occasiaõ de se lançarem a cargo  
de V. Ex. caõ. Discorrendo eu, naquelle momento,  
sobre este caso, me pareceo, que si devia receber, como  
recebi de baixo do fagrado Nome de V. Ex. caõ, e conser-  
vales, como ficãõ conservados em adida minha cara, a V.  
Ex. caõ me Ordenar o que for do seu Superior agrado

Este mesmo

<b>TRANSCRIÇÃO 43 - Fólio 1r</b>	
CODIGO DE IDENTIFICAÇÃO	BR APMT. CVB. JO. CA. 0577 CAIXA Nº 010
ASSUNTO	Carta do juiz Ordinário Antonio D'Azevedo ao governador e capitão-general da Capitania de Mato Grosso João Carlos Augusto D'Oeynhausen e Gravemberg, comunicando a chegada de seis escravos fugidos.
LOCAL	Vila Bela da Santíssima Trindade
DATA	21 de junho de 1813
ASSINATURA	Autógrafo

*Illustrissimo eExcellentissimo* Senhor.

Tenho a honra de ir, cheio de gosto, a presença de Vossa Excellencia participar que no dia 20 do corrente pelas sete horas da noite, se apresentaraõ em as cazas de minha

05 morada seis escravos que constaõ da relação junta, vindos do dezerto em que se achavaõ fugitivos, huns a sete annos e outros a menos tempo, segundo a conta delles, dizendo-me que vinhaõ valer-se de Vossa Excellencia para livra-los do vigorozo castigo que os seos donos [declarados na dita relação] lhes

10 haviaõ dar pela culpa da fuga que tinhaõ feito; e como se esperava a Vossa Excellencia brevemente nesta Capital, me requeriaõ que, em qualidade de Luiz Ordinario, os recebesse como pessoas miseraveis que vinhaõ valer-se de Vossa Excellencia, pela noticia adquirida nos bosques em que se achavaõ

15 habitando, que huma das principaes virtudes de Vossa Excellencia hera a Clemencia, e acontevaõ por certa desdelogo que a sorte permittisse afelis occasiaõ de relançarem a ospés de Vossa Excellencia. Descorrendo eu, na quelle momento, sobre este cazo me pareceo, que os devia receber, como

20 recebi debaixo do sagrado Nome de Vossa Excellencia, e conservalos, como ficaõ conservados em a dita minha caza, até Vossa Excellencia me Ordenar o que for do seu Superior agrado

Isto mesmo

participi logo ao Tenente Coronel Commandante  
 Gezal, e fiz saber aos respectivos donos dos ditos fugitivos  
 A Augusta pessoa de V. Ex.<sup>ca</sup> guarde Deus  
 muitos annos. Villa Bella 21 de Junho de  
 1813.

De V. Ex.<sup>ca</sup>

Com as humilde esped. servido.

Antonio d'Almeida.

participei logo ao Tenente Coronel Commandante  
25 Geral, e fiz saber aos respectivos donos dos ditos fugitivos  
A Augusta pessoa de *Vossa Excellencia* guarde Deos  
muitos annos. Villa Bella 21 de Junho de  
1813<sub>o</sub>  
De *Vossa Excellencia*  
30 O mais humilde e fiél servidor  
<Antonio d'Azevêdo>

Proclamação dos Escravos fugitivos, que no dia 20 do mez  
de Junho del'813 se apresentaram-me dizendo q' elles se  
vinhao' valer de Sua Excellencia.

Pertencente ao Cap.<sup>m</sup> Fran.<sup>co</sup> de Freitas Dantas

Manoel Barba -  
Manoel Banguella  
Antonio Congo -

Pertencente a Mel. Bento de Lima

Maria - - - - -

Pertencente a Vicente Mui de Freitas

Maria - - - - -

Pertencente a Maria da Silva

Maria - - - - -

Villa Bella 21 de Junho del'813.

Seu Ordinario Antonio d'Alvares

## Fólio 2r

Relação dos escravos fugitivos, que no dia 20 do mez  
De Junho de 1813 se apresentarão-me dizendo *que* elles se  
Vinhaõ valer de Sua Excellencia.

35 Pertencente ao Capitão Francisco de Freitas Dantas

Manoel Barbá-

Manoel Benguella

Antonio Congo-

Pertencente a Manoel Bento de Lima

40 Maria \_ \_ \_ \_ \_

Pertencente a Vicente Marínz de Freitas

Maria \_ \_ \_ \_ \_

Pertencente a Maria da Silva

Maria \_ \_ \_ \_ \_

45 Villa Bella 21 de Junho de 1813%

O Luis Ordinario <Antonio d'Azevêdo>

Ms 44

Ca. <sup>ma</sup> e N. <sup>ma</sup> Senhor

Por portaria de 12 do Convento, foi V. <sup>ca</sup> N. <sup>ma</sup> servido ordenar que eu informasse arripito da denuncia, ou queixa do Cap. <sup>m</sup> Salvador Pompeu de Barros, que a compa nhou a mesma portaria, sobre ter-se enterrado corpos na superficie da terra, e de terem sido as sepulturas que estao fora da Igreja revirada pelos porcos, e que eu declarasse as providencias que dei para fazer cessar tao grave, e escandaloso crime.

Em observancia do q. me foi ordenado, cum prime repetitoramente informar a V. <sup>ca</sup> N. <sup>ma</sup> que, se as sepulturas que se tem aberto dentro da Igreja Matriz não tem tido a quella profundidade conveniente, não tem tambem ficado os corpos tao na superficie; quanto os que se enterraõ fora ou no Adro tem havido subhouve na verdade descuido da parte do sacristão, que devia asseter o enterramento dos corpos, e a abertura das sepulturas, por isso pois he que deu se o caso de se ter posto o Cadaver de Paulo Dias, qui foi se enterrar no dia 14 ou 15 de Fevereiro, quasi na superficie da terra, e por os Covões tambem não pillar a terra da sepultura, os porcos revolverão a mesma V. <sup>ca</sup> e o Adro ficou com insupportavel fetido, vendo eu isto fui ter com o N. <sup>ca</sup> Sr. Vigario para mandar cobrir a dita sepultura com mais terra ainda que a mesma ficasse fora do nivel de q. de bem pilada, para assim evitar a exhalação putrida, e que logo feito, ficou remediado o mal

TRANSCRIÇÃO 44-Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo ACBM-IPDAC-Pasta 35-nº 1918
ASSUNTO	Carta do Padre Francisco Pereira de Moraes Jardim, sobre denúncia do Capitão Salvador Pompeo de Barros a respeito de corpos mal enterrados no adro da Igreja.
LOCAL	Vila Maria do Paraguai
DATA	27 de abril de 1861
ASSINATURA	Autógrafo

*Excellentíssimo e Reverendíssimo Senhor*

- Por portaria de 12 do corrente, foi *Vossa Excellencia Reverendissima* servido ordenar que eu informase a respeito da denuncia, ou queixa do *Capítam* Salvador Pompeo de Barros, que a compa
- 05 nhou a mesma portaria, sobre ter-se enterrado corpos na superfície da terra, e de terem sido as sepulturas que estão fora da Igreja revirada pelos porcos, e que eu declarase as providencias que dei para fazer cessar tão graves, e escandalozos crimes.
- 10 Em observancia de *que* me foi ordenado cum preme respeitozamente informar a *Vossa Excellencia Reverendissima* que, se as sepulturas que sê tem aberto dentro da Igreja Matriz não tem tido áquela profundidade conveniente, não tem também ficado os corpos tão na
- 15 superfície; quanto as que se enterrão fora ou no Adro tem havido ouhouve na verdade descuido da parte do Sacristão que devia assistir o enterramento dos corpos, e a abertura das sepulturas, por isso pois he que se deu-se o cazo de se têt pôs
- 20 to o Cadaver de Paulo Dias, que foi-se enterrar no dia 14 ou 15 de Fevereiro, quasi na superfície da terra, e por os Coveiros tambem não pilar a terra da Sepultura, os porcos revolverão a mesma ((terra)) e o Adro ficou com insupportavel fetido,
- 25 vendo eu isto fui ter com o *Reverendo Senhor* Vigario para mandar cobrir a dita Sepultura com mais terra ainda que a mesma ficasse fora do nivel de *primeira* de bem pilada, para assim evitar a exhalção putrida, o que logo feito, ficou remediado omal

omal.

Serão estas como se tem as providencias que dei a respeito do occorrido, e com as quaes tornou se sem accção o Officio do Fiscal da Camara dirigido em 16 ao Sr. Vigario, em consequencia da denuncia dada por Manuel Carlo da C. feita ao Sr. Secretario da Camara.

He tudo quanto posso informar a V. Ex. Ma. que resolverá o que houver por bem.

Villa Clara 27 de Abril de 1808

Francisco Pereira de Moraes  
Vigario da Vila

30 o mal.

Forão estas *Illustrissimo e Reverendissimo Senhor* as providencias que dei a respeito do ocorrido, e com as quais tornou-se sem acção o officio do Fiscal da Camara dirigido em 16 ao *Senhor Vigario*, em consequencia de

35 denuncia dada por Manoel Carlos da *Cunha* filho do *Capitam* loze Antonio daCunha.

Ate tudo quanto posso in

formar a *Vossa Excelencia e Reverendissima* que resolverá o que houver por bem.

40 Villa Maria 27 de Abril de 1861

Padre <Francisco Pereira de Moraes Jardim>

Vigario da Vara

Ms 45

Umo, e c. 4.1.

Pela Carta de doze de Setembro do anno passado, em que continho a receber os favores de V. Ex.<sup>a</sup>, fico entendendo, que não foi V. Ex.<sup>a</sup> entregue da que remetti, quando se expedio para esta Capitania a Gene Altitas, que proximoamente se recolhes.

Participava eu a V. Ex.<sup>a</sup> as diligencias, que interpunha, para que o P.<sup>o</sup> Philippe Joaquin retrocedesse a cultivar os Indios Parnas, que necessitavao da sua assistencia, para nelles plantar, e propagar a nossa Sancta Fe, e Catholica Religiao; segurando-lhe os opportunos socorros de V. Ex.<sup>a</sup> para huma obra tao bellamente principiada, como elle mesmo me dizia; e que toda era do serviço de Deos Nosso Senhor, do qual se não separavao as Almas, e Almas de S. Mag.<sup>e</sup>, nem os Christianissimos votos de V. Ex.<sup>a</sup>. Porém inutilmente trabalhavi, por que o dito P.<sup>o</sup> tal com mais temor dos Indios, que das doencas, como V. Ex.<sup>a</sup> conjeccuera, se que lhe faltariao, ou chegariao vagarozos os meios da sua subsistencia, se não determinou a voltar de Borbo. donde o fis recolher a esta Cidade. E me consta tem dado conta a o Sargento Mor Antonio Ruiz Marins do que tinha em seu poder pertencente a Fazenda Real.

Representando V. Ex.<sup>a</sup> neste meyo tempo a S. Mag.<sup>e</sup> a necessidade urgentissima, que os Indios desta Capitania tinhao de Sacerdotes, que os chamauem para o gremio da Sancta Madre Igreja, foi o mesmo Senhor servido, se expedisse Aviso pela secretaria de Estado com data de doze de Mayo do anno preterito, para que eu dispuzesse alguns Curigos de capacidade, e innocencia, que passassem por conta da sua Real Fazenda a ser Parocos desses ditos Indios. Solicitei executar promptamente esta Real Ordem, e satisfazer juramentemte a dujeos de V. Ex.<sup>a</sup>. Mas sendo já insensivel aqui a falta de Sacerdotes, a penas pude, agora com incrível trabalho, dispor os doze, que vão a prezente de V. Ex.<sup>a</sup>, para seguir hum o destino de V. Ex.<sup>a</sup> tera premeditado, e o otro, para ficar instruido os Parnas com o denda outro Aviso, que recebeo Umo, e c. 4.1. Int. Govern.<sup>or</sup> e Cap.<sup>o</sup> Gen.<sup>o</sup> deute. Quando em outra occasiao podera ir mais algum, se ainda se necessariao e V. Ex.<sup>a</sup> assim o determino.

O P.<sup>o</sup> Agapito Marcos de Oli

TRANSCRIÇÃO 45-Fólio 1r	
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO	Fundo ACBM-IPDAC-Pasta 16-nº 2084-CAIXA 03
ASSUNTO	Carta (incompleta) discorrendo sobre a catequese dos índios Pama em Mato Grosso.
LOCAL	?
DATA	?
ASSINATURA	?

*Illustríssimo e Excellentíssimo Senhor*

- Pela Carta de doze de Setembro do anno passado, em que continuo a receber os favores de *Vossa Excellencia* fico entendendo, que não foi *Vossa Excellencia* entregue da que remetti, quando se expedio para essa Capitania a gente Mili
- 05 ttar, que proxicamente se recolheo.
- Participava eu a *Vossa Excellencia* as diligencias, que interpunha, para que o *Padre Philippe* loaquim retrocedesse a cultivar os Indios Pâmas, que necessitavaõ da sua assistencia, para nelles plantar, e propagar a nossa Sancta Fé, e Catholica Religiaõ; segurando-lhe os opportunos socorros de *Vossa Excellencia*
- 10 para huma obra taõ felismente principiada, como ele mesmo me dizia; e que toda era do serviço de Deos Nosso Senhor, do qual se não separavaõ as Reaes, e Piissimas Intençoens de *Sua Magestade*, nem os Christianissimos votos de *Vossa Excellencia*. Porem inutilmente trabalhei por que o dito *Padre* talvez com mais temor dos Indios, que das doenças, como *Vossa Excellencia* conjectura [ilegível]
- 15 de que lhe faltariaõ, ou chegariaõ vagarozos os meyo da sua subsistencia, se não determinou a voltar de Borba: donde o fis recolher a esta Cidade.
- E me consta tem dado contas a o Sargento Mor Antonio Rodriguez Martins, do que tinha em seu poder pertencente á Familia Real.
- Representando *Vossa Excellencia* neste meyo tempo a *Sua Magestade* a necessidade
- 20 de urgentissima que os Indios dëssa Capitania tinhaõ de Sacerdotes, que os chamassem para o Gremio da Sancta Madre Igreja, foi o mesmo Senhor servido, se expedisse Avizo pela Secretaria de Estado com data de dous de Mayo do anno preterito para que eu dispuzesse alguns Clerigos de capacidade, e inunicação, que passassem por conta da sua Real Fazenda
- 25 a ser Párocoss desses dittos Indios. Solicitei executar promptamente esta Real Ordem, e satisfazer juntamente os dezejoss de *Vossa Excellencia* Mas sendo já taõ sensivel aqui a falta de Sacerdotes, a penas pude agora com incrível trabalho dispor os dous, que vaõ á prezença de *Vossa Excellencia* para seguir hum o destino ((que)) *Vossa Excellencia* terá premeditado; e o outro, para ficar instruindo os Pâmas, como Or
- 30 dena outro Avizo; que recebeo *Illustríssimo e Excellentíssimo Senhor Governador e Capitam General* deste Estado. Em outra occaziaõ poderá ir mais algum, se ainda for necessario e *Vossa Excellencia* assim o determine:
- O que [ilegível] Pâmas, hé o *Padre* Agapito Marcos de Oli-

Oliveira, que já criou huma povoação de Índios, e com elle a Freguezia  
 de S. Bento do rio Capy, cinco, ou seij dias distante desta Cidade. Elle  
 se tem dado a conhecer com huma dócil condicao, e com hum especial genio, pa-  
 ra os attrahir, educar, e reger; e fizo na intelligencia, de que terá boa conta de  
 si no aproveitamento espirital da quella Nacao. Leva Provisão minha,  
 como já levou o dito D. Philippe Joaquim; por que na posse deves Parnay  
 achui já este Bispado: e hé justo, se conserve no direito, que tem adquirido.

Outro hé o D. Dignizio da Fonseca, que não leva Pro-  
 visão, por me contar, que as mais Povoações desta Capitania são já antigas,  
 e sujeitas a outra Jurisdicção: e só poderá uzar da que lhe dou por parte deste  
 dito Bispado, se V. Ex.<sup>a</sup> o entender para Povoações novas, e de gente nova-  
 mente decida, em que não haja, nem tenha havido posse de outro Bispado  
 algum.

Deus Nosso Senhor anima a hum, e outro com os auxilios  
 da sua Graça, para que lhe rendão, muitos, e muito acceptavris servicos, e fação hu-  
 ma tão exemplar, e fructuosa condicção, que em tudo mereção o agrado, e as hon-  
 ras, com que V. Ex.<sup>a</sup> sabe, e comuna attender a os benemeritos Ministros  
 da Igreja.

Hé muito efficaç o desejo, que me fica do completo renalelecimen-  
 to de V. Ex.<sup>a</sup> e de que V. Ex.<sup>a</sup> se conserve nesta felicidade, para que, vencer-  
 sa ir descansar o yo de merecimentos, e perceber gloriosamente a remuneração  
 dos seus incomparavris servicos.

Qu nunca deixo de padecer molestias assim no corpo, como no espiri-  
 to; mas sem embargo das, fizo todos os esforços a minha fraqueza, para obe-  
 decer, e executar as decerniçoes de V. Ex.<sup>a</sup>.

Deus Nosso Senhor guarde, e prospere a Ill.<sup>ma</sup> Pessoa de

Oliveira, que já criou huma Povoação de Indios, e com elles a freguezia  
35 de Saõ Bento do rio Capy, cinco, ou seis dias distante desta Cidade. Elle  
se tem dado a conhecer com huma dócil condição, e com hum especial genio, pa-  
ra os atrahir, educar e reger; e fico na intelligencia, de que dará boa conta de  
si no aproveitamento espiritual da quella Nação. Leva Provisaõ minha,  
como já levou o ditto *Padre Philippe* Ioaquim; por que na posse destes Pâmas  
40 achei já este Bispado: e hé justo, se conserve no direito, que tem adquirido.  
O outro hé o *Padre* Dionizio da Fonseca, que não leva Pro-  
visaõ, por me constar, que as mais Povoaçãoens déssa Capitania saõ já antigas,  
e sujeitas a outra lurisdicção: e só poderá uzar da que lhe dou por parte deste  
ditto Bispado; se *Vossa Excellencia* o destinar para Povoação nova, e de Gente nova-  
45 mente descida, em que não haja, nem tenha havido posse de outro Bispado  
algum.

Deos Nosso Senhor assista a hum, e outro com os auxilios  
da sua Graça, para que lhe rendaõ, muitos, e muito aceitáveis serviços, e fação hu-  
ma taõ exemplar, e fructuosa conducta, que em tudo mereção o agrado, e as hon-  
50 ras; com que *Vossa Excellencia* sabe, e costuma attender a os beneméritos Ministros  
da Igreja.

Hé muito eficaz o dezejo, que me fica do completo restabelecimen-  
to de *Vossa Excellencia* de que *Vossa Excellencia* se conserva nesta felicidade, para que , vencen-  
do os excessivos incommodos, que tem no laboriozo Governo déssa Capitania pos-  
55 sa ir descansar cheyo de merecimentos, e perceber gloriozamente a remuneração  
dos seus incomparaveis serviços.

Eu nunca deixo de padecer molestias assim no corpo, como no espiri-  
to; mas sem embargo ((a ellas)), fará todos os esforços a minha fraqueza, para obe-  
decer, e executar as determinaçoens de *Vossa Excellencia*.

60 Deos [ilegível] Senhor guarde, e prospere a *Illustrissima* Pessoa de

## **CAPÍTULO 2**

### **ASPECTOS HISTÓRICOS: O QUE AS CARTAS REVELAM**

Como parte indestrinçável do trabalho filológico é a leitura histórica das fontes documentais escritas, já que a filologia representa também a reconstituição de textos que são “testemunho de um povo numa determinada época” (SOBRAL, 2012, p.275), o objetivo deste capítulo é o de contextualizar alguns aspectos históricos através das informações recolhidas nas próprias cartas e que visam contribuir com o entendimento dos conteúdos tratados nos documentos. É importante ressaltar que, em relação ao período das cartas, estas abrangem um período correspondente à Capitania de São Paulo (até 1748), com apenas uma carta datada de 1731. A Capitania de Mato Grosso (1748-1825), com maior número de cartas, e, também a Província de Mato Grosso (1825-1889) com apenas uma carta deste período.

O intuito é apontar para particularidades que muitas vezes não estão descritas nos livros de história, embora não tenha a pretensão de analisar criticamente os dados presentes nos manuscritos, mas destacar acontecimentos num tempo e espaço determinados.

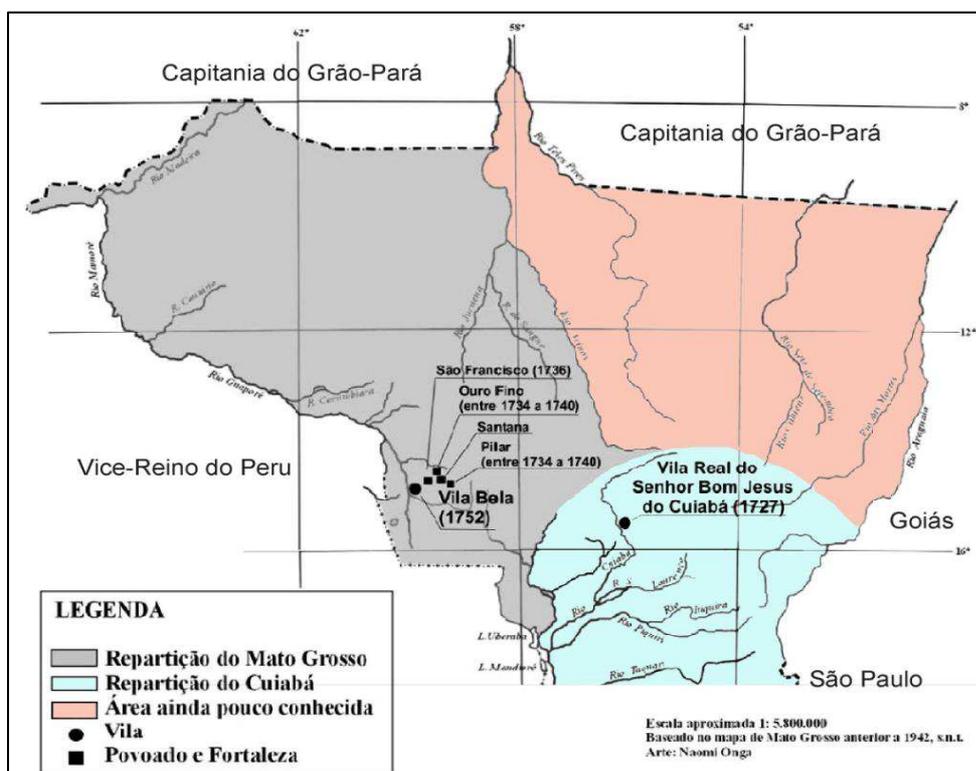
#### **2.1 Mato Grosso: de Capitania à Província**

Em meados do período colonial brasileiro, Mato Grosso foi Capitania de São Paulo até 1748, quando havia muitas dificuldades em relação à fiscalização da extração aurífera, ao acesso à legislação régia, à entrada de mercadorias, ao poder sertanista local e à proximidade com a fronteira com o território espanhol. A Coroa Portuguesa, considerando a abundância das minas descobertas no extremo oeste da Capitania de São Paulo e sua distância, resolveu criar a Capitania de Mato Grosso, através de Carta Régia expedida por D. João V em 9 de março de 1748, sendo nomeado governador Antonio Rolim de Moura Tavares (SIQUEIRA, 2002, p.40).

A Capitania de Mato Grosso (1748-1825) era composta por uma vasta extensão territorial, formada por apenas dois distritos: o de Cuiabá correspondente a Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (1727) e o de Mato Grosso, correspondente à Vila Bela da Santíssima Trindade (1752), esta criada para ser

sede de governo. Arraiais, povoados e edificações militares foram criados ao longo da linha de fronteira no decorrer dos setecentos (JESUS, 2012, p. 94). Muitas das cartas deste trabalho foram escritas nestes locais, ora em Vila Bela, ora na Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá.

A Vila capital estava localizada na repartição do Mato Grosso, diferente da Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, fundada em 1727 e mais desenvolvida na época, que ficava na repartição do Cuiabá. A repartição do Mato Grosso limitava-se, ao norte, com as capitanias do Estado do Grão-Pará e Maranhão, a oeste com as missões jesuíticas de Moxos e Chiquitos, e a leste e ao sul limitava-se com o rio Paraguai. Essas duas repartições, do Cuiabá e do Mato Grosso, correspondiam aos atuais estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia (LORDELO, 2010, p. 34).



**Figura 1** - A Capitania de Mato Grosso. Fonte: Rosa; Jesus (2003, p. 64)

Já no período Imperial (1822-1889), a província de Mato Grosso passava por algumas dificuldades como a mudança econômica, visto que a mineração decaía e a economia se baseava na produção agrícola e no comércio. Houve muitas tensões políticas como disputa pela hegemonia política entre Vila Bela e Cuiabá, bem como

pela composição da primeira Junta Governativa<sup>10</sup>. Neste período, também eclodiu o movimento chamado Rusga<sup>11</sup>, concomitante a outros movimentos ocorridos no Brasil (Sabinada, Balaiada, Farroupilha, etc.) nas regências trina e una (1831-1840). Um marco importante, então, foi a assinatura do Tratado de Aliança, Comércio, Navegação e Extradicação com o Paraguai, o qual franqueava a navegação de Mato Grosso pelo Rio Paraguai.

Estes foram alguns dos três momentos nos quais as cartas foram escritas. Algumas, embora não redigidas em Mato Grosso, a ele se referem.

O quadro a seguir explicita os locais e as datas de escritura das cartas,

---

<sup>10</sup>Cf. Siqueira (2002, p. 86) Mato Grosso assistiu à Independência do Brasil sendo governado por uma junta, composta por moradores da Capitania.

<sup>11</sup> Movimento nativista ocorrido em 30 de maio de 1834, após a Independência do Brasil, em que os manifestantes contestavam o poderio português que reinava desde o período colonial. A rusga era entre os representantes dos partidos: Caramurus (conservadores) e os Liberais (articulado pela Sociedade dos Zelosos da Independência).

**Quadro 01:** Local, número de cartas, temas e datas dos manuscritos.

<b>Local</b>	<b>Cartas</b>	<b>Temas</b>	<b>Manuscritos</b>	<b>Datas</b>
Vila Bela da Santíssima Trindade	7	Desentendimento de membros do Senado da Câmara de Vila Bela com pároco.	Ms 9	26/05/1970
		Pedido de demissão do vigário Antonio de Cardoso de Meneses Montenegro.	Ms 33	12/07/1800
		Sobre ordens do governador sobre culpa da escrava Antonia.	Ms 34	24/12/1800
		Pagamento de propinas.	Ms 35	14/02/1801
		Vereadores discorrendo sobre métodos para se portarem nas solenidades.	Ms 38	17/05/1804
		Pedido feito por vereadores para aprovação de cirurgião.	Ms 40	26/01/1805
		Sobre chegada de escravos fugidos.	Ms 43	21/06/1813
Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá <sup>12</sup>	16	Carta de reclamação dos vereadores sobre atitudes do Ouvidor Antonio Vaz Morilhas.	Ms 2	20/07/1755
		Suspensão do Ouvidor Geral Antonio Vaz Morilhas.	Ms 4	09/11/1758
		Carta comunicando chegada do religioso Frei Altanário.	Ms 6	03/01/1767
		Pedido de dispensa do Capelão José Duarte ao governador Luís Pinto de Souza Coutinho.	Ms 10	02/01/1771
		Denúncia contra Reverendo Bento de Andrade.	Ms 14	20/11/1774
		Carta do mestre de campo Antonio José Pinto de Figueiredo ao governador Luís de Albuquerque tratando da Povoação de Albuquerque.	Ms 15	30/11/1784
		Carta do juiz Diogo de Toledo Lara Ordonhes ao governador Luís de Albuquerque tratando de festas, luto e outros assuntos.	Ms 16	20/04/1787
		Carta do juiz Diogo de Toledo Lara Ordonhes ao governador Luís de Albuquerque a respeito de concessão de datas.	Ms 17	31/07/1787

<sup>12</sup> Em relação ao nome Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, refere-se à vila que foi elevada nessa categoria em 1727, a fundação de Cuiabá ocorreu em 08 de abril de 1719 e sua elevação na condição de cidade se deu no dia 17 de setembro de 1818, tornando-se capital da Província de Mato Grosso em 28 de agosto de 1835 (SIQUEIRA, 2002).

		Diogo de Toledo Lara Ordonhes tratando de devassa sobre extração clandestina de diamantes.	Ms 18	09/10/1787
		Desentendimentos da Missão de Santa Ana do Sacramento	Ms 20	13/05/1789
		Carta ao governador João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres sobre guias e recebimento de ouro.	Ms 29	06/01/1795
		Sobre como conduzir as exéquias na vila.	Ms 31	04/11/1797
		Vigário Agostinho Luís Gularte Pereira tratando da prisão de um vigário que não cumpriu os mandamentos da Igreja.	Ms 36	22/11/1801
		Reclamações do vigário Agostinho Luiz Gularte Pereira, sobre insubordinações do Reverendo Jesuíno Teixeira de Carvalho.	Ms 37	01/11/1802
		Vigário Agostinho Luiz Gularte Pereira tratando de mapas das ocupações dos habitantes da Paróquia de Cuiabá.	Ms 39	22/11/1804
		Sobre celebração de ação de graças à vinda de D. Castro Pereira ao Brasil.	Ms 42	15/10/1808
Vila Maria do Paraguai <sup>13</sup>	1	Denúncia de corpos mal enterrados no adro da Igreja.	Ms 44	27/04/1861
São Paulo	1	Desavenças entre Thomé Ferreira de Moraes Sarmento e José de Burgos Villa Lobos nas minas de Cuiabá	Ms 1	20/07/1731
Rio de Janeiro	7	Carta do Bispo do Rio de Janeiro a Luís Pinto de Sousa Coutinho tratando da apresentação de provimentos pelos capelães das capelas filiais das matrizes.	Ms 8	25/04/1970
		Sobre falta de eclesiásticos em Mato Grosso.	Ms 21	06/05/1790
		Carta do Bispo de Rio de Janeiro para João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres discorrendo sobre o afastamento de Padre Fernando Vieira e das dificuldades da Igreja em Mato Grosso.	Ms 22	20/03/1792
		Pedido de auxílio do Bispo do Rio de Janeiro ao capitão general para Mariana Josefa Mascarenhas e suas irmãs e filhas do sargento-mor José Dias de Oliveira.	Ms 23	?
		Bispo do Rio de Janeiro discorrendo sobre as subordinações dos membros do Senado da Câmara de vereadores e dos eclesiásticos.	Ms 25	14/05/1793
		Bispo do Rio de Janeiro a João de Albuquerque e Melo Pereira e Cáceres discorrendo sobre a vinda de dois padres para Cuiabá.	Ms 28	14/04/1794
		Sobre nomeação do Reverendo Agostinho Luiz Gularte Pereira para	Ms 30	15/07/1795

<sup>13</sup> Atual cidade de Cáceres, Mato Grosso.

		sucedem como vigário na Igreja do Senhor Bom Jesus de Cuiabá.		
Forte de Bragança	2	Desavenças com os índios da Missão de São Pedro.	Ms 11	05/01/1771
		Fuga de Jeronimo Dias Bicudo e família.	Ms 12	10/08/1772
Forte Príncipe da Beira	3	José Pinheiro de Lacerda tratando sobre a prisão do capelão Manoel Tomás Fernandes por não cumprir ordens do governador.	Ms 24	23/08/1793
		José Pinheiro de Lacerda discorrendo sobre o estado de sanidade mental do pároco Manoel Tomás Fernandes que cometeu várias injustiças e desmandos com os moradores do Forte do Príncipe da Beira.	Ms 26	18/07/1793
		José Pinheiro de Lacerda tratando sobre a prisão do capelão Manoel Tomás Fernandes por não ter cumprido as ordens dadas.	Ms 27	11/08/1793
Arraial de São Vicente (entorno de Vila Bela da Santíssima Trindade)	1	Trata de bulhas, furtos e incêndios causados por alguns negros.	Ms 13	23/09/1773
Povoação de Albuquerque <sup>14</sup>	1	José Antonio Pinto de Figueiredo tratando da produção agrícola dos moradores da povoação.	Ms 19	21/10/1788
Pará	1	Fernando da Costa Ataíde Freire para João Pedro da Câmara, Capitão General de Mato Grosso solicitando ordem do vigário do Bispado da Capitania de Mato Grosso para nomear alguns sacerdotes para curarem as almas dos índios.	Ms 7	15/07/1767
Barcelos-Amazonas <sup>15</sup>	1	Gabriel de Souza Filgueiras para Antonio Rolim de Moura, agradecendo o envio de um padre evangelizador.	Ms 5	16/04/1761
Lisboa-Portugal	1	Provisão Real do rei de Portugal, Dom José, suspendendo o ouvidor de Cuiabá, Antonio Vaz Morilhas.	Ms 3	31/03/1756
Queluz-Portugal	1	Valentim Antônio de Oliveira e Silva enviando o cônego José Ribeiro de Almeida, de Portugal, para a Capitania de Mato Grosso, pois este padre não vinha cumprindo as determinações da Coroa de Portugal.	Ms 32	28/02/1799

\*Duas das cartas que compõem o *corpus* não apresentam local.

<sup>14</sup> Atual cidade de Corumbá, Mato Grosso do Sul.

<sup>15</sup> Primeira capital do Estado do Amazonas, fundada em 6 de maio de 1758, à data do manuscrito era pertencente à Capitania de São José do Rio Negro.

## 2.2 A atuação do clero

O Estado e a Igreja Católica foram duas instituições pilares da colonização do Brasil, ligadas entre si pelo regime de padroado, um dos motivos para a expansão das fronteiras e da propagação do catolicismo como pressuposto para a colonização das novas terras descobertas. Cabia ao Estado garantir o domínio sobre a colônia, administrá-la, criar políticas de povoamento e mão de obra necessária para manter o relacionamento desejado entre Metrópole e Colônia.

A Igreja era responsável por educar as pessoas, sendo que o “controle das almas”, na vida diária, era um instrumento muito eficaz para veicular a ideia geral de obediência ao poder do Estado (FAUSTO, 2010, p. 60).

Cabia ainda à Igreja a organização das igrejas nas terras descobertas, criação de dioceses, nomeação de bispos, remuneração do clero e conservação das obras destinadas aos cultos.

Segundo Fausto (2010, p. 61), as ordens religiosas tiveram maior autonomia, como a dos jesuítas, pois obedeciam a regras próprias e tinham uma política definida em relação às questões vitais da colonização, como o elemento indígena. Conforme iam adquirindo grandes extensões de terras, essas ordens não dependiam da Coroa para a sobrevivência.

Diferentemente, os padres seculares, fora das ordens religiosas, não tinham uma atividade enquadrada, pois estavam dispersos pelo território e tentavam fugir dos encargos do Estado e da Igreja, quando o momento era oportuno para seguir um caminho individual. Em Mato Grosso, após a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal, houve maior atuação dos padres seculares.

Desde o momento em que os sertanistas adentraram a fronteira oeste do Brasil, era comum que estivesse em suas companhias algum padre para que, nos momentos de dificuldade e de angústia de morte, fossem amparados espiritualmente. Não só ao bandeirante interessava o acúmulo de riquezas, desejo comum também aos clérigos.

O clero secular não era bem visto pela população, pela sua má ou pouca formação. Também era conhecido como clérigos do *Hábito de São Pedro* e ficavam sob a administração de um bispo diocesano (CORBALAN, 2006, p. 14).

Em Mato Grosso, inicialmente, a constituição eclesial da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá pertencia à Diocese de São Sebastião do Rio de Janeiro até

1745. Nesse mesmo ano, foi criada a Prelazia de Cuiabá, pelo Papa Bento XIV, com a Bula “*Candor Lucis Aeternae*”. Essa Prelazia abrangia toda a província de Mato Grosso que são atualmente os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia. Em 1826, foi elevada à categoria de diocese pela Bula Papal “*Sollicita Catholici Gregis Cura*”, pelo Papa Leão XII (CRUZ, 2012, p. 29).

Em alguns manuscritos, é possível verificar que certos padres não faziam jus à vocação, deixando a desejar nas suas tarefas eclesiais. O próprio Bispo do Rio de Janeiro da época, D. José Justiniano Mascarenhas Castelo Branco, reconhece tal precariedade, como pode ser atestado no excerto abaixo, retirado de carta destinada a Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres:

O que posso segurar a Vossa Excellencia hé, que nenhuma das <sup>16</sup> Igrejas do extensissimo Territorio deste Bispado me | deve tantos cuidados, como as dessa Capitania. As infor | maçoens, que tem chegado, e chegaõ aos Meos ouvidos, saõ | as mais lastimozas, que se podem conciderar. Ouço, | que Infelizmente por todo o Sertaõ grassa a torpeza dos vi | cios contra a pureza da Nossa Santa Religião: que ((guarda)) | infelizes peccadores rezistem á Doutrina Santa, e | e se ensurdessem para a reforma dos Seus Costumes: que os | mesmos Sacerdotes, que há na Província, e Servem de Pasto | res não saõ bem instruidos, e para consequencia pensaõ mais | nos Seus entereesses, que nos de Seu proximo; e por mais que eu | pense, não tenho podido acertar nos meios de applicar= | lhe a providencia, de que tanto Se necessita, como Vossa Excellencia mesmo | de mais perto não pode deixar de conhecer (Ms 22, 18-32).

E, continuando nas suas lamentações, o bispo chega a referir que o clima dos vastos sertões de Mato Grosso poderia interferir na atuação desses padres:

Vossa Excellencia conhece muito bem os embaraços insupe | raveis, que occorrem, para o Bispo do Reverendo mandar bons | Operarios aos Vastos Sertoens de Matto Grosso, e taõ | nocivos, de que todos Se queixaõ, ainda que sem taõ justas | Cauzas, como Vossa Excellencia me des: más como se poderá re | zistir á vóz commum, que inculca a pestilhencia dos ares | desse Clima? Só hu Bispo mais virtuozo, e | mais discreto, que conferisse com Vossa Excellencia de viva vós ne | se mesmo Territorio me Lembra seria o mais util para fazer | fructificar nesse Clima os Saudaveis Dogmas da | da Santa Religiaõ Catholica. (Ms 22, 52-62).

Também em outra carta, o Ms 21, dirigida a João de Albuquerque, irmão de Luís de Albuquerque, o bispo lamenta a escassez de eclesiais nos territórios de

<sup>16</sup> A barra vertical ( | ) indica mudança de linha no manuscrito.

sua jurisdição, suplicando para ele: “es=| taõ Igrejas que ainda pertencem a esta Dioceze do Rio, e ha | taõ pouco Eccleziasticos, como ja será constante aVossa Excellencia e oxalá | que esses mesmos fossem taõ dignos, que bem cumprissem seus deveres” (Ms 21, 12-15).

É significativo, no *corpus*, a observação de fatos relacionados à denúncia de clérigos pelas autoridades locais, pelo envolvimento em atitudes profanas, tanto de caráter político quanto comercial e religioso, como se observa nos Ms's 14, 24, 26, 27 e 36. Destaca-se, inclusive, a prisão de dois deles, o padre Jesuíno Teixeira, por não ter cumprido os mandamentos da Igreja, e do padre Manoel Thomás Fernandes, capelão militar do Forte Príncipe da Beira<sup>17</sup>:

Em execuçaõ das ordenés deVossa Excellencia procedi adevassa | pella denuncia que dêo Manoel Francisco daSilva como procurador do | povo desta Villa das palavras que diz profferira o Reverendo Padre | Bento de Andrade Oliveira emcerta ocaziaõ contra | Magestade Augusta de El Rey Nosso Senhor; (Ms 14, 3-7).

Huma boa parte dos moradores des- | te Forte cheios domaior respeito esubmissão me | invocãõ o Alto Nome de Vossa Excellencia para que eu e bem do | Real Serviço da Raynha Nossa Senhora de Deos, há | já de expor a Vossa Excellencia asinjustiças, descomposturas, em | piedades, violencias e ainda uzuras com que elles tem sido, são | effetivamente tratados pelo seu actual Parocho Ma | noel Thomas Fernandes; rebuçando amalicia da sua |excéssiva ambição, com affectados zellos de Santidade e E- | vangelica: excéssos já mais vistos nesta repartição, | desde o primeiro Pastor que tiveraó estes pobres e misera- | veis moradores, que vem a ser do governador e Excellentissimo Senhor | Conde de Azambuja em diante [...] (Ms 26, 2-14).

[...] e pello contrario este, indireto ambiciozo, osinti- | mida, ameassa, multa, condemna Eexcomunga= | epor ultimo lhes patentia empúblico suas faltas fa- | zendo os sahir da Igreja para fora sem distincão das | casadas ou solteiras; como sucedeu a mulher do fa- | lescido João Ribeiro, ado Pedreiro Filipide Miranda | ado Anspeçada de Pedestres Pedro Ferreira, ado Pe | destre Simiaõ de Oliveira e outras muitas soltei- | ras, aquem gritando ameassava, edizia, quetodas esta | vaõ excomungadas, segundo o sentido de Saõ Paullo (Ms 26, 22-31).

[...] por bem | daConservaçaõ, e economia dos seus Habi= | tantes socego e Disciplina dos Combaten- | tes, que o Reverendo Capellaõ Millitar Ma= | noel Thomas Fernandes, paraser solto da | Prizaõ emque seacha, por saptisfaçaõ das | mesmas Ordens [...] (Ms 27, 5-11).

<sup>17</sup> Fortificação militar erigida às margens do Rio Guaporé para legitimação e proteção da fronteira da Capitania de Mato Grosso em 1776, atualmente no estado de Rondônia. No *corpus* deste trabalho, também há referência ao Forte de Bragança (1771).

No seguinte Domingo também | ((aes))tação da Missa disse, *que todos os Soldados | estavam excomungados: e que se[[se]] não absolvessem | por insinuações quetivessem, fecharia as portas | da Igreja, e não diria mais Missa; e sendo *aminha* | mais precisa enecessaria obrigação neste Lugar | enesta repartição odefazer respeitar eo bedecer | inviolavel mente as Ordens de *Vossa Excellencia* eas de EIRey | mepareceu conveniente em saptisfação asua des | obediencia, mandallo prender no Corpo da guarda (Ms 24, 22-31).*

[...] Entretanto será conservado na Cadeia | o *Reverendo* lezuino Teixeira; *porque* cada dia me-vou certificando | mais de sua aptidão para açoens desacertadas [...] (Ms 36, 38-40).

Também a Câmara de Vereadores se envolvia em confusões com os religiosos, como no caso da carta escrita pelo vigário da vara da Igreja Matriz de Vila Bela, Antonio Cardoso de Meneses Montenegro, reclamando das atitudes dos camaristas perante ele, que não o tratavam com a devida “formalidade” e “uniformidade”:

Tinha eu recebido até certo tempo, varias car= | tas da honrada Camara, convidando-me para as | suas Festas, e Sempre nellas metratava com unifor | midade, e certo formulario, sem que desde então até | o dia Critico do meu rompimento, desse grandes de= | demonstraçoens de que me ressentia, não duvidando eu do- | tratamento que me compete, e com medou por | muito contente como seconvier darei as maiores pro= | vas; e tanto a sim, que costume riscar nas petiçoens que | me apresentão, otratamento de Senhoria, e receber benigna= | mente das Pessoas com quem tenho familiaridade, | o de Mera [...] ( 33, 28-39).

[...] encontrei por acázo- | nalogue do *dito* Costa, ao Capitão Joze dasilva Portilho, e= | neste encontro, accendeu se me ofogo do sentimento, e = | fis-lhe com as propticimas expressoẽns seguintes, esta | pergunta= que formularios há La na Camara' hu= | mas vezes sou *Illustrissimo* outras Eminentissimo, outras Dig= | nissimo, outras Senhor, efinalmente nos Sobreptos das= | Cartas poem-se= Do Escrivão daCamara, pensão | que sou algum maroto, algum tratante, tratão-me de | bagatella ao que me respondeu assim= isso são couzas | do Escrivão= pois Vossas Mercedes, disse eu, não tem as Cart | as antes de as aSignar= tornou elle a mesma resposta | =isso são couzas do Escrivão= e dominado eu então | de hum humor naturalmente carregádo, e melancolico | melancolico, aguilho-ádo dos referidos estimulos, e da= | sua e e natendivel resposta, tirando do bolso da Casaca | a referida Carta, disse pois como são couzas do Escrivão, | eu faço pouco cazo de semelhantes Cartas, e resgando- | a lancei ao chaõ, sem apizar aos pés, açção esta que o | brei sem propozito, e sem reflexão, unicamente por hum me | ro impulso do meu resentimento (Ms 33, 91-111).

Em outra carta, do Senado da Câmara de Vila Bela, os vereadores reclamam ao governador a falta de “respeito” com os membros da Câmara nas solenidades religiosas:

Consiste pois esta, em que sen- | do no dia 21 de Mayo, enó ((em))  
que en que sahia o Senado | (por conta da obrigação, quelhe  
incumbe) a acompa- | nhar a procissão de preces, e ladinhas, tendo  
precedi- | do na antevespora do dito dia a vizo por carta ao  
Reverendo | Vigário da Matriz, para que no mencionado dia rece |  
bese este Senado na forma do Costume, e pose e | que nos  
conservavamos, sem contradição de pezoa a Lgu- | ma, que é de  
picarem os Sinos, e esperar-nos aporta | da Igreja (Ms 9, 8-17).

[...] porem observando este Senado que | o dito Reverendo Parocho  
senão resolvia atocar os sinos | lherepetiu o avizo, que levo refeito  
do primeiro | a lojando-se sem no temerario despotismo, de pro- | ferir  
a indecorosa resposta (indigna de se fazer | patente a um Senado)  
de que governasemos a | nosa caza, que ele governava a Sua,  
e dezemga- | nado este Senado se recolheu outra vez; com | cujo  
facto não so cometeu força, e violencia es- | bulhando-nos da  
pacifica pose, em que estava- mos, e sempre estivemos por nos,  
e nosos Anteso- | res [...] (Ms 9, 28-39).

A Câmara da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá era uma instituição reguladora das ações dos homens e dos espaços na Capitania e intermediava os contatos entre o rei e os moradores. Vê-se que os membros do clero deviam respeito e honrarias a essa instituição, como representantes do Estado.

Segundo Jesus (2011a, p. 75), a atividade clerical no período colonial tinha caráter de funcionário eclesiástico, que, citando Hoonart (1977), o sacerdócio era considerado à época como uma profissão, um ofício, como o das demais pessoas, e, por isso, os padres eram tratados como funcionários públicos com as obrigações das ações catolicistas, como se prova até mesmo na despedida final das cartas dirigidas às autoridades do governo, a exemplo: “O mais inutil, e obrigado Capellaõ” (Ms 10, 50), “omuito reverendo e humilde Servo” (Ms 30, 35). Para tal ofício, recebiam as chamadas cõngruas do governo que, muitas vezes, não eram pagas, e, talvez, por esse motivo, havia abusos por parte do clero em relação ao povo que, muitas vezes, pagava altas taxas de dízimo para a manutenção das igrejas e outras necessidades.

Destaca-se, dentre as cartas selecionadas, a atuação de Agostinho Goulart Pereira, tido como um bom vigário pela população cuiabana e de grande influência política e social em Mato Grosso nos fins do século XVIII e início do XIX. Teve

participação na Junta Governativa em 1821, quando esta passou a administrar a Capitania de Mato Grosso (SILVA, 2005, p. 184). O Ms 30 destaca sua nomeação e as cartas escritas por ele, como os Ms's 36, 37, 39, 41, tratam de assuntos gerais e de denúncia de religioso, a seguir:

A falta do Reverendo Vicente Iozé da Gama Leal | deu occasiam a nomear o Reverendo Agostinho Luiz Gualarte Pereira | para hir succeder nos lugares de Vigario da Vara, e da Igreja | do Senhor Bom Jezus e Sua Comarca. [...] (Ms 30, 5-9).

[...] Elle tem bastantez talentos eluzes sufficientes para conhecer, | e respeitar, como deve a Grande Authoridade e as grandes | bondades do coração de Vossa Excellencia (Ms 30, 15-17).

Outro fato interessante na história mato-grossense foi a presença de um possível refúgio de um inconfidente, o padre Domingos da Silva Xavier, irmão do alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, preso no governo de João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, em Cuiabá, a 24 de agosto de 1790 (PÓVOAS, 1995, p.164). Quando chegou à Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, em julho de 1784, ainda no governo de Luís de Albuquerque, o padre citado tinha obtido portaria do governador para atuar como advogado, com o falso nome de Joaquim José Ferreira. Em meados de 1787, entrou em desavença com o mestre de campo Antonio José Pinto que formou uma cabala contra o dito advogado, isso com silencioso apoio do governador (ROSA, 1996, 234-236).

Ainda segundo Rosa, que fez um percurso histórico do caminho tomado por esse falso padre, após dois anos de mistérios, seu segredo foi revelado, quando se declarou ser sacerdote em 1790, mas sua identidade já era conhecida pelo governador e pelo mestre de campo desde 1788. Essa é a pergunta que o pesquisador Rosa lançou: “Por que teriam o Mestre de Campo e o governador silenciado publicamente sobre isso até 1790?” (p. 240).

Outro ponto interessante é se esse padre realmente teve vínculo com a Inconfidência Mineira, visto ter chegado à Vila Real seis anos antes da eclosão do movimento. E por que usou o disfarce de advogado? São questões intrigantes que envolvem provavelmente diversas figuras de poder da época, assim como o fato de

ter traficado anonimamente diamantes, considerado crime punido com rigor à época, que o historiador citado coloca como uma armadilha para levá-lo à prisão.<sup>18</sup>

No *corpus*, observa-se apenas uma referência ao padre em uma das cartas remetidas pelo bispo do Rio de Janeiro em 1792 para a Capitania de Mato Grosso:

Estimo, *que* o Padre Domingoz daSilva Xa| vier ainda se podesse se aproveitar das Beneficencias de| VossaExcellencia assim elle se saiba regular *para* o futuro, e volte| para o Seu Bispado a pedir as instrucçoens de *que* necessi| ta ao seu Grande Prellado. Ilustre pelas Suas virtudes, e pela sua Doutrina, e deixe essa Capitania | onde tem sido objecto de escandalo. | (Ms 22, 75-81).

Domingos da Silva Xavier ficou preso de 1790 a 1793 e, depois, seguiu viagem para Lisboa em 1795, para a cadeia de Limoeiro, voltando ao Brasil em 1800, já inocentado. Dessa forma, vê-se que a Capitania de Mato Grosso não era tão isolada como se pode pensar, por esse e outros conflitos que envolviam outros locais do Brasil.

### 2.3 O poder jurídico-administrativo

A estrutura da justiça no período colonial brasileiro seguia os moldes de Portugal. Fato notável nos documentos são alguns aspectos relacionados à atuação dos órgãos da justiça na Capitania de Mato Grosso, “[...] responsáveis por julgar recursos de decisão e às vezes exerciam funções administrativas” (HEIDMANN-CAMPOS, 2011, p. 33). Entre os Juizes de Primeira Instância estava um dos cargos mais importantes, o de Ouvidor, vindo depois os Juizes de Fora, os Juizes Vintenários, os Juizes de Órfãos e os Juizes Ordinários (PÓVOAS, 1995, p.93). Aos Juizes de Fora, escolhidos pelo rei, há menção nas cartas a apenas dois: João Batista Duarte e Diogo de Toledo Lara Ordonhes. Em relação aos Juizes Ordinários, verificou-se nas cartas a presença de: Francisco Xavier Antão, José da Silva Portilho e Antonio de Azevedo, juizes estes que eram escolhidos pelo povo.

---

<sup>18</sup> Muitas das tramas envolvendo o falso advogado pode ser consultada na tese de doutorado; ROSA, Carlos Alberto. *A Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá: vida urbana em Mato Grosso no século XVIII – 1722-1808*. São Paulo: USP. Tese de doutorado – FFLCH/ USP 1996.

Exerciam também função judicial os vereadores das Câmaras Municipais, pois, além de exercerem sua competência sobre caminhos, ruas, praças, mercados e despachos com o Juiz Ordinário, elaboravam as chamadas “posturas”<sup>19</sup> municipais (NETO, 2004, p. 52).

### **2.3.1 Ouvidores e corrupção: o caso de José de Burgos Vila Lobos e Antonio Vaz Morilhas**

Alguns dos cargos relacionados à justiça são destacados nos documentos, como o de Ouvidor, ofício incluso no início da colonização do Brasil, com as capitânicas hereditárias, a partir de 1534. “Esses ouvidores eram nomeados pelos donatários, aos quais haviam sido concedidos poderes jurídico-administrativos por meio dos forais e cartas de doação” (PEGORARO, 2007, p. 183). No Ms 1, tem-se a atuação do primeiro titular da Ouvidoria de Cuiabá, José de Burgos Vila Lobos, criada em 29 de março de 1729 pelo Rei D. João V.

Segundo Póvoas (1995, p. 94), Vila Lobos foi inflexível na cobrança de quinto do ouro<sup>20</sup> e “[...] através de execuções, fez com que em 1732 desertassem de Cuiabá mais de 2.000 pessoas, do que resultou grande decréscimo dessa arrecadação, fato pelo qual foi até denunciado ao Governo de Lisboa”. No referido manuscrito, atesta-se uma disputa de jurisdição em relação à cobrança dos quintos, o que mostra a soberania e o abuso do poder nas minas, já que o reino de Portugal ficava distante e não poderia controlar a tudo e a todos.

Seos vaçallos não tivessem o recurço deSeos Soberanos que vioLencias não ex-| perimentariaõ dos Menistros poderozos, emal intencionados, eprincipalmente nas=| Conquistas, aonde as Largas distancias os fazem absolutos, abrogando assy as juris| diçoões todas edando intelligencias Sinestras ás Leys por que para adicizaõ fica Lon| ge aMagestade o que na occaziaõ prezente Sevira bem provado comdesLustre daminha| pessoa edestruiçaõ dopouco que tenho, Semenaõ rezolvesse ameter terra em meyo,| enaagoa detaõ perigozos rios apagar oincendio detaõ malevoLavontade como| mostrou o Dezembargador lozeph deBurgos VillaLobos noprocedimento que comigo teve| nas Minas do Cuyabá deque he Ouvidor eeu Superintendente daRealfazenda| deVossaMagestade e

<sup>19</sup> Posturas eram a compilação sistemática ou compêndio de leis, normas e regulamentos de um município (HOUAISS, 2009, p.1532).

<sup>20</sup> O quinto era a quinta parte de todos os metais preciosos que deviam pertencer ao rei (FAUSTO, 2010, p. 100).

como tal metocava aa recadação dos reaes ((quintos)) doGen| tio, aqueoOuvidor meescreveo, quetal menaõ tocava, Senaõ opassar guias ea((s))| mais que aellepertencia acobrança dos dizimos [...] (Ms 1, 3-14).

O Superintendente da Real Fazenda, Thome Ferreira de Moraes Sarmento, citado no Ms 1, acabou por se retirar das minas devido às 'provocações' do dito Ouvidor:

Sem prova alguma Memandou prender por hum Meirinho o que eu| recuzei, mandando lhe dizer, que por rezaõ doCargo menaõ podia prender, equando | pudesse, havia ser elle empessoa, por eu ter oforo defidalgo daCasa deVossa Magestade|elle memandou dizer, que Ssim podia, eaSsim medei por prezo, por evictar du|vidas, ealguma grande revolução noPovo, por que omaiz delle estavaSenti|do da Sem rezaõ que comigo Seobrava, taõ conhecida que Logo empoucos dias|MemandouSoltar, e considerando eu amã vontade doMenistro, epormeachar|MoLestado dehum antigo defluxo, quehe publico eu padescia, me rezolvi a|deixar aquellas Minas enomesmo dia, quefui Solto parti dellas, eindome| embarcar estavaOuvidor junto doRio comoBrigador regente, emais pessoas| ediante detodas lhefiz hum protesto do descaminho quehouvesse [[houvesse]] NaFazenda|real, edice que odito Ouvidor era a cauza daminha alzenia, por menaõ deixar ex=|[[ex]]ercitar aminha ocupação [...] (Ms 1, 36-48).

Nos estudos de Jesus (2011b), em pesquisa documental de outros manuscritos, é constatado que José de Burgos Vila Lobos

[...] foi acusado de ter desviado as rendas da fazenda real, não ter pago as taxas de entradas, ocultado por um ano a carta referente ao pagamento do donativo real, alterado os rendimentos dos ofícios, cobrado erroneamente os quintos dos gentios, arrecadado com violência as fazendas dos defuntos e ausentes e empregado indevidamente o escrivão da ouvidoria, dentre outras movimentações envolvendo seus parciais (JESUS, 2011, p.6-7).

É possível perceber que uma das causas dos conflitos de jurisdição daqueles que deveriam fiscalizar o ouro da Coroa Portuguesa estava na distância da Capitania de São Paulo, já que Cuiabá a ela pertencia ainda no período a que corresponde o Ms 1 (1731).

Outro Ouvidor que se tornou célebre por seus atos corruptos foi Antonio Vaz Morilhas, o quarto titular da Ouvidoria de Cuiabá, que atuou por cinco anos. Conforme Neto (2004, p. 97), Vaz Morilhas "se apoderava de dinheiro público,

roubava nas pesagens de ouro, embolsava ilicitamente custas processuais; julgava inventários, beneficiando-se de bens dos herdeiros”. Foi acusado também de “comportamento moral equívoco” envolvendo Benta Cardoso, que cumpria prisão e saía à noite para encontros amorosos com o dito Ouvidor.

No Ms 2, cópia de carta-representação enviada ao Rei, os vereadores da Câmara da Vila de Cuiabá se queixam da atitude “despótica” e “absoluta” de Antonio Vaz Morilhas:

Reprezentamos aos Soberanos pes((soa)) deVossa Magestade | aContinua perplexidade em que seve este Sennado naConcide-| ração experimental em que o poem o dominio dispotico e absoluto| que os Ouvidores destaComarca e principalmente o a((cuzado))Bacharel loão Antonio Vaz| Morilhas [...] (Ms 2, 5-9).

Os vereadores, em carta para o rei D. José, contestam algumas necessidades requeridas por antecessores e que o dito Ouvidor se recusava a atender e do receio de tomar atitudes, já que eram obrigados obedecê-lo:

[...] e assim Como são os Contractos deste Sennnado que se| achão Como Onus de não Serem rematados Sem apermissoã|do dito Ouvidor quando lhe quer, como tãoobem não permittir o mes-| mo que Tefação obras publicas Como erecção de Fontes, eou-|tras semelhantes sem a sua aprovação eConsensu, havendo fal|ta destas Como se experimenta, Como tão bem hum ((Curral))|para oGado Vacum que vem para oCorte, Sabendo muito bem que deca| daCabeça do dito Gado sepaga hú quarto deCusto para o mes-| moSennado, em que a nada disto assente tendoselhe por nos-|sos antecessores requerido (Ms 2, 13-22).

Os camaristas da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá estavam constantemente envolvidos nos conflitos relacionados à administração municipal, contestando as intervenções do oficial da justiça régia, o qual também esteve em embate contínuo com o governador Antonio Rolim de Moura.<sup>21</sup>

Após grandes embates com a população e com o governo local, que, segundo Figueiredo (2010, p. 67-68) “[...] foram tantas as ações perpetradas pelo

<sup>21</sup> A este respeito, cf. Jesus (2011): “[...] como os poderosos locais, por meio das instituições, como as câmaras, se inseriam nas redes de poder, defendiam os seus interesses, buscavam honra e reconhecimento por parte do rei e procuravam se manter na hierarquia administrativa. Tais ações, desejos e preservação dos benefícios obtidos os colocavam nas tramas dos conflitos jurisdicionais.

Ouvidor que, por pouco não houve um acerto de contas por parte da população de Cuiabá e [...] escapou de certa conjuração que se tramava para o queimarem dentro de casa”. Acabou sendo denunciado e destituído em 20 de agosto de 1755. Em cópia de Provisão Régia expedida por D. José, é possível ver trecho de sua destituição:

[...] em carta de 9 de Mayo de 1755 à cerca de haver fallecido em Villa Bella o | *Dezembargador* Fernando Caminha de Castro, quem tinha nomeado por Ouvidor do Cuyabá antes de tomar posse do dito Cargo, e o que vos escreveu a os officiaes da Camara, e o *Capitão* Mordamesma Villa do Cuyabá para effeito de se suspender ao Ouvidor | João Antonio Vaz Morilhas, quem o dito *Dezembargador* havia succeder por virtude da | ordem que levava para delle Syndicar, afim de se evitar as vexações que este | Ministro faz àquelles Moradores: A o que atendendo: Fui servido por resolução | de 20 do corrente tomada em consulta do meu Conselho Ultramarino que se suspenda logo o dito ouvidor actual João Antonio Vaz Morilhas, ainda que | por qualquer incidente se dilate, ou morra o novo ouvidor nomeado por mim, | o que assim o farey executar. [...] (Ms 3, 10-20).

Os bens de João Antonio Vaz Morilhas foram sequestrados (PÓVOAS, 1995, p. 95), e seu cargo foi destinado a Fernando Caminha de Castro, que nem chegou a sede da ouvidoria para tomar posse, pois faleceu em viagem.

Contrariamente às ações de Vila Lobos e Morilhas, nos Ms's 16, 17, 18 e 20 tem-se a atuação de Diogo de Toledo Lara Ordonhes (1785) que, segundo Póvoas (1995, p. 97) “granjeou maior simpatia popular e que, na opinião do cronista Joaquim da Costa de Siqueira “foi muito estimado dos povos que o obsequiaram, desde sua chegada até sua saída”. Também esteve na condição de Juiz de Fora, escolhido pelo rei, atuando como presidente do Senado da Câmara de Cuiabá.

Distintamente dos dois ouvidores tratados anteriormente, que tiveram ações negativas e lesavam o povo, este teve uma atuação mais branda. As cartas escritas por Ordonhes, remetidas ao governador Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, mostram a cautela que tinha em decidir determinados assuntos relacionados ao povo, bem como sua aversão a intrigas:

Dezejando eu eficazmente obrar em tudo com asserto, e remover | de mim toda a occasião de queixas, ou descontentamento destes Povos, | e encontrando a Lem disso a Cópia incluza de huma Portaria de | *Vossa Excellencia* que diz respeito a Cazos identicos a que vou a expor, não | quiz mandar repartir hum pequeno Descuberto nas partes do | Carandá a Lem do Rio Cuyaba em distancia de sete, ou

oito leguas| desta *Villa* no qual concorrem de mais a mais algumas circuns-| tancias, que fazem mais neccessarias as Decizoens de *Vossa Excellencia* [...] (Ms 17, 4-11).

Com invencivel repugnancia do meo genio sempre| adverso a tudo quanto tem apparencia de intrigas, pego na| penna para dar soluçãõ do que *Vossa Excellencia* me recomenda e de-| termina em Carta de 14 do mez proximo passado, concernen-| te aos Indios da Missãõ de *Santa Anna* do Sacramento [...] (Ms 20, 3-7).

Não há dúvida de que Diogo de Toledo Lara Ordonhes foi uma figura importante na constituição das ações administrativas durante o governo de Luís de Albuquerque e de seu irmão, João de Albuquerque. Conforme Costa e Silva (2005, p. 176), “[...] em agosto de 1790, a população de Cuiabá ofereceu-lhe grandiosa festa, com recitais, missas, danças, touradas, fogos, peças teatrais [...]”. Em 1792, deixou Cuiabá e assumiu outros cargos em Lisboa e, posteriormente, no Rio de Janeiro, cidade em que faleceu o “sábio Diogo Ordonhes”, assim chamado por Saint Hilaire<sup>22</sup>.

#### 2.4 A extração clandestina de diamantes

Em meados do século XVIII, diamantes foram descobertos nas regiões do rio Coxipó-acima e nas cabeceiras do rio Paraguai, bem como outras lavras foram sendo descobertas posteriormente e sua extração proibida. Nas orientações dadas pela Rainha Mariana d’ Áustria, esposa de D. João V, ao governador Antonio Rolim de Moura já constava a orientação de proibir a extração e comercialização de diamantes, devido à desvalorização advinda da grande oferta na Europa, especificamente no Reino Português. Nos seguintes trechos, visualiza-se a preocupação com o controle do contrabando pelo Juiz de Fora Diogo de Toledo:

Nesta occaziaõ envio |a Devassa que tirei em Janeiro sobre a clandestina extraçãõ, e extravio | de Diamantes: não vai com carta repassada Cepasada por me faltar agora Po- | ssivelmente o tempo. (Ms 16, 136-139).

A incluza Devassa, a que procedi no mez de julho | passado Sobre a Clandestina extraçãõ e descaminho de | Diamantes deveria ter sido

<sup>22</sup> Botânico, naturalista e viajante francês que atuou no Brasil no século XIX.

remettida Logo que Consegui | finalizalla Com as Testemunhas refferidas, que se a- | chavaõ auzentes em *grande* distancia desta *Villa*, Se me pa- | recesse *bastantemente* segura a via das Paradas (Ms 18, 4-9).

Parece que as devassas empreendidas contra esse tipo de crime eram constantes e, nas considerações de Jesus (2011, p.176), “[...] esse tema esteve envolvido na órbita dos conflitos e negociações entre os diferentes grupos estabelecidos na fronteira e entre as municipalidades, representados por diversas redes de poder conectadas ao universo mercantil”.

## 2.5 Os Índios

Desde a chegada dos portugueses, os povos indígenas sofrem com a desconsideração de seu pertencimento à nação brasileira, tendo sido a primeira presa para a escravidão, posteriormente substituído pelos negros.

Antes do descobrimento das minas cuiabanas, os índios foram objeto de caça pelos sertanistas paulistas, como a bandeira de Antônio Pires de Campos (1718) que preou muitos índios, assim como identificou diversos grupos indígenas que viviam em torno do rio Coxipó (SIQUEIRA, 2002, p. 60). Outro bandeirante que adentrou as minas de Cuiabá foi Pascoal Moreira Cabral e, da mesma forma, caçou e escravizou índios. Os Paiaguás foram os que manifestaram maior resistência ao colonizador, sendo protagonistas de vários ataques às monções que vinham de São Paulo para as minas de Cuiabá durante quase todo o período colonial.

Além da escravidão pura e direta do índio, também houve outro tipo de escravidão mascarada na sua conversão ao cristianismo, que tinha como agentes os jesuítas, que se empenhavam no trabalho de tornar os índios em “bons cristãos”, ensinando-os a adquirir os hábitos europeus para torná-los flexíveis às vontades da Colônia. O Ms 7 ilustra essa concepção do resgate indígena de sua condição de “selvagem”, pois, segundo ele, as almas dos índios estavam em pecado (doentes):

*Sua Magestade* foi Servido ordenár ao Vigario Ca- | pitular deste Bispádo, que nomeáce alguns Sacer- | dotes de probidade, para curarem as Almas dos indios | da Capitania, que Vossa *Excellencia* governa (Ms 7, 2-5).

No Ms 19, a expressão relacionada aos índios, “bárbaros gentios”, mostra a ameaça que representavam aos colonizadores que habitavam a região da Povoação de Albuquerque atualmente cidade de Corumbá, em Mato Grosso do Sul:

Nodia 24 de Setembro tive a honra de receber amuito honrad= | ssima Carta deVossa Excellencia Com adata de 6 de lunho deste presente an= | no, E na qualfico na intiligencia deoCupar o meu pouco prestimo em= | executar ashonradissimas detreminasoens deVossa Excellencia principalmente | dos barboros gentios, não Seçando o meu grande Cuidado para que não haja | nestelugar algum bloqueyo Com queSemortifique aVossaExcellencia [...] (Ms 19, 4-9).

A palavra gentio era usada para caracterizar aquele que não era civilizado ou sinônimo de selvagem (HOUAISS, 2009, p.965). No Ms 19, de 21 de outubro de 1788, não é possível identificar a que grupo indígena se refere a carta. Sabe-se que no ano de 1757 a escravidão de índios foi extinta (FAUSTO, 2010, p. 111), pelo interesse português do domínio das fronteiras, os nativos deveriam integrar-se à civilização portuguesa, atendendo à política pombalina. Mesmo com a extinção da escravidão indígena, os embates violentos continuaram.

Os Ms's 7 e 45 fazem referência aos índios Pâmas<sup>23</sup>, grupo que é considerado quase extinto hoje, pois resta apenas uma aldeia às margens do Rio Madeira, na região sudeste do Amazonas. O Ms 7 cita esse grupo em carta escrita por Fernando da Costa Ataíde Freire para João Pedro da Câmara:

Emoutra carta sememanda declarár, que hum des- | tes Sacerdotes, terá oseu destino emaposcentar a Nasção | dos Indios Pamas, equa para Director delles devo nomeár hú | homem de qualidades, que osedefique:Havendoo, taõbem | nesta occaziaõ, passará, atomár asordens deVossaExcellencia (Ms 7, 13-17).

O Ms 45, carta incompleta, sem identificação de data e remetente/destinatário, parece referir-se ao atual estado de Rondônia que, na época, fazia parte da Capitania de Mato Grosso. Foi escrita provavelmente por uma autoridade de Portugal, destinada ao governador local, possivelmente Luiz Pinto de

<sup>23</sup> Índios bravos que dominavam a cabeceira do Rio Madeira e nas margens dos afluentes do Juruena, possuíam os mesmos costumes que os Múras, entre todos, estes eram mais brancos. Teotônio da Silva Gusmão, primeiro Juiz de Fora de Vila Bela, esteve presente na criação da aldeia dos índios Pâmas, em 1751, sendo defensor destes, na visita que fez às terras de sua jurisdição. A aldeia estava numa localização útil e cômoda, numa escala que interligava os que iam pelas águas do Pará ao Mato Grosso (SAINT-ADOLPHE, 1845, p. 194-195).

Sousa Coutinho, entre 1768 e 1769, referindo-se ao Padre Agapito Marcos de Oliveira, ordenado vigário da missão de Jirau, povoado de Balsemão, aldeamento dos índios Pâmas, fundado em setembro de 1768 pelo governador mencionado.<sup>24</sup>

Participava eu a Vossa Excelencia as diligencias, que interpunha, para que | o Padre Philippe Ioaquim retrocedesse a cultivar os Indios Pâmas, que ne | cessitavaõ da sua assistencia, para nelles plantar, e propagar a nossa Sancta | Fé, e Catholica Religiaõ; segurando-lhe os oportunos socorros de Vossa Excellencia | para huma obra taõ felismente principiada, como ele mesmo me dizia; e | que toda era do serviço de Deos Nosso Senhor, do qual se naõ separavaõ | as Reaes, e Piissimas Intençoens de Sua Magestade, nem os Christianissimos | votos de Vossa Excellencia. (Ms 45, 6-13)

O que [ilegível] Pâmas, hé o Padre Agapito Marcos de Oli- | Oliveira, que já criou huma Povoação de Indios, e com elles a freguezia | de Saõ Bento do rio Capy, cinco, ou seis dias distante desta Cidade. Elle | se tem dado a conhecer com huma dócil condição, e com hum especial genio, pa- | ra os atrahir, educar e reger; e fico na intelligencia, de que dará boa conta de | si no aproveitamento espiritual da quella Nação. Leva Provisaõ minha, | como já levou o ditto Padre Philippe Ioaquim; (Ms 45, 33-39)

No Ms 45, observa-se a preocupação do governo português com a evangelização dos índios, na rota Guaporé /Rio Madeira<sup>25</sup>, nos pontos de fronteira, com a indicação de inclusão dos índios à Coroa Portuguesa, para apoderamento do território português e sua consolidação. Foi justamente o capitão general Luiz Pinto de Souza Coutinho que, em 1769, ano de sua posse, teve o papel de cumprir a lei imposta por Marquês de Pombal, a expulsão dos domínios portugueses dos padres da Companhia de Jesus (PÓVOAS, 1995, p. 125).

Para a Capitania de Mato Grosso vieram somente dois padres jesuítas acompanhando o primeiro governador D. Antônio Rolim de Moura, em 1751. Foram os padres Estevão de Castro, que se dirigiu para o distrito de Cuiabá, mais especificamente para a Aldeia de Santa Ana (região conhecida como Serra Acima),

<sup>24</sup> Cf. Informações consultadas no artigo de Abnael Machado de Lima, professor de História da Amazônia, Universidade Federal do Pará e da Universidade Federal de Rondônia, disponível em: <<http://www.gentedeopiniao.com.br/lerConteudo.php?news=39590>> Acesso em: 16 set. 2013.

<sup>25</sup> O rio Guaporé, também conhecido como Itenes era de extrema importância para essa sociedade colonial, que tinha como estradas rios navegáveis. Era um rio encachoeirado, que permanecia com o nome de Guaporé até encontrar-se com o rio Beni (atual Bolívia), e passa a se chamar Madeira. Seus principais afluentes na margem oriental (domínio português) são: rio Sararé, rio Galera, rio Alegre, rio Piolho; e na margem ocidental (domínio espanhol) são: Baures, Itonamas, Machupo e Mamoré (LORDELO, 2010, p.34).

atualmente Chapada dos Guimarães, na qual se estabeleceu a primeira missão para aldeamento dos índios mansos, mais tarde chamado Lugar de Guimarães (1769), e, o padre Agostinho Lourenço, para a região de Vila Bela. Pequena atuação teve o padre Estevão de Castro na Missão de Santa Ana, devido à expulsão dos jesuítas, e, por isso, talvez acabou por pedir demissão em 1758.

No Ms 20, carta de Diogo de Toledo Lara Ordonhes ao capitão general e governador Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, trata de acontecimentos relativos à Missão de Santa Ana do Sacramento, não mais palco da missão jesuítica, localizada no arraial de mesmo nome na serra da Chapada. Esta carta, de 1789, mostra os conflitos existentes entre os índios da Missão, administradores locais e, inclusive, um padre e, como intermediador, o Ouvidor Diogo de Toledo Lara Ordonhes:

Ha pouco tempo porem que vindo o mesmo Pa- | dre a esta villa, e contando me que pertendia fazer sua | Rossinha em huns mattos chamados dos Bugres, que ficavaõ | fora dos da Missaõ; e dizendo lhe eu que o Capitaõ mor | me havia escripto nos dias antecedentes, que queria dar | ao sobredito Ferreiro em pagamento de Obras ou algum matto | da Missaõ, ou a dos Bugres, ficou *muõto* sentido da falsida- | de que suppunha se tinha practicado com elle visto | ter sido o primeiro, *que* a elles mesmo fallava nesses mattos, | Communicando o seu intento. | Creio pois que pela pouca | rezerva que teria o Padre nas suas queixas, e pela | resposta que dei ao Capitaõ Mor de que nem eu, nem elle podia- | mos facultar a plantaçaõ nos mattos da Missaõ a outra al- | guma pessoa *que* não fosse Indio della, e que os de fora devo- | lutos só *Vossa Excellencia* podia dar por sesmaria, mas *que* não ha- | vendo esta, deveria plantar quem primeiro os occupasse | e que nesta Concideraçãõ parecia justo *que* o seu Reverendo [...] (Ms 20, 52-69).

Constame pelo *contrario* que os Indios saõ | os que tem insultado por varios modos ao mencionado Director | Sendo o fomentador o Capitaõ mor, que athe fez para sua letra hum | rediculo Pasquim Contra o mesmo, affixando o pela sua mam | em hum lugar publico da Missaõ, *segundo* me afirmaraõ, e *segundo* | a Comparaçõens que fiz das letras; sem temer elle o Crime em | *que* encorrem os Authores de *Semelhantes* papeis. (Ms 20, 195-201).

A missão de Santa Ana, referida no manuscrito, tinha como moradores índios aldeados que eram catequizados e educados à moda do homem branco. Estes, pelas informações da missiva, plantavam e mantinham as terras dentro dos marcos da missão. O Juiz de Fora, ao que revela, parecia demonstrar muita simpatia pelos ameríndios, conforme trechos a seguir:

Esta mesma repugnancia, e o me pe((y))ar hum pouco | de accuzar taõ de pressa os deffeitos de hum sugeito, por quem eu | tinha intercedido a Vossa Excellencia que se dignou attender as minhas instan- | cias e boas informaçoens (que tambem me dava o sobredito Reverendo | Vigarrio) para o prover no Posto de Capitam mor à pezar do grande im- | pedimento de sangue infecto, por ser Caburé, e da idade ainda muito | verde, para reger a humas pessoas taõ puras no sangue, e taõ | privilegiadas como são os Indios; [...]. (Ms 20, 12-19).

Este | Padre pela sua docilidade e genio amigo da paz, para a qual em | todo o tempo Concorreu com zelo Pastoral, sempre foi, e ainda | he amado da maior parte da Missaõ, na qual são raros | os Indios originarios do Certaõ, e muitos os nascidos ali, e | destes huma boa parte são Caburés, gente, que no justissi- | mo Conceito deVossa Excellencia fallando dos Pedestres que são des- | ta qualidade, he Canalha insupportavel; e por isso mal a pe- | lnas se diviza aquella inacta singelleza e indecencia, que | Caracterizaõ aos Indiosdo Certaõ; em cujo beneficio dima- | naraõ do Throno Leis taõ santas, e justas, quanto era a | barbaride Com que eraõ tratados os mesmos Indios, por | quem eu sou hum dos mais apaixonados, como he Constan- | tissimo (Ms 20, 28-41 ).

Nesse período, a Missão de Santa Ana funcionava como uma vila, provavelmente resultado da política pombalina de urbanização lusa. Administrada até então, por um padre jesuíta, Estevão de Castro, passou a ser administrada por diretores, pagos com recurso da fazenda e tinham a função de orientar e instruir os moradores. Uma das finalidades da política lusa era:

[...] a criação de vilas nas fazendas jesuíticas e aldeias dos índios, quanto em outros lugares que fossem tidos como próprios para essas fundações, a liberdade dos índios e o desenvolvimento do comércio entre eles, seria o melhor meio de resistir aos jesuítas cuja maior força e riqueza, na América, tinha sido o domínio completo da civilização dos mesmos índios. Por isso, D. José I ordenava que se estabelecessem “povoações civis” de índios livres. Instalados em núcleos urbanos, os índios deixariam de se mostrar como inimigos dos portugueses e dos espanhóis e não “assaltariam” os caminhos, as cidades, vilas e aldeias das duas nações. (FLEXOR, p. 98, 2001).

A liberdade dos índios era fictícia, pois estavam presos ao Diretório dos Índios do Grão-Pará e Maranhão, fixado em 1758.<sup>26</sup> Nos trechos a seguir, verifica-se a

---

<sup>26</sup> “Ao libertar os índios - Leis de 6 e 7 de junho de 1755 e Alvará de 8 de maio de 1758 -, a Metrópole ordenou a elevação de antigas aldeias e fazendas, as maiores a vilas e as menores a aldeias, lugares ou povoações” (FLEXOR, 2001, p. 99).

atuação de um diretor, Carlos Pedroso Alvarenga, da Missão de Santa Ana, e revelações de conflitos com os índios:

[...] concernen- | te aos Indios da Missão de *Santa Anna* do Sacramento, e a Seu | *Capitam* mor loze dos Anjos Correa, que em nome daquela Corpo- | ração requereu a *Vossa Excellencia* a expulsão do seu Reverendo Parocho | Braz, Luiz de Penna, e do Seu Director Carlos Pedrozo de | Alvarenga (Ms 20, 6-11).

[...] e remetti na mesma occasião huma Cópia da dita Carta ao | Director (que só o he no nome) para vigiar sobre a sua | execução, o que não pode soffrer odio *Capitam* mor pelo odio *que* a este tem | Como depois direi, prohibindo que algum Indio fosse asua caza | escrever-lhe para tirar-lhe os meio de me dar parte de couza algu- | ma; e a final escrevendo me que os Indios recuzavaõ aquelle | Director, ao que lhe respondi que brevemente subiria a dar as Pro- | videncias, para fazer-lhes a vontade. Se as suas queixas fossem jus- | tas, e *que* no entretanto não teria o dito Director exercicio (Ms 20, 123-131).

Em quanto | porem ao Director Carlos Pedrozo, ao qual, e à sua Familia | accuza o dito Capitão mor de ser a origem das Perturbaçoens, *que* tem | havido na Missão, sobre o *que* me ordena *Vossa Excellencia* dê as providen- | cias neccessarias, informando depois do resultado, digo que | nem o dito Director he *muito* Capaz de as Cauzar, nem a sua Familia [...] (Ms 20, 175-180).

A figura do diretor de índios representava também a figura do administrador e solidificou juridicamente a dependência do indígena. Segundo Silva (1995, p. 288), “essa dependência nativa criada na figura do diretor foi discriminatória e diferenciou os nativos dos demais vassallos”, ou seja, no final era apenas um cinismo e que no fundo, o vassallo indígena, instituído pelo Diretório, apenas justificava a expansão da coroa portuguesa em redefinições fronteiriças. Hoje, pode-se dizer que a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) exerce o papel de “diretor dos índios” no Brasil e tem como um dos objetivos:

[...] monitorar as terras indígenas regularizadas e aquelas ocupadas por populações indígenas, incluindo as isoladas e de recente contato, coordenar e implementar as políticas de proteção aos grupos isolados e recém-contatados e implementar medidas de vigilância, fiscalização e de prevenção de conflitos em terras indígenas<sup>27</sup>.

<sup>27</sup> Objetivos retirados do site do órgão, disponível em: <<http://www.funai.gov.br/>> acesso: 07 jan. de 2014.

Destaca-se ainda, no Ms 11, referência a outra Missão, a de São Pedro, capital das Missões de Moxo, que, apesar de não pertencer à Capitania de Mato Grosso, com ela fazia divisa. Verifica-se o envolvimento do Forte de Bragança, antiga Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, com seus vizinhos, os índios da Missão de São Pedro. O forte, localizado à margem direita do Rio Guaporé, ficava na contraface da província de Moxos de domínio espanhol. Nos trechos seguintes, é possível observar intrigas entre os índios da dita Missão e os portugueses:

(Os Indios de Saõ Pedro *que* conduziraõ para este Forte a- | Antonio deNascimento foraõ fazer hum argel aoSeu | Cura dizendo *que* os Portuguezes lhe haviaõ furtados | os Cavallos; e sabendo eu ocontrario disto por o | briguaçaõ *que* fiz achei *que* os ditos Cavallos foraõ ven | didos por fazenda com aqual semostraraõ muy sa | tisfeitos, eomesmo poderá informar aVossa Excellencia Antonio | do Nascimento [...] (Ms 11, 18-25).

[...] o*que* acumularaõ namesma Miçaõ dizendo *que* no Sitio | chamado abarranca, seachava hum Capitam Portu | gues com grande escolta degente, de *que* rezultou des | pedirem damesma Miçaõ huá grande tropa de | Indios averiguar seera asim ounaõ o*que* deziaõ | em juriando os demais aos Pedestes *que* odito Cabo | Teixeira avia enviado aLoreto como Vossa Excellencia vera da | Copia daCarta *que* omesmo Cabo escreveu [...] (Ms 11, 26-33).

Após a expulsão dos jesuítas dos aldeamentos espanhóis em 1767, pelo rei da Espanha, Carlos III, os índios aldeados passaram a ser administrados pelos padres curas e pelos governadores locais, como é o caso da Missão de São Pedro. Nisso, os índios saem do isolamento e passam a ter mais contato externo com a região fronteiriça. Dessa forma, pode-se notar a proximidade dos moradores do forte e dos índios da Missão e a animosidade perante os fatos corriqueiros, bem como jogos de interesse.

## 2.6 Os mestiços

A partir da política de urbanização lusa, a miscigenação foi incentivada: os brancos que casassem com índias recebiam algumas vantagens e prêmios, através da Lei de Liberdade de comércio e de bens individuais aos índios<sup>28</sup>. Da

---

<sup>28</sup> O Alvará Régio de 4 de abril de 1755, expedido pelo rei D. José, incentiva o casamento entre portugueses e indígenas e proíbe chamar de caboclos ou outro termo semelhante, a seus filhos

miscigenação, surgiu outro sujeito: o *caburé*, que em Mato Grosso setecentista se referia ao miscigenado de negro e índio, já que nesse território a proporção de brancos era bem reduzida.

Além do termo *caburé*, também foi utilizado o de mulato, para a mesma referência. No século XIX, o termo *cabra*, junto a *caburé*, foi utilizado para designar indivíduos de ascendência indígena e africana (JESUS, p. 2011, 210). Trechos do Ms 20, mostram a forma como eram tratados:

[..] são raros | os Indios originarios do Certaõ, e *uitos* os nascidos ali, e | destes huma boa parte são Caburés, gente, que no justissi- | mo Conceito deVossa *Excellencia* fallando dos Pedestres que são des- | ta qualidade, he Canalha insupportavel [...]. (Ms 20, 31-35).

[...] que se dignou attender as *minhas* instan- | cias e boas informações (que tambem me dava o sobredito Reverendo | Vigario) para o prover no Posto de Capitam mor à pezar do grande im- | pedimento de Sangue infecto, por ser Caburé, e da idade ainda *uito* | verde [...] (Ms 20, 14-18).

No primeiro trecho, a menção aos soldados Pedestres, que surgiram pela necessidade de guarnição na fronteira oeste, remete à criação da Companhia de Pedestres, ainda no governo de Antonio Rolim de Moura. Os milicianos que a incorporavam eram justamente os que não poderiam fazer parte da tropa de linha (soldados dragões). Compunha-se de homens rudes que, nas palavras de Rolim de Moura, “[...] andam sempre descalço de pé e perna, o seu único vestido é um jaleco e umas bombachas a que se ajunta um chapéu e camisa” (SIQUEIRA, 2002, p. 48). Além dos caburés, também faziam parte dos soldados pedestres, bastardos, caribacas e alguns índios ágeis e espertos (HEIDMANN-CAMPOS, 2012, p. 28). Os soldados Pedestres podiam receber um valor pelos seus serviços, que eram pagos na forma de quantia de ouro, uma quarta de farinha de milho e feijão, uma quarta de toucinho, e um prato de sal ao mês (LORDELO, 2010, p. 56).

No Ms 16, ocorre a menção do termo mulato. Interessante destacar que o escrevente é Diogo de Toledo Lara Ordonhes, o mesmo do Ms 20, no qual se refere ao termo *caburé*, ficando evidente a utilização dos dois termos, no mesmo período, para designação de indivíduos mestiços.

[...] *Fevereiro* foi em Com- | panhia dos soldados, *que* voltaraõ para Goyazes, hum mulato chama- | do Manoel da Silva, *filho* de hum Pedro da *Silva* que tambem por al- | cunha chamaõ Pedro Cavallo, o qual mulato em *laneiro* tinha | feito huma morte nesta *villa* de mam commum com outro mulato *que* | se acha recluzo na Cadêa; e mostrou o seu Passaporte ao mesmo | Padre; e isto a tempo *que* já a ordem de *Vossa Excellencia* estava em poder | do *Mestre* de Campo, a *quem* todavia me persuado se pederia o *dito* Passa- | porte debaixo de nome supposto, ou *que* o concedeu ignorando que | o *dito* mulato era o aggressor da morte de *que* publicamente o accu- | zavaõ (Ms 16, 66-76).

Conforme Darci Ribeiro (1995), o primeiro brasileiro consciente de si foi o mameluco, pois não tinha identificação com os indígenas, que ele desprezava e nem com os europeus, que o desprezavam, por isso, “[...] via-se condenado à pretensão de ser o que não era nem existia: o brasileiro” (RIBEIRO, 1995, p. 128). Sobre o termo mulato, o mesmo autor afirma:

Esses mulatos ou eram brasileiros ou não eram nada, já que a identificação com o índio, com o africano ou com o brasilíndio era impossível. Além de ajudar a propagar o português como língua corrente, esses mulatos, somados aos mamelucos, formaram logo a maioria da população que passaria, mesmo contra a sua vontade, a ser vista e tida como a gente brasileira (RIBEIRO, 1995, p.128).

Segundo Silva (1995, p. 248-249), as designações preto, mulato e caburé, precisam ser redimensionadas, pois nos documentos históricos esses vocábulos, ora se referem ao indígena que também era chamado de negro (“negros da terra”), ao próprio negro africano e ao pardo. Isso mostra que a classificação de negro tinha a ver com determinado grupo humano e a cor da pele determinava a condição social. Ainda segundo Silva (p.249), Rolim de Moura afirmou que na Capitania se compreendia por mulatos, caribocas e caburés, os filhos de pretos e índios, já que estes eram mais hábeis e mais bem preparados para todos os tipos de atividade.

## 2.7 Os negros

Os primeiros negros vieram para Mato Grosso no início do século XVIII, em pequena quantidade nas bandeiras paulistas, depois, para o trabalho nas lavras descobertas por Pascoal Moreira Cabral. Trabalhavam arduamente e, devido aos

esforços e más condições de vida, acabavam adoecendo e morrendo precocemente. Muitos dos negros escravos, não suportando a tortura da vida que levavam, acabavam por buscar a liberdade através da fuga. O Ms 43, do início do século XIX, trata da fuga de escravos em Vila Bela, conforme trecho a seguir:

*Illustrissimo eExcellentissimo Senhor. | Tenho ahonra de ir, cheio de gosto, a presença de | VossaExcellencia participar que no dia 20 do corrente pelas | sete horas da noite, se apresentaraõ em as cazas de minha | morada seis escravos que constaõ da relação junta, vindos | do dezerto em que se achavaõ fugitivos, huns a sete annos | e outros a menos tempo, segundo a conta delles, dizendo-me | que vinhaõ valer-se de VossaExcellencia para livra-los do vigorozo | castigo que os seos donos [declarados na dita relação] lhes | haviaõ dar pela culpa da fuga que tinhaõ feito; e como | se esperava a Vossa Excellencia brevemente nesta Capital, me re- | queriaõ que, em qualidade de luiz Ordinario, os recebese | como pessoas miseraveis que vinhaõ valer de VossaExcellencia, | pela noticia adquirida nos bosques em que se achavaõ | habitando, que huma das principaes virtudes de VossaExcellencia | hera a Clemencia, e acontevaõ por certa desdelogo que | a sorte permittisse afelis occasiaõ de relançarem a ospés | de VossaExcellencia (Ms 43, 1-18).*

Constata-se, pelo manuscrito, que alguma insegurança assolava os escravos fugidos, pois, por qual motivo retornariam aos seus donos? Possivelmente, alguma “campanha” anterior feita por seus donos e governo local para recuperação dos escravos desertados, e estes, percebendo que poderiam ser recapturados e castigados, resolveram voltar por conta própria, confiando na clemência do governador João Carlos Augusto D’ Oeynhausen e Gravemberg, governador e capitão general do período.

O incentivo à volta natural dos escravos, através da facilidade das autoridades, isentando-os dos castigos e prisões, pode ser observado no trecho a seguir, retirado de um Bando<sup>29</sup> publicado pelo governador João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres:

Faço saber a todas as Pessoas desta Capitania, que sendo-me | presente, e geralmente constante os graves danos, efadigas, que experimentaõ todos os Escravos | fugidos que vivem expostos ás Calamidades, e continuados riscos que se experimentaõ nos Matos, aban | donados á barbaridade, como Salvages, sem auxilio nem para a alma, nem para o corpo: e compa | decendo-me da miseravel vida que levaõ estes infelizes Homens, Vassallos de Sua Magestade | etendo por outraparte taõ bem em vista o irremparavel prejuizo que tem seus Senhores com as | suas fugas, praticadas talvez muitas vezes

<sup>29</sup> Anúncio público, proclamação (HOUAISS, 2009, p. 254).

inconcideradamente, esem reflexão; das quaes natural | mente estaraõ muitos deles arrependidos, etemerosos de voltarem para as Cazas ou poder dos mes= | mos Senhores, temendo ojusto Castigo que merecem; por cuja [[,]] rezaõ deixaraõ d'ofazer:[[X]] Hey por | bem que todos os ditos Escravos que seacharem fugidos e aquilombados aqualquer distancia de | VillaBella e dos seus Arrayaes, edestrithos, que serecolherem athe o ultimo dia do Mež | deSetembro doprezente anno, sejaõ recebidos por seus Senhores, com todo, o amor, eagazalho | Como senunca tivessem fugido, ainda que asua Auzencia seja depoucos, ou muitos Annos<sup>30</sup> [...].

Pelos enunciados da carta e do bando, nota-se o procedimento de indulto que isentava os escravos das punições. Esse procedimento foi muito comum nos séculos XVIII e XIX, já que as fugas e a formação de quilombos constituíam uma ameaça para a Capitania, visto serem os escravos uma “mercadoria” cara e escassa. João Carlos Augusto D’Oeynhausen, último governador da fase colonial, em 1808, a exemplo de governadores anteriores, também determinou que escravos fugidos do distrito de Vila Bela, Vila Maria e demais arredores voltassem a seus senhores dentro de determinado tempo, não sendo castigados pela fuga (SILVA, 1995, 242).

Muitos escravos fugiam para os domínios espanhóis, conforme estudos de Lordelo (2010), em especial para as Missões de Chiquitos e Moxos, havendo, inclusive, acordos entre espanhóis e portugueses relacionados à devolução de escravos fugidos. Já outros fugiam para os matos e ficavam nos chamados quilombos<sup>31</sup>, constituído de aglomerados de escravos com a mesma esperança de não serem recapturados. A fuga<sup>32</sup> “[...] era sempre povoada de sobressaltos, pois poderia ser preso por qualquer pessoa que soubesse de sua condição de escravo” (VOLPATO, 1993, p. 182). Na segunda metade do século XIX, a imprensa era mais uma aliada dos senhores de escravos, que ofereciam valores a quem recapturasse os fugidos, através de anúncios de jornais, conforme se observa na figura a seguir:

<sup>30</sup> Bando do Governador João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres tratando da fuga de escravos no Arraial de Santa Ana em 1794 (Arquivo Público de Mato Grosso- Localização: BR MTAPMT. SG. BO. 4289 CAIXA Nº 073). Este documento não faz parte do *corpus* desta pesquisa, mas foi utilizado em artigo para anais do SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (2013) - Goiânia-GO (no prelo para publicação).

<sup>31</sup> Os habitantes dos quilombos eram chamados de “quilombolas” ou “calhambolas”, palavras de origem angolana derivadas de *ngolo*- “força”; *mbula* – “golpe”, sendo assim, o calhambola é o que fere violentamente, o valente, o destemido (VOLPATO, L. R. R., 1993, p. 182-183).

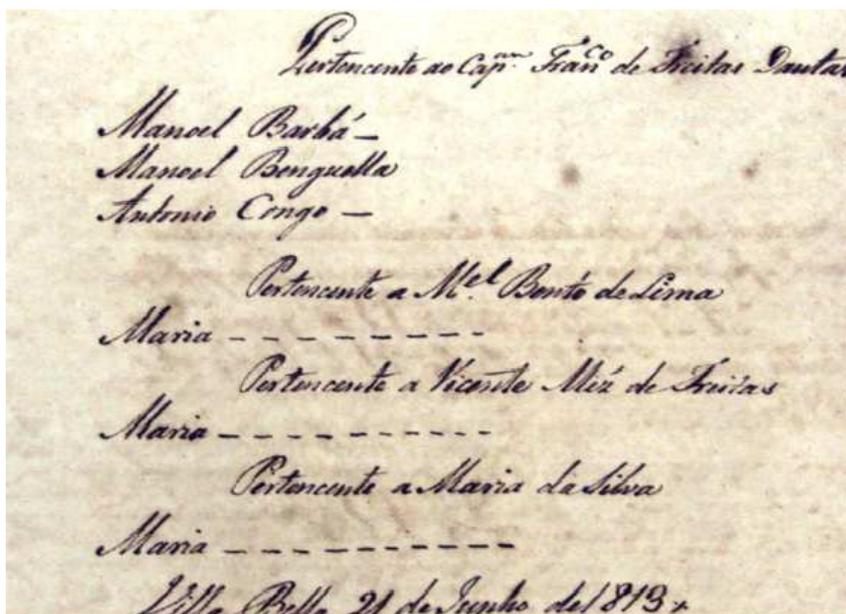
<sup>32</sup> Cf. Moura (1989, p.14), a quilombagem foi a unidade básica de resistência ao escravismo, mas houve também outras formas de manifestações como o suicídio, guerrilhas, assassinio dos senhores, dos feitores, bem como as guerrilhas e insurreições urbanas que se arrastaram por todo o período.

A 19 de Janeiro deste anno fugio do abaixo assignado um escravo de nome Manoel natural de Minas, 24 annos de idade, não tem barba, cor fula, pés e bunda grande, pernas grossas, tem falta de 2 dentes; quem o prender e entregar na Freguezia de Pedre 2.º, travessa do commandante Balduino ao Tenente Antonio Leite de Figueredo, receberá a quantia de cincoenta mil reis.  
 Cuyabá, 26 de Março de 1881.  
 D. A. de Figueredo.

Recorte do jornal *A Província de Matto Grosso: Periódico litterario, noticioso e dedicado aos interesses da Província*. Nº 14, ano 1881.

A rudeza na forma de descrever a figura física do escravo revela em parte como os senhores faziam referência a eles e, comparado ao índio, que era protegido por legislação peculiar, embora nem sempre respeitada, “[...] o negro escravizado não tinha direitos, mesmo porque era considerado juridicamente uma coisa e não uma pessoa” (FAUSTO, 1994, p. 54).

Interessante destacar na lista dos escravos fugidos, constante no Ms 43, os nomes comuns dos seis escravos: Maria (3), Manoel (2) e Antonio. O antropônimo Maria não apresenta sobrenome e os homens, com sobrenomes que poderiam fazer referência à sua origem africana como *Manoel Benguella* e *Antonio Congo*, respectivamente. Os nomes parecem seguir um critério da procedência e, segundo Soares (1998, p. 73), é “[...] mais que uma forma de identificar escravos, recurso adotado para classificar e organizar a escravaria traficada da África para a América”.



Relação de escravos fugidos.

No Ms 13, a narrativa de “bulhas” e “fiuzas”<sup>33</sup> praticadas por escravos desgostam os moradores locais que temem o ataque de escravos armados às suas casas. Francisco da Silva recorre ao vereador e Juiz Ordinário da Câmara de Vila Bela, Francisco Xavier Antão, para tomada de providências em relação ao caso, como se pode observar nos excertos a seguir:

Senhor a 12 do corrente pelas quatro oras da | tarde aqui fizeraõ os negros huá bulha apartouçe com | trabalho e no mesmo dia de noite pellas oito onove do | noite travaraõ outra com tanto rumor; e botaõ a porta | das cazas de Antonio Mendes Santiago a abaxo a rombar | com os gritos e alaridos e prometendo botar fogos aas | cazas em forma que acudiriaõ todos com muito trabalho he | que seaqueataõ que senas via senaõ facas de pontas e | facoins e porretes [...] (Ms 13, 11-19).

[...] aSim estaõ os | tais negros com tal soberba que todos estaõ timidos | e elles como saõ de homens ricos naõ selhedaõ dizem que | sematarem outro negro seu Patraõ tem bem ouro para pagar | em forma que estamos espermentando os furtos de cria | [[os furtos]] nas [[cria]]çoens e temendo algú | desatino pois a fiuza dos fugidos os que | naõ andaõ estaõ furtando aSim porcos | como cabras, equalinhas dentro do Arraial [...] (Ms 13, 25-33).

<sup>33</sup> Cf. Houaiss (2009, p. 336): **Bulha** é ruído ou gritaria de uma ou mais pessoas; movimentação intensa e confusa; tumulto, desordem. **Fiúza**: segurança quanto à veracidade de (algo); confiança, fé, fidiúcia (p. 902).

Tambem *Senhor* eu Se | menaõ emguano ouvidizer *que* não poderia | hir negras aaslavras de*Santa* Anna *que* estara da | qui duas legoas *que* hera prohibido ellas oje | vaõ llá huas aojornar; e outras com quitandas | forras ecativas gastaõ semanas; e mezes | metendoçe pellas sanzalas dos negros | dos homens e por eSa cauza naçe toda | a ruina de bulhas ependença huns com | os outro motivo *que* hera bom por hiviçe | aellas eas *que* llá fouçe serem castigadas *para* | *que* vivaõ com mais quietaçã os negros em | forma seVossasmerce não puzerem os olhos | nisto Sedo ficara isto tomado dos Negros (Ms 13, 40-53).

Um primeiro aspecto a ser observado é o acesso a armas pelos escravos, como facões, porretes e facas de pontas para intimidar os moradores do Arraial de São Vicente<sup>34</sup>. De acordo com Silva (1995), em todo o século XVIII era proibido aos escravos negros andarem com tabuleiros e armas. O autor também refere que Luis Pinto de Sousa Coutinho, governador anterior ao período da carta, determinou em bando (1771) que os negros que fossem encontrados com facões ou porretes levariam 200 açoites no pelourinho da praça pública (SILVA, 1995, p. 227).

Outro aspecto que chama a atenção relaciona-se ao fato de negras forras e cativas procurarem nas lavras de Santa Ana, junto às senzalas, os negros para relacionamentos, o que causava discórdia entre os negros das senzalas, repercutindo, de certa forma, no controle dos senhores sobre eles.

Em suma, os escravos negros eram objetos de seus senhores, constituindo uma importante força de mão de obra, bem como uma mercadoria altamente rentável. No Ms 12, observa-se, em trecho que é objeto de penhora para pagar dívidas: “[...] Os dous Escravos em que se tinha feito penho | ra ao tal Bicudo, *para* pagamento de loaõ BaptistaA= |ranha [...]” (Ms 12, 43-45); e, no Ms 19, registra-se herança deixada para as mulheres dos soldados dragões Bento Roiz Ventura e Victo Modesto: “[...] as Suas mulheres tiveraõ huma herança em Cuyaba de hum escravo | cada huá, que lhes deixou por esmolla oSeu ávó Francisco Paes deBa | ros fallecido os quais escravos Seachaõ namesma Villa [...]” (Ms 19, 72-74).

---

<sup>34</sup> Local provavelmente situado nos arredores de Vila Bela da Santíssima Trindade.

## 2.8 A dinâmica do cotidiano: alguns aspectos sociais

### 2. 8.1 As exéquias e os enterros

Diante da multiplicidade de assuntos e referências que os manuscritos abarcam, destacam-se alguns relativos às cerimônias ou honras fúnebres, as chamadas exéquias<sup>35</sup>, que eram verdadeiros acontecimentos sociais. Os Ms's 9 e 31 fazem menção à prática:

Logo que o Reverendo Parocho tomou pose | da Igreja sahiu este Senado a aestir [[a aestir]] | as Exequias do Papa, enão duvidou o Reverendo Pa- | rocho receber este Senado na forma da sua po- | se, ecostume, o que agora repugnou fazer com | vivos pretextos, e sem fundamento juridico | ou talvez mal aconselhado (Ms 9, 47-53).

[...] recebi huma suscinta de Vossa Excellencia Com duas | Cartas para a Camara, em humas das quaes nos determina Vossa Excellencia | que | se fação os devidos Festejos pelos felices Despozorios dos Serenissimos | Senhores Infantes de Portugal e Castella, a que ja se deu principio | no dia de hontem Com Luminarias, Sendo o ultimo o de amanhã | em que o Reverendo Vigarío faz cantar na Matriz Te Deum Com assistencia | do Sennado; e em outra nos participa Vossa Excellencia a infanstissima noti | cia do fallecimento do Senhor Rey Dom Pedro Segundo, para demonstraçoã de | cujos sentimentos publicos está destinado para primeiro o dia segunda feira 23; [...] (Ms 16, 8-16).

A pratica observada nesta Villa desde a | sua erecção theagora sobre as exequias das Pessoas re | aes sedamaneira seginte. Logo que em Camera se a | bre a Carta de participaçoã da noticia derigida pello Excellentissimo | Senhor General do estado se mandaõ publicar Editais por | que se ordenaõ os Lutos conforme alei a sedeclara odia | em que devem ser celebradas as exequias para que | aellas venhaõ aestir toda a Nobreza da terra, e povo. | Para isto, se manda construir na Igreja Matriz | hum Mauzuléo com a maior pompa possivel Se | convoca todo o clero e Irmandades amaio Muzica e | omilhor orador, se requer ao Mestre de Campo hum cor | po de melissias que a Cabada afun((com)) dem as des | cargas do estilo; Toda adespeza do Mauzoleo, da | Muzica, do orador, da palvra ((do Clero)) que se reparte | portodo o clero, Irmandades, e pessoas de governança [...] (Ms 31, 3-18).

---

<sup>35</sup> “ Eram manifestações profano-religiosas póstumas marcadas por funerais simbólicos e missas para sufrágio da alma de um Soberano ou membro da Família Real portuguesa falecido” (JESUS, 2011, p. 125).

Nos primeiros dois trechos, percebe-se que, apesar da distância da Europa e até mesmo de outras capitanias como a de São Paulo, não havia impedimento para a realização dos rituais fúnebres, principalmente quando relacionado à figuras do poder político e religioso, como o Papa Clemente XIII e o monarca de Portugal D. Pedro II. Considerando ainda o tempo que as notícias demoravam a chegar até Mato Grosso, muitas vezes um ano após o acontecimento, mesmo assim as exéquias das personalidades da Corte eram realizadas, com encenação de corpo presente e vivência de um ano de luto (JESUS, 2011, p. 135). Os rituais das cerimônias fúnebres eram também uma forma de destacar a “divindade” dos reis, pois na época, eram considerados vassalos de Deus.

No terceiro excerto, é notável a preparação para as honrarias públicas relacionadas ao falecimento das pessoas “reais” da Vila de Cuiabá. De acordo com Rocha (2005), a preocupação com uma boa morte levava as pessoas a se prepararem para esse momento, que incluía a escolha da sepultura, o destino dos bens, a vigília do defunto, demonstrações de luto e ritos que indicavam que a morte não era o fim, mas uma passagem do mundo terreno para outro mundo.

Rocha (2005, p. 33) distingue três tipos de enterro:

[...] enterros de abastados feito por irmandades religiosas nos consistórios das igrejas; enterros comuns, efetuados dentro do corpo das igrejas ou das capelas, e os enterros da plebe, nos cemitérios das igrejas ou da fábrica – como eram chamados aqueles espaços localizados nos arredores das igrejas.

As irmandades religiosas tinham papel fundamental nas cerimônias de enterro. Atendiam a brancos, negros e pardos, com privilégio para os abastados. Os enterros que as irmandades brancas organizavam se apresentavam com “[...] pompa e esplendor, transformando-se em procissões pelas ruas da cidade” (ROCHA, 2005, p. 33). Os pobres eram enterrados fora da igreja, nos seus arredores.

Em Cuiabá, a partir de 1832, buscava-se coibir a prática de enterro dentro das igrejas, costume essencialmente cristão, pois começava a preocupação com questões de higiene pública. Em relação às práticas dos enterros, destaca-se o Ms 44, escrito em 1861, em Vila Maria do Paraguai, atual cidade de Cáceres:

Por portaria de 12 do corrente, foi Vossa Excellencia Reverendissima servido | ordenar que eu informace a respeito da denuncia, ou | queixa do Capitam Salvador Pompeo de Barros, que a compa | nhou

amesma portaria, sobre ter-se enterrado corpos na | superfície da terra, e de terem sido as sepulturas que | estão fora da Igreja revirada pelos porcos, eque eu | declarace as providencias que dei para fazer cessar | tão graves, e escandalozos crimes. | Em observancia de que me foi ordenado cum | preme respeitozamente informar aVossa Excellencia Reverendíssima que, se | as sepulturas que sê tem aberto dentro da Igreja | Matriz não tem tido áquela profundidade conve- | niente, não tem também ficado os corpos tão na | superfície; quanto as que se enterrão fora ou no | Adro tem havido ouhouve na verdade descuido | da parte do Sacristão que devia assistir o enter | ramento dos corpos, e a abertura das sepulturas, | por isso pois he que se deu-se o caso de se têt pôs | to o Cadaver de Paulo Dias, que foi-se enterrar | no dia 14 ou 15 de Fevereiro, quasi na superfície | daterra, e por os Coveiros tambem não pilar | aterra da Sepultura , os porcos revolverão ames | ma ((terra)) e o Adro ficou com insupportavel fetido, | vendo eu isto fui ter com o Reverendo Senhor Vigario para | mandar cobrir a dita Sepultura commais terra | ainda que amesma ficace fora do nivel de primeira | de bem pilada, para assim evitar a exhalação | putrida, o que logo feito, ficou remediado omal (Ms 44, 2-29).

Apesar da Lei de 1835, que autorizava as Câmaras Municipais a construírem cemitérios e a proibição de sepultamento dentro do adro das igrejas, tal prática ainda era constante no período da carta referida. Nesse mesmo ano de 1861, o Presidente da Província, o Coronel Antônio Pedro de Alencastro, profere em seu relatório: “[...] torna-se de urgente necessidade um cemitério, a fim de cessar os enterramentos nas igrejas. A Câmara desta capital reconhece como uma das necessidades que reclama mais pronta providência [...]” (ROCHA, 2005, p. 35). Tal prática era considerada incivilizada, comparando aos moldes de outras províncias. Somente em 1863 o cemitério da Piedade foi entregue à população (ROCHA, 2005, p.38). Além do mais, não havia nesse período preocupações sanitárias, pois há de se ter uma ideia através dos hábitos e condutas da população, como a dos porcos vagando pela cidade, mostrando a desorganização urbana de então.

### **2.8.2 Festas**

Não só dificuldades marcavam a vida da população mato-grossense. Havia momentos de festejos e alegria manifestados nas festas populares, que faziam parte do cotidiano dos que viveram na Capitania de Mato Grosso. No Ms 16, há referência a tais festas na Vila de Cuiabá:

O Capitão loze de Vasconsellos *que* o anno prete- | rito sahio por sorte Emperador para festejar neste o Divino *Espirito Santo* | tinha *para* este fim destinado alem da festa propriamente da Igreja outros Feste- | jos taes como Cavalhadas, Comedias, danças, e ((mostras)), *para* o *que* ja tinha | alcançado venia de *Vossa Excellencia* achando se tudo *muíto* adiantado, e athe com al-| guma dispeza [...] (Ms 16, 21-26).

Eu sei com effeito *que* todos estaõ com summo des contentamento | Com o receio de *que* não haja o *que* esperavaõ. Os meninos *que* tambem fes- | tejaõ o Divino *Espirito Santo* tambem preparavaõ Comedia e danças: e os Pretos | cuidavaõ em outras *para* os dias, em *que* pertendem festejar *Nossa Senhora* do | Rozario, e *Saõ Benedicto*. (Ms, 16, 37-41).

Nas suas aflicções emolestias, não os desobrigueis | dopreceito Quaresmal sobrepretexto nen hum, | sem queprimeiro vos tragaõ o oiro, oucouza *que* ovalha | das suas referidas promessas: Commutais algumas | indiscretas promessas como he adança de *Saõ Gonçal* | lo, em *três oitavas e meia* [...] (Ms 26, 67-72).

Assim *que* nodia des docorrente abrimos- | em Camara a carta de *Vossa Excellencia* datada de Vinte e quatro do- | proximo Setembro nos deregimos com ella cheio do= | mayor prazer ao *Excellentissimo e Reverendissimo* Senhor Bispo eahi con | veinos)) com o mesmo Senhor, em *que* nodia primeiro | de Novembro secelebrou a *Solene Acção de Graças* pe | lla *Vinda eestada de Sua Alteza Real* no Brazil. | E vindolhe propnta anossa pertençaõ Elle com de | mustraçoens dejubillo *Real* de grande fervor Seofereceu logo | cantar Missa Pontificar, e pregar demanham Ha- | vendo Outro *Sermaõ* atarde, *que* hade pregar o *Illustrissimo Reverendissimo* | Provizora quem encarregamos depois do qual sehade | cantar o *Te Deum*<sup>36</sup> Concluindo e a esta plauzivel | função comhuma *Solenne* processaõ em *que* ha de ser | levado mandar o *Senhor Bom lezus* (Ms 42, 2-16).

O poder do Estado e da Igreja Católica se manifestou intensamente não só em Portugal, mas em todas as suas colônias. Na fronteira oeste do Brasil, não foi diferente, sendo uma das primeiras providências a serem tomadas, logo na fundação de um arraial, vila ou cidade, a construção de uma capela que, mais tarde, se tornaria uma igreja. A devoção a diversos santos era um marco no período colonial, incluindo também outras festas não pertencentes à igreja, como as cavalhadas<sup>37</sup>, apresentações teatrais e danças oriundas dos colonizadores. “Todas

<sup>36</sup> *Te Deum Laudamus*, a ti Deus louvamos, caracterizava-se por um hino de aclamação divina, expresso tanto para cerimônias religiosas, como para as civis (JESUS, 2011, p. 271-272).

<sup>37</sup> “O termo “cavalhada” é medieval, constituindo-se num simulacro de torneios equestres medievais, luta entre hostes mouras e exércitos cristãos. [...] No cenário colonial mato-grossense aparece como

essas manifestações colocavam em movimento pessoas, idéias, objetos, símbolos, e autoridades políticas e clericais da repartição do Mato Grosso” (SILVA, 2008, p. 69).

As festanças e os rituais eram espaços de relações sociais que fortificavam o vínculo com o sagrado. Percebe-se nos trechos que havia uma divisão da devoção dos negros e dos brancos, como a de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário, forte presença religiosa até os dias de hoje e que constituiu um dos principais símbolos da cultura religiosa do povo cuiabano. Há, inclusive, uma igreja dedicada a esses santos, marco da memória cultural por quase três séculos. A festa de São Benedito é uma das maiores expressões da religiosidade popular, segundo Romancini (2005, p. 62):

Nesta igreja acontece a festa religiosa que reúne o maior número de pessoas, em Cuiabá, a festa de São Benedito, com mais de 280 anos de tradição, considerada pela comunidade como um tempo de festejos e celebrações, que se inicia com um mês de antecedência, tendo como ponto culminante o primeiro domingo do mês de julho. No período que antecede à festa, ocorre a visita da bandeira de São Benedito, o chá com bolo na missa de terça-feira de madrugada, os jantares nas terças à noite e o levantamento do mastro com a bandeira de São Benedito. Os festejos se iniciam com o tríduo, que são três missas celebradas a partir das cinco horas da madrugada, de quinta-feira a sábado, sempre abordando o tema escolhido para a festa. No domingo, a missa solene começa às seis horas da manhã. Ainda como manifestações do sagrado há a reza cantada e a procissão, nesta última milhares de fiéis percorrem as ruas da cidade, louvando o santo negro e a Virgem do Rosário, por ele venerada. Ao final da procissão há queima de fogos e quermesse, marcando o encerramento da festa.

Destaca-se, ainda, a dança de São Gonçalo, santo para o qual também foi construída uma igreja<sup>38</sup>, espaço simbólico em que são realizadas festas em sua homenagem.

Pode-se concluir que, das práticas religiosas, essas três, foram as mais presentes e avivadas na colônia: “[...] a edificação dos espaços sagrados, as comemorações ou festividades e os rituais fúnebres. Todas elas se inter-relacionavam na demonstração de uma religiosidade barroca, extremamente devocional, ritualista e teatral” (CORBALAN, 2006, p.101).

---

parte das festas religiosas, em homenagem aos santos e de celebrações e festejos públicos importantes [...] o número de dias para sua execução era geralmente três” (JESUS, 2011, p. 74-75).

<sup>38</sup> A centenária Igreja de São Gonçalo localiza-se na Av. XV de Novembro, no Bairro do Porto, em Cuiabá – MT.

No trecho do Ms 42, as solenidades de festas são atribuídas à vinda de D. Luiz de Castro Pereira, primeiro Bispo da Prelazia de Cuiabá, ao Brasil em 1808, intitulado Bispo de *Ptolomaida*, pelo qual tomou posse pelo seu procurador Agostinho Goulart Pereira.

Em relação às representações teatrais, parte integrante das festividades oficiais da Capitania, foram relevantes na “[...] vida dos moradores da Capitania de Mato Grosso, no século XVIII, ao ocupar o espaço público, transmitindo códigos de conduta e no reforço da socialização, aspectos importantes para garantir a governabilidade e a manutenção dessas terras conquistadas por Portugal” (SILVA, 2008, p. 80), tendo sido o Juiz de Fora, Diogo de Toledo Lara Ordonhes, um dos primeiros críticos teatrais do período e do país<sup>39</sup> (SILVA, 2005, p.176).

Dessa forma, pode-se contestar o cronista Joseph Barboza de Sá, pois nem tudo em Cuiabá era “morrer, gemer e chorar” (CORRÊA FILHO, 1939, p. 48).

### 2.8.3 Saúde: práticas de cura

O exercício da medicina, até o princípio do século XIX, era atribuição dos chamados “físicos” ou “licenciados”, “cirurgiões-barbeiros” ou “cirurgiões aprovados” (AZEM, 2009, p. 132). Nos Ms’s 20 e 40, apresenta-se tal ofício, desenvolvido de forma rudimentar e popular:

Sendo a Sua mulher chamada Dezideria a pessoa deste Séxo | talvez a mais recomendavel nestas Minas pelo seu prestimo | Com que em todo o tempo utilizou a todo o Corpo da Missão | ja fazendo gratuitamente os delicadissimos Tapêtes daquela Igreja | (assim Como tem feito para outras) ja fazendo rendas, Crivos, e toalhas, | e lavando as, engomando as para o uzo da mesma Igreja; | ja ensinando e educando as meninas Indias; e ja finalmente | servindo de Medica e Chirurgia a todos os enfermos, Curan- | do os Com Sûma caridade, guiada unicamente dos Conhecimentos | que a Larga experiencia lhe tem ministrado: [...] (Ms 20, 181-190)

Fosse perciso abem do Real serviço que Vossa Excellencia | Authorize a Luis Antonio de Souza furriel da com | panhia de Dragoens para que possa curar o povo | em qualidade de cirurgiaã, assim como Vossa Excellencia foi será | mandar que curase os doentes do Ospital Militar a | fim taõ bem de poder fazer qualquer exame em | algum corpo que se achar morto, afim de sepro | ceder

<sup>39</sup>Corrigiu muito da história mato-grossense e cuiabana, em geral nos originais das notas históricas dos Anais do Senado da Câmara de Cuiabá: *Críticas de Festas e Peças Teatrais* (COSTA E SILVA, 2005).

corpo de delicto em cazo de algum asasino equẽ / por falta desta solenidade fiquem as devasas | nullas, eos crimes impunidos. Este furriel Luis | Antonio tem curado opovo desta Villa, com bom | conceito, e sufficientes luzes para poder praticar, |e curar [...] (Ms 40, 3-15)

No primeiro excerto, o ofício de cura é exercido por uma mulher, que na prática, obteve ensinamentos que propiciaram a atender aos moradores da Missão de Santa Ana. No segundo, o furriel (posto ou função militar) é indicado para curar os doentes do Hospital Militar de Vila Bela da Santíssima Trindade<sup>40</sup>. Azem (2009, p. 134-135) destaca que a arte de curar, exercida por pessoas sem formação específica, se dava pelas dificuldades de acesso de médicos e cirurgiões a essas localidades, realidade comum a todo o Brasil, o que propiciava também as práticas curativas populares, que incorporavam o saber do dia a dia. Os negros e os índios também influenciaram as atividades terapêuticas, dando origem a uma medicina marcada pela diversidade.

Procurou-se, nesse capítulo, contextualizar, no diálogo com a história, fatos e acontecimentos da sociedade nos períodos observados, com maior destaque à Capitania de Mato Grosso. Desse modo, compreende-se que o estudo da língua também perpassa esses caminhos, que revelam usos da língua, muitas vezes, peculiares à variedade e ao gênero discursivo pesquisado.

---

<sup>40</sup> Na segunda metade do século XVIII, encontram-se registros de hospitais militares, tanto em Vila Bela, quanto em Cuiabá, destinados a atender os soldados enfermos, bem como as pessoas civis. O hospital militar de Vila Bela estava localizado no interior do quartel, na praça central da vila (JESUS, 2011, p. 162).

## CAPÍTULO 3 ANÁLISE LINGUÍSTICA

### 3.1 OS PRESSUPOSTOS DA GRAMATICALIZAÇÃO

Os estudos sobre Gramaticalização (GR) são um dos principais pilares da teoria funcionalista. O termo, desde a década de 1980, ganhou uma gama de outras designações, como *gramaticização*, que se refere ao mesmo processo, sem muitas diferenças, e outros como: *apagamento semântico*, *condensação*, *enfraquecimento semântico*, *morfologização*, *reanálise*, *redução*, *sintaticização* etc. Muitos desses termos tomam o fenômeno em análise sob perspectivas variadas. A tendência, no entanto, é o uso do termo *gramaticalização* para estudos na perspectiva diacrônica e de *gramaticização* para a sincronia da mudança contínua de categorias e significados (GONÇALVES *et al.*, 2007).

O primeiro uso do termo *gramaticalização* é atribuído a Antoine Meillet (1912, p. 131 *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 19-21) e se aproxima do que foi adotado pelas correntes funcionalistas. No entanto, a história desse processo de mudança está relacionada a épocas ainda mais antigas, como à linguística oriental do século X. O termo, segundo Meillet, refere-se à passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical.

Nos primeiros estudos de Meillet, a gramaticalização era “uma ferramenta da linguística histórica, que buscava dar conta das origens e das mudanças típicas envolvendo morfemas gramaticais, o que vinha completar o campo da etimologia e da evolução histórica das palavras.” (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 21).

Lehmann (1995[1982], p.11-12 *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 21) “concebe a gramaticalização como um processo de morfologização, que pode levar à mudança de estatuto de um item não somente de lexical a gramatical, mas também do menos para mais gramatical”. Em consonância, Heine *et al.* (1991, p. 3), define que “a gramaticalização consiste no crescimento dos limites de um morfema que avança de um valor lexical para um valor gramatical ou de menos para mais gramatical”.

Para Longhin-Thomazi (2004, p.1), a GR amplia a gramática de uma língua,

[...] é um fenômeno tradicionalmente explicado como um tipo particular de mudança linguística em que, por meio de um conjunto

de alterações principalmente de ordem sintático-semântica, itens lexicais plenos passam a funcionar como expressões que sinalizam relações gramaticais específicas. Trata-se, em outras palavras, de uma das formas pelas quais a gramática de uma língua é constantemente ampliada.

Em Hopper & Traugott (1993, p. 7), o processo de mudança segue um *cline* (trajetória natural de evolução das formas), expresso a seguir:

[item de conteúdo] > [palavra gramatical] > [clítico] > [afixo flexional]

(HOPPER & TRAUGOTT, 1993, p.103 *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 22).

Para Heine *et al.* (1991, p. 2 *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 22), a GR seria um processo no qual elementos de conteúdo lexical se desenvolvem, se tornam gramaticais e se gramaticalizam ainda mais. No *cline* anterior, cada item, expresso à direita, é mais gramatical do que o seu par à esquerda. Dessa forma,

Estamos lidando com a gramaticalização, um processo que pode ser encontrado em todas as línguas conhecidas e que pode envolver qualquer tipo de função gramatical, quando uma unidade ou estrutura lexical assume a função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função ainda mais gramatical.

De modo geral, segundo os autores citados, esse processo pode ser concebido como um subconjunto de mudanças/alterações translinguísticas recorrentes, que envolvem correlações entre propriedades semânticas, gramaticais, discursivas e, algumas vezes, também fonológicas.

Quanto à distinção de itens lexicais e gramaticais, subjacente à concepção do processo de gramaticalização, atribui-se ao item lexical o conceito de que “é constituído de elementos que estabelecem uma relação de referência com dados do universo biossocial: designam entidades, ações e qualidades” (MARTELOTTA, VOTRE E CEZARIO, 1996). Esses elementos reportam-se ao mundo extralinguístico e são, portanto, mais objetivos e concretos. Encaixam-se nessa categoria, por exemplo, substantivos, verbos plenos e adjetivos.

Por sua vez, os itens gramaticais são “elementos que organizam os itens do léxico no discurso, tendendo a adequar-se a restrições morfossintáticas ou a veicular estratégias pragmático-discursivas.” (MARTELOTTA, 2008, p. 43). Ainda, segundo o mesmo autor, “esses elementos possuem um valor estrutural ou funcional, que, por

assumirem um papel referente à organização interna da gramática ou do discurso, possuem caráter mais subjetivo” e, dessa forma, mais abstrato. Consideram-se, nessa categoria, as preposições, conjunções, artigos, verbos auxiliares, marcadores discursivos etc.

Para este estudo, é importante conhecer o processo de mudança via gramaticalização que origina conjunções. Para tanto, reporta-se aos trabalhos de Meillet, no clássico *Le renouvellement de conjonctions* (1912, *apud* LONGHIN-THOMAZI, 2004, p.1), em que o autor mostra que, na história das línguas, essa classe de palavras esteve sujeita a constante renovação e até mesmo ao desaparecimento. Segundo ele, as conjunções se renovam, aproveitando formas do repertório linguístico. Como exemplo, destaca-se o caso do advérbio latino *magis*, que deu origem à conjunção adversativa *mas*.

O neogramático H. Paul (1886, *apud* LONGHIN-THOMAZI, 2004), antes de Meillet, já afirmava que as conjunções derivam de advérbios conjuncionais ou de formas isoladas de pronomes conjuncionais que se ligam ocasionalmente a outras palavras. Antes de se transformarem em conjunções puras, esses itens já serviam para ligar orações.

Longhin-Thomazi (2011, p. 149), a partir de pesquisas mais recentes, como as de Kortmann (1997, 2001), reenfatiza que, em Português, algumas categorias fontes parecem ser mais produtivas para a formação de jutores<sup>41</sup>, como exemplo, os advérbios pronominais. Considera-se ainda a tendência à formação de perífrases conjuncionais (*x + que*), considerando que a variável *x* equivale a classes diversas de palavras.

É importante destacar também a subtração dos usos das conjunções, a partir da variedade vulgar do latim, se considerado em comparação ao latim clássico, que dispunha de um amplo conjunto de conjunções multifuncionais. Para suprir tal carência, no latim vulgar, algumas conjunções foram criadas, a partir da partícula *quod* e concorrentes *quid* e *quia*, para marcar diferentes formas de subordinação. A

---

<sup>41</sup> Cf. Neves (2006, p.223) seguindo a linha de raciocínio de Halliday e Hasan (1976), fica assentada a noção de que conjunção (ou junção) é processo textual (coesivo): é uma relação semântica (difícil de definir em termos claros) pela qual se especifica a noção que existe entre o que vem depois e o que vem antes em um enunciado, conexão que abrange os mais diversos tipos de estruturação de superfície. Trata-se, na verdade, de um conjunto de relações semânticas entre orações, entre complexos oracionais, entre trechos de textos, explicitados por um sem número de expedientes, não apenas pelos elementos ditos ‘conjuntivos’, como as conjunções. Segundo a autora, elementos conjuntivos, não são elementos coesivos por si mesmos, mas de forma indireta, já que pressupõem a presença de outros elementos no discurso.

partícula *quod* começou a integrar a parte final de perífrases conjuncionais formadas a partir de bases proposicionais ou adverbiais (LONGHIN-THOMAZI, 2004).

A formação do português, a partir da variedade vulgar do latim, também foi caracterizada pelo abandono de muitas conjunções latinas clássicas, fato unânime nas afirmações de vários historiadores da língua portuguesa. Assim, houve então a necessidade de novos usos conjuncionais. Para isso, a partir do processo de gramaticalização, palavras de diferentes categorias começaram a assumir a função de conjunções e também passou a ocorrer a junção de advérbios e preposições com a partícula *que*, formando perífrases. Sobre a formação de perífrases, assevera Said Ali:

Este processo creador de novas conjunções ou locuções conjuncionais revela-se sobremodo fecundo nas combinações de advérbios e dizeres de carácter adverbial com a partícula *que*: *a fim que* (português hodierno *a fim de que*), *sem embargo que*, *contanto que*, *ante(s) que*, *depois que*, etc. Nestas, como em outras locuções conjuncionais, o elemento advérbio nada mais é que um vocábulo deslocado de uma oração para outra. Devia modificar a um verbo, mas afasta-se dele, emigra da respectiva oração, atraído por uma partícula, à qual se une, resultando desta liga uma conjunção de nova espécie (SAID ALI, 1964, p.222).

Dessa forma, depreende-se que as conjunções fazem parte de uma classe bastante heterogênea e que para estudá-las é necessário um enfoque em sua origem e evolução a partir dos usos dos falantes de uma determinada variedade da língua.

### 3.2 Princípios e mecanismos da GR

O caminho tomado pela GR na explicação de um fenômeno e seu processo segue um princípio: o princípio da unidirecionalidade, que alguns autores também rotulam de *continuum* (para tratar de deslizamentos entre classes de palavras, entre categorias semânticas, etc.). O princípio da unidirecionalidade rege e leva em conta mecanismos atuantes no processo de gramaticalização (*bleaching*<sup>42</sup>, *reanálise*, *analogia*, *“erosão fonética”*, *gradualidade do processo*, *aumento de frequência de uso*, etc.).

---

<sup>42</sup> Perda de conteúdo semântico (dessemantização).

Para Braga (mimeo *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 41), a unidirecionalidade “é um recurso analítico que permite organizar e melhor compreender os diversos usos associados a determinada forma”. Metaforicamente, ela “[...] seria um bisturi que recorta um tipo específico de mudança, a que promove o rebaixamento de categoria de um elemento, rumo a uma estrutura mais gramatical, e nunca o contrário [...]”. Traugott (1982) avalia como prioritária a análise dos aspectos semânticos e pragmáticos relacionados à GR, que, segundo ela, consiste num processo gradual de pragmatização do significado, que envolve estratégias inferenciais e metafóricas, que levam, respectivamente, a um aumento de informação pragmática e de abstração.

Heine (1994) defende que é necessária a análise da manipulação cognitiva e pragmática das categorias gramaticais, na qual a reinterpretação e a transferência conceitual devem ser observadas. Para o autor, a motivação para desencadear o processo de GR estaria na necessidade dos falantes de encontrar formas linguísticas para expressar ideias mais abstratas e isso é possível por meio da transferência metafórica e da reinterpretação induzida pelo contexto (metonímia).

A metáfora conceitual, diferentemente daquela relacionada às figuras de linguagem (chamada de metáfora expressiva), envolve a abstratização de significados, que está ligada à forma como os seres humanos compreendem o mundo. Nela ocorre aproximação de domínios cognitivos diferentes e motivação pragmática. Diante da mudança via GR, interessa saber que a metáfora conceitual “[...] consiste num processo de inferências através de fronteiras conceituais, desenhando uma espécie de mapeamento conceitual, por meio de saltos associativos não aleatórios, mas motivados pela analogia e também pelas relações icônicas<sup>43</sup>.” (LOPES-DAMASIO, 2008, p. 64). Nessa transferência de um significado mais concreto para um mais abstrato, os motivadores de mudança são os que promovem especificação de uma coisa mais abstrata (mais complexa), em termos de outra menos abstrata (menos complexa). As coisas mais próximas são mais estruturadas e delimitadas (menos abstratas) do que as que estão mais distantes.

No processo de GR, por meio da metonímia, é possível usar uma entidade em substituição a outra. Dessa forma, esse mecanismo aponta para aspectos que

---

<sup>43</sup> Cf. GONÇALVES *et al.*, (2007, p. 51), relações icônicas decorrem de um princípio que contradiz a hipótese de arbitrariedade entre formas e funções da língua, conforme proposto por Saussure. Também pode ser vista como iconicidade imagética (ex.: fotografia). “[...] combinação de regras que revelam o aspecto diagramático da percepção do mundo.”

vão além do que está sendo dito/escrito, estando, portanto, intimamente associado aos contextos e às inferências baseadas neles. Assim como a metáfora, a metonímia é vista como uma extensão de significados. Pode ainda remeter:

[...] a um tipo de inferência pragmática, uma “associação conceptual” fundamentada no mundo discursivo, ou uma transferência semântica licenciada por contiguidade. É uma espécie de permuta que decorre do uso de uma palavra em uma frase na qual uma ideia, de alguma maneira ligada ao significado da palavra em questão, é passível de formar um elemento do contexto (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 46)

Destarte, as inferências metonímicas e metafóricas são complementares nos estudos de GR, e levam em conta outros mecanismos que captam propriedades desse processo de mudança, pelo qual formas que codificam experiências humanas mais concretas passam a funcionar como menos concretas. São as duas linhas principais propostas por Heine (2003, *apud* CHIARELLI, 2010, p. 134): o *modelo da transferência* e o *modelo de contexto*. Nas palavras de Chiarelli:

O modelo da transferência, fundamentado na cognição, pressupõe que há padrões de transferência conceitual que partem de domínios mais concretos da experiência humana (objetos, movimentos físicos, espaço) para domínios mais abstratos como, por exemplo, tempo, causa, concessão, entre outros. Nesse modelo, temos a atuação da metáfora, conceituada por Hopper e Traugott (2003) como um processo pelo qual há transferência de um significado básico, mais concreto, para um mais abstrato, envolvendo uma projeção de domínios, geralmente referidos como “saltos associativos”. A motivação estaria nas relações icônicas e analógicas (CHIARELLI, 2012, p.135).

O padrão de transferência metafórica é expresso pelo seguinte *cline* proposto por Heine (2003):

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

Dessa forma, a unidirecionalidade implica que as mudanças ocorrem sempre da esquerda para a direita, ou seja, de categorias mais próximas do indivíduo, que representam os aspectos concretos e básicos da relação do próprio homem com o seu ambiente espacial, incluindo, principalmente, as partes do seu corpo (mais concretas) para aquelas mais distantes desses aspectos (mais abstratas). A relação é metafórica por natureza, já que há uma transferência semântica de um elemento

para o outro: *metáfora objeto para espaço, metáfora espaço para tempo, entre outras*. Para o autor, a categoria *qualidade* é genérica e engloba várias relações lógico-semânticas: causa, condição, conclusão, concessão, finalidade, etc. Nessa direção, um domínio que se coloca mais à esquerda (mais concreto) do *cline* pode ser usado para explicar um conceito que se localiza mais à direita (mais abstrato).

No entanto, a projeção metafórica não consegue captar estágios intermediários da mudança, mas pode prever sua possível direção. O modelo que consegue recuperar tais estágios intermediários da mudança semântica de um item, conforme Heine (2003), e captar a gradualidade dessa mudança gramatical, é o do contexto, ou seja, aquele baseado na metonímia. Esse modelo, segundo Chiarelli (2010), fundamentado na pragmática, pressupõe que o aumento do número de contextos leva a um aumento de frequência de uso do item. As noções de *reinterpretação induzida pelo contexto, inferência pragmática e implicatura conversacional* estão, portanto, relacionadas a ele.

Chiarelli (2010, p.135), com base em Heine (2002), explica que o desenvolvimento diacrônico de itens gramaticais pode ser descrito por meio de um roteiro de estágios sucessivos, associados a diferentes tipos de contextos. Estão envolvidos três tipos de contextos nesses estágios, que vão do significado fonte (menos concreto/menos gramatical) ao alvo (mais abstrato/mais gramatical): contexto *bridging*, contexto *switch* e convencionalização.

O contexto *bridging* é a ponte para a mudança, pois, por meio de inferências, surgem novas interpretações para o item. Havendo dois ou mais significados, sendo um deles contextualmente implicado, ocorrendo a ambiguidade. No *switch* há um novo contexto divergente do significado fonte, tornando-se o único disponível. No entanto, para ser sustentado, precisa do significado fonte que lhe deu origem. Na convencionalização, por conta da frequência de uso, o novo significado já não precisa mais do contexto de origem para ser sustentado. O significado alvo passa a fazer parte do item, ou seja, integra a polissemia da palavra.

Na passagem do léxico para a gramática, consideram-se ainda parâmetros inter-relacionados como a dessemantização, a descategorização e a erosão. Segundo Longhin-Thomazi (2011, p. 153), a *dessemantização* implica a perda e o ganho de traços semânticos. Ao ser utilizado em novos contextos (extensão), o elemento perde seu sentido original, mas ganha novos sentidos (mais abstratizados). A *descategorização*, ou mudança de categoria, envolve perda e

ganho de traços morfológicos e sintáticos. Um exemplo é a perda da propriedade de flexionar, de receber modificadores, da liberdade sintática, entre outras características, e o ganho de funções sintáticas específicas, como a de juntar orações.

Já a *erosão*, caracteriza-se pela perda de material fonético: sílaba, segmentos, propriedades suprasegmentais. Está também relacionada à frequência de uso, uma vez que, quanto mais está presente no discurso, maior a tendência de o item se desgastar. É o caso do pronome *você*: *vossa mercê* > *vosmecê* > *você* > *cê*.

Como foi destacado, todos esses mecanismos, relacionados ao processo de gramaticalização, sob o enfoque da unidirecionalidade, atuam nos diferentes níveis de análise: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. A seguir, destaca-se o caso dos itens *ainda*, *assim* e *logo* para ilustrar o processo de GR percorrido por esses itens até sua forma juntiva nos estudos de Longhin-Thomazi (2006, 2005, 2004ab,) e Lopes-Damasio (2011a, 2008). Após essa apresentação, segue a análise dos aspectos semântico-formais, funcionais e categoriais desses itens, no *corpus* deste trabalho.

### 3.3 O caso de *ainda*

O item *ainda*, segundo Vasconcelos (1922), apresenta o étimo *inde* + *ab* ou *inde* + *ad*, contendo, portanto, em sua formação, o advérbio latino *inde*, que gerou mais tarde o arcaico *ende*, ambos de valor espacial. Observa-se seu emprego em trecho retirado do texto “A Demanda do Santo Graal de Magne” (1944, III, p. 183, *apud* Martelotta, 2008, p. 54):

(01) Vós me metestes tam gram pesar no coração, que jamais mom sairá **ende**.  
(sinalização anafórica - advérbio)<sup>44</sup>

No exemplo, o valor espacial se evidencia pelo seu valor anafórico que faz alusão ao termo *coração* (MARTELOTTA, 2008, p. 54).

---

<sup>44</sup>Importante destacar a categoria semântica de foricidade, usado para referência para o texto, que segundo (CASTILHO, 2012, p. 125) é uma “[...] operação desencadeada, sobretudo, por itens lexicais que trazem de novo à consideração noções já mencionadas anteriormente (anáfora), ou a serem veiculadas posteriormente (catáfora) no texto”. Para Halliday e Hassan (1976, *apud* CASTILHO, 2012, p. 125) a descrição da foricidade se dá pela sua atuação endofórica (anáfora e catáfora) e exofórica: menção a referentes presentes na situação de fala que não são verbalizados no texto.

Longhin-Thomazi (2005, p. 1363), em dados do século XIII, identificou diferentes usos de *ainda*, os quais ela divide em dois grupos: usos temporais e argumentativos. Nos usos temporais, *ainda* pode marcar tempo continuativo e tempo futuro:

(02) – Porquê? disse el; fez-vos alguu mal?

- Mui grande; derribou-me tam bravamente que **aynda** me dol. (13DSG, p.45).  
(tempo continuativo-advérbio)

(03) Ai donzela, alevosa e traedor, em maau-ponto foi esta promessa outorgada, ca eu seerei mais escarnecido que nunca foi cavaleiro; e tu nom gaanharás i rem; ca, se Deus quiser, **aynda** porém morrerás de maa morte (13DSG, p.27). (tempo futuro-advérbio)

Como indicador de tempo continuativo, a autora explica que *ainda* acrescenta uma noção de continuidade e pode ser parafraseado<sup>45</sup> por “até o momento” e “até então” como em (02). Como indicador de futuro, o item remete a algum fato que pode acontecer num tempo posterior, podendo ser parafraseado por “algum dia”, “em algum momento” como em (03).

Já no âmbito argumentativo, Longhin-Thomazi (2005) identificou três diferentes usos de *ainda*, os quais denominou de inclusivo, intensificador e concessivo. A autora entende por argumentativa “a propriedade que certos itens têm de traduzir intenções de um locutor a respeito do que quer transmitir para seu(s) interlocutor(es)” (p.1364). Segue o exemplo dado pela autora de *ainda* como operador de inclusão:

(04) E mado que, quen quer que ténia meu tesouro os meus tesouros a dia de mia morte, que os de a departir aquestes dous arcebispos e aquestes cinque bispos, assi como suso é nomeado. E mado **ainda** que, se s’asunar todos não poderem ou não quisere ou descordia for outr’aquestes, a que eu mado departir aquestas dezimas suso nomeadas... Mado **ainda** que a raina e meu filio ou mia filia que no meu logar ouer a reinar se a mia morte ouer...(13TDA, p.398) (operador de inclusão - advérbio)

No exemplo (04), *ainda* funciona como um articulador textual que soma argumentos favoráveis à mesma conclusão. Trata-se, nesse caso, de um operador de inclusão neutro – constatado em dados do século XIII.

Também se apresenta o uso de *ainda* como operador de inclusão de argumento mais forte, encontrado em dados do século XIV, conforme exemplo (5).

<sup>45</sup> Maneira diferente de dizer algo que foi dito (HOUAISS, p. 1430, 2009)

Esse uso de *ainda* pode alternar com “além disso”, e também com “ainda por cima” ou “apesar de tudo”, permitindo inferência de adversidade. É interessante destacar que, esse exemplo, em que o uso como operador de inclusão de argumento mais forte permite inferência contextual de “contraste”, o que fica constatado na paráfrase por “apesar de tudo”, representa um contexto de atuação do mecanismo da metonímia, em que um traço do uso mais abstrato – ainda concessivo – começa a surgir a partir de inferência permitida pelo contexto (contexto *bridging*<sup>46</sup> – HEINE e KUTEVA, 2007 *apud* LONGHIN-THOMAZI, 2011, p. 51).

(05) E disse Jacob a seus filhos: vós me fizestes orfom de filhos, ca Josef he morto, Simeon fica alá preso eno Egito, e aynda avedes de levar Benjamym? (14BMP, p.68). (ambíguo: operador de inclusão e juntor de concessão – advérbio e conjunção não prototípica de concessão)

Nos dados do século XV foi encontrado também o uso de *ainda* como operador de inclusão que introduz argumento mais fraco. Típico de contextos de condição pode ser parafraseado por “ao menos”:

(06) (...) em verdade, eu me maravilho que maginaçom foe aquesta que todos filhaaes, de hua cousa de tam pequena certidom, ca se **ainda** estas cousas que se dizem tevessem alguma autoridade, por pouca que fosse, nom vos daria tamanha culpa... (15CFG, p.47). (operador de inclusão - advérbio)

Em seu funcionamento como intensificador, *ainda* enfatiza uma ideia expressa por advérbio ou partícula adverbial:

(07) ...falla das primiçias e das offerendas de que sse auidã muyto os clerigos, conue de dizer em este dos dezemos, que é uma cousa apartada, de que sse ajuda **aynda** mays toda a igreja, ta be os prellados mayores como os outros clerigos...(13LA, p.7) (intensificador - advérbio)

Já como operador de concessão, a autora encontrou um único exemplo em que *ainda* pode ser parafraseado por “mesmo” e “até mesmo”. Sua baixa frequência, segundo ela, pode ser justificada por pelo fato de que, no português arcaico, a partícula *pero* (*que*) desempenhava o papel concessivo.

---

<sup>46</sup> Neste contexto, há dois (ou mais) significados, e um deles é contextualmente implicado, nesse caso ocorre o disparo para um novo significado.

(08) - Senhor cavaleiro, vós estades a pee e eu a cavalo, e **aynda** com tal andança queredes a batalha? (13DSG, p.39) (juntor de concessão - conjunção não prototípica de concessão)

No século XIV, a autora encontrou ocorrência de perífrase *ainda que*, cuja leitura concessiva é possível mesmo que houvesse ausência de *ainda*.

(09) Senhor, muyto somos maravilhados de nã seerdes nembrado que somos homeês de carne e de quanto affam a trabalho avemos levado; ca, **ainda que** fossemos de ferro, bem deveríamos seer cansados. (14CGE, p. 338) (juntor de concessão - perífrase concessiva prototípica)

Para a autora, o que propicia a emergência da perífrase concessiva é o fato de existir coocorrência de eventos, fatos ou situações incompatíveis, de um determinado ponto de vista. São fatos ou eventos concomitantes ou simultâneos que geram algum estranhamento.

As concessivas, numa explicação tradicional, conforme a autora, são expressas em termos da articulação de uma oração núcleo e uma subordinada concessiva, o que corresponde a um processo hipotático, conforme Halliday (1985). Essa articulação resulta num sentido de contraste, que é produto da quebra de expectativa relacionada ao conteúdo dito ou ao processo comunicativo em que estão envolvidos os participantes. Nesse tipo de construção, há, portanto, um forte teor argumentativo.

Percebe-se, nos estudos de Longhin-Thomazi (2005), que o item *ainda* passa por uma crescente pragmatização de significados. Dessa forma, foi possível compreender seus usos, funções e categorias gramaticais tais como encontram sistematizados no quadro:

**Quadro 02:** Usos, funções e categorias do item *ainda*.

USOS	FUNÇÕES		CATEGORIAS
Temporais	Tempo continuativo		Advérbio
	Tempo futuro		Advérbio
Argumentativos	Operador de inclusão	Operador de inclusão neutro	Advérbio
		Operador de inclusão de argumento mais forte	Advérbio
		Operador de inclusão de argumento mais fraco	Advérbio
	Intensificador		Advérbio
	Juntor de concessão		Conjunção não

		prototípica de concessão
		Perífrase concessiva prototípica

**Fonte:** \*Todos os quadros e tabelas deste trabalho são da própria autora.

### 3.4 O caso de *assim*

O advérbio *assim* deriva do composto latino *ad sic*. Conforme Ernout e Meillet (1951, *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 98) *ad* exercia tanto o papel de preposição com sentido de aproximação no tempo ou espaço, “*em direção a*”, “*para*” e também reforçava formas adverbiais (*adpost*, *adpressum*, *adprope*) com valor de aproximação, direção e adição. Já *sic*, advindo de *seic*, advérbio modal, correspondia a “*dessa maneira*”.

*Assi*, em dados do português arcaico, já apresentava usos de base fórica anafórica, bem como leitura de conclusão ou consequência a respeito do que foi dito antes. Essa é uma “condição híbrida em que *assi* articula um estado-de-coisas a um acontecimento, estabelecendo entre eles uma relação imediata [...] de causa-efeito ou de argumento conclusão” (GONÇALVES *et al.*, p. 98, 2007).

No português arcaico, o uso de base anafórica é exemplificado em (1) e o de base catafórica em (2) e (3). O exemplo em (4) mostra o uso juntivo não prototípico, de acordo com os pressupostos de Bally (1965), em que as orações articuladas por “e *assim*” equivalem a atos de enunciação que se bipartem em tema e propósito, numa estrutura do tipo C1 e C2, na qual a segunda complementa e deve ser interpretada com o significado da primeira. Esse movimento fórico permite que *assim* retorne ao já dito (progressão sequencial) e ilustra, na diacronia, o processo de mudança que leva ao seu uso como juntor coordenativo com acepção conclusiva. A coesão é garantida pela foricidade de *assi* que promove um movimento simultâneo de retomada e de progressão sequencial, conforme exemplos de Longhin-Thomazi (2006):

(1) e porẽ lhe rogava que lhe outorgasse de lhe chamare rey de Portugal, e que lhe **assi** o chamasse e suas cartas e privilégios. [pedia que lhe autorizassem chamar de rei de Portugal, e que lhe chamassem *assim* nas cartas] (14CGE, p.6) (sinalização anafórica – advérbio fórico)

(2) chorava e nom sabia porquê, disse **assi**: - Senhora Santa Maria, madre de piedade, socorre-me a nom me leixe ainda morrer. (13DSG, p.59) (sinalização catafórica – advérbio fórico)

(3) E, estando **assi** doete hu dia jaa afficavao muyto a doeça. [e estando assim doente um dia já cedo atormentava-o muito a doença] (14CGE, p.536) (sinalização catafórica – advérbio fórico)

(4) E quando amanhece as mais das vezes está o ceo todo cuberto de nuues, & **assi** as mais das manhaãs choue nestas partes, & fica toda cuberta de nevoa. (16HSP, p.8) [E quando amanhece na maioria das vezes o céu está todo coberto de nuvens, e por isso chove na maioria das manhãs, nessas partes] (junção com aceção conclusiva – juntor coordenativo)

Seguindo as novas tendências dos estudos de GR, Traugott e König (1991) privilegiam a mudança de significado que acompanha esse processo, no qual o desenvolvimento de um item segue uma pragmatização crescente, partindo de significados referenciais (Ex.: dêiticos de lugar, tempo e pessoa), que se aproximam das experiências físicas dos falantes, chegando à construção textual (anafóricos, catafóricos, conectivos, etc.), e, por fim, ao significado centrado na atitude subjetiva do falante (nível mais abstrato, inclui os modalizadores, operadores argumentativos, marcadores de pressuposição e índices de polifonia), conforme *continuum* abaixo:

#### PROPOSICIONAL > TEXTUAL > EXPRESSIVO

Esse esquema é utilizado para explicar o uso do item *assim*. O modelo parte de um significado referencial para um mais intencional, e é acompanhado por processos mais globais de subjetivização e de intersubjetivização, processo que poderá ser observado mais adiante. Em termos de subjetivização e intersubjetivização carece definir que “[...] a *subjetivização* é um mecanismo que leva os significados a tornarem-se mais profundamente centrados no falante, enquanto a *intersubjetivização* leva-os a centrarem-se no ouvinte, tanto no sentido epistêmico como no social [...]” (LOPES-DAMASIO, 2008, p. 50), ou seja, nos moldes de Traugott (1999, *apud* LONGHIN-THOMAZI, 2005):

A subjetivização, segundo ela, diz respeito ao processo pelo qual os falantes da língua, ao longo do tempo, desenvolvem significados novos para construções/lexemas já existentes, com o propósito de codificar ou externalizar perspectivas e atitudes baseadas no mundo comunicativo do evento do ato de fala, e não em aspectos do evento ou situação referente ao “mundo real”. Já a intersubjetivização, por

sua vez, diz respeito ao processo pelo qual os significados, com o tempo, passam a codificar a atenção do falante com relação às atitudes do ouvinte [...]. Há uma correlação estreita entre os dois processos, no sentido de que a intersubjetivização não existe sem um grau de subjetivização.

Na tradição gramatical, o item *assim* é integrante do conjunto dos advérbios modais. Dado isso, acrescenta-se que, em *corpus* do português contemporâneo, *assim* também tem a função pronominal de dêitico e fórico (anafórico e catafórico). Para os três casos, respectivamente, seguem os exemplos abaixo:

(05) Agora fixe o olhar. Bem. Para que nossa imagem povoe o espelho e perdue para sempre. **Assim** (abraçados, fitam as imagens refletidas). (CEL:fld) (sinalização extralinguística – advérbio dêitico) .

(06) Carteiro jogava correspondência no lixo! Sabe quem era esse carteiro? Era o nosso carteiro. E sabe por que ele agia **assim**? Por sabotagem. (CEL:fld). (sinalização anafórica – advérbio fórico)

(07) Circulam em quase todas as antologias brasileiras, como “Visita à casa paterna”, soneto que termina **assim**: Uma ilusão gemia em cada canto. (CEL:car-olo) (sinalização catafórica – advérbio fórico)

Lopes-Damasio (2011a, p.148) menciona uma construção envolvendo a reduzida *sendo assim*, que corresponde a uma etapa avançada do processo de GR que leva aos usos juntivo-conclusivos do item, entendendo que *sendo assim* integraria um tipo de oração gerundiva mais próxima da coordenação do que da subordinação:

(8) O numero de portuguezes residentes nesta cidade é | pouco avultado, e são pela maior parte homens que | aqui estão presos pelos seus estabelecimentos commer- | ciales e pelos encargos de familia. || E se facto ha de ser origem das causas que deverão | presidir á irrealisação da idéa da formação de um cor- | po de patricios nossos. **Sendo assim**, apresentamos um meio pelo qual todos nós podemos concorrer, se- | gundo as circunstancias pessoas e recursos pecunia- | rios de cada um, para a demonstração de nossos senti- | mentos em prol do Brazil. ||[LRXIX-477/97] (junção com acepção conclusiva – conjunção coordenativa)

Em outro uso, o item *assim* assume a função de conjunção coordenativa, podendo ser parafraseado por *portanto*, *por conseguinte*, aparecendo entre pausas e remetendo a informações anteriores:

(09) Indústrias que têm compras comuns associam-se em cooperativas, centralizando, por meio destas, suas aquisições. **Assim**, podem obter melhores preços e maiores prazos, pelo aumento do vulto de transações. (CEL:Ar-01lo) (junção conclusiva – conjunção coordenativa)

Longhin-Thomazi (2006) ressalta que não há consenso em relação ao estatuto conjuncional de *assim*. Também não há como deixar de explicitar que o item tangencia as categorias de advérbio e conjunção, já que possui mobilidade posicional e junta porções oracionais. Essa afirmação é ilustrada por (10) e (11):

(10) Tais preparados levam certas vantagens sobre os derivados do piretro e dos timbós, por serem mais lentamente degradados, exibindo, **assim**, ação residual mais prolongada. (CEL:beblt). (sinalização anafórica e junção – advérbio fórico e juntor coordenativo)

(11) Venenos no próprio jardim. Pouca gente tem consciência deste comuníssimo fato. As plantas ornamentais não são escolhidas mediante critério farmacológico, e **assim** acontece que algumas das mais estimadas são também extremamente tóxicas (CEL:beblt) (sinalização anafórica e junção – advérbio fórico e juntor coordenativo)

Em outro comportamento de *assim*, Longhin-Thomazi (2006) expõe baseada em Castilho e Castilho (1996), que o item pode se comportar como um modalizador epistêmico quase asseverativo<sup>47</sup>, emprego que apresenta regularidade posicional: entre verbo e complemento, ou dentro do grupo nominal. Para alguns autores, também pode ser interpretado como marcador discursivo e funcionando, dessa forma, como preenchedor de pausas em momentos de reformulação.

(12) eu acho que brasileiro... não tem **assim** bons hábitos à mesa (NURC-RJ-01) (sinalização catafórica – marcador discursivo)

(13) era uma farinha misturada com água... eles fazem **assim** uma espécie de uma:...um melado (NURC-RJ-01) (sinalização catafórica – marcador discursivo)

(14) uma melhor informação num num sentido **assim** mais atuante ou mais objetivo a essa a essa questão (NURC-RE-05) (sinalização catafórica – marcador discursivo)

---

<sup>47</sup> Os advérbios modalizadores epistêmicos, conforme Neves (2011, p. 245) expressam uma avaliação que passa pelo conhecimento do falante, ou seja, tem a ver com a avaliação do valor de verdade do que é proferido num enunciado. No caso dos advérbios modalizadores epistêmicos, possuem o papel de asseverar, marcar uma adesão do falante ao que ele diz que está relacionado ao seu saber sobre as coisas. Os quase asseverativos são avaliados como uma quase verdade. Existe, nesse caso, uma possibilidade com baixa adesão do falante, um descomprometimento com a afirmação.

A autora apresenta, na sistematização de seu estudo, duas trajetórias de GR embasadas em Traugott (1982): o advérbio anafórico é a base para os usos da conjunção, ainda que não prototípica, e o advérbio catafórico, para os usos do marcador discursivo com função de modalizador:

advérbio anafórico > conjunção coordenativa

advérbio catafórico > marcador discursivo

Dessa forma, segundo a autora, a anáfora está na origem da conjunção coordenativa e, por isso, o item *assim* flui entre o domínio textual e o expressivo, o que sinaliza uma etapa de subjetivização. Na segunda trajetória, a cataforicidade de *assim* deu lugar ao marcador discursivo, uso em que aponta para o ponto de vista do falante com respeito ao ouvinte e passa do domínio textual para o textual-expressivo, cumprindo uma etapa de intersubjetivização.

Há, além do juntor coordenativo conclusivo, perífrases formadas a partir desse item (*assim que*, *assim como*, *mesmo/ainda assim*), Lopes-Damasio (2011a) estuda o item *assim*, em contextos em que sozinho ou em formação de locuções, desempenha a função de juntor, conforme os padrões: **(A)** – P *assim* Q (conclusivo); **B** – P *assim como* Q (comparativo, aditivo e conformativo); **C** – *Assim que* Q, P (temporal); e **(D)** – P, *mesmo assim* Q (contrastivo)<sup>48</sup>.

Lopes-Damasio (2011a) examinou quatro comportamentos semântico-formais dos usos de *assim* na locução *assim como* com as seguintes funções:

- a) Aditiva;
- b) Comparativa correlativa;
- c) Comparativa não correlativa; e
- d) Conformativa.

Desses comportamentos, dois tipos de relações e de interdependência puderam ser observados. A locução aditiva é utilizada em orações de mesmo estatuto, ou seja, livres e funcionalmente independentes. *Assim como*, localizado em Q, representa uma extensão do significado de P, acrescentando algo novo (adição) sem implicar relação causal ou temporal entre as orações. Nesse caso, a autora,

---

<sup>48</sup> Para uma análise mais detalhada, ver LOPES-DAMASIO (2011).

seguindo Halliday (1985, p. 207), mostra que essa combinação da extensão com parataxe resulta na co-ordenação entre orações (P + Q), fato que possibilita inversão da ordem dessas orações por se tratar de uma adição neutra, cf. exemplo:

(15) [...] Desejo sin-| cêramente que sua saude se tenha feito com a volta ao| clima em que o seu corpo foi criado, **assim como** desejo| que sua distinguida família se encontre bem [...] [FFXX-52b/119] (junção com acepção aditiva – perífrase conjuncional)

15' P: Desejo sin-| cêramente que sua saude se tenha feito com a volta ao| clima em que o seu corpo foi criado

15'' Q: **assim como** desejo| que sua distinguida família se encontre bem

Com inversão:

15''' desejo| que sua distinguida família se encontre bem, **assim como** Desejo sin-| cêramente que sua saude se tenha feito com a volta ao| clima em que o seu corpo foi criado

Nessa construção, *assim como* tem valor aditivo que expressa *inclusão*, pois é parafrazeável por *e também*. *Assim como* coordena as estruturas de natureza completiva de P e Q no interior da mesma proposição.

A locução *assim como*, comparativa (não-)correlativa e conformativa, é utilizada em estatutos diferentes, em que uma é funcionalmente independente (modificada) e outra dependente (modificadora). A relação de interdependência entre essas orações resulta no que tradicionalmente se define como “orações adverbiais”.

No entanto, nas comparativas (não-)correlativas, é impossível a inversão da ordem das orações envolvidas, pois os elementos envolvidos apresentam traços de hipotaxe e também de parataxe. Ocorre também uma relação de adição e de comparação, conforme exemplo da autora que ilustra as comparações correlativa e não-correlativa:

(16) eaSSi por mais que os queira ReduZir ao gremio deSSua igre| ja por velos taõ derramados: ConSsigo poCo fruto **aSSim** por alguñs | fugirem deSSua aldea; Como outros Sonegados de quem ostem. [AIXVIII-03/41] (junção com acepção comparativa correlativa – perífrase conjuncional)

(17) Meu presado Professor Fidelino | Meus pais muito estimam que o senhor | esteja melhor, **assim** como esta sua ami- | guinha que sempre o recorda com sal- | dade! [FFXX-54f/135] (junção com acepção comparativa não-correlativa – perífrase conjuncional)

A autora também expõe o traço modal de *assim* através do comportamento prototípico das conformativas. Os elementos são dependentes, mas a ordem das orações não é determinante.

(18) No artigo – Insomnia – que hoje publicamos vem uma censura á Camara Municipal por não ter dado aos providenciais precisas para o dessecamento do tanque do Zunega, visto que pelo Excelentíssimo Governo da Provincia ja lhe forão presentes os planos e orçamentos d'aquela obra, **assim como** necessaria para a mesma obra. |[LRXIX-495/99] (junção com acepção comparativa conformativa – perífrase conjuncional)

Dessa forma, a autora conclui que há uma forte fluidez nos padrões dessas construções, pois ocorre uma contiguidade dos padrões sintáticos.

A perífrase *assim que*, de acordo com Lopes-Damasio (2011a), apresenta sincronicamente valor temporal, podendo ser parafraseado por *logo que* e, em alguns casos por *mal*:

(19) a K. entrô(u) e foi postar umas cartas::... [Int.: ((risos))] e::... ói... **assim que** ela entrô(u) eu olhei... foi paixão à prime(i)ra vista [Int.: ((risos))] [...] [AC- 085/NE525] (junção com acepção temporal - perífrase temporal)

(19') [...] ói... **logo que/mal** ela entrô(u) eu olhei... foi paixão à prime(i)ra vista [...]

Ocorrências encontradas pela autora em cartas:

(20) Quanto | á casa, comadre, ainda não há por aqui vaga; **assim | que** haja lhe mandarei dizer. || Sua comadre e amiga || *Chiquinha*. [LRXIX-475/95] (junção com acepção temporal - perífrase temporal)

(21) Quanto ao trabalho sobre o Latim | Vulgar, que constitui assunto da | minha tese de concurso, estou re- | vendo-o para impressão. Mandar- | lhe ei com muito prazer um e- | xemplar **assim que** esteja impresso. [FFXX-52c/131] (junção com acepção temporal - perífrase temporal)

(22) [...] Realmente a | música nos transporma para um mundo superior | onde nos sentimos verdadeiramente felizes! | Por enquanto só posso ouvi-la através do radio, | pois ainda não comprei uma vitrola e...faço | questão de adquirí-la com o produto de meu | trabalho **assim que** for possível, se Deus quiser! [FFXX-54b/133] (junção com acepção temporal - perífrase temporal)

Para Lopes-Damasio (2011a), *assim que* funciona como juntor interproposicional, já que, em posição inicial de Q, articula orações, introduzindo a oração dependente em relação a P. A inversão da ordem também é possível sem que ocorra alteração nessa acepção.

Por sua vez, a perífrase *mesmo assim/ainda assim*, é caracterizada a partir de “flutuações semântico-cognitivas e categoriais”.

A autora começa suas considerações pelas relações contrastivas no domínio da flutuação entre as construções *concessivas* e *adversativas*. Após exposição da visão de alguns autores sobre essa mescla de contraste e concessão (KOCH, 2001; HALIDAY: HASAN, 1976; CHEN, 2000; QUIRK *et al.*, 1985) argumenta que uma relação concessiva implica uma relação adversativa. A autora, embasada em König (1985, p.5), ressalta que as adversativas, em nível de coordenação/parataxe, são definidas como relações entre proposições que suportam conclusões contraditórias, em que o ponto principal do falante se expressa pela segunda proposição (Q). Enquanto que as concessivas são baseadas em relações de condição/causa em eventos em nível de subordinação/hipotaxe.<sup>49</sup>

Nesta direção, Lopes-Damasio (2011a) denomina a relação P, *mesmo/ainda assim* Q, em usos mais gramaticalizados e prototípicos, como *contrastiva*, ao constatar traço de contra-expectativa.

Segue em (23) um exemplo de uso prototípico retirado de editorial:

(23) Quer nos parecer que hoje há vergonha| em confessar-se a verdade inteira. || **Ainda assim**, estas informações não [levam] | o sr. conselheiro director das terras | e colonização a formular um desmentido á | imprensa paulista, e particularmente a nós. [APSPXIX-1876/026] (junção com acepção contrastiva – perífrase conjuncional)

Nos usos mais gramaticalizados, a locução é empregada em orações consideradas livres e funcionalmente independentes. A oração introduzida por *mesmo/ainda assim* marca um significado contrastivo.

Segue quadro que sistematiza a exposição realizada:

**Quadro 03:** Usos, funções e categorias do item *assim*.

USOS	FUNÇÕES	CATEGORIAS
Modal	Sinalização extralinguística (situação)	Advérbio dêitico
	Sinalização anafórica (texto)	Advérbio fórico
	Sinalização catafórica (texto)	Advérbio fórico
Lógico-discursivos	Junção com acepção conclusiva	Juntor coordenativo
	Junção com acepção temporal	Perífrase conjuncional

<sup>49</sup>Cf. Lopes-Damasio (2011a), de acordo com Halliday (1985), a *parataxe* é a ligação de elementos de mesmo estatuto, cada elemento tem seu funcionamento pleno. A *hipotaxe* é a ligação de elementos de estatutos desiguais, em que um dos elementos é livre, o dominante, mas o dependente não o é.

	Junção com acepção comparativa	Perífrase conjuncional
	Junção com acepção aditiva	Perífrase conjuncional
	Junção com acepção conformativa	Perífrase conjuncional
	Junção com acepção contrastiva	Perífrase conjuncional (prototípica)
Discursivo	Modalizador epistêmico quase-asseverativo	Marcador discursivo

### 3.5 O caso de *logo*

Tradicionalmente o item *logo* é definido como conjunção coordenativa conclusiva, pois serve para ligar, à anterior, uma oração que exprime conclusão ou consequência. Pode variar de posição, conforme o ritmo, a entoação, a harmonia da frase (CUNHA, 2008, p. 336).

O item *logo*, segundo indicam dicionários etimológicos (FERREIRA, 1983; CUNHA, 1986), provém do latim *locus-i*, e era empregado para se referir a espaço e tempo, mas também com outros sentidos como situação social, emprego, ponto, questão, matéria, assunto e capítulo (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 94).

Em “Considerações sobre gramaticalização de conjunções na história do Português”, Longhin-Thomazi (2004a), verificou, no século XIII, a coexistência de apenas dois usos de *logo*: como substantivo (sinalizando sucessão espacial) e como advérbio (sinalizando sucessão temporal), conforme exemplos:

(01) Mandamos que quando ouuyre morte Del rey, todos garde senhorio e os dereytos del rey aaquel que reynar en seu **logo** e os que algua cousa teverem que perteesca a senhurio Del rey (13FR, p.132) (...todos guardem o poder e os direitos de rei àquele que reinar em seu lugar...) (posição física, lugar - substantivo)

(02) (...) e temo -me que me dê maldiçom em **logo** de beençom (14BMP, p.49) (...temo que me dê maldição em lugar de bênção) (posição física, lugar - substantivo)

No exemplo (1), o uso de *logo* denota “lugar”, mais precisamente posição física e social. Já em (2), ocorre uma comparação, uma construção de preferência, pois *logo* se refere a um lugar abstrato, equivalendo a “em vez de”, “em lugar de”.

Longhin-Thomazi (2004a) também aponta para o “*logo*” marcador de tempo que localiza momento posterior próximo ao presente, podendo ser parafraseado por “em breve”, “em seguida”. O *logo* que expressa relação de posterioridade pode apresentar valor dêitico (exemplo (3)), com uso ancorado em uma posterioridade em

relação à situação comunicativa, ou pode ter seu uso ancorado em uma “posterioridade em relação ao texto”, o que caracteriza o seu valor fórico (exemplos (4) e (5)), em que *logo* assinala um momento recuperável anaforicamente no contexto próximo. A sequência fórica precedente em (4) e (5) é expressa através de oração temporal iniciada por “quando” (4) e “tanto que” (5) (na época equivalente a “assim que”, com acepção temporal).

(03) E tanto que o viu, nembrou-lhe o que prometera a Galvam, e pensou se o cometeria **logo**, se depois. (13DSG, p.63) (E assim que o viu, lembrou-se do que prometera a Galvam, e pensou se o cometeria logo, se depois) (posterioridade em relação à situação comunicativa, referencialidade - advérbio dêitico)

(04) Quando Galaaz êsto ouviu, filhou **logo** sas armas e guisou-se o mais toste que pôde (13DSG, p.145) (Quando Galaaz ouviu isso, tomou logo suas armas e preparou-se o mais rápido que pôde) (posterioridade em relação ao texto, construção textual – advérbio fórico anafórico)

(05) Tanto que viu Galvam Erec **logo** o conheceu (13DSG, p.65) (Assim que viu Galvam Erec logo o reconheceu) (posterioridade em relação ao texto, construção textual – advérbio fórico anafórico)

A origem do juntor *logo*, segundo Longhin-Thomazi (2004a), parece datar do século XIV, considerando uma construção condicional do tipo “se P, logo Q”, na qual há uma relação necessária de causa/efeito ou argumento/conclusão, ou seja, se tem P, deve-se ter Q que pode ser inferida a partir da acepção temporal, mais concreta (“se P, em seguida Q” > “se P, portanto Q”). No exemplo seguinte, é possível perceber essa situação de ambiguidade:

(06) (...) e he chamado mar morto, porque nem pexes, nem aves nom vivem em ele, nem pode em ele andar navio, nem outra matéria nenhua, senon for bitumada, e se aliqua coisa morta hi lançarem, **logo** se afonda, e se for coisa viva, **logo** saae a cima pero seja amerguda per força. (14BMP, p.40) (... e se alguma coisa morta lançarem ali, logo afunda, e se for coisa viva, logo sai para cima) (ambíguo: posterioridade em relação à situação comunicativa e junção – advérbio dêitico e conjunção coordenativa conclusiva)

A autora explica que o fato de “lançar alguma coisa morta” implica o afundar, assim como “lançar coisa viva”, implica “sair acima”, mostrando um contexto em que *logo* começa a assumir uma posição mais previsível, ou seja, encabeçando a sentença. Além de veicular sentido de consequência ou conclusão ele também mantém acepção de tempo posterior, indicado pela paráfrase “em seguida afunda”.

Essa situação de ambiguidade, em que há a atuação da metonímia (propiciada pelo contexto) é interessante para a GR porque capta a gradualidade da mudança.

O uso de *logo* como jutor mais prototípico só foi constatado no século XVI, em contexto em que estabelece uma relação de conclusão, podendo ser parafraseado por “portanto”, “por conseguinte”, conforme exemplo (7):

(07) (...) e que isto seja verdade se vee acerca de nos, e muito mais acerca dos Indios se põe pera leuantar o membro, e elles o tem muito em vso: **logo** não vem a proposito pera a deminuiçam do coito vsar o tal çumo...(16CSD, p.19) (...que isso é verdade vemos acerca de nós e acerca dos índios que põem para levantar o membro, e eles o têm muito em uso: logo não vem a propósito usar tal sumo para a diminuição do coito) (junção – conjunção coordenativa conclusiva)

Em (8), a construção, de caráter polifônico, possibilita a remissão à oração precedente, funcionando como um operador que atua numa construção do tipo “P logo Q” (P serve de argumento para conclusão em Q) numa perspectiva argumentativa baseada em Maingueneau (1997).

(08) Para hum homem se ver a si mesmo, são necessarias tres cousas: olhos, espelho, & luz. Se tem espelho, & he cego; não se póde ver por falta de olhos: se tem espelho, & olhos, & he de noyte; não se póde ver por falta de luz. **Logo** ha mister luz, ha mister espelho, & ha mister olhos. (17SS, p.18) (junção – conjunção coordenativa conclusiva)

Longhin-Thomazi (2004a), reconstruindo os usos de *logo* na história da língua portuguesa, mostra que seu uso como advérbio fórico passou a funcionar como conjunção e também se articulou com *que* para formar a perífrase *logo que*. Conforme Said Ali (1966, p. 223) *logo que* sucedeu a *logo quando* e *logo como*:

(9) **Logo como** tomou do reino cargo, tomou mais a conquista do mar largo (Camões, Lus. 4,66) – **Logo quando** a [carta] ly, entrei comigo em grandes diferenças (Diogo Bernanrdes, O lima 218) – **Logo quando** [a procissão] acabou de despegar da igreja, ouve muyta gente devota que... quiz empregar a tarde em visitar á vontade a sepultura (Sousa, Arceb. 2, 375). (junção - perífrase adverbial)

Longhin-Thomazi (2004a) apresenta os usos de *logo* e *que* em alguns contextos que podem ter favorecido a emergência de *logo que*:

(10) O donzel era mui coitado e disse:  
 - Ora me leva a salvo, e eu e prometo que ta leve daqui a llll dias u quiseres.  
 - Pois fará-lo assi? disse o demo.  
 E el lho prometeu lealmente, e o demo o guiou **logo, que** o pôs em casa de seu padre. (13DSG, p.55) (... e o demo o guiou logo, quando o pôs na casa de seu pai) (junção – perífrase adverbial)

Nesse exemplo, devido ao uso da vírgula depois de *logo*, não ocorre a perífrase. A partícula *que*, segundo a autora, encabeça uma sentença temporal e funciona como *quando*. Nesse sentido, o *que* conforme Silva (2001, *apud* Longhin-Thomazi, 2004b), é uma conjunção subordinativa circunstancial temporal. A mudança teria se efetivado com a perda de fronteira entre os constituintes.

Segundo Longhin-Thomazi (2004a) a mudança que leva à perífrase temporal *logo que* é anterior à do juntor *logo*. No período arcaico, entretanto, possuía baixa ocorrência, devido à existência do sinônimo *tanto que*, empregado até por volta do século XVIII. Segue exemplo prototípico em que *logo que* exprime sequência imediata entre duas ações e tempos verbais no passado:

(11) E el rey Eurigo, **logo que** o soube, guysousse com todo seu poder e foy lidar co elle (14CGE, p.153) (E rei Eurigo, logo que soube, preparou-se com todo seu poder e foi combater com ele) (junção - perífrase adverbial prototípica)

A autora, na análise de seus dados, revela que *logo*, em uma de suas trajetórias, a que resultou na formação da perífrase conjuncional, percorreu uma mudança de categoria de advérbio a conjunção, mas não houve mudança semântica, conforme exemplo (11), permanecendo com a acepção temporal.

Já em relação ao juntor *logo*, sua trajetória mostra que houve uma mudança de categoria englobando também mudança semântica, pois um item que sinalizava sucessão espacial (exemplos (1) e (2)) passou a sinalizar sucessão temporal (exemplos (3), (4) e (5)) e mais tarde sucessão lógico-discursiva, ou seja, conclusão (exemplo (8)).

Na conclusão dos estudos, Longhin Thomazi (2004a) apresenta duas trajetórias:

- (i) a formação da perífrase temporal *logo que* (temporal *logo* + partícula *que*, também temporal);
- (ii) a emergência do juntor *logo* (resultado da mudança de sucessão temporal, a partir da sinalização de sucessão espacial, e posteriormente sucessão lógico-discursiva/conclusão);

Observe-se o quadro:

**Quadro 04:** Usos funções e categorias do item *logo*.

USOS	FUNÇÃO	CATEGORIA
Espacial	Posição física, lugar	Substantivo
Temporal	Posterioridade em relação à situação comunicativa, referencialidade	Advérbio dêítico
	Posterioridade em relação ao texto - construção textual	Advérbio fórico
	Junção	Perífrase adverbial
Lógico-discursivo		Conjunção coordenativa conclusiva

### 3.6 Análise dos itens no *corpus*: *ainda*, *assim* e *logo*

#### 3.6.1 Ocorrências de *ainda*

Na gramática tradicional, o item lexical *ainda* exerce a função de advérbio e valor semântico de tempo. Destaca-se o comportamento desse item nas ocorrências recortadas das cartas correspondentes aos séculos XVIII e XIX, atentando-se para seus aspectos semântico-funcionais.

Considerando a descrição e análise de Longhin-Thomazi (2005), observam-se, no *corpus*, usos semelhantes e que também podem ser divididos em dois grupos: o dos temporais e o dos argumentativos.

Nos dados do século XVIII, o uso temporal de *ainda* funciona como marcador de tempo continuativo com formas verbais marcadas e não marcadas. Nesse caso, o item como indicador de tempo continuativo acrescenta uma noção de constância de um estado ou manutenção de algo que já está em andamento. Corroboram para as formas verbais marcadas os usos no particípio e no infinitivo, conforme exemplos (01), (02), (03) e (04), em que o item pode ser parafraseado por *até o momento* e *até então*:

(01) Acanna *Excellentissimo* Senhor não te=|nho **ainda** acabado de móer por meter quebrado o emgenho [...]. (Ms 19, 51-54/11<sup>50</sup>) (tempo continuativo - advérbio)

<sup>50</sup> Refere-se ao número da ocorrência do item no *corpus*.

(02) Este| Padre pela sua docilidade e genio amigo da paz, para a qual em| todo o tempo Concorreu com zelo Pastoral, sempre foi, e **ainda**| he amado da maior parte da Missão, na qual são raros| os Indios originarios do Certaõ, e *muítos* os nascidos ali, e| destes huma boa parte são Caburés [...].(Ms 20, 29-33/13) (tempo continuativo - advérbio)

(03) [...] da necessidade requeria a Con-| cluzão das Suas obrigaçoens Quadragezymas, por elle as ter| principiado, e ter todo o conhecimento dos Seus Parochianos| existentes pelos Seus Citios, cujos dezobrigos **ainda** estavaõ por fazer| de Cujos Reis, e o mais elle mesmo devia dar Contas na *primeira* das Cons| tituiçoens Ecclesiasticas. (Ms 20,151-157/15) (tempo continuativo - advérbio)

(04) Elle tem *bastantez* talentos eluzes sufficientes *para* conhecer,| e respeitar, como deve a Grande Authoridade e as grandes| bondades do coração de Vossa Excellencia| **Ainda** não pude Saber o estado em *que* se achaõ as| dependencias da herança do *Dito* Vigario conservada no luj| zo dos Auzentes, na mesma Villa do Cuyaba. (Ms 30,15-20 /24) (tempo continuativo - advérbio)

Também no século XIX, ocorre o mesmo uso, com circunstância de tempo continuativo e verbo no infinitivo, permitindo o mesmo tipo de paráfrase. Concomitante, chama-se a atenção, em (05), para a coocorrência da conjunção condicional *se*, prototípica de condicionalidade:

(05) [...] a penas pude agora com incrível trabalho| dispor os dous, que vão á prezença de Vossa Excellencia, para seguir hum o destino ((que))| Vossa Excellencia terá premeditado; e o outro, para ficar instruindo os Pâmas, como Or| dena outro Avizo; que recebeo *Illustrissimo* e *Excellentissimo* *Senhor Governador* e *Capitam General* | deste Estado. Em outra occaziaõ poderá ir mais algum, *se* **ainda** for necessario|e Vossa Excellencia assim o determine [...]. (Ms 45, 27-32/29) (tempo continuativo - advérbio)

As ocorrências de (06) a (08) apresentam o item como marcador de tempo continuativo com formas verbais não marcadas:

(06) [...] Os dous Escravos em que se tinha feito penho| ra ao tal Bicudo, *para* pagamento de loaõ BaptistaA=| ranha, achão se **ainda** no mesmo depozito *para* se re=| meterem à essa Villa em *setembro*. (Ms 12, 43-46/7) (tempo continuativo - advérbio)

(07) No amplissimo Territorio da Jurisdicção de VossaExcellencia es=| taõ Igrejas,*que* **ainda** pertencem a esta Dioceze do Rio, e ha| taõ pouco Ecclesiasticos, como ja será constante aVossa Excellencia e oxalá| *que* esses mesmos fossem taõ dignos, *que* bem cumprissem seus deveres. (Ms 21, 12-15/17) (tempo continuativo - advérbio)

(08) Eao actual secretário desde| ô dia que sua Alteza Real lhe fes merce thé 12 do|Corrente mes tem vencido desuas Propînas a quantia|de 2128500-reis *que* **ainda** se lhe estaõ devendo, e ago|ra mesmo não podemos certificar aVossa Excellencia

quan| do poderêmos contribuir com as referidas Propînas [...]. (Ms 35, 21-26/26)  
(tempo continuativo -advérbio)

Como operador argumentativo, *ainda* pode funcionar como intensificador, enfatizando uma ideia expressa em coocorrência com um advérbio ou partícula adverbial. No caso da ocorrência (09), o advérbio *mais* é intensificado pelo item (*como quem queria saciar ainda mais o odio*), que pode, por sua vez, ser parafraseado por *muito*:

(09) [...] he huma Camara de brejeiros, marotos, e mal criados.| 4º) que tornava (relativamente ao 2º facto) de tarde, | como quem **a inda** queria saciar mais o odio, evin=| gança, e dissera que havia de dar quatro bofetoenz| na cara de cada hum de ((persi)) dos Senadores, [...].(Ms 33,182-186 /25) (intensificador - advérbio)

Os dados revelaram ocorrências, expostas em (10) e (11), em que podem ser constatados traços semântico-formais dos dois usos adverbiais apresentados: o temporal continuativo e o argumentativo intensificador. Ou seja, nessas ocorrências, a semântica temporal, por meio da paráfrase por *até mesmo*, verifica-se em um contexto marcado pela intensificação de *muito* e *bem*, respectivamente:

(10) [...] para o prover no Posto de Capitam mor à pezar do grande im-| pedimento de sangue infecto, por ser Caburé, e da idade **ainda** muito | verde, para reger a humas pessoas taõ puras no sangue, e taõ| privilegiadas como saõ os Indios; [...].(Ms 20, 12-19/12) (ambíguo: intensificador e tempo continuativo - advérbio)

(11) [...] recomendou viva| mente, que se amassem os irmãos huns aos outros,| com inteireza e amor da Religião: quenaõ desam| parassem os que não estivessem **ainda** bem firmes, eins| truidos na Doutrina Evangelica, e que exemplo do | seu Santo e composto comportamento, lhes servisse| de regra e Doutrina [...]. (Ms 25, 32-41/21) (ambíguo: intensificador e tempo continuativo - advérbio)

Em (10), o adjetivo *verde* permite compreender que o sujeito a ser provido ao posto de capitão-mor até o momento não tinha alcançado o tempo (idade) para tal cargo, o que possibilita concepção de tempo continuativo, fato que é intensificado por *muito*. Para (11), ocorre a mesma situação de ambiguidade, nesse caso expressa pelo advérbio *bem* que intensifica a situação que, ao mesmo tempo, sugere tempo continuativo.

Observa-se também uma ocorrência em que estão envolvidas as acepções de tempo e contraste:

(12) [...] eComo os Mineyros Estavaõ chegar teria com elles; eao Co=| mandante da Villa deBorbaEscrevia para bem daSua aComodaçaõ, ins=| tou que queria hir naquella mezma oCaziaõ **ainda** apezar dequal quer| inComodo [...].(Ms 5, 8-12/3) (ambíguo: tempo continuativo e contraste - advérbio)

Em (12), tem-se uma relação de ambiguidade expressa por *mesma ocasião*, que determina uma relação de tempo, enfatizada pelo uso contíguo de *ainda*, e, logo em seguida, pelo uso de *apesar de* que marca a leitura de contrastividade. Ou seja, nesse contexto, o item *ainda* aparece numa relação de contiguidade entre as acepções temporal e contrastiva, marcadas, cada uma delas, por outros recursos linguísticos (“naquela mesma ocasião” e “apesar de”).

Também se encontram usos que sinalizam para a adição de um novo tópico em uma argumentação. Esses casos envolvem operadores de inclusão que introduzem argumento mais forte e mais fraco. A ocorrência (13) exemplifica um uso em que é introduzido argumento mais forte, parafraseável por *além disso*:

(13) Os suca-|vadores que nomeei declararaõ de baixo de juramento serem parti-| veis taõ somente 12 Dattas, tendo tirado hum delles em hum bu-| raco de dez palmos em quadra *oito oitavas*, outro *sete quartos* em outro| semelhante; e outros *muíto* pouco pela razão de ser o outro|de ((vieiro)) ou *Caminho* Com oqual naõ apertaraõ, certamente como| Creio, e he Costume, per naõ se quererem Cansar *muíto*: oque| supposto **ainda** determinei que examinase o mesmo Descu-|bridor, e alguns dos Sucavadores os lugares Circunvizinhos,| que dizem tem a mesma formação [...] (Ms 17, 32-44/9) (operador de inclusão de argumento mais forte - advérbio)

Nos dados analisados, o uso de *ainda* como operador de inclusão de argumento mais fraco apresenta-se, apenas, em casos de ambiguidade. A ocorrência (14) exemplifica uma ambiguidade envolvendo a acepção de tempo:

(14) Para poder eu formar algum conseito dos mais| Ecleziasticos de Matto Grosso, mandei vizitar as Suas Igrejas| e pedi as informaçõens, de *que* necessitava e a *Vossa Excellencia* mesmo Se\ra cons| tante o infelis exito de semelhante Vizitaçaõ, da qual| nem **ainda** agora tenho podido conseguir saber sua rezulta. (Ms 22, 43-47/18) (ambíguo: operador de inclusão de argumento mais fraco - advérbio)

Na construção, verifica-se o uso da conjunção “nem”, que, segundo Neves (2011, p. 755), funciona na adição de um argumento mais fraco, numa escala de argumentos que apontam para uma mesma direção, somado ao item *ainda*, introduzindo argumento mais fraco com acepção negativa. No enunciado, a acepção

temporal é marcada pelo uso do *agora*. Mais uma vez, o item focalizado é usado em contiguidade com itens que garantem acepções diferentes, impossibilitando a decisão de sua leitura em relação a apenas uma dessas acepções, em detrimento da outra. *Ainda* pode estar enfatizando a leitura de operador de inclusão, incidindo sobre “nem”, ou a leitura temporal de “agora”.

Em relação ao uso do item como juntor com acepção concessiva, em que pode ser parafraseado por *mesmo*, seguem exemplos de usos prototípicos:

(15) Provisão porque semandou que SeSuspendesse O-| Ouvidor doCuyabá loam Antonio Vaz Morilhas **ainda**| noCazo deSedilatar ou morrer o Ouvidor que denovofosse| nomeado. (Ms 3, 25-28/2) (juntor de concessão - conjunção concessiva prototípica)

(16) [...] mas tambem por ter sido eu a Cau-| za de que o mesmo Reverendo vigario voltasse a Sua Igreja, he *mu*to necces-| sario *que* este **ainda** Contra Sua Vontade exista nella the depois| da festa de Santa Anna [...] (Ms 20, 170-174/16) (juntor de concessão - conjunção concessiva prototípica)

(17) [...] Eultimamente outras| muitas frioleiras, que ahonestidade eogrande respeito| quetenho aVossaExcellencia, mesuprime e referillas; sendo que|que **ainda** para estas mitenho arrastado comviolencia,|apezar somente da Conservação destepobrePovo,| que VossaExcellencia setem servido submeter ameuCargo [...]. (Ms 26, 97-102/22) (juntor de concessão - conjunção concessiva prototípica)

Prevalece, nessas construções, uma manobra argumentativa, na qual o falante apresenta uma objeção que se presume ser a do ouvinte ou da opinião pública e logo a descarta, prevalecendo o que está expresso na oração núcleo (THOMAZI, 2005, p. 1365). Por isso, costuma-se afirmar que as concessivas apresentam um forte teor dialógico, conforme esquema proposto por Neves (2006, p. 233): previsão de objeção + reconhecimento do peso da objeção + prevalência do ponto de vista do falante/escrivente, como, por exemplo, na ocorrência (15), em que mesmo *noCazo deSedilatar ou morrer o Ouvidor que denovofosse nomeado* ainda assim *semandou que SeSuspendesse O- Ouvidor doCuyabá loam Antonio Vaz Morilhas*, ou seja, o fato de “ser o Ouvidor morto” não é causa suficiente para se deixar de “suspender o Ouvidor de Cuiabá”, trata-se, portanto, de uma objeção que, embora reconhecida, não tem peso suficiente para fazer com que deixe de prevalecer o ponto de vista do escrevente, codificado na oração núcleo. Percebe-se, nas construções, que a expectativa abre o valor concessivo e gera uma contra-

causa. As conjunções concessivas são marcadas por uma condição inoperante ou insuficiente em que o sentido que se espera é o de negar, contrariar ou contrastar. Por isso, a relação concessiva também é chamada de causa frustrada e tem sido enquadrada junto às adversativas, como contrastivas.

Soma-se ao juntor concessivo prototípico a ocorrência em (18), em que se apresenta também a aceção condicional no contexto:

(18) [...] e, como se esta| sua aferção não fora já hù dezacato, **ainda** só conside| rada *relativamente* a mim, pasou a encher a morada dos| seos desvarios, dizendo ao Reverendo Escrivão que, no cazo de | se-lhe-fazer alguma violencia, appareceria em Vila [...]. (Ms 37, 23-29/27) (juntor de concessão - conjunção concessiva prototípica)

Nesse caso, apresenta-se uma nuance condicional-concessiva, a partir da qual a concessividade de *ainda*, parafraseável por *mesmo*, contrasta com o valor hipotético introduzido por *se*, na seguinte leitura:

(18') [...] **se** esta sua aferção não fora já hù dezacato, **mesmo** só considerada *relativamente* a mim [...].

Dessa forma, ocorre uma leitura condicional-concessiva, na qual, além da condicional presente no contexto – e marcada por *se* – a concessão da oração iniciada por *ainda* poderia ser parafraseada por *mesmo se*, focalizando a condicional *se*, pelo elemento *mesmo*, e mostrando a proximidade das leituras condicional e concessiva nesse contexto.

A relação concessiva também foi constatada em (19) e (20), em que se soma ao item *ainda* um operador de inclusão de argumento mais fraco, gerando construções ambíguas:

(19) [...] tem estado em Saõ Vicente três sacerdotes dessa Villa, eque não sepo=| deraõ acómodar, quanto mais indo elles com despezas daqui, eque airẽ por-vio| lencia não sei quem lhes-há de fazer as precisas despezas.| Do Provimento do meu coadjutor naõ tenho noticia; nem **ainda**| esperança delle bem fundada. [...]. (Ms 10, 21-26/6) (ambíguo: operador de inclusão de argumento mais fraco e concessão - advérbio)

(20) [...] se eu tivesse as mesmas| ideas *que* agora tenho sobre o seu delicto, me não atreveria| nem **ainda** a fallar nelle a Vossa Excellencia *que* sei obra em tudo| com o maior acerto, e quidade, e justiça. (Ms 16, 94-99/8) (ambíguo: operador de inclusão de argumento mais fraco e concessão - advérbio)

Contextualmente, o correlato linguístico *nem* corrobora a leitura de *ainda* como operador de inclusão de argumento mais fraco, que pode ser parafraseado por *ao menos*. Ou seja, o contexto de uso do operador de inclusão de argumento mais fraco funciona em concordância com a leitura concessiva (“*nem mesmo*” a falar nele...).

Além disso, pode-se destacar a leitura condicional-concessiva, em contextos de uso de *ainda* em concordância com *se*, como em (21), que permite paráfrase por *mesmo se*. Trata-se de um importante contexto para a emergência da acepção concessiva do item.

(21) Estimo, *que* o Padre Domingoz daSilva Xa| vier **ainda** se podesse se aproveitar das Benefencias de| *Vossa Excellencia* assim elle se saiba regular *para* o futuro, e volte| para o Seu Bispado a pedir as instrucçoens de *que* necessari| ta ao seu Grande Prellado. (Ms 22, 75-79/20) (juntor de concessão - conjunção concessiva não prototípica)

Também se encontra uso da perífrase *ainda assim*, com acepção de contraste e com possibilidade de paráfrase por *apesar disso*:

(22) [...] equeira antes dissimular, *que* eu tome este pequeno dezaffogo entre Nós ambos; na| certeza, de que hé hua prova de reconhecimento das virtu|des deVossa Excellencia, *que* constantemente ouço a todos, *que* tem a felicidade de conhecerem nesse paíz: e que **ainda assim**| não he das mesmas intençoens affligir taõbem aVossa Excellencia [...]. (Ms 28, 50-58/23) (juntor de concessão - perífrase concessiva prototípica)

Nesse contexto, ocorre a estratégia argumentativa na qual o item funciona como partícula de reforço contrastivo. Sucede, dessa forma, uma negação de inferência expressa no segundo fato: *apesar disso não é das mesmas intenções affligir a Vossa Excelência*, contrário ao primeiro segmento, em que ocorre a asseveração: *que o reconhecimento das virtudes é dito por todos*.

Na ocorrência (23) visualiza-se um contexto em que há traços da relação de contraste e de concessão expressas na construção *e+ ainda + assim mesmo*:

(23) [...] estes Excellentissimo Senhor| naforma que elles andaõ não tenho gente Competente *para* os guardar por|ser nesseçario huma guarda a cada individuo, e **ainda** aSim mesmo não|fazem nada, que as Suas roças he o mesmo que oanno passado, huns planta=|raõ Sinco pratos, eoutros aSeis, eoutros nada, pois eu Excellentissimo Senhor tenho|me exforçado amandallos quetrabalhem, [...]. (Ms 19,14-19/10) (juntor de concessão - perífrase concessiva não prototípica)

Nessa ocorrência, *ainda assim* permite paráfrase por *apesar disso*, reforçando a leitura de contrastividade, enquanto, por outro lado, o uso contíguo de *mesmo* indica concessão, o que é possível a partir do traço de contra-expectativa, comum a ambas. Segundo Heine *et al.* (1991, p. 192 *apud* LOPES-DAMASIO, 2011a, p.174), em relação ao traço de contra-expectativa:

[...] a noção de expectativa relaciona-se ao fato de que as línguas, de modo geral, apresentam formas de expressão para codificar a distinção entre *situações que correspondem às normas compartilhadas* e *situações que se desviam dessas normas*, sendo apenas estas codificadas pela gramática. Os elementos marcadores de contra-expectativa ou, simplesmente, *contrastivos* codificam gramaticalmente esse segundo tipo de situação. Seu uso implica uma comparação entre o que é dito e o que se espera/pressupõe, em relação à norma.

A ocorrência (24) ilustra o uso da perífrase concessiva *ainda que* coocorrendo com aditiva e anteposta:

(24) [...] A todos estimo, como devo, ede todos naverdade| careço paza as funçoéns, e ministerio do Altar. Não poderei fazer| anomeação sem que accumule sobre mim hum repugnante dezagrado| de seus amigos, parentes eparciaes. **E ainda que** acção não seja minha,|já mais me-poderei justificar. (Ms 10, 10-16/4) (juntor de concessão - perífrase concessiva prototípica)

Visualiza-se, no *corpus*, a ocorrência de *ainda que* concessivo em construção não prototípica:

(25) [...] mas pouco tempo depois rom| peuse a noticia de que o mesmo Capitam mor se hia queixar à| *Vossa Excellencia* não só doVigario mas de mim tambem, o que **ainda que** não quiz acreditar em toda sua extensão, com tudo remetido| huma ordem (cuja Copia remetto da mesmaforma *que* esta em | borraõ para a sua maior *authenticidade*) ao Sargento mor da Missão [...] (Ms 20, 77-87/14) (juntor de concessão - perífrase concessiva não prototípica)

Sintaticamente, essa construção, envolvendo a perífrase concessiva *ainda que*, não pode ser considerada prototípica, pois o que caracteriza uma construção concessiva, nesses parâmetros, é, por exemplo, o modo verbal subjuntivo, o que não é visível no exemplo. A relação dos verbos na construção contradiz tal expectativa. O verbo *querer* aparece no pretérito perfeito do indicativo, ao invés do imperfeito do subjuntivo *quisesse*. Soma-se, ainda, o verbo acreditar no infinitivo e,

logo em seguida, a expressão com verbo no particípio (com tudo remetido) que deveria figurar-se como *remeto*, corroborando a não-prototipicidade morfossintática desse contexto. Apesar disso, ele apresenta traços semânticos de contrastividade, pois se verifica a aproximação de aspectos contrários na construção.

Por fim, os usos de (26) a (29) exemplificam a perífrase *ainda que* prototípica, ligando orações e ideias, introduzindo ressalvas e também sinalizando concessão. Em todas elas, é possível a paráfrase por *mesmo que*:

(26) [...] Fui Servido por resolução| de20 doCorrente tomada emConsulta domeu Conselho Ultramarino que Sesuz| penda Logo o dito ouvidor actual loaõ Antonio Vaz Morilhas, **ainda que**| porqualquer incidente Sedillate, ou morra o novo ouvidor nomeado pormim,| o que assim o farey executar. (Ms 3, 16-20/01) (juntor de concessão - perífrase concessiva prototípica)

(27) [...] Da lista junta pode VossaExcellencia nomear, quem me=| lhor lhe parecer: que eu executarei, como devo, as Ordens de VossaExcellencia **Ain=| daque** permita-me VossaExcellencia dizer tudo/ pello que alcancei dos seus animos,| antes acceitaraõ a saída desta Capitania, doque passarem a essa Capital,| easim aqui, elá sentiremos amesma falta. (Ms 10, 16-20/5) (juntor de concessão - perífrase concessiva prototípica)

(28) *VossaExcellencia* conhece muito bem os embaraços insupe| raveis, que ocorrem, *para* o Bispo do *Reverendo* mandar bons| Operarios aos Vastos Sertoens de Matto Grosso, e taõ| nocivos, de que todos Se queixaõ, **ainda que** sem taõ justas| Cauzas, como *VossaExcellencia* me des: más como se poderá re| zistir á vóz commum, *que* inculca a pestilhencia dos ares| desse Clima? (Ms 22, 52-58/19) (juntor de concessão - perífrase concessiva prototípica)

(29) [...] os porcos revolverão ames|ma ((terra)) e o Adro ficou com insupportavel fetido,|vendo eu isto fui ter com o *Reverendo Senhor* Vigario para |mandar cobrir a dita Sepultura commais terra|**ainda que** amesma ficace fora do nivel de *primeira* de bem pilada, para assim evitar a exhalação|putrida, o que logo feito, ficou remediado omal [...].(Ms 44,23-29/28) (juntor de concessão - perífrase concessiva prototípica)

Para caracterizar a prototipicidade dessas ocorrências, além dos aspectos morfossintáticos, ressalta-se o fato de se apresentarem no contexto a “concomitância ou simultaneidade de dois eventos, fatos ou situações que geram algum estranhamento” (LONGHIN-THOMAZI, 2004b, p.225). Há, nesse caso, a coocorrência de coisas incompatíveis vistas a partir de um mesmo ponto de vista que é reforçado pela perífrase *ainda que*.

É possível perceber que *ainda* desempenha diversas funções no discurso dos falantes expressos nas cartas, como a de marcador de tempo continuativo, operador de inclusão, intensificador e juntor de concessão, incluindo, neste último, os usos

perifrásticos. Essas funções vão ao encontro daquelas encontradas por Longhin-Thomazi (2005), no entanto, algumas especificidades devem ser frisadas: nos usos temporais, não foi encontrada a marcação de tempo futuro, mas somente a de tempo continuativo (com formas verbais marcadas e não marcadas). Soma-se, ainda, o uso temporal de *ainda* em contexto marcado por acepção contrastiva, não constatado pela autora.

Nos usos argumentativos, não foi encontrado o operador de inclusão com função neutra, mas apresentam-se os operadores de inclusão de argumento mais forte e fraco. No que tange aos operadores de inclusão de argumento mais fraco, é importante salientar que os dados revelaram apenas ocorrências ambíguas, envolvendo acepção de tempo e concessão, fato novo se comparado aos usos encontrados por Longhin-Thomazi (2005).

Ainda nos usos argumentativos, o item atua também como intensificador de caráter ambíguo com a acepção de tempo continuativo, outro tipo de ocorrência não encontrado pela autora.

Usos envolvendo juntor concessivo e condicionalidade não foram expostos pela autora, mas, nos dados aqui analisados, observou-se a conjunção concessiva, além dos usos prototípicos, em ocorrências que envolvem condição no contexto, expressando, uma acepção hipotética. Trata-se, dessa forma, de um importante contexto para a emergência de sua acepção concessiva.

Somando-se aos concessivos, apresentam-se a perífrase *ainda que*, em construção prototípica e não prototípica, e também a perífrase *ainda assim* com acepção de contraste. Nos dados da autora, exemplificou-se somente o uso da perífrase concessiva prototípica (*ainda que*).

Todos esses usos e funções, encontrados nas cartas aqui analisadas, apresentam-se dispostos no quadro abaixo:

**Quadro 05:** Usos, funções e categorias do item *ainda* no corpus.

USOS	FUNÇÕES		CATEGORIAS	EXEMPLOS (Seção 3.6.1)
Temporais	Tempo continuativo	Com formas verbais marcadas e não marcadas (particípio e infinitivo)	Advérbio	<p><b>Marcadas:</b> Acanna <i>Excellentissimo</i> Senhor não te= nho <b>ainda</b> acabado de móer por meter quebrado o emgenho [...]. (Ms 19, 51-54/11)</p> <p><b>Não marcadas:</b> [...] Os dous Escravos em que se tinha feito penho  ra ao tal Bicudo, para pagamento de loaõ BaptistaA=  ranha, achão se <b>ainda</b> no mesmo depozito para se re=  meterem à essa Villa em setembro. (Ms 12, 43-46/7)</p>
		Uso ambíguo (tempo + intensificação) Uso ambíguo (tempo + contraste)	Advérbio	<p><b>Tempo + intensificador:</b> [...] para o prover no Posto de Capitam mor à pezar do grande im-  pedimento de sangue infecto, por ser Caburé, e da idade <b>ainda</b> muito   verde, para reger a humas pessoas taõ puras no sangue, e taõ  privilegiadas como saõ os Indios; [...].(Ms 20, 12-19/12)</p> <p><b>Tempo + contraste:</b> [...] eComo os Mineyros Estavaõ chegar teria com elles; eao Co=  mandante da Villa deBorbaEscrevia para bem daSua aComodaçaõ, ins=  tou que queria hir naquella mezma oCaziaõ <b>ainda</b> apezar dequal quer  inComodo [...].(Ms 5, 8-12/3)</p>
Argumentativos	Operador de inclusão	Operador de inclusão de argumento mais forte	Advérbio	Os suca- vadores que nomeei declararaõ de baixo de juramento serem parti-  veis taõ somente <u>12</u> Dattas, tendo tirado hum delles em hum bu-  raco de dez palmos em quadra <i>oito oitavas</i> , outro <i>sete quartos</i> em outro  semelhante; e outros muito pouco pela razãõ de ser o outro de ((vieiro)) ou <i>Caminho</i> Com oqual não apertaraõ, certamente como  Creio, e he Costume, per não se quererem Cansar <i>muito</i> : oque  supposto <b>ainda</b> determinei que examinase o mesmo Descu- bridor, e alguns dos Sucavadores os lugares Circunvizinhos,  que dizem tem a mesma formaçaõ [...] (Ms 17, 32-44/9)
		Operador de inclusão de argumento mais fraco Uso ambíguo (operador de inclusão de argumento mais fraco + tempo) Uso ambíguo (operador de inclusão de argumento mais fraco + concessão)	Advérbio	<p><b>Op. de inclusão de argumento mais fraco + tempo:</b> Para poder eu formar algum conseito dos mais  <i>Ecleziasticos</i> de Matto Grosso, mandei vizitar as Suas <i>Igrejas</i>  e pedi as informaçoens, de <i>que</i> necessitava e a <i>Vossa Excellencia</i> mesmo Se\ra cons  tante o infelis exito de semelhante <i>Vizitaçaõ</i>, da qual  nem <b>ainda</b> agora tenho podido conseguir saber sua rezulta. (Ms 22, 43-47/18)</p> <p><b>Uso ambíguo (op. argumento mais fraco + concessão):</b> Provizão porque semandou que SeSuspendesse O-  Ouvidor doCuyabá loam Antonio Vaz Morilhas <b>ainda</b>  noCazo deSedilatar ou morrer o Ouvidor que denovofosse </p>

				nomeado. (Ms 3, 25-28/2)
	Intensificador	Prototípico Ambíguo: (intensificador + tempo continuativo)	Advérbio	<p><b>Prototípica:</b> (09) [...] he huma Camara de brejeiros, marotos, e mal criados.   4º) que tornava (relativamente ao 2º facto) de tarde,   como quem <b>a ainda</b> queria saciar mais o odio, evin=  gança, e dissera que havia de dar quatro bofetoenz  na cara de cada hum de ((persi)) dos Senadores, [...]. (Ms 33,182-186 /25)</p> <p><b>Não prototípica:</b> [...] para o prover no Posto de Capitam mor à pezar do grande im-  pedimento de sangue infecto, por ser Caburé, e da idade <b>ainda muito</b>   verde, para reger a humas pessoas taõ puras no sangue, e taõ  privilegiadas como saõ os Indios; [...]. (Ms 20, 12-19/12)</p>
	Juntor de concessão		Conjunção concessiva prototípica e não prototípica	<p><b>Prototípica:</b> Provizão porque semandou que SeSuspendesse O-  Ouvidor doCuyabá loam Antonio Vaz Morilhas <b>ainda</b>   noCazo deSedilatar ou morrer o Ouvidor que denovofosse  nomeado. (Ms 3, 25-28/2)</p> <p><b>Não prototípica:</b> Estimo, <i>que</i> o Padre Domingoz daSilva Xa  vier <b>ainda</b> se podesse se aproveitar das Beneficencias de  VossaExcellencia assim elle se saiba regular para o futuro, e volte  para o Seu Bispado a pedir as instrucçoens de que necessi  ta ao seu Grande Prellado. (Ms 22, 75-79/20)</p>
Perífrase contrastiva prototípica e não prototípica ( <i>ainda assim</i> )			<p><b>Prototípica:</b> Não me estranhe Vossa Excellencia, equeira antes dissil  mular, <i>que</i> eu tome este pequeno dezaffogo entre Nós ambos; na  certeza, de que hé hua prova de reconhecimento das virtu des deVossa Excellencia, <i>que</i> constantemente ouço a todos, <i>que</i> tem a felicidade de conhecerem nesse paiz: e <b>ainda assim</b>   não he das mesmas intençoens affligir taõbem aVossa Excellencia [...]. (Ms 28, 50-58/23)</p> <p><b>Não prototípica:</b> [...] estes Excellentissimo Senhor  naforma que elles andaõ não tenho gente Competente para os guardar por ser nesseçario huma guarda a cada imdividuo, e <b>ainda</b> aSim mesmo naõ fazem nada, que as Suas roças he o mesmo que oanno passado, huns planta= raõ Sinco pratos, eoutros aSeis, eoutros nada [...]. (Ms 19,14-19/10)</p>	
Perífrase concessiva prototípica e			<p><b>Prototípica:</b> [...] Fui Servido por rezolução  de20 doCorrente tomada emConsulta domeu Conselho Ultramarino que Sesuz  penda Logo o dito ouvidor actual loaõ Antonio Vaz Morilhas, <b>ainda que</b>   porqualquer incidente Sedillate, ou morra o</p>	

		não prototípica ( <i>ainda que</i> )	novo ouvidor nomeado pormim,  o que assim o farey executar. (Ms 3, 16-20/01) <b>Não prototípica:</b> [...] mas pouco tempo depois rom  peuse a noticia de que o mesmo <i>Capitam</i> mor se hia queixar à  <i>Vossa Excellencia</i> não só do <i>Vigario</i> mas de mim tambem, o que <b>ainda que</b>   não quiz acreditar em toda sua extensaõ, com tudo remetido  huma ordem [...] (Ms 20, 77-87/14)
--	--	---	--

Na tabela abaixo, visualiza-se as frequências *token* e *type*<sup>51</sup> do item:

**Tabela 01:** Frequência *token* e *type* do item *ainda*.

Frequência <i>token</i>	Frequência <i>type</i>		
29 (100%)	11		
	Usos	Funções	Valor absoluto e percentual
	Temporais	Tempo Continuativo	7 ( 24,13%)
		Tempo continuativo + intensificador	2 (6,88%)
		Tempo + contraste	1 (3,44%)
	Argumentativos	Operador de Inclusão de argumento mais forte	1 (3,44%)
		Operador de Inclusão de argumento mais fraco (somente usos ambíguos)	3 (10,32%)
		Intensificador	1 (3,44%)
		Juntor de concessão (prototípico)	4 (13,76%)
		Juntor de concessão (não prototípico)	3 (10,32%)
		Perífrase concessiva prototípica	5 (17,2%)
		Perífrase concessiva não prototípica	1 (3,44%)
		Perífrase contrastiva	2 (6,88%)

\*(Observação: não foi quantificada ocorrência repetida relacionada a cópia de carta Ms 4 (cópia do Ms 3).

### 3.6.2 Ocorrências de *assim*

O item *assim* é entendido pela gramática tradicional como advérbio de modo, que qualifica uma ação, um processo ou um estado. A partir da análise das ocorrências do item, são verificados comportamentos que vão além da função tradicional de modificar as propriedades de um verbo ou de um adjetivo. Nos contextos observados, o item atua com funções modais fóricas, discursivas e em usos ainda caracterizados como conjunção coordenativa conclusiva não prototípica.

Em geral, os advérbios de modo fazem parte de uma categoria não fórica, “mas o advérbio *assim*, que indica modo, tem uma natureza pronominal, funcionando como referenciador textual” (NEVES, 2011, p. 242). Nos dados, encontram-se ocorrências de *assim* desempenhando a função textual, em que realiza referência anafórica e catafórica. Os usos anafóricos são exemplificados com as seguintes ocorrências:

(01) Fui Servido por resolução| de20 doCorrente tomada emConsulta domeu Conselho Ultramarino que Sesuz| penda Logo o dito ouvidor actual loaõ Antonio Vaz

<sup>51</sup> O critério *frequência* é subsidiado por Bybee (2003), na qual a frequência *token*, diz respeito a frequência textual de ocorrência de um item independentemente de seu significado/função, e a *type*, à frequência com que um padrão particular ocorre, podendo ser avaliada por meio da consideração das diferentes funções assumidas pelos itens em análise (LONGHIN-THOMAZI, 2011).

Morilhas, ainda que| porqualquer incidente Sedillate, ou morra o novo ouvidor nomeado pormim,| o que **assim** o farey executar. (Ms 3, 16-20/04) (sinalização anafórica – advérbio fórico)

(02) [...] disse a dita Es=| crava que não achará Pessoa alguma no rancho em| *que* devia estar o dito Bicudo; Eque vira sinaes de *que*| se tinhaõ depenado Aves bastantes, e que julgava| ter elle fugido com toda a sua Familia; Eman=| dando Eu Examinar se **assim** hera achei ter elle| fugido; Como tambem Ignacio Pereira Leaõ, com Mais| Irmaõ, e todos os seus Escravos [...] (Ms 12, 8-17/9) (sinalização anafórica – advérbio fórico)

(03) [...] Antonio Ferreira Coelho, Escrivaõ da Real | Fazenda,vá ao Corpo da Guarda prin| cipal, aondeseacha prezo o ditto Reverendo Ca| pellaõ lavar o ditto Protesto na qual asi| gnará omencionado Capellaõ Cabo da| Guarda, e duas Testemunhas edepois de | **assim** executado, mandará de ordem| minha em nome de*Sua Excellencia* soltar o refe|rido Capellaõ; [...]. (Ms 27, 18-26/28) (sinalização anafórica – advérbio fórico)

Nos exemplos, ocorre a recuperação de informação já identificada previamente: no caso da ocorrência (01), o item retoma a ação de [*suspender logo o ouvidor*], em (02), retoma a narrativa da escrava, e, em (03), o ato de lavar o protesto. Nessa função, o item assume o papel de “elemento de coesão intratextual” (LOPES, 2008, p.108).

Somam-se aos exemplos de usos do item como advérbio fórico que realiza sinalização anafórica, usos de construção cristalizada com as expressões: *que assim seja* e *que assim não seja*. Essa composição lembra o substantivo “amém”, usado para expressar anuência, aprovação ou consentimento (muito proferido nos rituais cristãos), vocábulo que vem do hebraico *amén* que significa *assim seja* (HOUAISS, 2009, p. 114). No caso de (05), a acepção é negativa.

(04) [...] satisfazendo-me com esta de-| monstraçãõ, e dezejando efficazmente *que* elle a vista do *que* eu obrava naquella occaziaõ se emendasse dos seus mais procedimentos elle assim mo prometeu: Deos queira e permita *que assim* seja. (Ms 16,110-117/16) (sinalização anafórica – advérbio fórico)

(05) [...] Estou cheio dehorror| esperando outras iguaes noticias, que a experiencia de outras Se-| melhantes invazoens fazem justamente recear: Deos permita *queassim* não seja. (Ms 17, 62-65/17) (sinalização anafórica – advérbio fórico)

De (06) a (09), o item, ao mesmo tempo em que remete anaforicamente a informações anteriores, também indica uma leitura que corresponde a uma relação de causa/consequência/conclusão, assumindo a noção de coordenação baseada nos moldes semânticos propostos por Bally (1965), que pressupõem “uma noção de oração desvinculada da representação sintática, que distingue sujeito e predicado

gramaticais” (LONGHIN-THOMAZI, 2006, p.1776). Nesse caso, as orações equivalem a atos de enunciação que se bipartem em segmentos de importância comunicativa diferente: um *tema* e um *propósito*. O tema se refere ao ponto de partida ao qual é somado o propósito, entendido como o centro de interesse da comunicação (BALLY, 1965, *apud* LONGHIN-THOMAZI, 2006).

Nesse sentido, seguindo a composição de Longhin-Thomazi (2006), dois enunciados se bipartem numa estrutura denominada de C1 e C2 (C para corresponder a enunciados coordenados) e só serão coordenados se certas condições forem atendidas: C1 deve constituir um ato de enunciação independente e C2 deve completar o sentido de C1, ou seja, C2 constitui o propósito de C1. “Isso equivale a dizer que C2 tem a dupla função de recuperar ou reativar uma informação dada e de predicar sobre ela, acrescentando informação nova” (LONGHIN-THOMAZI, 2006, 1777).

Nas construções seguintes, é permitida a paráfrase por *desse modo, dessa forma*, ou seja, o item ainda não assume seu valor conclusivo, apesar de assumir a posição de C2, que favorece a emergência dessa acepção e da função juntiva:

(06) E não posso deixar de estimar, *que* o Reverendo Vigario| do Cuiabá correspondesse aos desejos deVossa Excellencia| lhe enviasse ultimamente os provimentos necessarios para o mesmoPadre| Francisco Iozé Ribeiro Servir as Vigararias da| Vara, e Igreja deVilaBela: **assim** este Sacer| dote Corresponda á Nossa expectaçã, *para que* Vossa Excellencia| e tambem eu, e os povos, que elle têm de reger, possamos| ter a consolação de viver em pás no Seio da Igreja. (Ms 22,10-20/19) (ambíguo: sinalização anafórica e junção com acepção conclusiva - advérbio fórico/juntor coordenativo conclusivo)

(07) Estimo, *que* o Padre Domingoz daSilva Xa| vier ainda se podesse se aproveitar das Benefencias de| VossaExcellencia **assim** elle se saiba regular *para* o futuro, e volte| para o Seu Bispado a pedir as instrucçoens de *que* necessari| ta ao seu Grande Prelado. (Ms 22, 75-79/20) (ambíguo: sinalização anafórica e junção com acepção conclusiva - advérbio fórico/juntor coordenativo conclusivo)

(08) Dezejo deprocurar notícias da saude deVossaExcelencia, hé sempre| o primeiro objecto *que* me conduz a Sua Prezença: **assim** Vossa Excelencia as| possa dar tao boas como cordialmentelhe apeteço. (Ms 30,1-4 /33) (ambíguo: sinalização anafórica e junção com acepção conclusiva - advérbio fórico/juntor coordenativo conclusivo)

(09) [...] hé de viva vóz os Meus Sentimentos e convirmos|entre ambos /sem passar ao conhecimento de terceira pessoa|o que poderia convir ao Serviço de Deos, aoSossego dos nossos|espíritos, e ao cumprimento dos Nossos deveres; e não acho outro| recurso, Senaõ a Deos e a Nossa Soberana: **assim** viessem as| Suas Sabias providencias em os dias de Vossa Excellencia *que* com o Seo adm|ravel exemplo, *que* atodos edifica [...]. (Ms 28, 27-37/29) (ambíguo: sinalização anafórica e junção com acepção conclusiva - advérbio fórico/juntor coordenativo conclusivo)

Considerando as informações sobre tema e propósito de Bally (1965), *assim* desempenha um movimento retroativo, ou seja, anafórico (C1 + *assim* C2), conforme seu uso como advérbio fórico. Ilustrando com o exemplo (08), *assim* reitera C1, ou melhor, a construção *Illustrissimo e Excelentissimo Senhor desejo de procurar notícias da saúde de Vossa Excelência, é sempre o primeiro objecto que me conduz a sua presença* constitui o tema que é seguido pelo propósito: *assim Vossa Excelencia as possa dar tao boas como cordialmentelhe apeteço*. Cabe destacar que a sinalização dos dois pontos, nos exemplos (06), (08) e (09), reforça a foricidade do item ao retomar anaforicamente o tema anunciado (C1: *assim* C2). Nesses casos, a natureza adverbial do item é mantida, mas a posição assumida pelo item já é a de seu uso como juntor coordenativo conclusivo. Em outras palavras, está-se diante de um contexto morfossintático e funcional que favorece a emergência dos usos juntivos conclusivos de *assim*.

Nas ocorrências (10) e (11), o item apresenta usos modais, com sinalização textual anafórica, porém com possibilidade de leitura conclusiva, graças à coocorrência com verbos em sua forma nominal gerúndio:

(10) Seos vaçallos não tivessem o recurço deSeos Soberanos que violencias não ex-| perimentariaõ dos Menistros poderozos, emal intencionados, e principalmente nas=| conquistas, aonde as largas distancias os fazem absolutos, abrogando **assy** as juris| dições todas edando intelligencias Sinistras ás Leys por que para adicizaõ fica Lon| ge aMagestade [...]. (Ms 1, 02-08/01) (ambíguo: sinalização anafórica e junção com acepção conclusiva - advérbio fórico/juntor coordenativo conclusivo)

(11) [...] vendey pella vossapropria maõ caxa-| as aos copos aos escravos captivos, atroco de frascos va-| zios, para compores frasqueiras, abem de estabe| ceres onegocio damesma caxassa; insitando **assim**| os escravos aserem Ladrõens de frascos para vos vende| rem [...]. (Ms 26, 49-66/25) (ambíguo: sinalização anafórica e junção com acepção conclusiva - advérbio fórico/juntor coordenativo conclusivo)

A reduzida de gerúndio, somada ao item, gera um contexto propício para uma possível leitura conclusiva. Dessa forma, no contexto de (10) *ab-rogando assim as jurisdições todas*, o item pode ser parafraseado por *dessa forma, desse modo* e também por *portanto*. O mesmo ocorre com o exemplo (11), *insitando desse modo/portanto os escravos a serem ladrões*. Ocorrem, nesses exemplos, usos ambíguos do item, mas que encaminham para o desenvolvimento de sua acepção como juntor conclusivo.

No exemplo (12), apesar de *assim* permitir paráfrase por *dessa forma*, ou seja, atuar como advérbio anafórico, observamos, novamente, a forma verbal gerúndio atrelada a ele, propiciando sua leitura conclusiva. Nessa ocorrência, no entanto, chama-se a atenção para o contexto; *assim* seguindo imediatamente o verbo *ser* no gerúndio. Para Lehmann (1988, p. 210-211), *apud* Lopes-Damasio (2011a, p. 148), a construção é equivalente a *assim sendo*, no inglês, como “connective phrase”, correspondente a uma oração adverbial reduzida. Temos a seguinte construção: [oração reduzida de gerúndio [[verb. ser]+[assim]]+[oração], e, se considerarmos a elipse da forma verbal, teremos *assim* desempenhando seu papel juntivo. Depreende-se que, a partir da oração reduzida (*sendo assim*), deriva-se o uso de *assim* como juntor coordenativo conclusivo, propiciado por esse contexto.

(12) [...] e fazendo com *que* a resposta chegue| a tempo ou de eu evitar os ditos festejos com o nome de *Vossa Excellencia* ou| de os disfarçar, sendo **assim** do agrado de *Vossa Excellencia* para o que tomo| o expediente de não fazer saber apessoa alguma (Ms 16, 38-47/13). (ambíguo: sinalização anafórica e junção com aceção conclusiva - advérbio fórico/juntor coordenativo conclusivo)

Também foram constatadas coocorrências de *assim* com a conjunção *e*, em que *e* admite paráfrase por *portanto*, conforme (13) e (14):

(13) [...] por rezaõ doCargo menaõ podia prender, *equando*| pudesse havia ser elle empessoa, por eu ter oforo defidalgo daCasa de*Vossa Magestade*| elle memandou dizer, que *Ssim* podia **eaSsim** medei por prezo por evictar du| vidas, e alguma grande revolução noPovo, por que o maiz delle estavaSenti| do da Sem rezaõ que comigo Seobrava, [...].(Ms 1, 35-41/02) (ambíguo: sinalização anafórica e junção com aceção conclusiva - advérbio fórico/juntor coordenativo conclusivo)

(14) [...] Da lista junta pode *VossaExcellencia* nomear, quem me=| lhor lhe parecer: que eu executarei, como devo, as Ordens de *VossaExcellencia* Ain=| daque permittame *VossaExcellencia* dizer tudo/ pello que alcancei dos seus animos,| antes acceitaraõ a saída desta Capitania, doque passarem a essa Capital,| **easim** aqui, elá sentiremos amesma falta. (Ms 10,16-20/6) (ambíguo: sinalização anafórica e junção com aceção conclusiva - advérbio fórico/juntor coordenativo conclusivo)

Nesses casos, tem-se uma construção ambígua, pois, contiguamente à atuação anafórica expressa pelo item, também há possibilidade de leitura conclusiva, devido à coocorrência com *e*, que desempenha o papel juntivo, no complexo. Assim, na construção *e assim me dei por prezo por evictar duvidas*, é possível a paráfrase

de *e assim* por *e dessa forma*, uso adverbial (mais concreto) ou por *portanto* (uso mais abstrato). Nas palavras de Lopes-Damasio (2011a, p. 645), “contextos como esse representam um importante passo no processo de mudança linguística [...] que leva *assim*, a partir de suas funções retro-propulsoras a desempenhar um papel articulador de orações”. Por meio da reinterpretação induzida pelo contexto (metonímia), compreende-se as transferências funcionais dos dois itens em questão.

Também em sua atuação fórica, o item se comporta lançando movimento projetivo, ou seja, remetendo a informações posteriores, cataforicamente, e mantendo a possibilidade de paráfrase por *dessa forma*, *dessa maneira* ou *desse modo*:

(15) Dezejando corresponder effectivamente aos dezejos, com que Vossa Excellencia| se entereza pelo riquerimento dos officiaes da Camara de Matto Grosso,| não me he possivel mostralo **assim** na prezente Conducta. (Ms 25,1-8/24) (sinalização catafórica – advérbio fórico)

(16) [...] Do Escrivão daCamara, pensão|que sou algum maroto, algum tratante, tratão-me de| bagatella ao que me respondeu **assim**= isso são couzas| do Escrivão= pois Vossas Merces, disse eu, não tem as Cart| as antes de as aSignar= tornou elle a mesma resposta| =isso são couzas do Escrivão= [...]. (Ms 33, 98-107 /36) (sinalização catafórica – advérbio fórico)

Retomando (15), o segmento *na prezente Conducta*, sinalizado cataforicamente por *assim*, intensifica a informação de que *Vossa Excellencia se entereza pelo riquerimento dos officiaes*, ou seja, o item prepara o leitor para o que será dito posteriormente. Em (16), preparando a inserção de um discurso direto, *assim* atua como escopo da porção textual à sua direita, *isso são couzas do Escrivão*, sendo o item, inclusive, acompanhado pelo verbo *dicendi* “respondeu”.

Também encontra-se a junção com acepção temporal, marcada pela locução *assim que*, indicando sequência imediata de ações no tempo. Na ocorrência (17), é admissível a paráfrase por *logo que*:

(17) **Assim que** nodia des docorrente abrimos-|em Camara a carta deVossa Excellencia datada de Vinte e quatro do-| proximo Setembro nos deregimos com ella cheio do=| mayor prazer aoExcellentissimo eReverendissimo Senhor Bispo (Ms 41,1-8/42) (junção com acepção temporal - perífrase temporal)

É interessante notar que, nesse caso, *assim que* está numa posição de início de discurso, iniciando uma oração que desempenha a função de “determinar a

localização temporal da situação descrita na oração principal, funcionando como um adjunto temporal” (LOPES-DAMASIO, 2011a, p.168).

Os verbos empregados, na construção expressa em (17), estão no pretérito perfeito do indicativo, o que revela uma culminação de eventos representados pelos verbos que denotam acontecimento, ação ou movimento num determinado momento no tempo.

Esse tipo de uso não é recorrente, principalmente nos dados do século XVIII (a única ocorrência, exposta em (17), foi constatada em *corpus* do século XIX), o que pode ser justificado pelo uso abundante, na variedade pesquisada, de *logo que*, no período, substituindo a perífrase *assim que*, na indicação de tempo imediato.

Também encontra-se a locução conjuntiva *assim como*, com acepção comparativa, pois a partícula *como* exerce a função de comparação, sendo reforçada pela partícula correlativa *assim* (SAID ALI, 1964, p. 145). Segundo Neves (2011, p. 898), “as construções comparativas oracionais são compostas de uma oração nuclear, ou principal, e uma oração comparativa, que constitui um segundo termo de comparação em relação à oração principal” (NEVES, 2011, p. 898). Nesse domínio, destacam-se dois tipos de junção comparativa: as correlativas e as não correlativas. Primeiramente, seguem as ocorrências que exemplificam as comparativas não correlativas:

(18) [...] sei que me será defícil a=|minha Justificaçãõ; mas nem por isso esmoreço,-| nem por isso eide confessar a culpa que naõ commet=| ti; eu assevero com verdade, que **assim como** sou fa=| cil em confessar a culpa que reconheço, **igoalmente** e com a=| mesma facilidade, confessaria a que ignoro, e a respei=| to da qual me julgo innocente. (Ms 33,204-210/37) (junção com acepção comparativa não correlativa - perífrase conjuncional)

(19) Esta ordem he uti-| lissima, e para naõ haver queixa de dispeza naõ pertendo levar assig-|natura dos moradores, **assim como** ja pratiquei com huns Pilotos e Proeiros|que foraõ pelos Rios, aos quaes mandei correr Folha todos juntos para|naõ gastarem. (Ms 16,48-56/14) (junção com acepção comparativa não correlativa - perífrase conjuncional)

Nas construções comparativas não correlativas, a oração comparativa é iniciada por conjunção ou locução conjuntiva indicadora de comparação de igualdade (NEVES, 2011, p. 900), nesse caso, por *assim como* em posição de Q (sendo Q correspondente à oração responsável pela comparação e P à oração principal ou nuclear). Um dos aspectos observados, envolvendo a construção

comparativa não correlativa, é o fato de não ser possível a inversão da ordem de P e Q.

Em (18), a comparativa (Q) é anteposta a P, em que aparece o advérbio *igualmente*, enfatizando a comparação e a elipse de *culpa*, tornando inapropriada a inversão da ordem sintática sem a alteração de parte da estrutura:

Q: *assim como* sou fácil em confessar a culpa que reconheço,  
P: *igualmente* e com a mesma facilidade, confessaria a [*culpa*] que ignoro.

Por sua vez, as construções comparativas correlativas, segundo Neves (2011, p. 898), apresentam-se em dois formatos: uma oração principal e uma oração comparativa (que expressa um segundo termo da comparação, de mesma natureza que o primeiro). Nas palavras de Lopes-Damasio (2011b, p.176), embasada em Neves (2000):

[...] as construções comparativas deste último tipo são sempre de igualdade e implicam uma *adição correlativa*, do tipo *não só... mas também*, somada à comparação. Nesse tipo de correlativas, também indicando uma adição correlativa, a autora inclui as comparativas que têm: (a) em P, um elemento de inclusão, como *também*, *assim também*, entre outros; e (b) em Q, a conjunção comparativa prototípica *como* precedida pelo indicador fórico modal *assim* (*assim como*).

Para Neves (2011, p. 899), essas construções, envolvendo elementos de inclusão e a conjunção comparativa *como* precedida de *assim*, também implicam uma adição comparativa, conforme exemplo da autora: “*Assim como* o sistema se diferencia (na modernidade) em dois subsistemas (economia e Estado), *também* ocorrem diferenciações no interior do “mundo vivido”.

Na construção, a locução *assim como*, pode ser substituída por [*do mesmo modo que*] e *também* por [*do mesmo modo também*] reforçando o valor aditivo. Na ocorrência em (20), tem-se essa mesma explicação, já em (21), apresenta-se a correlativa de termos, e, em (22), a de sintagmas:

(20) [...] *porquanto* não podemos averiguar com| exacção as materias tendentes á nossa jurisdicção *que* revestidas| do receyo senão Concluão Com aquella ponderação permittida| aos cazos, **eassim Como** são os Contractos deste Sennnado *que* se| achão Como Onus de naõ serem rematados sem apermissão| do dito Ouvidor Geral Me quer, **como tãobem** não permittir o mes-| mo *que* Tefaçãõ obras publicas Como erecção de Fontes, [...].(Ms 2, 06-16/03) (junção com acepção comparativa correlativa - perífrase conjuncional)

(21) Em forma que estamos espermentando os furtos de cria [[os furtos]] nas [[cria]]çoens e temendo algú| desatino pois a fiuza dos fugidos os que|naõ andaõ estaõ furtando **aSim** porcos|**como** cabras, equalinhas dentro do Arraial [...] (Ms13, 29-37/11) (junção com acepção comparativa correlativa - perífrase conjuncional)

(22) Eu nunca deixo de padecer molestias **assim** no corpo, **como** no espiri-|to; mas sem embargo ((a ellas)), fará todos os esforços a minha fraqueza, para obe-| decer, e executar as determinaçoens de *Vossa Excellencia*. (Ms 45, 57-59 /46) (junção com acepção comparativa correlativa - perífrase conjuncional)

Em (21), *assim como* se encontra disjunto, porém sem perda do valor comparativo e, se considerar a sua junção, tem-se a seguinte estrutura:

(21') Em forma que estamos espermentando os furtos nas criaçoens e temendo algú desatino pois a fiuza dos fugidos os que naõ andaõ estaõ furtando porcos **assim como** cabras, equalinhas dentro do Arraial [...].

Levando em conta a construção comparativa de igualdade, constata-se também a implicação de uma adição comparativa correlativa nos exemplos. Tem-se, então, a seguinte possibilidade de leitura:

(21'') [...] pois a fiuza dos fugidos os que naõ andaõ estaõ furtando [*naõ só*] porcos [*como também*] cabras, equalinhas dentro do Arraial [...].

Para a junção com acepção aditiva parafraseável por *e também*, seguem as ocorrências em (23) e (24):

(23) O mesmo entregou hum|recibo de Gregorio *Pereira* deSouza, por onde comta haver re-|cebido doprocurador daquele seis Guias, que devem alguns |*Negociantes* dessa *Capital* para cobralos, cujo recibo remeto ao*Doutor*| Provedor, **assim como** duas Guias que omesmo Moura entre-| gou Omesmo fez entrega de dois recibos hum do *Tenente*| Bernardo Lopes daCunha outro do *Capítam* loaõ dos Santos [...]. (Ms 29,17-23/31) (junção com acepção aditiva - perífrase conjuncional)

(24) No dia 16 pertendemos por Edital doSennado que|hade de Ser publicado com asostentação praticada ouOu| tras Semelhantes o((Carcoens)), publico aoPovo as mes| mas festas, determinando-selhe o que deveraõ obrar, **a| sim como** ailluminação dasSuas moradas nastres| ((ns)) ((ate)) de 30 e 31 doCorrente, e no *Primeiro* doCandeeiro. (Ms 42,17-22/43) (junção com acepção aditiva - perífrase conjuncional)

Para Lopes-Damasio (2011b, p.177), *assim como*, no domínio da coordenação aditiva, apresenta-se de forma mais neutra do que nas construções comparativas e conformativas, pois marca uma relação de adição entre os elementos coordenados. Na mesma direção, Neves (2011, p. 739), tratando da

natureza da conjunção aditiva *e*, argumenta que na construção aditiva, ocorre o acréscimo de “um segundo segmento a um primeiro, recursivamente, seja qual for a direção relativa desses segmentos, determinada pelas variações contextuais”.

Em (23), *assim como* adiciona uma informação: além do recibo entregue ao Provedor também foram entregues duas guias. A inversão das orações também é possível, primeiro o falante/escrevente poderia falar das guias e depois dos recibos:

23' Remeto ao doutor Provedor duas guias, *assim como* um recibo de Gregorio Pereira de Souza [...].

A análise das ocorrências comparativas permite a seguinte sistematização:

As *comparativas* não-correlativas mantêm as características da interdependência e do binarismo (cf. NEVES, 2000, p. 742), mas podem somar a essas características o valor semântico de adição, representando um ponto médio do contínuo, análogo à ambiguidade entre as duas acepções. Por outro lado, prototipicamente, as *aditivas* prototípicas, articuladas por *assim como*, são independentes e eneárias<sup>52</sup>, e as *comparativas* correlativas são dependentes e binárias. O valor *aditivo* pode ser apreendido em todas elas, embora em graus diferenciados: mais claramente nas coordenadas e mais opacamente nas correlativas, graças à existência, entre comparação e adição, de uma relação redundante (LOPES-DAMASIO, 2011a, p. 163).

Em (25), a seguir, tem-se um caso de conclusão articulado pelo juntor coordenativo prototípico *e*, somado à relação contrastiva, expressa por *assim mesmo*:

(25) [...] Commutais algumas|indiscretas promessas como he adança deSaõ Gonçal|lo, em *três oitavas e meia*; Centas *que* vos venhaõ directamente a maõ|pellos devedores, os seus fiadores; aliaz naõ os desobri|gueis da Quaresma; **eassim mesmo** Commutais em *igual*|quantia, as promessas das Ladaÿnhas em Leomil|aNossaSenhora da saude [...]. (Ms 26, 67-76/26) (junção com acepção contrastiva – perífrase conjuncional)

Nesse contexto, além da leitura modal (*da mesma forma*), os itens *assim* e *mesmo* podem formar uma locução juntiva, permitindo leitura contrastiva. Ocorre que a relação contrastiva se dá pela situação não esperada ou incompatível em Q, não correspondendo à situação factual/verdadeira em P: justamente pelo fato de não os

<sup>52</sup> Proposição formada por um número indefinido de orações articuladas.

*desobrigar da quaresma mesmo que cumpram as promessas ou mesmo nas suas aflições e molestias.*

A seguir, destaca-se uma ocorrência do advérbio de intensidade *bem* junto ao item *assim*:

(26) [...] ficou o Seo Casal onrado de Varias dependencias, e cobranças, as| sim como ja estava notempo do falecimento de Sua Mae| eentre ellas **bem assim** são as Cobranças de Varios deve| dores na dita Villa de Matto Grosso [...]. (Ms 23, 6-14/22) (comparativo - advérbio de verificação)

Em (26), o uso de *bem assim* atua como advérbio de verificação, ou seja, focaliza a parte do enunciado que vem a seguir, colocando-a como foco da mensagem (NEVES, 2011, p. 240). Nessa perspectiva, o uso dos dois advérbios modais não expressa mudança de sentido, nem modo e nem relação lógico-discursiva, mas uma espécie de averiguação do que já foi expresso, ou seja, as cobranças continuam da *mesma forma* ou igualmente como já ocorriam antes, daí a natureza comparativa da construção.

Em (27), na sequência, se apresenta um caso de intensificação envolvendo *assim*:

(27) [...] não duvidando eu do-[tratamento que me compete, e com medou por| muito contente como se convier darei as maiores pro|= vas; **e tanto a sim**, que costume riscar nas petições que| me apresentão, o tratamento de Senhoria, e receber benigna|= mente das pessoas com quem tenho familiaridade,| o de Mera. (Ms 33, 33-39 /34) (intensificador - marcador discursivo)

Nesse contexto, *assim*, contíguo a *tanto*, exerce papel de intensificador, bem como de anafórico textual. No entanto, se subtrair o advérbio *tanto*, *assim* não daria conta de exercer o papel de intensificador, mas apenas de modal (*desse modo*). É importante salientar que, nessa construção, o item atua como marcador discursivo de intensificação, já que funciona como um indicador de expressividade do conteúdo apresentado.

Diante da análise das ocorrências, foi observado que a atuação do item se dá de diferentes maneiras no *corpus*: em seus usos modais (mais recorrentes), foram constatadas ocorrências em que o item funciona como sinalizador anafórico e catafórico (menos recorrente). Não foi encontrado nenhum uso com função dêitica, como na pesquisa de Longhin-Thomazi (2006) e de Lopes-Damasio (2008, 2011), o

que pode ser justificado pela natureza do material textual analisado, tal como tais pesquisas indicam. Entretanto, somam-se aos usos anafóricos casos de ambiguidade que levam ao uso juntivo conclusivo do item, que não foi verificado, portanto, em ocorrências prototípicas.

Foi encontrado também usos de perífrases conjuncionais compostas por *assim*, tais como a de acepção temporal, comparativa (correlativa e não correlativa), aditiva e contrastiva. Por fim, destacou-se apenas uma ocorrência de marcador discursivo, atuando como intensificador.

O quadro, a seguir, sistematiza todos os usos encontrados:

**Quadro 06:** Usos, funções e categorias do item *assim* no *corpus*.

USOS	FUNÇÕES	CATEGORIAS	EXEMPLO (seção 3.6.2)
Modal	Sinalização anafórica (texto)	Advérbio fórico	[...] vira sinaes de que  se tinhaõ depenado Aves bastantes, e que julgava  ter elle fugido com toda a sua Familia; Eman=  dando Eu Examinar se <b>assim</b> hera achei ter elle  fugido; Como tambem Ignacio Pereira Leão, com Mais  Irmaõ, e todos os seus Escravos [...] (Ms 12, 8-17/9)
	Sinalização anafórica em posição C2	Advérbio fórico	Dezejo deprocurar noticias da saude deVossaExcelencia, hé sempre  o primeiro objecto que me conduz a Sua Prezença: <b>assim</b> Vossa Excelencia as  possa dar tao boas como cordialmentelhe apeteço. (Ms 30,1-4 /33)
	Sinalização catafórica (texto)	Advérbio fórico	[...] Do Escrivão daCamara, pensão que sou algum maroto, algum tratante, tratão-me de  bagatella ao que me respondeu <b>assim</b> = isso são couzas  do Escrivão= pois Vossas Mercedes, disse eu, não tem as Cart  as antes de as aSignar= tornou elle a mesma resposta [...]. (Ms 33, 98-107 /36)
	Ambíguo: sinalização anafórica (texto)/ junção com acepção conclusiva	Advérbio fórico/juntor coordenativo conclusivo	[...] por eu ter oforo defidalgo daCasa deVossa Magestade  elle memandou dizer, que Ssim podia ea <b>Ssim</b> medei por prezo por evictar du  vidas, e alguma grande revolução noPovo, por que o maiz delle estavaSentil do da Sem rezaõ que comigo Seobrava, [...].(Ms 1, 35-41/02)
	Advérbio comparativo (bem assim)	advérbio de verificação	[...] ficou o Seo Cazal onrado deVarias dependencias, e cobranças, as  sim como ja estava notempo do falescimento deSua Mae  eentre ellas <b>bem assim</b> são as Cobranças deVariosdeve  dores na ditaVilla de Matto Grosso, que sendo enviadas ao Cui  abá emvida do pai das Supplicantes ao Tenente Ioaquim Jo-  zedos Santos, este as= enviou damesmaVilla de Matto Gros  so ao Tenente Bernardo Lopes daCunha [...]. (Ms 23, 6-14/22)
Lógico-discursivos	Junção com acepção temporal	Perífrase conjuncional	<b>Assim que</b> nodia des docorrente abrimos- em Camara a carta deVossa Excellencia datada de Vinte e quatro do-  proximo Setembro nos deregimos com ella cheio do=  mayor prazer aoExcellentissimo eReverendissimo Senhor Bispo eahi con  veinos com o mesmo Senhor, em que nodia primeiro  de Novembro secelebrou aSolene Acção deGraças pe  llaVinda eestada deSua Alteza Real no Brazil. (Ms 41,1-8/42)
	Junção com acepção comparativa (correlativa e não correlativa)	Perífrase conjuncional	<b>Correlativa:</b> Em forma que estamos espermentando os furtos de cria [[os furtos]] nas [[cria]]çoens e temendo algú  desatino pois a fiuza dos fugidos os que naõ andaõ estaõ furtando <b>aSim</b> porcos  <b>como</b> cabras, equalinhas dentro do Arraial [...] (Ms13, 29-37/11) <b>Não correlativa:</b> [...] sei que me será deficil a= minha Justificação; mas nem por isso esmoreço,-  nem por isso eide confessar a culpa que não commet=  ti; eu assevero com verdade, que <b>assim como</b> sou fa=  cil em confessar a culpa que reconheço, <b>igoalmente</b> e com a=  mesma facilidade, confessaria a que ignoro, e a respei=  to da qual me julgo innocente. (Ms 33,204-210/37)
	Junção com acepção aditiva	Perífrase conjuncional	O mesmo entregou hum recibo de Gregorio Pereira deSouza, por onde comta haver re- cebido doprocurador daquele seis Guias, que devem alguns  Negociantes dessa Capital para cobralos, cujo recibo remeto

			aoDoutor  Provedor, <b>assim como</b> duas Guias que o mesmo Moura entregou O mesmo fez entrega de dois recibos hum do Tenente  Bernardo Lopes da Cunha outro do Capitam Ioão dos Santos [...]. (Ms 29,17-23/31)
	Junção com acepção contrastiva	Perífrase conjuncional	[...] Commutais algumas indiscretas promessas como he adança de Saõ Gonçallo, em <i>três oitavas e meia</i> ; Centas <i>que</i> vos venhaõ directamente a maõ pellos devedores, os seus fiadores; aliaz não os desobri gueis da Quaresma; <b>e assim mesmo</b> Commutais em igual quantia, as promessas das Ladaýnhas em Leomil aNossaSenhora da saude [...]. (Ms 26, 67-76/26)
Discursivo	Intensificador	Marcador discursivo	[...] não duvidando eu do- tratamento que me compete, e com medou por  muito contente como se convier darei as maiores pro=  vas; <b>e tanto a sim</b> , que costumo riscar nas petiçoens que  me apresentão, o tratamento de Senhoria, e receber benigna=  mente das pessoas com quem tenho familiaridade,  o de Mera. (Ms 33, 33-39 /34)

Segue a tabela com a frequência *token* e *type* dos usos do item:

**Tabela 02:** Frequência token e type do item *assim*.

Frequência <i>token</i>	Frequência <i>type</i>		
47 (100%)	10		
	Usos	Funções	Valor absoluto e percentual
	Modal	Sinalização anafórica (texto)	16 (34,04%)
		Sinalização anafórica em posição C2	5 (10,63%)
		Sinalização catafórica (texto)	2 (4,25%)
		Ambíguo: sinalização anafórica (texto)/ junção com acepção conclusiva	6 (12,76%)
		Advérbio comparativo (bem assim)	1 (2,12%)
	Lógico-discursivos	Junção com acepção temporal	1 (2,12%)
		Junção com acepção comparativa (correlativa e não correlativa)	9 (19,14%)
		Junção com acepção aditiva	3 (6,38%)
		Junção com acepção contrastiva	3 (6,38%)
	Discursivo	Intensificador (MD)	1 (2,12%)

### 3.6. 3 Ocorrências de *logo*

O operador *logo* é prescrito pela gramática tradicional como advérbio temporal e conjunção conclusiva. Nos dados recortados das cartas do século XVIII e XIX, examinam-se alguns comportamentos do item, atentando para seus usos semântico-funcionais. Também para esta análise recorreu-se à pesquisa realizada por Longhin-Thomazi (2004a, 2004b) como aporte para as considerações analíticas.

É frequente a ocorrência de *logo* como marcador temporal, em que o item localiza um momento posterior muito próximo ao presente, podendo ser parafraseado por *em breve* ou *e em seguida*. Nessa função de advérbio temporal, *logo* pode desempenhar duas funções: (i) marcar a posterioridade em relação à situação comunicativa (referencialidade); ou (ii) marcar posterioridade no texto (construção textual). O uso em (i) será chamado aqui, a exemplo da proposta de análise de Longhin-Thomazi (2004a), de advérbio dêitico, e o em (ii), de advérbio fórico.

(01) [...] chegou ao Porto desta Villa Veyo na| Campanha de meo Sucessor, hū relligiozo de Saõ Francisco da Cidade de | Saõ Paulo chamado Frei Altanario apedir esmollas para odito con| vento: Eprocurando eu **logo** alicensa que havia, me respondeo| que atrazia dentro em Sua Cartas para Vossa Excellencia [...]. (Ms 6, 01-08/3) (posterioridade em relação à situação comunicativa – advérbio dêitico)

(02) [...] ao Sargento mor da Missão| para governar interinamente facultando a todos os Indios que qui-| zessem hir tambem, o fizessem, para ao menos no incommodo|terem o seu Castigo; e roguai ao mesmo tempo por Carta|de Officio ao Reverendo Vigario que viesse **logo** [[logo]] em ordem a a-| visar-lhe algum dezacato, emaiors dezordens. (Ms 20, 79-90/10) (posterioridade em relação à situação comunicativa – advérbio dêitico)

(03) [...] não disse hide ao Povo, intimiday-os comter-| ros, e condemnaÿ-os emavultadas quantias de Se-| ra, eexcomungaÿ-os **Logo**; para que vos apresentem| amesmaSera para, as venderes bem vendidas para| os enterros, eoutras atroco degalinhas eoiro; [...]. (Ms 26, 49-66/15) (posterioridade em relação à situação comunicativa – advérbio dêitico)

(04) [...] e em providencia ao reparo da força ir-| rogada pello dito luiz Ecleziastico, e o mais| escandelozo attentado de deixar d' executar a| segunda que lhe foi apresentada ao mesmo| respeito: He Sua Magestade servida que| VossaSantidade o mande **logo** exterminar para aCa-| pitania de Matto Grosso, donde não sahirá| sem expressa licença de Sua Magestade, [...].(Ms 32, 2-15 /19) (posterioridade em relação à situação comunicativa – advérbio dêitico)

(05) Mandei dizer-lhe pelo meo Escrivão|que, deixadas tergiversaçoes, cuidase em apressar se para| obedecer á Ordem deVosa Excelencia, pondo-se **logo** a caminho| para a Capital; eque, se o seo maior embaraço provinha da| falta de bestas, eu faria aprompta-las. (Ms 36,5-9/24) (posterioridade em relação à situação comunicativa – advérbio dêitico)

A *dêixis* é uma categoria semântica “que depende crucialmente da situação discursiva, e não das propriedades intencionais necessárias à configuração das categorias de referência e predicação [...]” (CASTILHO, 2010, p. 123). Tem origem da palavra grega *dêiksis*, que exprime a ação de apontar, mostrar e indicar. Também está relacionada com algumas categorias cognitivas como pessoa, espaço (proximidade ou afastamento) e tempo.

Tomemos como exemplo a ocorrência (01), em que ocorrem as seguintes expressões dêiticas: (i) *eu* indica o falante e *desta Vila*, o lugar que ele ocupa; (ii) *Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor* indicam o interlocutor; e (iii) *agora* indica uma expectativa temporal do discurso, ou seja, uma mudança na relação entre os interlocutores. Dessa forma, a *dêixis* relaciona-se com a significação pragmática, pois reflete características de seus usos mais concretos. O trecho “[...] e procurando eu logo a licença [...], ou seja, e procurando eu em seguida [imediatamente após a chegada do religioso] a licença” remete a uma situação extralinguística ancorada pelas expressões já mencionadas. Enquanto as expressões em (i) e (ii) referem-se a *dêixis* de pessoa e espaço, as em (iii) referem-se à sequência cronológica do tempo;

*logo*, em relação ao tempo imediatamente após a chegada do religioso, e *agora* em relação ao tempo imediatamente após “encontrada a licença”.

Atentando-se para o exemplo (02), Said Ali (1966, p. 194) classifica esse uso como “advérbio pleonástico de uso hodierno”, no qual os advérbios vêm acrescidos de outra locução adverbial de sentido equivalente. A repetição do item enfatiza a situação no sentido de “muito em breve”, “sem perda de um instante” ou “já, já” (HOUAISS, 2009, p. 1193) por força de expressividade.

Completando os usos como marcador de tempo, também foi encontrado o advérbio fórico, em que a posterioridade estabelecida pelo item está ancorada no próprio texto. Atentando para a natureza endofórica das construções, visualiza-se, em (06) e (07), *logo* indicando posterioridade com relação a um momento recuperável anaforicamente no co-texto próximo, ou seja, retomando elementos já expressos no texto, enquanto que, em (08) e (09), a posterioridade é sinalizada pelo uso catafórico, movimento de projeção que sinaliza uma porção textual ainda não apresentada:

(06) [...] por eu ter oforo defidalgo daCasa deVossa Magestade| elle memandou dizer, que Ssim podia eaSsim medei por prezo por evictar du| vidas, e alguma grande revolução noPovo, por que o maiz delle estavaSenti| do da Sem rezaõ que comigo Seobrava, taõ conhecida que **Logo** em poucos dias| MemandouSoltar, e considerando eu amâ vontade doMenistro, epormeachar| MoLestado dehum antigo defluxo, quehe publico eu padescia, me rezolvi a| deixar aquellas Minas enomesmo dia [...]. (Ms 1, 38-44/01) (posterioridade em relação ao texto – advérbio fórico catafórico)

(07) [...] por ter sido eu a Cau-| za de que o mesmo Reverendo vigario voltasse a Sua Igreja, he *muito* necces-| sario *que* este ainda Contra Sua Vontade exista nella the depois| da festa de Santa Anna, eque **logo** seja rendido por outro sacerdote,| ordenando Vossa Excellencia o mais *que* parecer justo e Conveniente. (Ms 20, 162-174/11) (posterioridade em relação ao texto - advérbio fórico anafórico)

(08) Recebi eu **logo** depois, hu|ma Carta da Camara, em que meconvidava sucin| tamente para a referida Procissão, deixando-me confuzo,| e vacillante, sobre as mais circunstancias da Festa [...].(Ms 33, 80-83 /21) (posterioridade em relação ao texto – advérbio fórico catafórico)

(09) Emcomprimento da respeitavel Portaria| deVossa Excellencia, eCarta, que Recebi hoje comda| ta de27 doCorrente mes **Logo** fis dar com| primento ao que nela Vossa Excellencia meordenava [...] (Ms 34, 1-8/22) (posterioridade em relação ao texto – advérbio fórico anafórico)

Em todos os exemplos é visível alguma sinalização de tempo para sua atribuição fórica. Em (06) e (08), *logo* sinaliza cataforicamente uma especificação do tempo, “logo quando?”, em poucos dias, depois; em (07) sinaliza o mesmo tipo de especificação temporal, em relação a uma porção textual já apresentada, *the depois da festa de Santa Anna*, em (07), e *hoje com data de 27 do corrente mês*, em (09). Ou seja, nos casos de sinalização anafórica, a porção textual recuperada pelo item já é, por si só, responsável por uma semântica temporal, com a qual se estabelece a relação com o item analisado. Vale reforçar que essa relação é pautada por uma imediaticidade temporal. Diante do exposto, em relação à foricidade, Neves (2011, p. 258) salienta que advérbios de tempo fóricos “indicam circunstância, que é referida ao momento da **enunciação**, numa escala de proximidade temporal” (grifos da autora).

Algumas ocorrências permitem a observação de uma ambiguidade semântico-funcional compreendida por traços desses dois usos adverbiais de *logo*, enquanto marcador de tempo. Apresentam-se alguns casos:

(10) [...] Fui Servido por resolução| de20 doCorrente tomada emConsulta domeu Conselho Ultramarino que Sesuz| penda **Logo** o dito ouvidor actual loaõ Antonio Vaz Morilhas, ainda que| porqualquer incidente Sedillate, ou morra o novo ouvidor nomeado pormim,| o que assim o farey executar. (Ms 3, 08-20/02) (ambiguidade semântico-funcional - advérbio dêitico/fórico)

(11) Em-25-do presente recebi adeVossa Excellencia Com |adata de-6- do mezmo, elunta metade as Cartas para aPovoa|ção deAlbuquerque Coimbra nova, e Cappitam lozé Pereira|Nunes aqual foi **logo** entregue; (Ms 15, 4-8/7) (ambiguidade semântico-funcional - advérbio dêitico/fórico)

(12) [...] acresce|agora dever fazelo pela bondade, com que Vossa Excellencia me participa em| carta de 8 de outubro do anno passado seServira de attender as| instancias dos Padres Francisco Xavier dos Guimaraens, e Francis| co Pinto Guedes para voltarem ao Cuiaba; ebom seria| que elles se aproveitassem **logo** do favor deVossa Excellencia, e fossem ser| servir a Igreja nessa Capitania, para onde he da qualidade dos que| Vossa Excellencia tera conhecido no Matto Grosso [...]. (Ms 28, 1-10/16) (ambiguidade semântico-funcional - advérbio dêitico/fórico)

(13) Há dois mezes que recebi a Carta d’Oficio, emque Vosa|Excelencia houve por bem participar-me, que já tinha nomea-| do Capelaõ Militar do Quartel General ao Reverendo lozeRoíz| Pereira; eque precisava de mais outroSacerdote para ser ocupa-| do em outra Capelania Militar, epara aqual podia servir| o Reverendo lezuino Teixeira de Carvalho; pelo que me Ordenava| fizese eu o competente avizo a esteSacerdote, paráque se-pozése| **logo** a caminho para esa Vila Capital, para preencher o| indicado fim. (Ms 7, 5-13/25) (ambiguidade semântico-funcional - advérbio dêitico/fórico)

Segundo Camacho (2001, p. 221), “uma palavra ou sintagma é ambíguo quando tem dois diferentes valores semânticos. É também possível, porém, que uma forma linguística tenha somente um valor semântico, mas ainda assim, múltiplas funções”. Nos exemplos, a função é dupla (dêitica/fórica), mas a semântica é uma só (tempo). Por exemplo, o recorte (13) possui uma sinalização de tempo, marcada por uma oração temporal (*Há dois mezes que recebi a Carta d’Oficio*), porém, muito distante do item *logo*, que também apresenta valor dêitico, pois faz referência a um tempo posterior à situação comunicativa (*pelo que me ordenava fizese eu o competente avizo a este Sacerdote, para que possesse logo a caminho*). Ocorre que, em todos os usos, o valor semântico de *logo* é de indicar uma sequência de acontecimentos no tempo, ou seja, localizar posterioridade próxima ao presente, com sentido de *em breve*, *em seguida*, em contextos linguísticos em que essa marcação temporal já é realizada por outros mecanismos, a saber, (20 do corrente), em (10), (*em 25 do presente*), em (11), (*8 de outubro do ano passado*), em (12), e pela oração já indicada em (13). Percebe-se, em todos os casos, a marcação dêitica primordialmente.

Nos usos do item, não foram encontradas ocorrências de *logo* como juntor conclusivo prototípico, talvez porque não fosse muito comum o seu emprego nos períodos observados. O uso conclusivo de *logo*, que permite paráfrase por *portanto* e por *consequinte*, conforme Longhin-Thomazi (2004a), parece datar do século XIV. No entanto, a autora encontrou as primeiras ocorrências prototípicas no século XVI, conforme exemplo (14) e (15), ou seja, em período anterior ao dos apresentados aqui. Isso mostra que, apesar de mais difundidos a partir do século XVII, esses usos não são recorrentes, pelo menos nas cartas examinadas no contexto matogrossense, que somente revelaram usos ambíguos, semelhantes ao encontrado no século XIV pela autora:

(14) (...) e que isto seja verdade se vee acerca de nos, e muito mais acerca dos Indios se põe pera leuantar o membro, e elles o tem muito em vso: **logo** não vem a proposito pera a deminuiçam do coito vsar o tal çumo (16CSD, p.19) (...que isso é verdade vemos acerca de nós e acerca dos índios que põem para levantar o membro, e eles o têm muito em uso: logo não vem a propósito usar tal sumo para a diminuição do coito) (junção – conjunção coordenativa prototípica)

(15) Para hum homem se ver a si mesmo, são necessarias tres cousas: olhos, espelho, & luz. Se tem espelho, & he cego; não se póde ver por falta de olhos: se tem espelho, & olhos, & he de noyte; não se póde ver por falta de luz. **Logo** ha

mister luz, ha mister espelho, & ha mister olhos. (17SS, p.18) (junção – conjunção coordenativa prototípica)

Em (14) e (15), *logo* une e estabelece uma relação de conclusão entre as orações, o que caracteriza sua função como conjunção coordenativa. A argumentação presente numa das orações gera uma conclusão e justifica o caráter polifônico da construção interligada pelo item. Em (14), *logo* aparece depois de pausa, retomando informações anteriores (*que isso é verdade vemos acerca de nós e acerca dos índios que põem para levantar o membro, e eles o têm muito em uso*) para estabelecer uma conclusão (*logo não vem a propósito usar tal sumo para a diminuição do coito*). Conforme Longhin-Thomazi (2004a) baseada em Maingueneau (1997):

[...] *logo* funciona como um operador que atua numa construção de implicação do tipo “P *logo* Q”, em que P atua como um argumento para uma conclusão trazida em Q, que em geral é legitimada por princípios admitidos por alguém ou pela opinião pública, o que justifica o caráter polifônico da construção.

Nas construções seguintes, os usos de *logo* possuem aceção de tempo posterior, com função dêitica, exatamente por conta de uma posterioridade em relação à situação comunicativa, mas em contexto com sinalização de tempo, *do ano próximo passado* (16), *então, pela primeira vez* (17), embora não diretamente sinalizado por *logo*. Trata-se, portanto, de ocorrências dêitico-fóricas:

(16) Os officiaes de Justiça que devem Donativos do anno proximo| passado pediraõ espera athe ofim doCorrente Mez para os| pagarem: eporque executandoos não cobraria mais depressa| concedilhe adita espéra e **logo** pelo primeiro portador idoneo| farei remessa doque cobrar, que creio todos pagaraõ (Ms 29, 40-44/17) (ambiguidade: posterioridade em relação à situação comunicativa/posterioridade em relação ao texto e junção - advérbio dêitico/fórico e conjunção coordenativa conclusiva)

(17) [...] se o seoSobrinho ti-| nha motivos justos de escuzar-se, pedia a decencia que | fose á Capital representa-los a Vosa Excelencia, e espe-| rar lá hum despacho favoravel, mas não aqui. Entaõ| que apareceo, pelaprimeira vez, o Reverendo lezuino Teixeira,| a quem (lhe) aconselhei que arrajasse os seos particulares,| e se pozese **logo** a caminho para a Capital. (Ms 37, 44-52/27) (ambiguidade: posterioridade em relação à situação comunicativa/posterioridade em relação ao texto e junção - advérbio dêitico/fórico e conjunção coordenativa conclusiva)

Nesses casos, a ambiguidade de *logo* é também funcional/categorial, ou seja, o item, ao mesmo tempo em que realiza uma sinalização de base temporal,

conforme seu uso adverbial, remete concomitantemente a uma possível leitura na qual estabelece uma relação de conclusão, permitindo paráfrase por *portanto*, *por conseguinte*, principalmente se considerarmos a conjunção coordenativa *e*, que coocorre com o item em (16). Nessa ocorrência, a coordenação é estabelecida pelo juntor prototípico *e*, mas a ocorrência de *logo*, conjunta a ele, pode favorecer a leitura conclusiva, mais abstrata e mais gramaticalizada que a temporal, num caminho produtivo de mudança semântica.

Essa ambiguidade semântico-funcional e categórica do item seria uma hipótese para a emergência de seu uso conjuncional advindo de base temporal (fórico e dêitico). Apresenta-se, dessa forma, uma construção em que o item atua numa construção de implicação (Se *P logo Q*), como as descritas por Longhin-Thomazi (2004a), na qual *P* atua como argumento para conclusão em *Q*. Considerando os exemplos, tem-se a seguinte implicação:

Se *P*, *logo* *Q*

Se *P*, *portanto/ por conseguinte* *Q*

Pelo seu caráter temporal *e*, concomitante, pela possibilidade de uma leitura conclusiva, é possível captar a gradualidade da mudança propiciada pelo contexto. Nesse caso, a ambiguidade é o gancho para a mudança categorial (de categorização<sup>53</sup>), de advérbio para conjunção.

Nas ocorrências, constataram-se casos de articulação de *logo* + *que*, formando a perífrase *logo que*. A formação perifrástica é um processo de criação linguística muito antigo, que consiste em atrelar a partícula *que* com palavras de várias categorias, formando novas perífrases conjuncionais (assim que, ainda que, só que, contanto que, etc), já comentados neste trabalho.

Destacam-se os exemplos abaixo, em que *logo que* possui valor temporal, pois o falante/escrevente o utiliza para destacar acontecimentos anteriores, ou seja, a sequência imediata de ações, como em (18), (19), (20) e (21), com tempos verbais no passado. Em (20), *logo que* está anteposto a todas as ações e inicia parágrafo. Em (21), o item está também articulado ao modo subjuntivo, que dá sentido de predição.

---

<sup>53</sup> “Em gramaticalização esse princípio remete à perda, por parte da forma em processo de gramaticalização, dos marcadores opcionais de categorialidade e de autonomia discursiva. Ex.: Os nomes deixam de identificar participantes no discurso e os verbos de reportar novos eventos [...]”. “A exemplo também o que ocorreu com a forma pronominal de 2ª pessoa, *você*, cujas origens remontam à forma de tratamento *Vossa Mercê*” (cf. GONÇALVES *et al*, 2007, p. 84).

(18) Tambem rendo as graças aVossa Excellencia|pelo procedimento que mandou practicar com Hieronimo Pereira do| Lago em dezagravo do meu justo ressentimento a seu respeito mas| eu não pude deixa-lo hum só instante na Cadêa **logo que** soube tinha sido a ella recolhido; satisfazendo-me com esta de| monstraçãõ, e dezejando efficaamente que elle a vista do que eu obrava naquella occaziaõ se emendasse dos seus mais procedimentos [...] (Ms 16, 110-117/8) (tempo imediato - perífrase temporal)

(19) A incluza Devassa, a que procedi no mez de Iulho| passado Sobre a Clandestina extraçãõ e descaminho de| Diamantes deveria ter sido remetida **Logo que** Consequi| finalizalla Com as Testemunhas refferidas, que se a-| chavaõ auzentes em grande distancia desta Villa [...] (Ms 18, 4-9/9) (tempo imediato - perífrase temporal)

(20) **Logo que** tive noticia, que Vossa Excellencia passava á Capitanía| de Matto Grosso pelos Sertoens da Bahia, procurei tam| bem dirigir daquí as minhas letras á Prezença deVossaExcellencia [...]. (Ms 21,2-6/13) (tempo imediato - perífrase temporal)

(21) O mesmo Capitam mor facultou Licença há| poucos mezes a hum Antonio Luiz para arrancharse e plan-| tar Com dous escravos nos mattos da Missaõ, prohibindo-| lhe| que me desse parte disso, pena de ser Lançado **logo que** o fizesse [...] (Ms 20, 224-228/12) (tempo imediato - perífrase temporal)

No material observado, não foram encontradas ocorrências de *tanto que* com acepção temporal, o que evidencia que nesse período, a partir do século XVIII, na variedade pesquisada, o uso temporal de *logo que*, amplamente recorrente, já havia suplantado o de *tanto que*.

Completando os usos temporais, destaca-se uma única ocorrência em que *logo* se apresenta com a acepção de tempo imediato, frequentemente constatada nos usos da perífrase *logo que*:

(22) [...] vendo eu isto fui ter com o Reverendo Senhor Vigario para |mandar cobrir a dita Sepultura commais terra|ainda que amesma ficace fora do nivel de *primeira*|de bem pilada, para assim evitar a exhalação|putrida, o que **logo** feito, ficou remediado omal [...].(Ms 44,10-29 /33) (tempo imediato - perífrase temporal)

Em (22), o que *logo feito* se apresenta em construção diferenciada sintaticamente e que poderia ser assim estruturada: *logo que foi feito isso*, sintetizando o contexto de tempo simultâneo, ou seja, a ação acontece (cobrir a

sepultura) num ponto do futuro próximo, a fim de evitar a exalação pútrida da sepultura que de imediato foi coberta com mais terra.

Na ocorrência a seguir, o uso de *logo* atua como marcador de tempo, expresso por *desde logo*, com função dêitica:

(23) [...] me re-|queriaõ que, em qualidade de luiz Ordinario, os recebese|como pessoas miseraveis que vinhaõ valer de VossaExcellencia,| pela noticia adquirida nos bosques em que se achavaõ| habitando, que huma das principaes virtudes de VossaExcellencia| hera a Clemencia, e acontevaõ por certa desde**logo que**| a sorte permittisse afelis occasiaõ de relançarem a ospés| de Vossa Excellencia. (Ms 43,10-18/31) (posterioridade em relação a situação comunicativa – perífrase temporal)

Contiguamente ao item apresenta-se a conjunção subordinativa circunstancial temporal *que* (SILVA, 2001b) e tempos verbais no passado. Essa amostra remete a exemplo dado por Longhin-Thomazi (2004a), para explicar um contexto em que ocorre reanálise, ou seja, o contexto que origina a perífrase. Neste caso, *logo* e *que* podem pertencer a orações distintas, o que é corroborado pela coocorrência de *desde*.

[e acontevaõ por certa *desde logo*] [**que** a sorte permittisse]  
[e acontevaõ por certa (*desde*)] [**logo que** a sorte permittisse]

Com respaldo na análise de Longhin-Thomazi (2004a), *que* é pronome relativo e, quando acompanhado de nomes e de advérbios de tempo, se equipara a *quando* ou *em que*. No mesmo molde, Bechara (2009, p 325) destaca que *que* é um transpositor relativo, já que funciona como um “repetidor” de advérbio. Na ocorrência, a circunstância de tempo é marcada por *desde logo* e retomada, em seguida, por outra construção de valor temporal “quando a sorte permitisse”. “A sentença temporal tem a propriedade de qualificar de alguma forma a relação de posterioridade sinalizada por *logo*” (LONGHIN-THOMAZI, 2004a, p. 5), nesse caso: *Logo quando? Logo que a sorte permitisse*. Segundo a autora, como já sinalizamos anteriormente, a perda de fronteira entre os constituintes é que ocasiona a mudança, dando origem à perífrase temporal.

Dos usos relativos a *logo*, aqui descritos, cabe destacar que não foram encontradas ocorrências que mostrem seus usos como substantivo, que remetem a usos espaciais, denotando lugar ou sintagmas preposicionais, conforme as

apresentadas por Longhin-Thomazi (2004a). Isto se deve pelo fato de que esse tipo de ocorrência era comum apenas no português arcaico.

Como marcador de tempo, *logo* estabelece uma relação de tempo posterior, ora apontando para a situação comunicativa com função dêitica, ora apontando para o texto, com função fórica. Estas ocorrências convergem com as encontradas por Longhin-Thomazi (2004a). Os dados analisados revelaram também usos ambíguos, tanto os dêitico-fóricos, quanto as ocorrências que apontam para ambiguidades que expressam uma leitura que encaminha aos usos juntivos do item.

Não foram encontrados usos envolvendo a perífrase temporal não prototípica e nem mesmo usos como conjunção prototípica coordenativa conclusiva. As únicas ocorrências relacionadas ao juntor são ambíguas e com acepção mais temporal do que conclusiva, ou seja, trata-se de usos mais concretos, o que sustenta a hipótese de que não eram comuns nas duas sincronias observadas, pelo menos nesse contexto mato-grossense em que foram produzidas as cartas.

Sistematizam-se os usos e funções desempenhados por *logo*, no quadro a seguir:

**Quadro 07:** Usos, funções e categorias do item *logo* no *corpus*.

Usos	Funções	Categorias	EXEMPLO (Seção 3.6.3)
Temporal	Posterioridade em relação à situação comunicativa - referencialidade	Advérbio dêitico	[...] chegou ao Porto desta Villa Veyo na  Campanha de meo Sucessor, hũ relligiozo de Saõ Francisco da Cidade de   Saõ Paullo chamado <i>Frei Altanario</i> apedir esmollas para odito con  vento: Eprocurando eu <b>logo</b> alicensa que havia, me respondeo  que atrazia dentro em Sua Cartas para Vossa Excellencia [...].(Ms 6, 01-08/3)
	Posterioridade em relação ao texto - construção textual	Advérbio fórico	Em comprimento da respeitavel Portaria  de Vossa Excellencia, e Carta, que Recebi hoje com da  ta de 27 do Corrente mes <b>Logo</b> fis dar com  primento ao que nela Vossa Excellencia me ordenava [...] (Ms 34, 1-8/22) (catafórico)
	Ambiguidade semântico-funcional: posterioridade em relação à situação comunicativa e posterioridade em relação ao texto	Advérbio dêitico e fórico	Em-25-do presente recebi ade Vossa Excellencia Com   adata de-6- do mezmo, elunta metade as Cartas para a Povoação de Albuquerque Coimbra nova, e Cappitam lozê Pereira  Nunes aqual foi <b>logo</b> entregue; (Ms 15, 4-8/7)
	Ambiguidade semântico-funcional e categorial: posterioridade em relação à situação comunicativa/posterioridade em relação ao texto. Advérbio e juntor	Advérbio dêitico/fórico e juntor	Os officiaes de Justiça que devem Donativos do anno proximo  passado pediraõ espera athe ofim do Corrente Mez para os  pagarem: e porque executandoos não cobraria mais depressa  concedilhe adita espéra e <b>logo</b> pelo primeiro portador idoneo  farei remessa do que cobrar, que creio todos pagaraõ (Ms 29, 40-44/17)
	Tempo imediato Contexto de emergência da perífrase	Perífrase temporal	[...] vendo eu isto fui ter com o Reverendo Senhor Vigario para   mandar cobrir a dita Sepultura commais terra  ainda que amesma ficace fora do nivel de primeira  de bem pilada, para assim evitar a exhalação  putrida, o que <b>logo</b> feito, ficou remediado omal [...].(Ms 44, 10-29 /33)

Apresenta-se a frequência *token* e *type* do item, conforme análise qualitativa realizada:

**Tabela 03:** Frequência *token* e *type* do item *logo*.

Frequência a token	Frequência type		
33 (100%)	7		
	Usos	Funções	Valor absoluto e percentual
	Temporais	Advérbio dêitico	10 (30,30%)
		Advérbio fórico	6 (18,18%)
		Ambíguo: dêitico-fórico	4 (12,12%)
		Tempo imediato	1 (3,03%)
		Ambíguo: dêitico/fórico e juntivo	3 (9,09%)
		Perífrase temporal	8 (24,24%)
		Contexto de emergência da perífrase	1 (3,03%)

### 3.7 Sistematização dos resultados

Diante do exposto, observam-se aspectos congruentes e não congruentes aos estudos já realizados dos itens analisados. Percebe-se que estes itens, com função juntiva ou não, possuem valor estrutural e funcional, assumindo papéis que se relacionam à organização interna da gramática e do discurso e por isso caráter mais subjetivo, como já citado por Martelotta (2008).

Em relação aos traços coerentes, ressaltam-se, primeiramente, os relacionados ao item *ainda*: muitos usos observados no *corpus* mato-grossense confirmam os que Longhin-Thomazi (2005) destaca em seus estudos, tais como o de marcador de tempo continuativo, operador de inclusão, intensificador e juntor de concessão, bem como os usos perifrásticos. Dentro desses usos, algumas peculiaridades diferenciadas foram destacadas.

Além da apresentação de perífrases concessivas prototípicas (*ainda que*), coerentes às constatadas pela autora, verificou-se também ocorrências não prototípicas e com aceção contrastiva (*ainda assim*).

Em relação aos usos divergentes relacionados aos temporais, não foram encontrados os que sinalizam tempo futuro, mas somente os que sinalizam tempo continuativo com formas verbais marcadas e não marcadas. Soma-se ao uso temporal do item também a aceção de contrastividade.

Outro aspecto que merece ser destacado relaciona-se aos usos de *ainda* atuando como operador de inclusão de argumento mais fraco, também salientado

por pesquisa anterior, porém, não em contextos ambíguos, como os apresentados aqui, destacando-se funções envolvendo temporalidade e concessividade. No aspecto argumentativo, foram encontradas ocorrências em que o item atua como intensificador de caráter ambíguo com a acepção de tempo continuativo, assim como o de juntor concessivo envolvendo condição no contexto, fato bastante interessante que revela um contexto de emergência de sua acepção concessiva.

Em relação ao item *assim*, os dados revelaram aspectos congruentes aos das pesquisas realizadas por Longhin-Thomazi (2006) e Lopes-Damasio (2008, 2011), principalmente os relacionados aos usos fórico-modais, mais recorrentes.

A função *dêitica* do item, mais concreta, por se aproximar das experiências sensório-motoras e espaço-temporais do falante, não foi encontrada no *corpus*, devido às peculiaridades do material analisado. Já para a função fórica modal, várias ocorrências foram constadas, com o juntor coordenativo, embora não prototípico, pertencendo ao domínio expressivo, pois está centrado na atitude subjetiva do falante (nível mais abstrato), (TRAUGOTT, 1995).

Outros usos, como as perífrases conjuncionais compostas por *assim*, tais como a de acepção temporal, comparativa (correlativa e não correlativa), aditiva e contrastiva também são coerentes com as pesquisas já realizadas.

O *corpus* não revelou usos de marcador discursivo, como observado abundantemente nos dados de língua falada de Lopes-Damasio (2008, 2011a), apenas uma ocorrência em que atua como intensificador. O raro uso de marcador discursivo está, portanto, fortemente relacionado ao tipo de material analisado.

As referências anafóricas textuais mostraram alguns casos de ambiguidade que encaminham aos usos juntivos conclusivos do item, como os salientados por Longhin-Thomazi (2006) e Lopes-Damasio (2008, 2011a), baseadas nos moldes propostos por Bally (1965). Isto é, ao mesmo tempo, o item apresenta natureza modal e posição de juntor conclusivo, como mostrado nos exemplos (06), (08) e (09) da seção 3.6.2.

Para o item *logo*, são congruentes com a pesquisa de Longhin-Thomazi (2004a) as ocorrências em que o item estabelece relação de tempo posterior, com função dêitica e fórica. Divergentemente, até mesmo pelo período observado, não foram observadas ocorrências como substantivo, que remetem a usos espaciais, como os destacados pela autora. Aos usos perifrásticos do item *logo* (*logo que*), os

dados revelaram usos comuns da perífrase temporal, bem como um contexto que ajuda explicar sua emergência.

A perífrase *logo que* foi encontrada com maior abundância do que a *assim que* na expressão de tempo imediato, o que revela que os usos de *assim que* são mais tardios, pelo menos nessa variedade pesquisada.

Outro fato, não encontrado na pesquisa de Longhin-Thomazi, é a ambiguidade funcional/categorial de usos temporais nos dêitico-fóricos com encaminhamento para a leitura conclusiva. Nesse tipo de ambiguidade, coocorre a conjunção *e*, atrelada ao item, que desempenha o papel juntivo, sendo *logo* contíguo, propiciando a leitura mais abstrata e gramaticalizada, através da reinterpretação induzida pelo contexto (metonímia). Nesse caso, ocorre uma extensão de significados, baseado na contiguidade. No exemplo dado, *logo* não atua como juntor, mas está num contexto de uso marcado pela aditiva *e* que propicia um olhar para a possível mudança de funcionamento do item. É nestes contextos que a metonímia atua como gatilho de mudança.

Observa-se que, nos usos ambíguos dos itens analisados, atua uma “dualidade”, pois o item não se encaixa categoricamente em uma ou outra função apenas. Nesses casos, apresenta-se a atuação metonímica, como já citado anteriormente, em que ocorre “[...] uma espécie de permuta que decorre do uso de uma palavra em uma frase na qual uma ideia, de alguma maneira ligada ao significado da palavra em questão, é passível de formar um elemento do contexto” (GONÇALVES *et al*, 2007, p. 46). Dessa forma, os contextos ambíguos abrem portas para a emergência de mudança do item.

O contexto é fundamental no estabelecimento categorial dos itens analisados, engendra o discurso e, por conseguinte, reflete nas camadas menores como os advérbios e as conjunções. São as inferências realizadas pelo leitor que permitem captar propriedades de mudança de um item, como o contexto *bridging* (HEINE, 2002 *apud* CHIARELLI, 2010, p. 135), que foi constatado justamente por essa possibilidade de novas interpretações. Nesse viés, os contextos metonímicos capturam a gradualidade da mudança.

Nesse propósito, retoma-se o exemplo (12) de análise de *ainda*, na seção 3.6.1, no qual a aceção de tempo e contraste coocorrem dentro do mesmo contexto, subsidiadas por outros componentes linguísticos que propiciam tal leitura.

Nesse caso, a relação metafórica ocorre pela transferência semântica de “tempo” para “qualidade”<sup>54</sup> (relação lógico-semântica de concessão). A mudança de sentido via metáfora se dá quando, nas palavras de Longhin-Thomazi (2003, p. 54), “as polissemias surgem a partir de um entendimento ou projeção de um domínio conceitual em termos de outro”. Nessa consideração, apesar da metáfora não captar a mudança, ela pode apontar sua direção.

---

<sup>54</sup> Retomando a proposta de modelo metafórico de Heine (2003): PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE. No caso do exemplo citado, as categorias tempo e qualidade são muito mais abstratas do que as localizadas à esquerda que se aproximam das experiências físicas do falante (mais concretas).

## CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo a realização de uma pesquisa que fez convergir a prática filológica clássica e os estudos sobre gramaticalização. Foram editadas e analisadas 45 cartas manuscritas dos séculos XVIII e XIX, redigidas, em seu maior número, na Capitania de Mato Grosso, e outras que a ela se referem, redigidas em outros locais como o Rio de Janeiro, Portugal, Amazonas etc., por pessoas ligadas ao governo local e ao clero.

No capítulo I, a realização das edições fac-similar e semidiplomática visaram a preparação do material para os empreendimentos de cunho histórico e linguístico. Também foi possível verificar que, nas cartas, com relação à textualidade, os autores buscavam expressar-se de modo claro, expondo suas intenções e objetivos, com alguns pontos obscuros advindos da própria linguagem da época. Contudo, o cuidado com a escrita reflete o fato de essas cartas terem sido escritas com certo tempo e zelo, numa relação formal e assimétrica de interação.

No capítulo II, as cartas mostraram alguns contextos curiosos, relacionados ao poder jurídico-administrativo, ao clero e sua atuação, aos costumes da época, à penúria da escravidão e suas dificuldades. Expõem uma terra de intrigas, embates, sofrimentos, mas também de alegria, demonstrada pelos rituais festivos.

Os resultados dos capítulos I e II serviram de base criteriosa para o desenvolvimento do capítulo III, em que se tratou dos itens *ainda*, *assim* e *logo*, a partir dos pressupostos dos estudos em Gramaticalização, via procedimento de análise quantitativa e qualitativa, subsidiada pelas frequências *token* e *type* (BYBEE, 2003). Em relação a esse último capítulo, carece destacar algumas considerações relevantes, advindas dos resultados da análise.

Em relação ao item *ainda*, destacado pela tradição gramatical com função de advérbio e valor semântico de tempo, no *corpus*, evidenciaram-se dois usos: os temporais e os argumentativos. Para os usos temporais destacaram-se as funções de tempo continuativo com formas verbais marcadas e não marcadas (particípio e infinitivo). Ainda para este uso, os dados mostraram funções ambíguas (10,32%) envolvendo acepção de tempo e intensificador assim como tempo e contraste, função não destacada por Longhin-Thomazi (2005). A função somente de

intensificador, na qual enfatiza ideia ou partícula adverbial, apresentou apenas uma ocorrência.

Para os usos argumentativos, o item exerceu a função de operador de inclusão adicionando argumentos mais fortes e fracos, este último com maior destaque (10,32%), principalmente porque só revelaram-se casos ambíguos. Também foram encontradas ocorrências em que *ainda* exerce a função de intensificador coocorrendo com outros advérbios para essa acepção. E por fim, a função de juntor concessivo, envolvendo casos prototípicos (13,76%) e não prototípicos (10,32%), incluindo as perífrases concessivas com 17,2% dos casos de ocorrências prototípicas e 3,44% não prototípicas.

Quanto ao item *assim*, entendido tradicionalmente como advérbio de modo, que qualifica uma ação, um processo ou um estado, diferentes usos foram observados no *corpus*: modais (com funções fóricas – anafóricas e catafóricas), lógico-discursivas e discursivas.

Verificou-se que usos modais foram os mais recorrentes (34,72% das ocorrências, com sinalização textual anafórica), seguidos pelo uso lógico-discursivo, que se encaixa na categoria de perífrase conjuncional, com acepção comparativa nas formas correlativa e não-correlativas (19,14 % das ocorrências).

O uso modal ambíguo com função fórica (anafórica) e acepção conclusiva (12,76% das ocorrências), destacado na análise, revelaram contextos que representam um importante passo para a mudança linguística do item, assumindo uma função adverbial (mais concreta), mas ao mesmo tempo remetendo a uma leitura articuladora de orações, ou seja, função de juntor conclusivo (mais abstrato). Isso devido a outros mecanismos, como a forma verbal gerúndio e o juntor prototípico “e”, atrelado ao item. Essas ocorrências são coerentes com as pesquisadas por Longhin-Thomazi (2006) e Lopes-Damasio (2008, 2011).

Para os usos discursivos, verificou-se apenas uma ocorrência de *assim* com função de marcador discursivo (2,12%) com acepção intensificadora. A baixa recorrência deve-se ao tipo de material analisado e ao período, diferindo da pesquisa de Lopes-Damasio (2011) em que o item apresenta ampla função de marcador discursivo em dados de língua falada.

A ocorrência de advérbio comparativo de verificação *bem assim* (2,12%) não foi destacada pelas autoras, colocando-se como uma ocorrência peculiar neste trabalho.

Em relação ao item *logo*, constataram-se somente usos temporais, congruentes à pesquisa de Longhin-Thomazi (2004a, 2004b), com funções de referencialidade e textualidade próprias das categorias de advérbio dêitico e fórico, respectivamente. Também foi constatado, para referir-se a tempo imediato, o uso abundante da perífrase *logo que*. Importante destacar os usos caracterizados como ambíguos semântico-funcionalmente e também categorialmente, e que apontam para a leitura conjunta conclusiva do item.

Os usos e funções dos itens destacados na análise refletem traços característicos do período estudado, evidenciado pelas mãos dos escribas, que eram pessoas de maior escolaridade da época. Pressupõe-se que a maneira de escrever da época revela modelos textuais utilizados no contexto em que viviam. Por um lado, em relação a esse ponto, a possível inabilidade do escriba com a modalidade escrita da língua pode ter tornado a interpretação de alguns usos mais precária. Por vezes, o excesso de informação e a falta de pontuação acarretaram dificuldade na leitura. Mas, por outro lado, exatamente essa característica dos escribas aproxima os textos analisados da modalidade falada da variedade linguística analisada, permitindo um contato com a língua em uso, na época, e, bem assim, com as especificidades da língua viva.

Com relação às referências dêiticas de tempo, local e pessoa, são usadas de forma bastante coerente, destacando, por exemplo, a questão do contexto que, muitas vezes, exige do leitor conhecer aspectos tratados num tempo anterior, como no caso das cartas respostas, que precisam de uma recuperação de conhecimentos prévios para sua interpretação. Dessa forma, o contexto imediato é importante para a interpretação, assim como o contexto histórico-cultural e ideológico da época, o que confirma a importância do conteúdo apresentado no capítulo II, ou seja, a congruência entre as análises nas perspectivas interna e externa da língua.

A análise das ocorrências nos documentos mostra que, dentro dos períodos recortados, há um estado de língua, e que a mudança se consolida em seu tempo de acordo com as necessidades dos falantes/escreventes. Diante do exposto, entende-se que a mudança emerge por pressões de seus usuários, em contextos

comunicativos específicos, mostrando que as línguas naturais são heterogêneas e não são estáticas. O estudo desse processo de mudança, em que uma unidade, devido à força do uso, tem, em alguns momentos, seu estatuto categorial alterado, acarreta a necessidade de descrever e compreender a mudança em seus aspectos morfossintáticos e semânticos e em contextos pragmáticos de uso.

Não há dúvida de que a edição fac-similar e semidiplomática das cartas escolhidas para este trabalho corroboram ricamente para a análise linguística empreendida. O rigor na transcrição possibilitou um olhar mais confiante para a leitura das ocorrências e sua análise. O cuidado com o preparo do material, refletido numa transcrição confiável, com mínimos contextos ilegíveis, e com grafia muito aproximada da expressa pelo escriba garante a confiabilidade da análise.

O respeito às fronteiras de palavras, por exemplo, indica, para nós, uma forte contiguidade entre os itens e suas funções e que, nas palavras de Mattoso Câmara (1969, p.36), pode revelar uma relação fonológica na passagem da oralidade para a escrita: “as pessoas mal alfabetizadas de hoje e os copistas medievais, escrevendo *olivro, sefala* e *falasse*, (grifo nosso) sem espaço em branco, estão adotando um critério fonológico”. Esse aspecto fonológico pode estar refletido no material escrito e contribuiu também pragmaticamente para a análise. Como exemplo, podemos lembrar os usos contíguos da conjunção prototípica e aos itens analisados (*eassim, elogio, eainda*). Outro ponto interessante a destacar está relacionado à pontuação, que, em certos momentos, dificultam a interpretação dos dados, pois na época não havia uma norma a ser seguida, ficando a cargo do leitor/analista, através do contexto, fazer as “deduções” mais cabíveis.

Dessa forma, conclui-se que o labor filológico é de suma importância para a realização de pesquisas linguísticas que se detenham em *corpus* escrito dessa natureza. Este trabalho pode abrir outros caminhos e novos olhares para o mesmo fenômeno ou para outros. Pode-se destacar, por exemplo, uma possível pesquisa em lexicologia, pois se observou uma gama variada de lexias que são pouco utilizadas atualmente, tanto na modalidade escrita quanto falada do português brasileiro, ou até mesmo arcaicas como: *bullhas, fiúsa, pantomima, ouvidor, vassalo, zizânia, argel, frioleira, dicterios, esbulhar*, entre outros vocábulos que permitem uma análise do léxico da época.

Também foram verificadas outras ocorrências de juntores que não foram abordados nesse estudo, como o caso de *então* e de *porém*, bastante significativas no *corpus*.

Da ligação deste trabalho com o contexto de ensino-aprendizagem de língua materna, conclui-se que pode ajudar na reflexão mais amadurecida de usos linguísticos atrelados à sua função comunicativa, entendendo a língua como construção social e coletiva.

A análise descrita das cartas manuscritas, aqui realizada, coloca-se como parcial. Outros estudos futuros podem complementá-la, estabelecendo um diálogo, tal como aqui foi estabelecido com outras pesquisas já realizadas em outras variedades do português brasileiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, V. L. C. *A escrita no Brasil Colônia: Um guia para a leitura de documentos manuscritos*. Recife: Ed. Massangana/ Fundação Joaquim Nabuco. 2003.

ALI, M. S. (1966). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 6ª edição, São Paulo: Melhoramentos.

ANDRADE, E.; BARONAS, R. L.; SANTIAGO-ALMEIDA, M.M. *Plano de Guerra da Capitania de Matto Grosso Janeiro de 1800*. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

ANDRADE, E. A. *Estudo paleográfico e codicológico de manuscritos dos séculos XVIII e XIX: edições fac-similar e semidiplomática*. São Paulo: USP, 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

AZEM, M. *As agruras dos trópicos. A arte de curar em Mato Grosso no século XVIII*. Cuiabá: Entrelinhas, 2009.

AZEVEDO FILHO, L. A. *Iniciação à Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Presença Edições; EDUSP, 1987.

BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique historique*. 4.ed. Berne: Éditions Francke, 1965.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009

BRAGA, M. L. Aí e seus caminhos. In: Preti, D. (org.) *Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino*. São Paulo: Cortez, 2001.

BYBEE, J. Mechanisms of changes in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEF, B.; JANDA, R. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Blackwell Publishing, 2003.

CAMACHO, R. G. Valores semânticos e discursivos na conjunção aditiva. In: *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v.5, nº 9, p. 219-228, 2º sem. 2001.

CAMARA JUNIOR, J. M. *Dicionário de Linguística e Gramática: referente à Língua Portuguesa*. 13ª edição, Petrópolis, Vozes, 1986.

CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005.

CARDOSO, A. A pena e a espada. Retórica e história nas cartas de um governador do século XVIII. In *Revista Outros Tempos*, volume 5, número 5, junho de 2008- Dossiê História da América, p. 194-201.

CARVALHO, C. S. Processos sintáticos de articulação de orações: algumas abordagens funcionalistas. *Veredas: revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 8, n. 1 e n. 2, p.9-27, 2004.

CASTILHO, A.T. *Nova gramática do português brasileiro*. Contexto, 2010.

CASTILHO, A.; CASTILHO, C. Advérbios modalizadores. In. ILARI, R. (org) *Gramática do Português Falado*. 3ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p.199-247, 1996.

CHIARELLI, G. A. Relevância do contexto na mudança por gramaticalização tempo > conclusão do juntor então. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 39, n. 1, p.132-141, 2010.

CORBALAN, K.R.L. A Igreja Católica na Cuiabá Colonial: da primeira Capela à chegada do primeiro Bispo (1722 - 1808). Dissertação de Mestrado em História, PPGH, UFMT/Cuiabá, 2006.

CORREA FILHO, V. *Mato Grosso*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Coeditora Brasília, 1939.

COSTA E SILVA, P. P. *Dicionário biográfico mato-grossense: período colonial: 1524-1822: autoridades, bandeirantes, cientistas, conquistadores, índios, militares, religiosos, sertanistas, viajantes*. Carlini & Caniato, Cuiabá, 2005.

COUTINHO, I. L. *Pontos de Gramática Histórica*. 7ª ed., Rio de Janeiro, 1976.

CRUZ, Pe. F. S. Arquidiocese de Cuiabá. História e vida 1910-2010. Cuiabá:Carlini e Caniato, 2012.

CUNHA, C.; PEREIRA, C.C. (org). *Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

\_\_\_\_\_. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DUARTE, L. F. *Glossário de Crítica Textual*. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, [1997].Disponível em:

<[http://www2.fcsh.unl.pt/cursos/etexto/glossario/glossario\\_PDF/E.pdf](http://www2.fcsh.unl.pt/cursos/etexto/glossario/glossario_PDF/E.pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2013.

DUBOIS, J. *et all. Dicionário de Linguística*. São Paulo: Editora Cultrix, Tradução dirigida e coordenada pelo professor Dr. Izidoro Blikstein (USP), 2004.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. – 13. ed., 2. Reimp. Didática I: São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

FERREIRA, A.G. *Dicionário latim-português*. Lisboa: Porto Editora, 1983.

FIGUEIREDO, I.F. *Origem da capitania de Mato Grosso: 1748- 1765*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2010.

FLEXOR, M. H. O. Aprender a ler, escrever e contar no Brasil do século XVIII. *Filologia e lingüística portuguesa* / Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, Humanitas, São Paulo, nº 4, p. 97-157, 2001.

FLEXOR, M. H. O. *Abreviaturas: Manuscritos do século XVI ao XIX*. 3. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

GONÇALVES, S. C. L. *et al; Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. Above the clause: the clause complex. In. \_\_\_\_ *An introduction to Funcional Grammar*. New York: Arnold, 1985.

HEIDMANN-CAMPOS, A. *Edição de documentos mato-grossenses: características paleográficas*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, 2011.

HOONAERT, E. *História da Igreja no Brasil. Ensaio de interpretação a partir do povo*. Tomo II/1. São Paulo: Edições Paulinas e Vozes, 1977.

HOUAISS, A; VILAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JESUS, N. M. A capitania de Mato Grosso: história, historiografia e fontes. In *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 5, n. 2, jul.-dez, 2012. Disponível em: <<http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/viewFile/168/141>> Acesso em 17 jun. 2013.

\_\_\_\_\_. (org). *Dicionário de história de Mato Grosso: período colonial*. Carlini e Caniato, Cuiabá, 2011a.

\_\_\_\_\_. Governadores e ouvidores na fronteira oeste da América portuguesa: conflitos de jurisdições (1730-1793). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*: São Paulo, julho 2011b. (1-12).

\_\_\_\_\_. *O governo local na fronteira oeste: a rivalidade entre Cuiaba e Vila Bela no século XVIII*. Editora UFGD, Dourados, 2011.

LONGHIN, S. R. A. Flutuação e gramaticalização no paradigma dos jutores em português: forma, significado e história de (na) hora que. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 13, 1, p. 147-166, 2011.

\_\_\_\_\_. A relevância dos tipos de contexto para o processo histórico de constituição de porém. In: MAGALHAES, J.S.; TRAVAGLIA, L.C.. (org.). *Múltiplas Perspectivas em Lingüística*. Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 2701-2709.

\_\_\_\_\_. Gramaticalização (inter)subjetivização e modalidade epistêmica: o caso de 'assim'. *Estudos Linguísticos XXXV*. São Paulo, p. 1772-1779, 2006.

\_\_\_\_\_. Um exemplo de (inter)subjetivização na linguagem: a reconstrução histórica de 'ainda'. *Estudos Linguísticos XXXIV*. São Paulo, p. 1361-1366, 2005.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre gramaticalização de conjunções na história do português. In: 6º Congresso Celsul - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 1, 2004, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: s. e., 2004a.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre gramaticalização de perífrases conjuncionais de base adverbial. *VEREDAS – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v.8, n.1 e n.2, p.215-232, jan./dez., 2004b.

\_\_\_\_\_. *Gramaticalização da perífrase conjuncional 'só que'*. Campinas. Tese de Doutorado- Instituto de Estudos da Linguagem. UNICAMP, 2003.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J e THOMPSON, S. (eds). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam, Benjamins, 1988, p. 181-225.

LOPES-DAMASIO, L. R. Tradição discursiva e mudança linguística: uma abordagem da gramaticalização. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 41 (2): p. 381-909, maio-ago, 2012.

\_\_\_\_\_. *Diacronia dos processos constitutivos do texto relativos a assim: um novo enfoque da gramaticalização*. 2011. 285f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2011a.

\_\_\_\_\_. Assim, como estas, muitas outras questões interessantes e de actualidade ficarão pairando na dúvida”: uma análise de *assim como* no domínio da junção. *Filologia e Linguística Portuguesa*, nº 13(1), p. 167-205, ISSN 1517-4530, 2011b.

\_\_\_\_\_. Um enfoque diacrônico de *assim* no domínio da junção. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 40 (2): p. 808-822, mai-ago, 2011c.

\_\_\_\_\_. Gramaticalização e Tradição Discursiva: um estudo dos processos constitutivos do texto relacionados a *assim*. *Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 2011d, pp. 325-342.

\_\_\_\_\_. *A emergência do marcador discursivo “assim” sob a óptica da gramaticalização: um caso de multifuncionalidade e (inter)subjetivização*. São José do Rio Preto. 244f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista, 2008.

LORDELO, M. C. S. *Escravos negros na fronteira oeste da capitania de Mato Grosso: fugas, capturas e formação de quilombos (1748-1796)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2010.

LOSE, A. D.; MAZZONI, V. S. Arquivos eclesiásticos: a filologia como porta de entrada. In: *Filologia críticas e processos de criação*. 275-283. Curitiba, Editora Appris, 2012.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3.ed. Campinas, SP: Pontes: UNICAMP, 1997.

MARTELOTTA, M. E. Gramaticalização de conectivos portugueses: uma trajetória do espaço para o texto. *Estudos Linguísticos*, Lisboa, v. 2, p. 41-60, 2008.

MATTOS E SILVA, R.V. (org.). Normas para transcrição de documentos manuscritos para história do português do Brasil. In: *Para a história do português brasileiro*. V. II, Primeiros estudos. Tomo II. FFLCH/USP: FAPESP, São Paulo, 2001a., p. 553-555.

\_\_\_\_\_. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2001b.

MATTOSO C. JR., J. *Problemas de Linguística Descritiva*. Petrópolis: Vozes, Rio de Janeiro, 1969.

MELO, G. C. de. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. 5 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1975.

MENDES, U. D. *Noções de Paleografia*. Departamento do Arquivo do Estado – SEC: São Paulo, 1953.

MOURA, C. *Quilombos. Resistência ao escravismo*. 2ª ed. São Paulo, 1989.

NETO, J. A. *História do poder judiciário em Mato Grosso: Colônia e Império*. 2ª ed., Cuiabá, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. A modalidade. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (org.). *Gramática do português falado*. Vol VI: Desenvolvimentos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996, p. 163-199.

\_\_\_\_\_. Conectar significados. Ou: A formação de enunciados complexos. In: *Texto e gramática*. São Paulo: Ed. Contexto, 2006, p. 223-269.

\_\_\_\_\_. *Gramática de usos do português*. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PEGORARO, J. W. *Ouvidores régios e centralização juridico-administrativa na América portuguesa: a comarca de Paranaguá (1723-1812)*. Dissertação de Mestrado em História, PPGH, UFPR/Curitiba, 2007.

PÓVOAS, L.C. *História de Mato Grosso: dos primórdios à queda do Império*. Cuiabá: S/Ed, 1995. Vol. I.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, M. A. B. B. *Transformações nas práticas de enterramento*. Cuiabá, 1850-1889. Cuiabá: Central de Texto, 2005.

ROMANCINI, S. R. Paisagens da fé: perspectivas para o turismo cultural em Cuiabá-MT. *Ateliê Geográfico*, Goiânia-GO, v. 2, n. 4 agos/2008 p.55-71.

ROSA, C. A.; JESUS, N. M. (Org.). *A terra da conquista: História de Mato Grosso colonial*. Cuiabá: Adriana, 2003.

\_\_\_\_\_. *A Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá: vida urbana em Mato Grosso no século XVIII – 1722-1808*. São Paulo: USP. Tese de doutorado – FFLCH/ USP 1996.

SAINT-ADOLPHE, J.C.R. M. *Diccionario geographico, histórico e descriptivo, do Império do Brazil*. Tradução de Caetano Lopes de Moura. Paris: Em Casa de J. P. Aillaud, Editor, 1845. Tomo Segundo.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. *Aspectos fonológicos do português Falado na baixada cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil* (Manuscritos da época das bandeiras, século XVIII). São Paulo: USP, 2000. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.

SILVA, J. V. *Mistura de cores (Política de Povoamento e População na Capitania de Mato Grosso-Século XVIII)*. Cuiabá: Editora da UFMT-EdUFMT, 1995.

SILVA, G. E. F. *Festas e celebrações em Vila Bela da Santíssima Trindade no século XVIII*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2008.

SILVA, S. S. *O percurso sócio-histórico de uma tradição discursiva: da carta ao editorial*. Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), 2011.

SIQUEIRA, E. M. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

SOARES, M. C. Mina, Angola e Guiné. Nomes d'África no Brasil setecentista" *Tempo* (dossiê: Escravidão e África Negra), vol. 3, no. 6, dez 1998. pp. 73-93. Disponível em: <[http://www.uff.br/curias/sites/default/files/1998%20Soares%2C%20Nomes%20-%20Tempo\\_0.pdf](http://www.uff.br/curias/sites/default/files/1998%20Soares%2C%20Nomes%20-%20Tempo_0.pdf)> Acesso em: 25 set. 2013.

SOBRAL, G. N. T. Manuscritos baianos: o labor filológico e a memória cultural. In: *Filologia críticas e processos de criação*. 275-283. Editora Appris, Curitiba, 2012.

SPINA, S. *Introdução à Edótica*. São Paulo: Cultrix, 1977.

TRAUGOTT, E., KÖNIG, "The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited".  
TRAUGOTT, E., HEINE, B. (eds) *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. John Benjamins Publishing Company, p.189-218, 1991.

TRAUGOTT, E. From propositional to textual and expressive meanings: some semanticpragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMMAN, W.; MALKIEL, Y. (eds) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam, John Benjamins, 1982, p. 245-271.

VASCONCELOS, C. M. (1921). *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*. Lisboa: Editora Clássica, Lisboa.

VIANA, A. R. G. *Ortografia Nacional*. Viuva Tavares Cardoso: Lisboa, 1904.

VOLPATO, L.R. R. 1993. *Cativos do sertão*. Vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888. Cuiabá: Ed.Marco Zero e Ed. da Universidade Federal de Mato Grosso, 1993.